

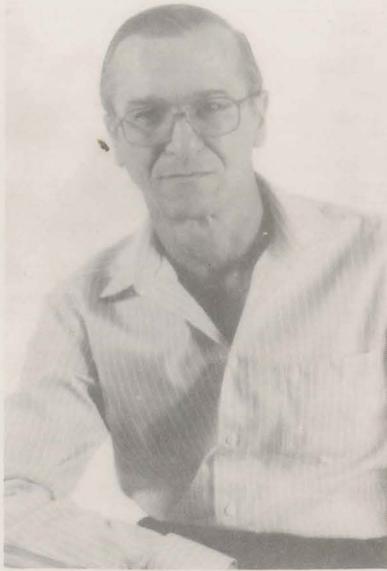
MEMÓRIA DA VILA

volume II



Pedro Caldari

Luizina Caldari
91



BIOGRAFIA

MEMÓRIA DA VILA

volume II

Pedro Caldari

Memória da Vila, volume 2, é uma continuidade da série de crônicas enfiadas pelo primeiro volume, publicado em agosto de 1989 e, novamente, cometo o atrevimento de promover uma mistura de fatos reais e verídicos, envolvendo lugares e pessoas conhecidas e respeitáveis, portanto, bastante queridos de todos nós, com uma boa dose de fantasia e elucubrações que, só por pura coincidência, poderiam ter havidos entre os personagens reais e eu próprio. Mais como uma consequência da minha despreocupação para com os detalhes e o seqüencial dos acontecimentos históricos da nossa querida Vila Rezende, sem prender-me a depoimentos, a registros escritos e anotações, do que propriamente a um propósito de criar uma falsa imagem de uma época e de um lugar. Absolutamente, tive a mais leve intenção de denegrir a memória de alguém aqui retratado... salvo, evidentemente, por estar "pincelado" por um retratista de má qualidade.

Não tem, obviamente, a pretensão de vir a ser um "livro de história", desses que é recomendado pelos professores para os seus alunos... é, quanto muito, um passatempo, como um relato ameno, e até divertido (me pareceu, mas... sou suspeito!) e grato o seu aparecimento em uma época em que a memória não é tão levada a sério, enquanto que o esquecimento, chega a ser providencial.

É o cotidiano de um povo. De um povo que se caracterizou, pela sua maneira simples e humana de ser e de viver, dentro de uma comunidade

maior — uma sociedade com todos os seus problemas e suas sequelas — sem se deixar afetar, sem se confundir e sem se marginalizar em função dessa sua conduta social, mantendo-se perfeitamente integrado na vida e na história de Piracicaba, sua cidade-mãe. Apenas soubera conservar a sua personalística denominação de "VILA", bucolicamente, como realmente, ela é... a nossa vila.

Vilarezendino.

Nascido e criado nesta parte da cidade — VILA REZENDE — lá nas avenidas Sallás e Rui Barbosa, sempre lambuzado com o açúcar da garapa escorrida (caldo-de-cana) e com as roupas marcadas com o vermelho intenso da terra roxa, posso dizer que adquiri este meu jeito de um autêntico caipira logo ao nascer... 06-09-1938. Neto de italianos e cercado de italianos por todos os lados, entre duas línguas "maternas" — português e italiano —, só poderia falar e agir como um caipira... piracicabano (caipiracicabano, como definir-me-ia o saudoso amigo professor João Chiarini, meu grande incentivador e mestre)... e seguir os passos dessa valente italiana-da... trabalhar, estudar... trabalhar e voltar a estudar... trabalhar, trabalhar, casar, ter um montão de filhos... continuar trabalhando e, "brigando"! por não me deixar influenciar, confundir, convencer ou conformar com as falsas idéias, com a conversa fiada, com os maus exemplos, com os ideais inconfessos... cada uma dessas coisas, desperta sempre, no vilarezendino, uma imediata reação. Daí, a minha semelhança com um bom número de vilarezendinos natos ou por adoção, os tais "encardidos" como eu... no bairro e na cidade, somos considerados assim, uns encardidos... Babico, Warte Storf, Zé Roberto, Guerino Trevisan (já falecido), Padre Jorge (filho por adoção), Cridão Rizzollo... e outros mais. Protestando e gritando, com as palavras e com as mãos (gesticulando, é claro!), logramos algum êxito... as providências se materializam e as necessidades comunitárias são atendidas.

Se estas crônicas, escritas por mim, com muito carinho e amor, não chegarem a agradar ao caro leitor, peço-lhe, humildemente, que me desculpe. Espero pelo menos, que lhe tenham servido para aguçar a sua curiosidade e o seu interesse pelas coisas de nossa terra e de nossa gente. Tomara que, pelas minhas deficiências, e imperfeições, outras pessoas se proponham a escrever, engrandecendo realmente, esta nossa Piracicaba.

Mas, para mim, o coração está na nossa Vila... d'onde retiro esta minha "Memória"...

MEMÓRIA DA VILA
volumen II

Pedro Caldari

**Copyright 1991 de Pedro Caldari
Primeira Edição, Volume 2.**

**Composição. Arte Final e Impressão:
Gráfica da Universidade Metodista de Piracicaba**

APRESENTAÇÃO

Incentivado pelos meus queridos amigos, da Cidade e da Vila Rezende e, apoiado pela minha inseparável companheira e esposa, pelos meus filhos, animei-me à escrever este segundo volume do “MEMÓRIA DA VILA”, que, sem dúvida, é uma consequência da “garimpagem” que ultimamente tem absorvido as minhas horas vagas... as lembranças são as riquezas internadas na nossa mente, quais as pedras preciosas e os filões de ouro, são agasalhadas na terra e no cascalho dos rios, e assim permanecem, até que o garimpeiro vem com a sua batéia e põe-se à trabalhar... boa parte daquilo que fui separando, talvez não passe, sob o olhar de um perito, de simples pedregulhos e de pirita ou “ouro dos trouxas”... enquanto que, para mim e para alguns vilarezendinos como eu, serão sempre as nossas únicas riquezas... E mais uma vez, me deixei levar pela fantasia, misturando a ficção à realidade, ao estabelecer diálogos inexistentes, ou melhor, não presenciados por mim, entre os diferentes personagens, ou então, aos pensamentos que seriam exclusivamente meus. Entretanto, não me parecem distantes da verdadeira imagem que eu guardo da nossa terra querida... e tão pouco, tive a mais leve intenção de macular a memória e a dignidade de quaisquer das pessoas aqui mencionadas ou mesmo aludidas... sendo sim, e acima de tudo, a homenagem que presto à todas elas.

O Autor
PEDRO CALDARI

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos às amigas e companheiras que me auxiliaram... e aos amigos, que, sem o saberem, me confirmavam certos nomes, certos fatos... e um, todo especial, aos caros amigos que me incentivaram à publicar esta narrativa, tão provinciana... porém, nada bairrista... assim deve ser entendida, pois não foi, com esse sentido, escrita...

MARILYN CORREA

Dedico estas páginas, com todo carinho e respeito:

Às minhas filhas,

**Adriana Helena, Véra Lúcia,
Cristina Aparecida, Juliana e Mariana.**

Ao meu filho,

Pedro Júnior

À minha esposa,

Aparecida

Aos meus queridos amigos,

**Luiz Augusto, José e Bennur e
Fernanda**

Às minhas lindas netinhas,

Camila e Luíza, Olívia e Sophia

**Aos meus inesquecíveis amigos,
da Vila Rezende... e da cidade**

PREFÁCIO

Depois do sucesso do lançamento de seu primeiro livro “Memória da Vila”, apresentado de maneira magnífica pelo renomado escritor piracicabano, Dr. Cecílio Elias Neto, na noite de 24 de Agosto de 1990, em nosso Salão de Festas, eis que apenas após alguns meses, o Autor, meu amigo, meu paroquiano e mais que tudo, meu irmão, Pedro Caldari, se prepara para publicar seu segundo livro e de novo o assunto é Vila Rezende, pedindo-me que eu faça o prefácio.

Mais para atender o pedido do Pedrinho, do que vendo em mim qualidades para a honra do prefácio, decidi fazê-lo.

Conheço o Pedrinho a mais de 30 anos e para mim foi surpresa quando comecei a notar nas páginas do “Jornal de Piracicaba” e isto, a pouco tempo, artigos literários de sua autoria. E com o passar do tempo os seus artigos literários foram se intensificando a ponto de se tornarem quase diários.

E a minha surpresa aumentou quando publicou seu primeiro livro. Não que eu lhe negasse cultura, capacidade, inteligência. É que eu não compreendia como um homem de Empresa, como é o seu caso, podia achar tempo para esse mister.

Então lembrei-me daquele poeta latino, cuja veia poética estava tão inerente a si, que tudo que tentava escrever era verso. Assim também o Pedrinho, tamanha é sua facilidade em escrever, que em pouco tempo, dá à luz suas obras literárias, que são verdadeiras jóias de seu pensamento humano.

Vila Rezende tem sido alvo de suas elucubrações literárias.

Admiro não só o seu amor, a sua paixão, o seu bairrismo por Vila Rezende, como a sua memória prodigiosa em enfocar fatos e pessoas, da história da nossa Vila famosa.

Neste seu segundo livro, por sinal magnífico como o primeiro, além de apresentar muitos outros fatos e pessoas, ele forja atraente diálogo entre personagens de então, muitas vezes com fundo de verdade, fazendo com que sua leitura seja ao mesmo tempo amena e atraente.

Quem começa a ler os livros do Pedrinho, não quer parar mais e se apressa a chegar ao final, tal o enlevo de que se acha possuído o leitor.

Creio que os livros do Pedrinho constituirão vasta fonte de perpetuidade da história de Vila Rezende e sua gente.

Os pósteros haverão de louvar, enaltecer e agradecer o autor da “Memória da Vila”.

Assim pois, seja bem-vindo, o segundo livro “Memória da Vila”. Pedrinho despertou-se para a vida literária.

Tenho certeza de que, daqui para a frente ninguém deterá sua trajetória no mundo das letras. Outros livros de sua lavra surgirão por certo, para a alegria dos seus leitores.

Então os votos para que o Pedrinho continue a nos empolgar com seus escritos magníficos, fazendo multiplicar os talentos que Deus lhe deu.

Mons. Jorge Simão Miguel
Pároco da Imaculada Conceição de Vila Rezende
25 de Setembro de 1990

Sentia-se cansado, muito cansado mesmo... não era um cansaço físico, decorrente do gasto das suas energias em algum trabalho extremamente duro, prolongado: estava à beira de um esgotamento nervoso, aproximando-se, perigosamente, de um desses colápsos que são acometidos os homens cujas idades estão mais pra lá do que pra cá... Ele, simplesmente, não admitia tal fato... se considerava "jovem" e imune ao avanço do tempo... não queria reconhecer-se "velho"! ... mas, sentia-se cansado.

— Meu bem, acho que vou dormir um pouquinho!

— Faz bem, meu velho!... vai descansar um pouco! Responde-lhe a atenciosa esposa, preocupada, como sempre, com o bem estar do seu marido... e observá-o... está à cochilar, sentado na confortável cadeira de balanço, ali na varanda... O sono, reparador, mesmo sendo breve e em um lugar improvisado, far-lhe-á bem...

E ele, sonha... sonha com a sua querida terra natal...

Na terra que moravam, os indiozinhos estavam acostumados a banharem-se nas águas do grande rio, no grande remanso após a estrondosa cachoeira, isso porque, além de ser um ponto menos perigoso, era também um recanto muito bonito e agradável, por possuir uma praia de areias brancas, limpíssimas, uma quantidade enorme de majestosas árvores frutíferas, árvores outras que só davam flores, um coqueiral, um bananal, e um sem número de animais de várias espécies, de pêlos e de penas. Do rio, nem se fala!... os peixes eram tantos e abundantes, que podia-se escolhê-los, apanhando-os com as mãos, mesmo... e, o melhor de tudo, é que moravam a poucos metros da margem direita do rio.

Se nadar agradava-lhes, brincar nas areias e nas árvores não significavam-lhes menos... suas estrepolias, pelo arvoredo, pelas margens beirando as águas calmas, pela mata rala e desembaraçada de cipós ou de capinzal viçoso, eram uma constante... iguais a eles, faziam o mesmo, os bandos de macaquinhos, as revoadas de papagaios, de araras, de garças e da passarinhada canora que moravam ali, em meio a mata... todos aproximavam-se, diariamente, daquele local, atraídos pela preciosa água e pelos frutos maduros... naturalmente, como natural também, pela facilidade de caça àqueles que não se alimentavam de vegetais.

Os meninos e meninas da aldeia, adoravam vagar por aquelas bandas, ao mesmo tempo, bonita e segura, sob todos os aspectos... podiam ser facilmente vistos, como também, serem controlados pelos índios adultos. Pertenciam à família Paiaguá, tida como uma tribo de canoieiros, portanto, habituados ao rio e à vida fluvial, à exploração dos seus cursos no bojo de toscas, canoas, construídas de troncos de vigorosas árvores, pacientemente esculpidas a fogo e a golpes de suas machadinhas de pedra. Valentes como exploradores, e navegantes cheios de coragem e de curiosidade, desciam e

subiam os rios de uma vasta região com facilidade, fixando-se ora aqui, ora ali, de acordo com as condições ou facilidades oferecidas pela mãe-Natureza; falavam a língua tupi e devem ter habitado, desde o Mato Grosso até aqui, de época remota até os séculos XVI e XVII da nossa era, quando então, pela presença dos colonizadores brancos, acabaram por serem expulsos das suas próprias terras primitivas, e indo, empurrados, sertão adentro... infelizmente, para eles... Mas, o quê fazer? O “progresso” sempre traz consigo, muitos malefícios à vida do homem, principalmente quando este homem vive na liberdade do seu “mundo natural”... é o pesado tributo da chamada “evolução social da civilização”... ou é da “involução”?!

Bem, o fato é que, naquela bela época, os nossos amiguinhos, que o tempo se encarregou de devorá-los, inexoravelmente, divertiam-se à valer, ali no maravilhoso rio Piracicaba. Emoldurando o paradisíaco recanto, de um lado, o fabuloso salto rochoso, à despejar um volume enorme de águas límpidas, embora barrentas, devido às chuvas, provocando o seu embate às pedras, um estrondo continuado, que era ouvido à distância... do outro lado, um trecho em curva, longo e suave, devido ao qual a forte corredeira se desafiava e o caudal seguiria em frente sem a impetuosidade que o salto lhe dava... às margens — da direita e da esquerda —, belas colinas, cheias de uma rica vegetação nativa.

Felizes, as crianças só podiam mesmo, adorar aquela terra privilegiada. Seus pais e familiares, igualmente. Afinal, tinham, ao alcance das mãos, tudo em abundância... e o rio; a boa água, de rio e de nascentes; os peixes; as frutas das árvores e os palmitos do coqueiral; as suas roças de mandioca; a fartura da caça, de pequenos e de grandes animais; a beleza e a graciosidade das aves; a pureza dos ares... e, a segurança, que a geografia do terreno e o esplendor da mata, lhes era dada, generosamente.

Viviam felizes,
Cheios de paz e de tranqüilidade,
E alegres...
Muito alegres...
Dormiam enamorados da Lua,
Admirados com o pisca-pisca das estrelas...
Despertavam como o nascer do Sol,
Ao som da cachoeira,
E com o canto do sabiá...
Ou do bem-te-vi?
Sei lá... devia ser do bem-te-vi,
Acompanhando o sabiá,
Sei lá!
Mergulhariam nas águas do rio
Para brincar com os lambaris
E espantar os cobimbatás...
Cansados, deitar-se-iam...
Na branca areia

Ou na macia rede
Embragados pelo perfume das flores
Presas no cocar
Da sua índia faceira...
Sol alto,
Hora de comer...
Mais um passo... logo o Salto
Salta dele, o corimbatá...
Pra que mudá?
Se aqui,
É bom de morá!...

Gostavam de cantar e de dançar... ah, sim, isso era com eles mesmo!... suas cantorias falavam de coisas bonitas, alegres, enaltecendo a mãe-Natureza. sua prodigalidade e sua generosidade... dos seus deuses, das suas crendices. das suas ingenuidades... dos valores, da coragem. da valentia dos seus guerreiros... suas danças, então, traduziam em forma de movimentos ritmados, exatamente os significados de suas palavras, acompanhadas, é claro, dos sons de seus instrumentos musicais primitivos e feitos pelas suas próprias mãos... música, dança e cantoria... simplicidade, devoção, espontaneidade... graça e beleza, com o sabor da pureza do primitivismo que devia só ter existido no Paraíso.

— Vamo pescá no sarto?

— Tá precisando de comida?

— Tá sim... a muierada tá pedindo... é mió nóis indo!

— Intão, vô pegá o samburá... péra um pôco, tá!

Daí a pouco, outros juntar-se-iam aos dois — inclusive um bando de meninos, que aproveitavam a oportunidade para acompanhar os pais e tios à incursão ao salto —, e um grande grupo estaria entretido na agradável tarefa de recolher os peixes, de bom tamanho e saborosa carne, para a provisão da aldeia... não precisava-se nem de muito tempo, nem de muito esforço para encherem-se os samburás... logo, não tinha-se a preocupação de reconhecer-se mais peixes do que se fazia necessário para o consumo do dia... assim, não havia desperdício, e, aquilo que se consumia, tinha sempre o sabor de carne fresca e da melhor qualidade... ah, como era diferente dos dias de hoje!... nada de congelados, de contaminações pela poluição ambiental etc...

— Óia, muié! peguêmo um douradão!... esse bichão deu trabáio danado! mái valeu!... vamo comê ele bem assadinho nas brasa!... Eh, eh, eh... ocê precisava vê o bicho brigá!... o danado “esquase” me come um dedo da mão!... barbaridade de bravo, sô!

Dourados, jaús, corimbatás, piracanjuba, mandis, piavas, pintados, e, uma infinidade de peixes pequeninos como os lambaris, piquiras, mandijuba...era peixe que não acabava mais, principalmente ali no salto... e, a aldeia toda se reunia à beira do rio só para ver o espetáculo maravilhoso da

subida dos cardumes, lutando, desesperadamente, para vencerem o obstáculo das pedras, e a força da correnteza, provocada pelo salto... o leito rochoso, subitamente quebrado, em inúmeros degraus, formando uma larga e extensa cachoeira, imprimia uma grande velocidade nas águas do rio, naquele trecho de aproximadamente, um quilômetro, tornando-o perigoso e traiçoeiro... porisso, os índios adultos, mais experientes e vividos, não só o respeitavam, como também proibiam as crianças de freqüentarem-no, sózinhas. Aliás, não era apenas em relação ao salto, que os índios mais velhos se preocupavam em proteger os indiozinhos, não!... eles procuravam dar às crianças, toda atenção possível, salvaguardando-as dos perigos da mata-virgem e de outras ameaças naturais, numa clara demonstração do afeto que lhes dedicavam, durante os períodos da infância e da adolescência... pena que, esse apego, natural, humano, não seja encontrado na sociedade contemporânea, do homem branco (que se diz civilização e socialmente evoluído!), com a mesma intensidade e preocupação que ainda perdura nas comunidades indígenas brasileiras.

Se o salto era e é perigoso,
Vê-lo, só, era e é maravilhoso...

De pertinho?

Não podia!

Só aos grandes

Pertencia...

Ah, mas o mirante havia

Para, aos pequeninos, encantar

E refrescar... com as gotículas respingadas,

Alegremente atiradas ao ar,

Pelo amigo vento, sempre à brincar...

À margem direita do rio, um enorme paredão de rochas vulcânicas se erquia; sua base deveria perder-se ou melhor, estender-se às entranhas da terra... visível, mesmo, só aquele colosso que a água pusera a descoberto, ao correr sobre a massa rochosa durante séculos sem-fim, ao ponto de cavá-la, como o escultor é capaz de esculpir na pedra, figuras graciosas e delicadas, se valendo de seus instrumentos e de seu dom artístico; aqui, ali, o verde das folhagens nativas, das parasitas cheias de lindas flores... como se alguém, com especial capricho e bom gosto, quizesse enfeitar aquele pedaço de berço do belo rio... e pendurou ali, aqui, samambaias, orquídeas, avencas e tantas outras mais, que vicejam ao sabor da umidade e da sombra do arvoredo... ah, o arvoredo!... na rica camada de terra roxa, que se assentava sobre a formação rochosa, e tomava a forma de suave colina, uma densa mata, com todas as espécies da vegetação característica da região — ipês, jacarandás, paineiras, cabreúvas, guarantãs, paus-ferro, jabuticabeiras, mangueiras, pinha, pitangueiras, jaqueiras, figueiras, jatáis, e outras mil, sem esquecer-se dos mamoeiros, das amoreiras, dos caquizeiros, dos abacateiros; trilhas dos índios, podiam ser notadas, como sendo os “mirantes”, que tanto prazer proporcionavam aos meninos e às meninas, enfim, aos jovens (principalmente aos namoradinhos!...) para, daqueles pontos estraté-

gicos, deliciaram-se com as vistas do salto, da curva do rio mais abaixo, das colinas, que se elevavam do outro lado do rio, e, da ilha existente bem no meio do seu leito e acima do salto...

...nessa ilha, uns cem metros acima do salto... quando a estiagem se fazia sentir, se tornava o paraíso da criançada!...

A ilha... hoje um tanto reduzida e quase sem nenhuma grande árvore, reduzida no tamanho e nos atrativos... naquele tempo, era bem diferente...

— Ei, cambada! que tar nois i pra ilha, heim?!

— Secô mais o rio?

— Já dá pra gente atravessá por cima das pedras!... fui lá agorinha mesmo!

— Intão, que tamo esperando? Vamo levá a meninada pra lá! Eh, eh... eh...

— Hi, hi, hi... eu nem disse pro ocê?!... era só eles saberem que saíam correndo!... Eh, eh, eh...

De fato, com o rio baixo, estava inaugurada a estação de varaneio na ilha e de exploração das “misteriosas” cascatas do salto... possíveis com a diminuição das águas, que deixavam-no quase seco... isso, só por uns poucos dias do ano, quando as chuvas cessavam por completo, não chegando porém, a ser como agora, que o rio, praticamente, se transforma em um riacho, ou melhor dizendo, um canal fétido do esgoto das cidades ribeirinhas, que só sabem se servirem dele (o rio) sem se importarem em preservá-lo.

— Como é gostosa essa ilha!

— Veja só quanto ninho de garça, de paturi... tão cheios de ovos e de filhotes!

— Num mexam neles! senão, oceis acabam matando os pobrezi-nhos... aí, então, eles acabam desaparecendo daqui...

— Não vamos espantá-los, não!.. o que eu quero, mesmo, é pegar um papacapim... dos “bão”!...

— Mas ocê num trouxe gaiola! Eh, eh, eh... O melhor mesmo, é ocê pegá um papagaio e ensiná ele falá!...

— Ou um “vira-bosta”!... Eh, eh, eh... tudo acaba em brincadeira e muitos risos, aliás, aqueles meninos e meninas estavam sempre rindo e pregando peças, uns aos outros, sem nunca brigarem. As meninas adoravam colher flores e penas coloridas caídas das aves, para enfeitarem os seus longos cabelos negros... lisos e sedosos... pacientemente, teciam as penas e flores com extrema habilidade manual, fazendo lindos cocares, tiaras, colares, pulseiras... em instantes, punha-se todas enfeitadas, com os multi-coloridos arranjos naturais... tornozelos, pulsos, pescoço e cabeça, até na cintura... tudo se cobria, de flores e penas... uma beleza!

— Olha o meu cocar!

— Tá parecendo uma arara!

— Uma saracura! Eh, eh, eh...

— Bobão! ocê que tá parecendo um sagüi!!Hi, hi, hi...

— Olha, pessoal! vejam o que eu achei!... é uma caverna!

— Cuidado!... vê se não tem nenhuma cobra, tá!?

— Hi, hi, hi... aí é que eu queria vê ocêis sairem correndo... hi, hi, hi... medrosas como ocêis são!... uia! num é que tem memo!... toma lá! segura ela!... e atira um galho seco e fino, parecido com uma cobra, na direção da amiguinha...

— Aí, aí!...

— Ha, ha, ha... enganei uma boba! ha, ha, ha...

— Seu safado! agora ocê vai apanhá! e sai correndo atrás do moleque brincalhão, tentando agarrá-lo e dar-lhe o trôco... Passado o susto, na verdade, só uma encenação, pois aquelas meninas e meninos, não tinham medo de nada... nem das cobras, porém, não cometiam a tolice de brincar com elas ou com quaisquer outros animais perigosos ou venenosos, coisa bem própria dos índios e dos mateiros, habituados com a vida nos sertões.

Com o rio quase seco, os garotos se deliciam com as explorações das enormes pedras que formam o salto, principalmente nos pontos onde a pouca água, ainda existente, fica represada... ali, aprisionados, encontram muitos peixinhos, inclusive, os resistentes cascudos, muito apreciados pelas suas saboríssimas carnes, praticamente livres dos espinhos inconvenientes e perigosos...

— Oba! vamos assar cascudos, hoje!

— Hum... hum! já tô lambendo os beiços!

— Eu, com água na boca! Eh, eh, eh... olha a feira que eu já apanhei!... dá pra matá a fome da tribo inteira!...

— Ô, exagerado!... num dá pra mim, sozinho!... eu vou procurar mais um pouco, lá naquelas poças!...

A tardezinha, voltam para casa... cada um, com uma feira de cascudos ainda vivos... banharam-se na pequena cascata, antes de empreenderem a curta caminhada que os separava da aldeia, lá na curva do grande rio...

A criançada adorava atirar coisas na direção dos pássaros, só para vê-los sair, em revoada, sobre o leito do rio e logo pousarem no arvoredo da margem oposta... tantas eram as aves, que no amanhecer e no entardecer, o céu se enchia delas, e os ares, ecoavam os mais variados sons que elas emitiam durante os seus vôos... sem dúvida, os papagaios e as araras, eram os mais espalhafatosos...

— Arara, arara!...

— Louro, louro!... curupaco, curupaco... e as imitações de diversos pios, trinados, a meninada fazia com habilidade e perfeição...

— Escuta! não é um papacapim?

— Eh, eh, eh... é sim! e ele tá aqui, oh!... Eh, eh, eh...

— Danado!... me enganou!... mas, agora é um curió! e do bão, só!... esse, ocê num tá imitando, não!... tá lá naquela árvore grande... vou ver se pego ele, com o alçapão... Certamente, seria mais um passarinho à embelezar a oca do menino, por pouco tempo, pois, logo o soltaria para colocar outro no seu lugar... afinal, com tantos passarinhos, cada um mais

bonito e canoro que o outro, só mesmo trocando-os, senão, não haveria gaiola que chegasse...

— Menino, não me prenda mais passarinho algum! Chega de gaiola, por aqui!... isto tá parecendo com um viveiro!... trata de ir soltando os bichinhos!

— Mais é só um papacapim, mãe!... é dos "bão", escute só...

— Não vem cum prosa, não!... tá que nem o seu pai. é?!

Se havia grande quantidade de pássaros, significava a existência de alimentos, com certa fartura e facilidade... e de fato a mata proporcionava isso... frutos silvestres, insetos, pequenos roedores; no rio, o peixe, a água... A exuberância da vegetação não se devia só à água abundante, do caudoso rio e seus inúmeros riachos, e até rios grandes, seus afluentes, às nascentes que afloravam a água pura no solo da floresta... mas evidenciava, sobremaneira, a riqueza e fertilidade do solo — terra roxa —, ainda virgem, a produzir tão somente o que de nativo, ali, a Natureza criara, ou melhor, promovera o surgimento no seu contínuo processo de transformação e de evolução.

Diante da maravilhosidade desse cenário — a mata-*virgem*, o rio majestoso, os animais, o céu anil, o ar puro, a presença do homem nativo —, a região poderia ser um retrato vivo do Paraíso, tal qual Deus o criara... e a nudeza dos índios contribuía, muito apropriadamente, à materialização do texto bíblico... não lhe faltava nada, absolutamente nada.

— Tá trovoando, não?

— Parece que sim... isso não é barulho do salto, não.

— A chuarada vem chegando... num deve demorar, não!... oia lá, aquelas nuvens, como estão grossas!... é chuva da pesada!

— Credo! tomara que não seja tempestade...

— Pelo calor que fez, esses dias todos, não é de duvidar que caia um toró daqueles!

— Chuva, é bom que venha... mas, tempestade, não!

À medida que conversavam, iam observando as nuvens... o céu estava se encobrindo, rapidamente... o azul anil e a luz do sol, cediam os espaços às grossas massas de ar e de vapores d'água... cúmulos, nimbo... enormes e escuras... densas, assustadoramente densas; o vento vai empurrando-as, compactando-as, fazendo o sol apagar-se e a noite antecipar-se.

— Vou prender as canoas... ocê, acenda o fogo... vai esfriar e lenha molhada não queima-se sem um bom braseiro...

— Pode deixar... eu arrumo tudo...

A passarada, como por encanto, desaparecera da vista, recolhendo-se aos abrigos costumeiros, sob a proteção das árvores; os animais, igualmente, buscaram as suas tocas e os seus refúgios habituais... era o sinal, evidente, da Natureza, da proximidade de uma verdadeira tormenta tropical, típica da época de verão, especialmente quando ele se fazia acentuado... calor, abafamento, longos dias sem um pingo de chuva... e a trovoada seguiu atrás do

forte relâmpago... o estouro assustou aquela gente, e também a passarada, que imediatamente respondera com a sua gritaria...

— Tá dando raio, muié!

— E dos fortes!... disse, eu tenho um medo danado, sô!

— Oia a ventania!... tá danada, de braba!... desse jeito, ainda vô perde a canoa...

— Num tá amarrada?!

— Tá... mais cum vento forte, assim, o cipó num vai agüentar!...

— Daqui a pouco tá tudo carmo... isso passa logo!... é tempestade de verão... vem rápida e vai rápida...

— Bão memo, que não faça estrago, por aqui... De fato, da forte tempestade, passados alguns minutos, só restara uma chuva forte... pouco vento e raras descargas elétricas, dessas que realmente atingem o chão, os temidos raios...

— Já passou o perigo... vô dá uma oiada na canoa...

— Na sua volta, o jantar estará pronto... num demore, tá?!

— Eh, eh, eh... ocê acha que eu vô perde o sêu angú?! Eh, eh, eh...

Passada a chuva forte, o restante da tardezinha escoava-se meio a uma persistente chuvá miúda, dessas que acabam perdurando por horas seguidas, e vão ensopando o chão, sem causar-lhe dano.

— Eta chuvinha boa, muié!...era dessa chuva que a terra tava precisando... pra ficá moiada, mesmo...

— Dá vontade de dormir, num dá?!

— Pra dormir e amar... num é, muié?! Eh, eh, eh... hoje, vamo dormir cedo, eh, eh, eh...

— Danado, danado... eu, disse: dormir!

— Eh, eh, eh... depois, a gente dorme!...

— Ouvindo a chuva... ah, como é gostoso ouvir a chuva tamborilar no sapé!... nas árvores!... agarradinho n'ocê!...

— ... e sonhar!... ah, que bom que é!...

Realmente, não havia nada mais agradável do que ouvir o barulho da chuva, cadenciada, batendo no teto de palha seca da tosca cabana, e nas folhas das árvores vizinhas, durante a noite toda... deitados na rede, embalada pela brisa fresca trazida pela chuva, no silêncio do sertão adormecido, o homem e a sua mulher se aqueciam no terno abraço de duas criaturas apaixonadas... um suspiro... um beijo... um agitar de rede... outro suspiro... uma doce sonolência... e a noite vai adentrando nas horas do mais absoluto silêncio... lá fora, só o tamborilar da chuva...

— Olha só, que sol bonito!... o céu tá limpo, limpo!...

— Sequer uma nuvem!... a chuva, dessa noite, valeu!

— Eh, eh, eh... só a chuva?!

— Danadinho!... tá muito abusado, sabe?!...

— Eh, eh, eh... tomara que volte a chover, hoje... Eh, eh, eh...

— Danadinho!...

— Acho que vamos partir... rio abaixo...

— Partir?... quando?!

— Hoje, ou amanhã... depende do pessoal...
 — Vão demorar pra voltar?
 — Um pouco... não muito, não.
 — E vai me deixar?!

— Mas eu volto!... é mais forte, ainda! Eh, eh, eh!
 — Bobão!... qualquer dia, desses, quem vai embora, rio abaixo, se-
 rei eu!... hi, hi, hi...
 — Vai, não!
 — Hi, hi, hi... tá vendo, só?! também tenho o direito de viajar... de
 pescar... de conhecer novos lugares... de ver nova gente...
 — Nova gente, uma ova!...
 — Hi, hi, hi... tá vendo, só!... você, também, deveria ficar aqui...
 tudo, aqui, é tão bonito, tão rico!... nossa casa, nossa gente, nossos filhos...
 o barulhinho da chuva à noite ... ah!...
 — Mas, eu volto, logo!...
 — Ah!...

De nada adiantara os suspiros insinuadores da linda jovem, more-
 na, de longos cabelos lisos e negros... corpo faceiro... provocador... na
 manhãzinha seguinte, antes do sol raiar, lá se foram eles, no bojo de suas
 canoas, rio abaixo... por muitos dias, deixar-se-iam levar pela correnteza,
 até encontrarem-se com um outro rio, para, então, enfrentar a força das suas
 águas caudalosas, e irem-se; rio acima... cada vez mais embrenhar-se-iam
 pelo interior do enorme sertão.

Os paiaguás conheciam, perfeitamente, aquelas terras... seus ante-
 passados habitaram-nas; canoeiros por tradição, venciam as distâncias à bor-
 do de suas embarcações, aparentemente frágeis, porém, adequadas à nave-
 gação daqueles rios, igarapés, riachos... vencer os trechos de leito pedregoso
 e raso, as cascatas, da mesma forma que venciam as fortes corredeiras e
 os remansos das águas profundas. Assim, iam penetrando o interior do
 continente, sem conhecer ou deixar influenciarem-se, pelas suas delimita-
 ções naturais... nenhum obstáculo se parecia-lhes impossível de ser vencido
 e transposto.

— Vamos acampar por aqui... há muito peixe e boa caça...
 — Acho bão, memo! já tava cansado, de tanto remá!...
 — Ocê é um "mole", mesmo!
 — Vamos passar a noite aqui... talvez fiquemos por um ou dois
 dias... depois, continuamos a viagem.
 — E vamos procurar voltar logo... já estou com saudade da minha
 mulher...
 — Eh, eh, eh... cum saudade, é?! até eu teria saudade!...
 — Pra quê mentir?! tô mesmo, e daí?! Só em pensar nela, fico todo
 arrepiado, sô!... não adianta esconder... eu não posso ficar longe dela...
 — Pois pode ir se conformando, só com suas lembranças!... não va-
 mos voltar senão em duas "luas"!...
 — Duas "luas"??... ocê tá mais é louco!... uma "lua", e olha lá!...
 eu largo ocêis e volto sozinho!

— Eh, eh, eh...

Evidentemente, de nada adiantaram os apelos e os protestos do jovem enamorado... só voltariam para casa, depois de cumprido o prazo de duas “luas”...

— Olha! eles estão chegando!...

— Oba, oba!... e estão cheios de presentes para nós! ... vamos lá, pessoal!... a meninada, como poder-se-ia imaginar, sairá toda, em debalada carreira, na direção do rio...

— Oi!... trouxe presente pra mim?!?... pergunta-lhe, melodiosamente...

— Eu não o traria?!?... veja: são com as mais bonitas penas, das mais lindas aves!... e também, estas pedras verdes, brilhantes... são todas para enfeitá-la, ainda mais!...

— Obrigada!... são lindas!... obrigada, mesmo!... poxa, mas você demorou, não!?... duas luas inteiras!...

— ... intermináveis, meu bem!... queria voltar, mas não podia!... sozinho, não dava...

— não deveria ter ido, então!.. deixar-me aqui, sem você...

— Em compensação, vou levá-la, hoje, à Ilha dos Amores!!!...

— Bobão!... hi,hi,hi... você vai é ficar sozinho por duas outras luas... só pra aprender! hi, hi, hi...

Soara, à primeira vez, com o sabor de novidade... despertara, a seguir, a incredibilidade... mais tarde, uma certa curiosidade, misturada a uma boa dose de temor, pelo desconhecimento geral, evidentemente...

— Dizem que uns estranhos, estão por banda das terra dos nossos primos...

— Estranhos?!?

— É!... uma gente esquisita!... uma gentarada feia!...

— Feia?!?

— Pois é!... são esquisitos!... são brancos, sem cor...

— ?!

— ... e usam uma “coisarada” engraçada...

— Que “coisarada”?!?

— Um troço na cabeça... que não é cocar!... e num se vê o corpo deles!... tá tudo por baixo de uma pele esquisita!... oia, é feio de se vê!... num é que nem nós!...

A notícia correu o sertão, passada de boca em boca, à medida que os contatos ocorriam, entre os membros das diferentes tribos... claro que, cada um, acrescentava um “ponto”... logo, o “conto” ganhava maior dimensão, e os tais homens “estranhos”, mais estranhos, ainda, eram descritos...

— ... e possuem o poder de disparar raios e de fazer soar o trovão!...

— ... puseram fogo na água do rio!...

— ... matam gente como nós!...

— ... “comem” as criancinhas!...

... assim, muitos “pontos” depois, e depois de muitos e muitos anos, eis que, na aldeia desse ponto do rio Piracicaba, estoura uma novidade:

— Corram!... fujam todos pro mato!... os estranhos tão chegando!... fujam, fujam!...

— Chegando?!?... onde?!?...

— Pelo rio!... apontaram na curva, lá embaixo!...

E assim, os índios abandonaram o seu aprazível recanto, à beira do rio, e, ao lado do salto... ficariam longe daquele lugar por bom tempo, até certificarem-se de que já não havia mais nenhum homem estranho, por ali...

— Já se foram!...

— Já?!... tem certeza?!...

— Não há mais ninguém!... desceram o rio... todos,

— Então, vamos voltar...

— Mas, o melhor mesmo, é irmos embora daqui... eles vão voltar, tenho certeza disso!...

— É... pelo jeito, gostaram, também, deste lugar!... uma pena, né?!...

— É!... mas... o jeito é irmos nos mudando... vamos para o interior do sertão... lá pras bandas dos nossos primos... lá não nos pegam!...

— ... perdemos tudo isto aqui... tão bonito e bom!... o salto, a ilha, o mirante...

— ... a aldeia, a roça... o barulho gostoso da cachoeira...

— ... as colinas...

— ... a terra, onde nasci...

— ... acho que vou chorar!... como, de fato, todos choraram, antes de partirem...

Tempos depois...

— Vejam! estamos chegando àquele lugar lindo, que lhes falei... é depois dessa próxima curva do rio...

— Que barulho é esse?!?

— É o barulho do grande salto que há, lá mais adiante!... é uma beleza, vocês vão vê-lo!...

— E os índios, que você havia avistado, então?!

— Não vejo sinais deles, agora!... devem ter partido, para mais longe daqui...

— É!... eles sempre fogem da gente... eles nos temem... melhor, assim!...

Ao avistarem, ao longe, o grande salto, não puderam conter as exclamações... simplesmente, se encantaram com a sua beleza e grandiosidade... lutando, naturalmente, com a resistência que a correnteza se lhes fazia senti-la, à medida que avançavam na direção da queda d'água... estavam deslumbrados com o volume da massa líquida que arrebatava de encontro às pedras, formando grandiosas ondas de cristas brancas, dada a espuma provocada pelo choque violento, de toda aquela água barrenta...

— Vejam!... não lhes dissera que era bonita?!...

— Poxa, que beleza. sô... olha só, quantos peixes!...

— Eh, eh, eh... hoje, vamos ter uma peixada, daquelas!... é só acendermos uma boa fogueira, ali na margem esquerda!... o chão está até limpo!... Eh, eh, eh...

O pequeno grupo, de homens brancos, se instalara a poucos metros da margem do rio, com a intenção de melhor explorar o sítio, naquele mesmo dia, e nos seguintes, se o lugar realmente lhe agradasse... Não se impressionaria apenas com o salto, ou com o rio... tencionava algo maior os fins que o trazia até ali...

— O lugar, aqui, parece-me bom... vamos examiná-lo e ver se serve-nos...

— Enquanto isso, descansaremos um pouco... já não agüento mais, essa canoa!... tô com a bunda quadrada!...

— Eh, eh, eh... é ocê qui num tá acostumado, sô!... viajar por esses rios, é assim memo!...

— Aqui está gostoso!... dá pra gente descansá sossegado... e aproveitá pra comê uns peixes...

— Vô vê si çaço argum otro bicho!... tô injuado de comê pêxe!... Vô carregá a arma... si escuitarem uns tiro, num precisa si assustá!... eu vorto logo...

O disparo da arma de fogo, pela primeira vez, naquela mata-virgem, provocou uma revoada de pássaros nunca vista antes, pelo menos, ali... e não foram só os pássaros que saíram voando!... os animais corriam por todos os lados, parecendo que tinham adquirido asas!...

— Barbaridade, sô!... como tem bicho aqui, sô!... capivara, veado, macaco, anta, tamanduá... passarinho, então, nem se fala!... Uns instantes mais, eis o caçador de volta, trazendo, nos ombros fortes, um veado, abatido com o seu certo tiro...

— Hoje nós vamo comê carne de veado!... Eh, eh, eh... assim, ocê pára de reclamá!... Eh, eh, eh...

— Maravilha!... eu nem acredito!...

— Acredite!... há tanta caça, aqui, que é até uma covardia gastar chumbo nos bichos. A gente pode caçá-los com as próprias mãos!... são mansos, mansos... não conhecem gente como nós!...

— Devem só saber distingüir índios!...

— Índios?!... cadê os índios?!...

— Já devem estar lá pras bandas de Mato Grosso! Eh, eh, eh... e, há muito tempo!

— Verdade?!

— Verificaremos isso, quando explorarmos a redondeza...

Fogo aceso

Braseiro avivado...

Tá feito o assado

Do veado....

— Xi... veado?!

— Mas, esse, é assado!

— Eh, eh, eh...

A “estória” é velha...

Naquele mesmo dia, subiram pelas colinas mais próximas, seguindo por velhas trilhas, que, de início, julgavam feitas pelos animais da região: a mata impedia-lhes uma visão mais ampla e minuciosa da terra que pisavam, pela primeira vez: podiam senti-la como sendo terra fértil e boa, ao observarem a exuberância da vegetação... as grandes árvores... o capinzal alto e verdejante... a grande quantidade de aves... e de outros bichos, de boa carne, carne esta indispensável para os objetivos que os levavam a estar ali — o de fundar uma povoação.

Por vários dias seguidos, caminharam nas terras dos dois lados do rio...

— Nem sombra de índio!

— Se foram... há muito tempo!

— Pelo jeito, há anos... não encontramos nem marca deles!...

Ano de 1693... Pedro Morais Cavalcanti, requereu a região do salto como sesmaria...

Mas quem abriu caminho para Mato Grosso, passando junto ao salto, no ano de 1726, foi Luis Pedroso de Barros...

Os paiaguás se opuseram.

O “piracicabano” Manoel Correa Arzão contribuiu para a sua derrota...

— “Piracicabano”?!?... por volta do ano de 1726?!? Então, esse senhor nascera nestas terras!

— Não é o que está dito aí?!?

— Não... não... é que eu não sei se é verdadeiro, isso...

— Ó, meu! tô falando grego, por acaso?!?

— Não... não... é que eu não sei se é verdadeiro, isso...

— Mas deve ter por aí, algum cemitério deles...

— Virgem Santa!... quem quer saber de cemitério, sô!... me dá até arrepio, falá de cemitério...

— Mais, Capitão!... justo o senhor, não gostar de falá em cemitério?!... tão habituado com as lutas!... com a vida dura no meio do mato!...

— Sou homem de paz!... o tempo das lutas, já se foi... aliás, é bom lembrar aos meus caros amigos e companheiros, que não viemos aqui, por um acaso... não é?

— Não carece lembrar-nos...

— Mas é bom... isto aqui, já fora terra dos paiaguás, e se ainda não é!...

— Será mesmo?!?

— Eh, eh, eh... depois, sou eu o medroso! Eh, eh, eh...

— Capitão, o senhor gostou do assado?

— Gostei sim!... amanhã eu vou preparar-lhe um bom peixe!... é a minha vez... além do mais, eu estou mesmo com uma vontade louca, de provar um peixe, dos grandes, dali, do salto...

— Eu também vou com o senhor!... estou doido para apanhar um daqueles dourados que vimos, ainda agorinha. saltando entre as pedras!...

— Não precisa ficar preocupado. não... há tantos deles. que jamais faltar-lhe-á a oportunidade.

— Será mesmo? Tenho um estranho pressentimento... realmente esquisito...

— Ora. ocê vive se preocupando com coisas banais... acho que ocê é um homem muito previdente... previdente demais!... Este país é imensamente grande e rico! Jamais acontecerá isso que o preocupa!

— Será mesmo? O fato é que estas idéias nunca me abandonaram!... acho. às vezes, que eu não pertencço à esta época!... vejo terras nuas... áridas... rios secos, sem peixes...

— Como assim?

— Parece-me que, em dados momentos, sou acometido de estranhas visões... que chegam a me assustar!... são como sonhos... ora bons e agradáveis, ora tristes e horripilantes... enfim, me atormentam e me preocupam.

— Você é um jovem talentoso... deve estar à confundir as suas leituras com a realidade... pensando naturalmente, nas suas andanças anteriores nas lindas terras do além-mar!... Ah, eu também, eu também tenho sonhos... doces sonhos... e, pesadêlos!... mas, não deve se angustiar, não! isso tudo faz parte da nossa vida e é perfeitamente normal!... é sinal de que você pensa, não só em si próprio, mas também, em relação a tudo que o cerca.

Pensar no presente e no futuro...

— Sim... com o presente e com o futuro!... nosso e desta terra!...

— Desta terra!... como será ela, daqui há alguns séculos?... será, ainda. “cheia de encanto”?!

... O vento da história sopra forte... várias páginas são viradas... são passados dois séculos...

— “Piracicaba... cheia de encanto...”

— Que canção é essa que você tá cantarolando?

— É a canção “Piracicaba”!... o hino da cidade!... “Piracicaba que eu adoro tanto...”, segue ele, a cantarolar...

— Você me faz curioso!... gostaria de saber mais a respeito dessa música...

— “... Cheia de flores, cheia de encanto...”

— Bonito!

— É linda!

“Ninguém compreende a grande dor que sente

O filho ausente a suspirar por ti!”

— É o Hino da Cidade... ou, “Piracicaba”...

— Gostaria de ouvi-la toda... você a sabe, toda?

— Letra e música!... ambas de Newton de A. Mello...

“Piracicaba”

— Numa saudade que punge e mata
— Que sorte ingrata! —, longe daqui,
Em um suspiro triste e sem termo,
Vivo no ermo, dêz que parti.

(Estrilho):

Piracicaba que eu adoro tanto,
Cheia de flores,
Cheia de encanto...
Ninguém compreende a grande dor que sente
O filho ausente a suspirar por ti!

Em outras plagas, que vale a sorte?
Prefiro a morte junto de ti.
Amo teus prados, os horizontes,
O céu e os montes que vejo aqui.

Só vejo estranhos, meu berço amado,
Tendo a teu lado o que perdi...
Pouco se importam com teu encanto,
Que eu amo tanto dêz que nasci...

— Linda, linda!...

— Também acho-a!... e como não poderia achá-la linda??

Apesar da largura do rio e do volume das águas nessa época do ano, os experientes homens não tiveram dificuldades em alcançar a outra margem, exatamente no ponto que desejavam aportar. Embicam a canoa na terra, e imediatamente, estão em chão firme.

— O lugar é mesmo bom, tal qual eu imaginei que fosse...

— Parece até que fora usado antes... e de maneira constante...

— Deveria ter sido o porto dos índios...

— Bem provável, bem provável!...

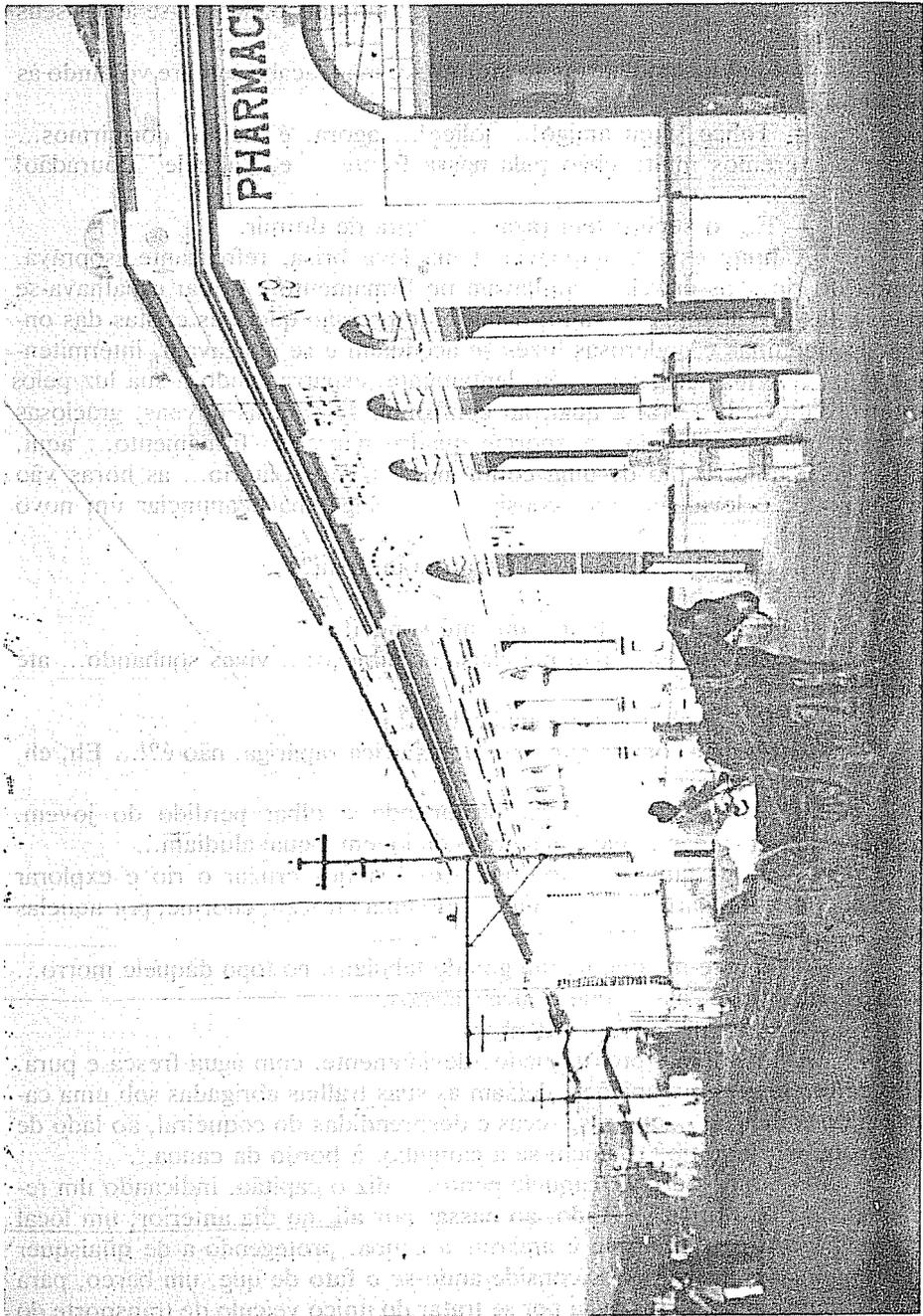
— Há marcas por aí?... Olhem bem...

— Não, não há nada... pelo menos, coisa recente... só se procurarmos melhor, poderemos tirar uma conclusão mais precisa.

— Precisa? Como poderemos concluir algo, só com observações superficiais, se já faz muito tempo que eles se foram daqui? Precisaríamos escavar esse terreno, e onde?!

— Não precisa exagerar! Não vamos escavar nada, como também, não precisamos pesquisar nada! Não estamos aqui para saber coisas dos índios... estamos buscando um local apropriado para uma povoação, nada mais!... homens, mulheres, crianças... crianças morrendo de fome... oh, são coisas muito tristes!... queria não pensar nessas coisas todas...

— Não se aflija, à toa!... veja este rio, aí! veja como é belo e formo-



Avenida Rui Barbosa em 1922, vendo-se na esquina da Avenida dr. Eulálio a Pharmácia Faria.

so!... suas águas, jamais serão maculadas!... tão pouco. acabar-se-ão os seus ricos peixes!...

— Será mesmo?... quero crer nisso, mas, acabo sempre voltando às apreensões...

— Tolice, meu amigo!... tolíce!... agora, é melhor dormirmos... amanhã. teremos muito chão pela nossa frente.... e, “aquele” douradão! Eh, eh, eh...

— É... o senhor tem razão... é hora de dormir.

A noite estava agradável. Uma leve brisa. refrescante. soprava. vinda do rio... as estrelas, cintilavam no firmamento e o luar espalhava-se nas águas fervilhantes do salto, dando a impressão que. nas cristas das ondas. pequeninas e poderosas luzes se acendiam e se apagavam, intermitentemente... A lua, galgava o céu, lentamente, esparramando a sua luz pelos quatro cantos da terra, a qual, ao confrontar-se com as nuvens. graciosas silhuetas ia desenhando no enorme quadro negro do firmamento... aqui, ali... lá adiante. o pio de uma coruja no seu vôo solitário... as horas vão avançando, e levam a noite consigo. para. logo mais. anunciar um novo dia...

— Bom dia. senhores! Descansaram bem?!

— Hã... hã...

— Ufa!... dormi tanto. que até sonhei!...

— Eh, eh, eh... não me causa admiração!... vives sonhando... até acordado!...

— É... sonhar é bom. muito bom!...

— Sonhar com as carícias daquela rica rapariga. não é?!... Eh, eh, eh...

— Ah!... Pelo suspirar prolongado e olhar perdido do jovem. poder-se-ia imaginar a beleza e a graça da jovem à qual aludiam...

— Meus amigos... aprontem-se... vamos cruzar o rio e explorar aquela colina da margem esquerda... sinto uma atração, enorme, por aquelas terras ali...

— Parece-me que há um grande tabuleiro no topo daquele morro... vamos saber logo. assim que o alcançarmos.

— É o que eu sinto, também.

Alimentados. provisionados devidamente. com água fresca e pura. alimentos. facões e munições, deixam as suas tralhas abrigadas sob uma camada de folhas de coqueiros, secas e desprendidas do coqueiral, ao lado de um frondoso jequitibá, e põem-se a caminho. à bordo da canoa...

— Vamos cruzar naquele ponto!... diz o capitão, indicando um remanso do rio... tinha avistado, ao passar por ali, no dia anterior, um local propício para desembarque e amarrar a canoa. protegendo-a de quaisquer eventualidades desastrosas. considerando-se o fato de que, um barco, para eles, era de suma importância por se tratar do único veículo de transporte do qual poderiam se valer. naquele meio inóspito: os rios. constituíam-se nos caminhos que levavam os colonizadores de um ponto a outro do vasto continente, da costa litorânea para o interior do sertão bravio... e, dada a

grandeza dos seus rios e das bacias que eles iam compondo. pelo interior todo: como as artérias significam para o corpo humano, na condução do sangue, os rios significavam a mesma importância para os valorosos exploradores e colonizadores... — ... Tenham cuidado com a correnteza!... adverte o capitão.

— Sim, senhor. Vamos devagar e com cuidado...

— Ótimo! Vejo que vocês aprenderam, bem depressa, que não deve-se facilitar com esses rios... de repente, eles nos apanham em suas armadilhas fatais!...

— Já aprendemos a lição...

— Ha, ha, ha... lembra o banho que ocê tomou?!...

— E as piranhas, então?!... tô até hoje, cum medo de tomá banho no rio, sô!

— Eh, eh, eh...

— Espera aí!... que “estória” é essa, de “noiva da colina”?!

— Para melhor explicar-lhe esse cognome “Noiva da Colina”, é preciso conhecer-se um dos mais lindos poemas da nossa língua portuguesa, do ilustre poeta BRAZILIO MACHADO... doutor e poeta, que veio a Piracicaba, para exercer a promotoria pública... enamorado de suas belezas naturais, dedicou-lhe o poema que mais tarde, originou-lhe esse cognome....

— Interessante!

— ?!... ô, meu!... é ma-ra-vi-lho-so!!!...

— És exagerado!

— Então, ouça-o:

“Piracicaba...

Sacode os ombros nus, ó NOIVA DA COLINA, que a luz da madrugada encheu o largo céu; e arranca-te das mãos da neblina que ondula sobre o rio, enorme e solto véu...

Ergue-te, ó Noiva! A aurora acorda e orvalha os ninhos, beija o vasto horizonte e a pequena flor:

levantam-se no espaço em bando os passarinhos, descem de além frescura, luz e paz e amor.

Aberta pelo vento, a humilde palmeira agita o verde leque em fundo todo azul, como o cocar do índio, em pé na cordilheira, se abria em pleno ar, à viração do Sol...

Envoltas pela noite, as pérolas celestes se deixam levar a outras amplidões; mas eis que surge além, entre doiradas vestes, o sol bordando a ti de mágicos listões.

Desperta, ó índia, ao sol! o rio o corpo estende e anilado a teus pés vae múrmur se quebrar...

Ai! Vendo que a alvorada, em sonhos te surpreende, nest’ hora em que parece à terra o céu baixar.

O Rio é teu amante, Irrompe entre colinas, como o jaguar que avista a companheira e vai...

Mas vendo-te, ao chegar, quão bela te reclinas, estaca de repente, e a fúria o arroja, e cai!

E a fúria o arroja, e cai... Do precipício ao fundo atira o corpo e cava as pedras a bramar; e espedaçado sobe, e espedaçado afunda no abismo que se alarga e tenta-o sufocar!

E o dorso bate à pedra, enraiva-se a torrente que em cascatas do "trono" erguido resvalou...

E salta a espuma branca, em chuva alvinitente, onde o íris do céu em curva se formou...

Pela boca do abismo as águas repelidas enchem a vastidão do ronco ativador; e rolam pelo rio a plagas não sabidas os murmúrios da onda, a voz do "Tombador".

Depois, abre-se a cava enorme, onde o combate,

Só n'ó conhece o rio e o abismo que o atrai;

Em baixo ferve a luta; a onda à cova bate...

Por cima a calma fria; a onda sobe e vai...

A onda sobe e vai serena, extenuada, depois de pelejar, perde-se além; e sente à tona d'água a quilha já cansada, trazendo o pescador que rio acima vem.

E tu, formosa índia, em pé sobre a colina, sentes da onda azul o lângüido bater, enquanto sob o véu da trêmula neblina ruge a cascata além, sem vir interromper...

Sem vir interromper a paz em que te embalas, o amor, a luz, a graça — adornos que são teus!

Arcou-te o criador das peregrinas falas... deu-te uma terra em flor, cheios de luz os céus.

Deu-te o horizonte azul que, tem a minha terra, minha terra natal, meu ninho encantador.

Só a C'roa não tens dessa saudosa serra que cerca em meu país a várzea toda em flor.

A tua noite envolve as mesmas estrelinhas, a mesma poesia, a mesma luz divina;

Como lá, eu bem sei, o bando de andorinhas aqui recorta o céu, na hora vespertina!

Deixa-me, pois, que eu sonhe, ao ver-te reclinada banhando os alvos

pés, no rio n'onda azul, que eu sonhe a minha terra, a pérola dourada, suspensa longe... longe... entre as névoas do sul!”

... Brazilio Machado.

— És um apaixonado!... retifico o que havia-lhe dito: “exagerado”...

— Eh, eh, eh... num tem importância!... exagerado, ou apaixonado... eu nasci aqui...

— Isso mesmo!... Criava-se, naquele momento, um pequeno núcleo social, que iria desenvolver-se e consolidar-se em uma potente cidade...

— Olha, eu não quero ser chato, mas eu acho que você exagera muito, ao falar da “sua” cidade... você é um bairrista incorrigível!... tudo ali, é o melhor, o mais bonito, o mais agradável...

— A “mais” bonita... a mais agradável... a mais carinhosa... a mais brejeira... a mais amorosa... a mais inteligente...

— Você é um bairrista!

— É a “Noiva da Colina”!... é a nossa eterna namorada... aquela que se enfeita toda, só para nos agradar!... Ah, minha noivinha querida!...

— Vamos nos fixar deste lado do rio...

— Mas, senhor, as ordens são outras!

— Ao diabo, as ordens! Fixaremos residência, aqui!

— Mas...

— Nem mais, nem menos! Será deste lado do rio!... amanhã, voltaremos aqui, com todas as nossas tralhas... vocês, descerão o rio e cuidarão de tudo... enquanto isso, eu vou construir uma cabana...

— Sim, senhor!...

Estava criada a mais nova povoação à margem do rio Piracicaba...

E, devido aos seus encantos...

“Piracicaba que eu adoro tanto

Cheia de flores

Cheia de encanto”

— Você disse: criada?

— São as “ordens”, não?!

— Sim. São as nossas ordens... e devemos cumpri-las. Senhores, vamos andando, sim?!...

— Sim, senhor!... A caminhada foi longa... subiram o morro, buscando alguma velha trilha, que acreditavam existir por ali... enquanto não a encontravam, tinham mesmo que ir rompendo a resistência do mato alto a golpes de seus afiados facões...

— Cuidado com as cobras!... são mortalmente venenosas!

— Com estas botas, esta roupa grossa, fica mais difícil uma possível picada de cobra, não é mesmo?

— Não facilitem, não facilitem!... as mãos!... não, não fiquem sem as luvas!...

— É!... com este calor, é um martírio toda esta roupa e mais as luvas!

— Não facilitem!

O trecho, embora curto, consumira-lhes um bom tempo para chega-

rem até o alto do morro... e, mesmo assim, estando lá, pouco ou nada podiam ver além de árvores, árvores!... a mata era densa, compacta... do suposto tabuleiro, só podiam constatá-lo ao ver que o chão, ali, era plano... muito plano; nada além disso...

— Outra veis?!?... vai saindo, bicho!...

— O senhor tá falando comigo, Capitão?

— Ocê é do “treze”?!?

— ?!

— Se num é, vai ser!...

— ?!

— ... um dia, serás um homem livre!...

— ?!

— ... por Lei!... por mim, já és!...

— ?!

— ... é homem, como eu... és um ser humano... um homem... e como tal, deves ser livre e senhor de sua vontade... és inteligente, bondoso, corajoso... valoroso!...

— ?!

— ... teu sangue, é igualzinho ao meu...

— ?!

— ... é um filho de Deus!...

— ?!

— ... amas esta terra bendita... abençoada...

— ?!

— ... sacrificastes por ela...

— ?!

— ... é o meu companheiro inseparável e fiel...

— Ah, isso, eu sou até depois de morto!

— Então? Vais ser do “treze”!...

— ?!

— Eh, eh, eh... é esse tar de “pressentimento”, do amigo ali!...

Eh, eh, eh...

— Dele?!... pelo sorriso dele, deve tá sonhando c’oa namoradinha!

Eh, eh, eh...

— É... como já disse antes, o “treze”, eu não “curto”... eu “en-curto”!... Eh, eh, eh...

— ?!

— Permita-me, Excia., eu gostaria de pleitear umas terras da Co-roa... pretendo me estabelecer com a família e como vossa excelência sabe, as terras são indispensáveis para o meu intento.

— Já tens em mente algum lugar?

— Sim, Excia... fica lá pelas bandas de Itú... Araraguaba... são terras livres e boas... boa aguada... bonito sítio...

— Já as vistes?

— Não, não as vi... mas, me relataram...

— Então. basta trazer-me a localização correta dessas terras. e. requerê-las. nos conformes da lei...

— Obrigado. excelência... amanhã mesmo. providenciarei o necessário... obrigado, mais uma vez!

— Passar bem. meu amigo.

Assim. a 15 de Novembro de 1693, Pedro de Moraes Cavalcante. recebia o seu título de colonizador da Corte Portuguesa. das mãos do capitão mor Manuel Peixoto da Motta... a sesmaria, cujo registro nunca fora comprovado por prova documental, consistia-se em uma apreciável quantidade de terras. acima e abaixo de uma grande cachoeira, de um belo rio, conhecida como “Onde o peixe pára”... ou, Piracicaba... nome este que se estenderia ao rio todo, e, muito mais tarde, à própria cidade que nasceria ao lado do salto.

Século XVIII... as minas de ouro de Cuiabá... a colonia cresce e ganha importância econômica... colonizadores... desbravadores... aventureiros... foras-da-lei... arruaceiros... perseguidos políticos... fidalgos arruinados ou em desgraça... o sertão vai sendo desbravado; as picadas atravessam a vastidão da mata densa, pondo a descoberto. parcialmente, um território até então, completamente desconhecido... e redescobrem-se lugares interessantes e ricos, dentre os quais, “o lugar onde chega o peixe”... “lugar onde o peixe pára”... “lugar em que se apanha o peixe com facilidade”... “o lugar que retém o peixe”... “lugar onde o peixe sobe, pena”... “fim do peixe”... “rio por onde sobem os peixes”... “lugar que não deixa o peixe passar”... tupi... guarani... bandeirantes... colonos... portugueses... índios... mestiços... surge o negro, o italiano, o espanhol, o alemão. o francês. o holandês... o tempo passaria, trazendo e levando um sem número de homens... cada um, acrescentaria uma pedrinha. na grande construção da sociedade... alguns, infelizmente. não acrescentariam as suas. e ainda. destruíram parte daquilo que não lhes pertencia... outros. seriam tijolos mau cozidos, e com o decorrer do tempo, desfazer-se-iam e ao pó voltariam, desconsertando a hegemonia da monumental obra...

— Vamos. vamos!... temos que abrir esta picada. pra chegarmos logo!...

— Mais. “seu” Luiz... Pedroso de Barros!... estamos no ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo. de 1726... e não sabemos, bem ao certo. se este é o rumo em direção à Cuiabá!

— Claro que é o rumo!... ocêis num viram o salto. agora mesmo?!... é só observarmos o rumo do sol!... e...

— E?!...

— ... observar os índios!

— Vão nos tocaiar! Tenho certeza disso!... não nos querem aqui. e farão, de tudo. para nos expulsar!...

— Usaremos as nossas armas!... não podem enfrentar o nosso poder de fogo. sô!...

— É... mas eles são muitos... e nós. apenas um punhado de homens...

— Manuel!... Correa Arzão... ocê é homem valente!... num pode tá cum medo desse gentio! Pode?!

— Num é medo, Luiz... é cuidado, só!... nós não podemos facilitá... esses índios são traçoêro!... eles nos acertam com essas bordunas... com as suas fechas certeiras!...

— Bão, chega de cunversa!... vamo pra frente!... temo que chegá às minas!...

Os mais velhos, da comunidade, observam os últimos acontecimentos e se sentem preocupados... seus domínios territoriais, seculares, estão sendo violados, pela invasão de estranhos homens... notícias de confrontos, violentos, têm chegado, de um ponto a outro... apreensões, vão nascendo, reais e imaginárias... a fantasia, progride mais que a verdade, como poder-se-ia imaginá-la, como fruto do desconhecimento, da ignorância e da credence primitiva, aliás, tudo, para aquele povo nativo de um país recém descoberto, como o próprio continente ainda estava por ser conhecido na sua real dimensão, tinha evidentemente, de ter o sabor de novidade, espanto, admiração e, temor, não no sentido de covardia, de medrosidade, mas como consequência de um acontecimento demasiadamente novo para ser compreendido.

Então, os velhos da tribo, se preocupam; nas suas mentes calejadas pelas experiências do passado, a primeira medida prudente, diante de um “inimigo” misterioso e possuidor de “encantados artefatos de guerra”, é-lhes indicada uma estratégica retirada... a floresta profunda e amiga agasalhá-los-a protetoramente... alimentos, água, abrigo, são abundantes e fáceis de serem obtidos, sem nenhum esforço...

— Vamos abandonar a aldeia, só por uns poucos dias... até esses homens brancos irem-se embora...

— É o que achamos prudente...

— Vamo enfrentá esses home!... eu num tenho medo de luta!

— Nem eu!... Os jovens, unanimemente, preferem enfrentar os “invasores”, com as suas próprias forças, físicas, e toscos instrumentos de guerra.

Aproximam-se perigosamente, os portugueses e seus agregados “brasileiros”... índios arredios defrontam-se com os invasores... sustos, de ambos os lados... troam os paus-de-fogo... flechas são disparadas... as longas e reluzentes “facas” são brandidas... os brancos persistentes, continuam avançando e se firmando no terreno... índios mais corajosos, não arredam pé da terra que sabem-na ser suas... os combates, acontecem... o solo será manchado com o sangue derramado no calor das pejejas... o lado mais fraco, bate em retirada e perde a sua terra querida...

Chora a jovem índia

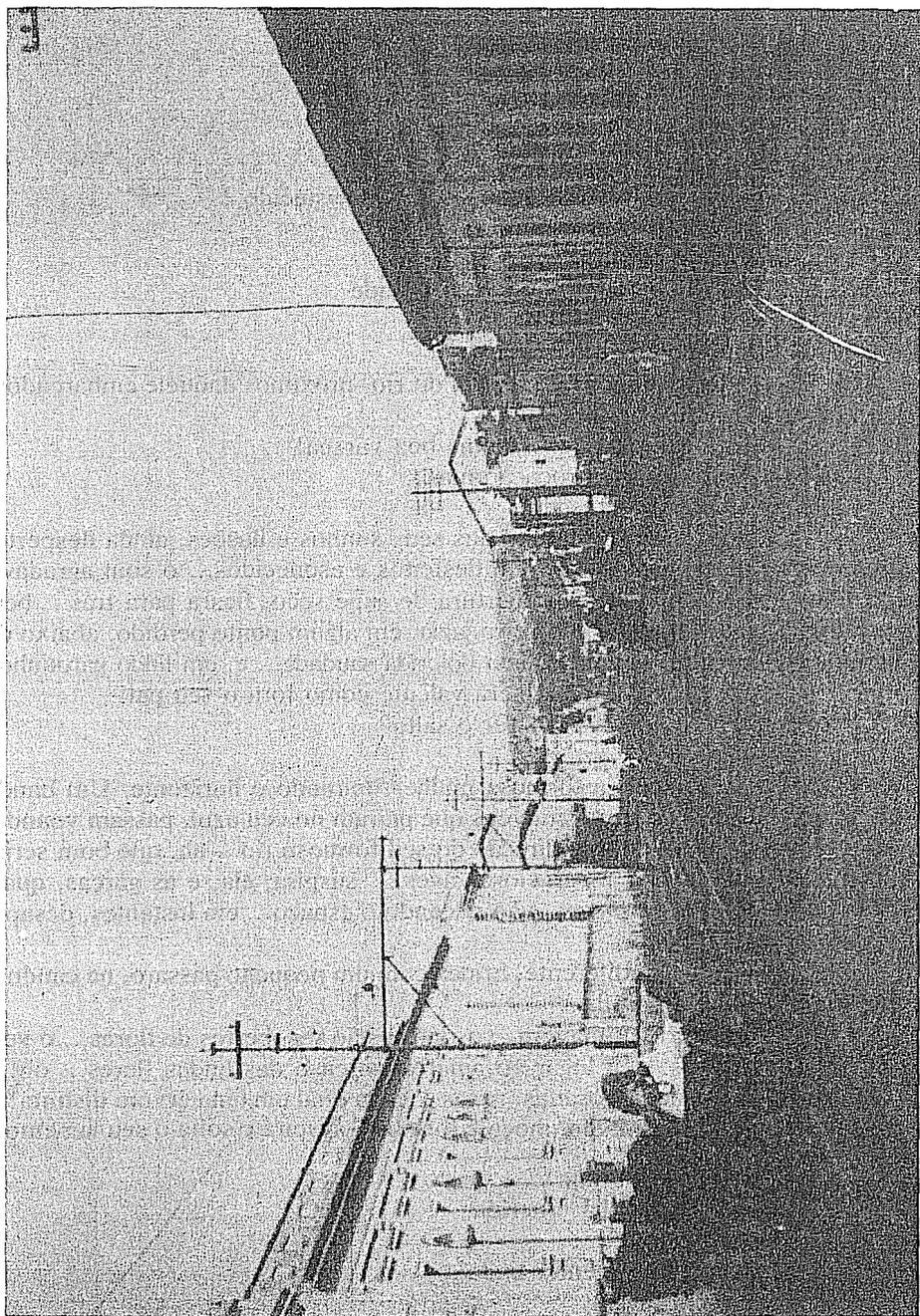
O amor perdido

Lamenta o guerreiro

O coração partido

Sua terra vê, entristecido

Enquanto partia....



Outro aspecto da Avenida Rui Barbosa, a principal do bairro, no ano de 1922.

Cai a tarde, sombria
A cachoeira troa.
Em tom de lamento...
A ave voa,
Silenciosamente...
Enquanto, o índio, sua terra vê, entristecido
Semblante, endurecido
Pelo amor ferido...
Atrás dos montes, o sol se esconde
Cai a tarde, sombria...
Novo senhor, a terra tem.

— Nos instalaremos à beira do rio, próximos daquele embarcadouro natural...

— O lugar é plano... é uma boa várzea!

— Tem até uma roça pronta!...

A indiazinha crescerá.

Mulher já feita, muitos dos seus sonhos e ilusões, ainda despertos na doce adolescência, se haviam desfeitos e esquecidos... o som agradável da chuva, tamborilando na cobertura de sapé seco, ficara para trás... bem pra trás!... o seu valente guerreiro jazia, em algum ponto perdido, abaixo do grande salto... dele, guardava uma dolorida saudade... e, um lindo garotinho...

— Quando cresceres, será valente como fora o seu pai!

— Océ me leva para ver o salto?

— Claro!...

Ah!... suspira a formosa mulher, mirando o horizonte. Um bando de garças, brancas como as nuvens que pairam no céu azul, passam voando, suavemente... está indo na direção do seu formoso rio... ah, que bom seria, se pudesse me atrelar às graciosas aves!... suspira, ela, e as garças, quais flechas silenciosas e velozes, vão riscando o espaço... em instantes, desaparecem no firmamento.

O menino, indiferente, brinca com um pequeno pássaro, na candura da sua inocência infantil...

É tempo de primavera... os ipês estão recobertos de flores... o verde, de suas folhas, deu lugar ao amarelo intenso das lindas flores... oh!... são amarelas, brancas, rosadas, roxas... cada qual em uma árvore distinta!... mas, são irmãs!... e a índia, moça e formosa, suspira e solta o seu lamento...

Oh, árvore florida...

Minha irmãzinha, querida

Estás linda!

Deslumbrantemente, linda...

Estás em festa...

I eu, triste!...

Pobrementemente, triste...

Como és bonita e formosa...

Mas, és finita

Irmãzinha, querida...
 Nesta tua festa...
 Amanhã, tu estarás despida
 I triste, como eu...
 Irmãzinha querida...
 — Mãe!... vai chover!
 — ?!
 — Vai chover, mãe!... já tá chovendo, mãe!...
 A chuva forte, bate, sonoramente, no sapé...
 — Oi!... a rede está à sua espera!...
 — Você!?
 — Sou eu, sim, meu bem!...
 — Mas?!?
 — Não morri, não!... tava só desacordado!...
 — Então?!?
 — Pensaram, né?!?... eu voltei!
 — Ah!... mas...
 — Estou aqui!... eu vou ficar!
 — ... estou feliz! Muito, muito feliz!!!!...
 — Tá chovendo... ocê tá ouvindo?!...
 — Como ocê gosta!...
 — Como “nós” gostamos... né?!
 — Escute a chuva... tá cantando... feliz... como eu...
 — Como eu gosto...
 — Ué, mas ocê tá chorando?!...
 — Não, num tô, não!... procura disfarçar a jovem, sabendo porém, que não conseguirá esconder a emoção da sua felicidade toda... — É a chuva!...
 — E, eh, eh... é sempre a chuva, né?!... bobinha!... vem mais pra cá, vem!...

Quando clareou o dia, a chuva já havia passado... o sol se fazia presente com todo o seu fulgor de astro-rei... a mata, como todas as manhãs ensolaradas, estava em festa... e em festa também estaria, daí a pouco, a aldeia quando soubesse que o seu valente guerreiro não havia morrido, e ali, bem ali no meio deles, hoje se encontrava, nos braços de sua amada... O menino, não o conhecia, ainda... dele, guerreiro e pai, só ouvira as doces palavras de sua mãe... era o suficiente... Logo que o vira deitado na rede, meio adormecido, concluíra que era o seu pai... um homem forte, robusto, ombros largos, braços vigorosos... sua cor, de bronze, se acentuava na penumbra do interior da oca...

— Tá acordado, meu bem?
 — Tô, sim... vem cá, vem!...
 — Ocê viu o menino?... quero dizer, ocê conversou com ele?...
 — Um pouquinho só... gostei dele!...
 — Ele, adorou!...

— ... agora, que estou aqui, teremos tempo bastante para conversar. brincar. pescar... vou ensinar-lhe tudo o que eu sei...

— Claro... felizmente você voltou... assim, ele poderá aprender os segredos da mata, do rio...

— E das mulheres! Eh. eh. eh...

— Seu danado!... ocê não acha que é cedo demais?!

— Eh, eh, eh...

Percebia-se entretanto, no tom de sua voz, uma certa tristeza, apesar da felicidade que encontrava ali, em meio aos seus... não falava mais com a mesma jovialidade de outrora... seus olhos vagavam para outras plagas, como se as belezas, que o circundavam, não existissem e não fossem capaz de sensibilizá-lo... a ferida que o balaço fizera em seu peito, não estava de todo curada e certamente, não fechar-se-ia nunca: atingido não mortalmente, por pura sorte, tombara ao solo e sangrara muito: deduziram-no como morto, tal a sua palidez cadavérica... as moscas, as formigas, maltrataram-no... e morto parecia estar...

O orvalho da noite reanimou-o... lentamente... moveu-se dali... buscou a mata... uma fonte, providencialmente, abrandou a sede febril... lavou a ferida... doía muito, mas não tinha a gravidade que aparentava ter à primeira vista... com a mistura de terra, água, ervas conhecidas, pensara o ferimento... o sono letárgico levou-o e o fez sonhar... quando acordou, com a luz do sol a queimar-lhe o rosto, sentiu-se mais fortalecido... só nesse momento se conscientizou, de fato, que conseguira sobreviver e safar-se daquela luta desigual, sangrenta e cruel,

Permanecia deitado na rede: as lembranças machucavam a sua mente, como o balanço fizera com o seu corpo forte e sadio: estava em um daqueles dias que são verdadeiras armadilhas traiçoeiras, armadas com o único fim de aprisionar o coração e fazê-lo amargar-se sentidamente... aí, então, a infelicidade escorraça a alegria, apaga o sorriso, tira o brilho dos olhos, espanta a tranqüilidade do espírito, afunda o pensamento na angústia!... as ilusões e os sonhos, simplesmente, se desvanecem e se desfazem... o pesadelo das horas vazias passa a pesar como um instrumento de tortura, extremamente doloroso e cruel...

Estava triste,

Muito triste...

Magoado,

Como um pássaro ferido

Que perdera a capacidade de voar

E se vê preso ao chão...

Quer voar

Mas, não pode...

O chão não é o seu meio...

Não, pelo menos,

Aquele chão...

Seu canto,

Antes, límpido e doce.

É agora, um piar de lamento
Triste,
Muito triste...

O corajoso e valente guerreiro parece estar adormecido... a rede,
está imóvel... não se percebe, sequer, a sua respiração... as horas passam...
continua imóvel, estranhamente imóvel e pálido... sua mão, endurecida,
está roçando o chão nu, quase a tocá-lo... está, estranhamente, enrijecida...

O pássaro
Finalmente,
Alçara vôo,
E se foi...
De volta à sua terra...

A alegria, que voltara tão surpreendentemente, se fora da mesma
forma... a tristeza, espantada por um pé-de-vento, volta sorrateiramente,
para se instalar no coração ferido da jovem índia...

Ao aproximar-se do seu adormecido guerreiro, naquela rede estra-
namente imóvel, sentia, instintivamente, que algo brutal acontecera-lhe... a
morte passara por ali e fizera a sua vítima... Do peito forte e magoado, um
filete de sangue ainda fluía, lentamente, ensopando o chão de terra...

O bravo guerreiro partira
No silêncio da manhã,
Antes mesmo do sol brilhar
Com todo o seu fulgôr...
No topo da grande árvore
Um pássaro cantava
O seu triste cantar...
Sentia, naturalmente,
O silêncio do guerreiro
E unia-se ao pranto da jovem amante...
Bravo guerreiro!
Seu braço forte estirou-se,
Pela derradeira vez,
Na direção do seu chão de terra...
Nos seus lábios, não há sinal de um último sorriso...
De felicidade,
Mas sim, há o sinal da dor
Que lhe ia na alma...
Dor, do partir
Sem a sua terra volver...
Dor, do sentir
Sua terra invadida... perdida,
Irremediavelmente perdida!
Ferido, magoado, sofrido,
Adormecera...
Sonhando com a sua terra querida,
Com o canto do sabiá...

Com o sussurrar da cachoeira,
 Com o ribombar das águas revoltas
 Arrebetadas nas enormes pedras...
 A nevoa que se alevantava,
 Refresca a sua frente e alivia
 Da dor, que no seu peito, o molestava...
 Canta o sabiá...
 Lá no topo da grande árvore...
 É um canto triste,
 Não mais como o ouvia
 Ao pé da sua colina...
 O sol surgira,
 E ele partira...
 Tristemente...
 Calou-se o sabiá...
 A índia, sentidamente,
 Chorou, silenciosamente.
 — Poxa! não é que eu dormi, mesmo!
 — “Si dormiu”!... até roncou! Hi, hi, hi...
 — Até sonhei!
 — Percebi, mesmo!... pelo seu sorriso, pela sua agitação enquanto
 dormia, deve ter sonhado como alguma “safadeza”!...
 — Eh, eh, eh... nada disso, mulher! Eh, eh, eh... uma hora, qual-
 quer, lhe conto a “estória”!
 — Ah, é “estória”, é?!
 — E linda!... pelo menos, para mim... Bém, agora deixa-me conti-
 nuar com a “Memória da Vila”!... preciso terminá-la... Tchau!
 — Tchau! e olha lá o quê vai escrever, hein!...



Jogadores e diretores do A. A. Sucrerie (atualmente Club Atlético Piracicabano) em 6 de agosto de 1939, quando venceu o Vello F.C. da cidade de Rio Claro por 3 x 0. Os integrantes da equipe são: Genoca, Pedrinho Fidélis e Gutierrez; Perossi, Zi e Coringa; Pipoca, Enzo, Demá, Tito Ducatti, Oscarzinho e Rabeca. Marcaram: Tito Ducatti (2) e Pipoca.

MEMÓRIA DA VILA - 2 - I

PEDRO CALDARI

— Ô, Cibita, onde ocê vai todo chique?!

— Eh, eh, eh... vô dá uma vortinha, e vê se conquisto a mulher dos meus sonhos!... Lá se ia todo emplumado, metido no seu impecável terno branco, de puro linho 120, feito sob medida na Alfaiataria dos Irmãos Bertini. O diálogo mantido, não se fizera com tanta facilidade, não! Teria sido, mais ou menos, assim:

— Ô Ô Ô, Ci-bi-taaa!...

— Hã?!

— É cocêêê mesmooo!... Ondeee ocê táaa indoó?!

— Hã!... e aí sim, ele teria respondido com aquela sua entonação de voz grave, altamente elevada, como os surdos o fazem por não ouvirem o que dizem, isto é, como o dizem. Mas, porquê o admiraríamos, tanto assim, pelo fato de estar metido em um “puro 120”, se, naquela época, era tão comum?!... e seria mesmo, se o Cibita não fosse um baita de um negrão, que chegava até a brilhar à luz do Sol!...

Cibita... assim o conhecíamos, como uma figura extremamente popular e... humana, tão humana que a sua negrura desaparecia ao misturar-se com a brancura da italianada; então, estando ele envergando o seu terno, caprichosamente passado a ferro, com os vincos nos seus devidos lugares e, de chapéu, sem esquecermo-nos dos detalhes — dos sapatos de cromo engraxados até ficarem espelhados; da gravata; e do cinto com suspensórios fazendo par —, tudo em perfeita combinação, não o teríamos como um “simples negro”... era um “senhor negro”! Bem, o seu nome, se não me engano, era Sílvio Santos, igualzinho ao do famoso “homem da baú da felicidade” que, naqueles dias, não era sequer conhecido ou teria surgido no cenário artístico-comercial. Portanto, o noso Sílvio Santos se fazia famoso através do seu apelido — Cibita.

Há muitos anos trabalhava de ferreiro nas oficinas do Wolney e Lico Martins, fabricando arados e outros implementos agrícolas, advindo daí, provavelmente, à sua surdez; não seria totalmente surdo, tanto é, que muitos anos depois, quando surgiram aqueles aparelhinhos auditivos (rudimentares, em relação aos atuais, com a bateria alimentada por pilhas do tamanho nada discreto para serem carregadas no bolso!), ele insistentemente, buscou minimizar a sua deficiência, sem entretanto alcançar o êxito esperado, coitado!... o Cibita merecia uma grande consideração por parte dos cidadãos da

Vila, pelos seus méritos pessoais. Pessoa honesta, séria, católica militante, com certa educação e bem informada, proporcionava-nos momentos agradáveis, de bom e sonoro papo, capaz de ser ouvido à distância!... claro que devido a isso, não poderia nunca se tratar de confidências... e sempre acabava com muitas risadas.

Cibita tinha um grande amor... conhecido de todos e não correspondido. coitado!... a bela mulata, Cecília, não deixava-se conquistar, resistindo, valentemente, aos assédios do seu "Romeu"... uma estória de amor, não correspondido, que nos sensibilizava, apesar de ser objeto das nossas brincadeiras. O Cibita, naquela sua simplicidade mesclada com a bondade que residia no seu coração, não se irritava conosco... talvez não chegasse a se dar conta da nossa brincadeira, disso poupando-o a sua surdez... e ia levando o caso de sua paixão como um fato natural.

Freqüentava o Papini, participando das rodas de conversa, tanto dos homens como das moças e senhoras, com a mesma naturalidade e cordial amizade. A sua presença era sempre bem vinda, sem quaisquer constrangimentos. Aliás, jamais presenciamos na nossa querida Vila, o mais leve sentimento segregacionista, entre brancos e negros ou vice-versa; pelo contrário, entre negros e brancos, havia fortes laços de amizade e estima, sendo comum ouvir-se:

— Ó, cumpradre! Como tá o afilhado?! A "Bastiana" qué qui ocê i a famia venha cumê uma pulentinha cum franco, lá em casa!

— Pode marcá. Tião!... já tamo lambendo os beijo! Eh, eh, eh...

— Eh, eh, eh... ela vai ficá contente cumpradre!... E no domingo seguinte, podia-se ver os italianos misturados com a negrada, lambuzando-se fraternalmente, no molho do frango com a polenta.

Mesmo assim, a bonita Cecília não casou com o Cibita.

Preferiu permanecer "solteirinha-da-silva", como filha de Maria, cantora do Coral Santa Cecília, até hoje, lá na nossa Igreja Matriz... nem o Padre Jorge conseguiu casá-la!

O Cibita, pobrezinho, morreu solteiro...

MEMÓRIA DA VILA 2 - II

O caro amigo “Zé Cunhado” — dr. José Valdir Sartori —, ao ler alguns dos tópicos desta série, lembrou-se de fatos comuns a nós, pelo menos a ele e a mim: como o das “boiadas” e, o importante neste particular, não havia chegado a ler está página, exatamente esta que mencionamos o pequeno detalhe.

— Pedro, você se lembra das “boiadas”?!

— Craro!

— E do dia que o boi entrou na casa da mãe do Mário Mantoni?!... da dona...?!

— Eh, eh, eh!...

— Você tá lembrando?

— Sê tô, ô sê tô!...

Um amigo comum, que presenciava a cena (atual, de hoje, e por sinal um “alienígena” que se viu absorvido pelos encantos da Vila!...) pergunta: “má do qui ocêis tão falando?!...”

— ... o negócio foi o seguinte: naquele tempo, como diz o Pedro, ninguém se preocupava em fechar as portas das casas e elas ficavam escancaradas... e a casa da dona... tava assim, aberta!... aí, vem a boiada!... de repente, um boi entrou em debalada carreira, porta à dentro, varando a sala e indo pro quintar... a vêia viu aquele vurto passá e num entendeu nada! puderá!... vará a sala, o corredô e a cozinha, qui nem um foguete!... incontrô o quintar fechado pela cerca e intão, vortô embalado!... passa pela cozinha e, outra veis na sala, de chão cimentado cum “vermeião”, encerado, “patinou” qui nem andá em chão moiado cum sabão!... e foi um escorregão só!... o boi si prantou no chão e foi merda pra todo lado!... parede, mesa, cadeira... esmerdiô tudo!... ah! ah! ah!...

E o velho companheiro de infância e depois também de trabalho, segue recordando de fatos que marcaram a nossa vida no querido bairro, Como estávamos na presença de um “alienígena”, com pouco tempo de residência em Piracicaba, precisamos explicar-lhe o motivo desse nosso orgulho bairrista. O Zé foi contando certas “passagens” da nossa infância, cheia de pequenas coisas que podem parecer banais e tolas, hoje, mas então, grandes novidades que nos enchiam de admiração e até espanto, como por exemplo, o aparecimento dos carrinhos de sorvetes nas ruas, vendendo-os “imbrulhadinhos”, um a um, como aquele famoso dropes da Dulcora, e, em

sabores variados. diferentes portanto. dos puros gelos que eram vendidos como sendo sorvetes — redondos. longos, com um palito espetado no meio — quase só de groselha. limão e abacaxi.

— Olha. quando o meu pai viu “aquele carrinho”... acho que era da marca “Douradinho”... com os tais sorvetes. ele “acabou” com a carga do bicho!... o “seu” Octávio consumiu com trinta e sete sorvetes, sem parar!...

— Eh, Eh, Eh!... êta sorvetinho bão. sô! eh, eh, eh!...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - III

Vou parar, Digo isto e sigo em frente, movido pela necessidade de juntar mais algum fato que deveria estar aqui, na companhia dos demais, se não, tudo ficaria incompleto, sem sentido... assim penso eu, mesmo sabendo que isto é uma grande tolice minha... afinal, como poderia eu, um panaca, conseguir enfeixar, "tudo", da Vila, em um modesto livreto!

Agora mesmo, depois de receber, por empréstimo, várias fotografias do meu amigo Izidoro Lopes, vi através delas, o quanto existe a ser lembrado e registrado sobre as pessoas que viveram na Vila e, de outras, que felizmente, ainda vivem neste inigualável pedaço da cidade.

Uma dessas fotos, datada de 1957, portanto com a idade de trinta e dois anos, de um acontecimento muito significativo — a comemoração de trinta e mais anos de serviço ininterrupto em uma única empresa —, nos faz recordar de um punhado de homens respeitáveis, dignos, notáveis, que enobreceram sobremaneira o trabalho e a nossa comunidade. E quem estavam retratados nessa relíquia familiar?

Pedro Segatto, Mário Dedini, Leopoldo Dedini, Lázaro Pinto Sampaio e outros nomes que mais adiante enumeramos todos, ao lado da reprodução da mencionada fotografia. Quantas outras, igualmente valiosas, sentimentalmente, e importantes, historicamente, poderíamos recolher e reunir?... espero que isso acabe acontecendo, um dia, por iniciativa de uma pessoa realmente competente e talentosa! Eu apenas fico só na superfície, arranhando-a desordenadamente e sem nenhuma técnica, como um simples amador, ou melhor, um curioso atrevido...

Trabalhadores... verdadeiros "padrões" de trabalhadores. Não foram poucos e, quando instituído o certame nacional para a escolha do "Operário Padrão" brasileiro, pudemos nos certificar de que não errávamos ao afirmar isto: Celso José Rovina (o Tarzan)... Leonil Bertoncello... Francisco Biscalchim... são alguns exemplos deles: dos recentes "Industriais do Ano" e "Comerciantes do Ano"... Narciso (Nino) Gobbim, Celso Silveira Mello Filho, Waldomiro Scarpari, Mário Dedini Ometto, José Marques... sem deixarmos de mencionar o Grande Oficial Comendador Mário Dedini, distinguido meritoriamente pelo Governo brasileiro com a comenda que lhe deu esse título,

O povo de Piracicaba também soubera homenagear o "seu" Mário, eregindo-lhe um monumento na Praça José Bonifácio, que, por uma infelici-

dade nossa. um “desmiolado” prefeito. imaturamente. removeu-o de lá... e hoje. para a nossa compensada satisfação (não compensado porém. aquele “ofensivo ato”!). está o monumento erigido na Praça da Imaculada Conceição. bem ali. no coração da Vila... e onde. provavelmente. gostaria de vê-lo estar. o homenageado. se ele por um momento. deixasse da sua modéstia e da sua humildade.

Pena que. por um ato impensado. um prefeito imaturo tivera a capacidade de agredir de uma só vez. a memória de toda uma sociedade. e tão profundamente!... Mário Dedini. Luíz de Queiroz. Sud Mennucci. José Bonifácio e os Soldados Constitucionalistas de Piracicaba, de 1932... e todos de uma só vez!... Ainda bem que o “tal” não é piracicabano. E poderia sê-lo?!

MEMÓRIA DA VILA - 2 - IV

O piracicabano é orgulhoso.

Não no sentido que distingüi o homem como um ser que se julga acima dos demais e por esse motivo, os olha com desdém, com desprezo, com arrogância. Ele é um ser que se orgulha da sua cidadania, da sua condição de filho de uma terra privilegiada e por esse motivo, se sente um homem privilegiado.

Orgulhar-se de quê? Perguntaria o não piracicabano.

Esta pergunta é oportuna, pela necessidade de afirmação do nosso sentimento filial, não apenas com relação a nossa cidade, mas principalmente, quanto a nossa Pátria. Sentimos hoje, um arrefecimento do amor do filho para com a sua mãe-Pátria... perdera-o, até com relação a sua própria mãe - mulher, que o gerou e o gestou, sob duras penas... que o pariu e o criou, dolorosamente... ele se mostra insensível, imagine-o então, com respeito a sua mãe-Pátria?!... simplesmente, a ignora! e até vai mais longe ainda - a despreza!

Mas ali, na nossa querida Vila, não acontecia isso... nem dava para um filho seu, repudiar e injuriar a sua mãe de sangue ou a sua mãe-pátria... os "cascudos" na cabeça dura não se faziam de rogados e muito menos aquelas mãos pesadas e cheias de calos, se mostravam benevolentes diante de tamanha ofensa filial, inconcebível dentro dos padrões sentimentais da "italianada" — maioria predominante ali — e também, do seu povo bairrista, birrento e "encardido" por excelência.

As escolas vilarezendinas contribuíam, positivamente, à alimentação do amor filial... a escola das letras e a escola da vida.

— "Seo" Leontino, as crianças já tão "alinhas"...

— Vai ensaiando o Hino... já tô indo! — Isso se passava no interior do Grupo Escolar "José Romão", como sendo a coisa mais corriqueira do mundo...

— Irmã Clara... as meninas estão todas no pátio...

— Estão? e porque não as ouço cantar! — igualmente, acontecia o mesmo no interior do Baronesa de Rezende, o Colégio das Irmãs Franciscanas, construído pelo devotamento da srta. Lydia de Rezende e à generosidade do seu bondoso e honrado pai, o Barão de Rezende, Dr. Estevam Ribeiro de Sousa Rezende, no ano de 1922.

— Papai, eu gostaria de ver construída uma bela escola para este

nosso querido povo... dizia, meigamente, a jovem Lydia, contemplando lá da sua varanda florida, o espigão recoberto de frondosas árvores, que se via voltando-se a vista na direção do Salto...

— E porque não a constrói, minha filha!

— Posso, mesmo?! Oh, papai, papai! o senhor é mesmo, o máximo!

— Máximo! que linguagem é essa, minha filha! Ambos sorriam, pois nenhum deles pertenciam, unicamente, àquela suas épocas... tinham os seus olhos, já perscrutando além do horizonte da chácara São Pedro (hoje os bairros Nova Piracicaba, Doplan, Nhô Quim, Terras do Engenho e a própria Vila Rezende).

— Então, minha queridinha... mãos à obra!... eu te ajudo... Eh, Eh, Eh... estou mesmo precisando de algum exercício!...

— Ora, inspirados em tais exemplos, poderiam os filhos desta terra tão generosa, se portarem diferentemente? Poderiam...

... — Tê dô um safanão no “vão-da-orêia” qui ocê vai beja os pé da sua tataravó!... e que Deus e a Virge Maria a tenham “em bom lugar”!

— Desculpe, pai!... eu num fiz “por mar”...

— I nem pense fazê!...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - V

Ozório! ô Ozório!

— Pronto! O senhor tá me chamando! Pode falar!

— Vamos conversar um pouquinho... nós aqui queremos batê-papô com você.

— Se não for demorado, tá certo... é que eu tenho um compromisso... num posso me atrasar... é um compromisso sério...

— Namorada, não é?!

— Mais ou menos... mais ou menos...

O Ozório foi muito tempo, uma das figuras pitorescas da Vila Rezende, pela sua faceta folclórica. Vestia-se espalhafatosamente, sem dar conta do grotesco, do caricato, do inaquado ou de qualquer outra coisa que fosse motivo para o riso, a chacota e até a ridicularização que aquele seu modo de se portar em público podia despertar nas pessoas. Desfilava pelas ruas, todo imponente... paletó e gravata, calça com as pernas enfiadas em um par de botas, espessos e longos bigodes, com as pontas afiladas projetando-se alguns centímetros das faces, como se um par de chifres fosse, costeletas longas, bastante longas e curvadas na direção dos cantos da boca... sob o chapéu?! uma reluzente careca!

Bem, até aí, tudo poderia conter algum exagero e não chegar ao ridículo, ao grotesco... não fosse o total desequilíbrio existente entre cada uma dessas vestimentas, acessórios, seus detalhes físicos, e àqueles inerentes ao nosso próprio personagem. Uma figura folclórica, esse nosso Ozorinho! Ah, levava sempre dependurado no braço, um velho guarda-chuva!...

Freqüentava a Igreja Matriz... missas, rezas, procissões, festas e quermesses... lá estava o Ozorinho, circulando entre os rapazes e as moças, falando alto e acaipirado... certo de que estava "abafando".

Eh, Eh, Eh... essas moças me adoram... num sei cum quar delas eu fico!... Eh, Eh, Eh... Há tempo vinha dando em cima de uma determinada moça, de uma família portuguesa, com o firme propósito de namorar e casar... pobre Ozorinho!... quando a rapaziada se apercebera disso, ele se transformou em um "prato cheio" para os brincalhões.

— Óia, pessoar, cuidado!... ele vai acabá brigando e descendo o guarda-chuva em todo mundo!...

— Que nada, ô meu!... ele é um simplório!...

De fato, o Ozório não passava de um simplório... não tinha cultura alguma e certamente só aprendera a ler, e mal, já adulto, quando entrara no

curso de alfabetização para adultos (anterior ao Mobral); esforçava-se à demonstrar uma erudição que não possuía, mas sem maldade ou vaidade, ou melhor, sem sequer imaginar o que seria “ser erudito”... ele queria apenas falar bonito e estar no meio das pessoas educadas... e se portava educadamente, caricatizando-se com a sua carnavalesca indumentária.

Seu nome completo?!

— Melo, ocê que tá “virando pedra”, aqui na Vila, se lembra do nome certo do Ozorinho?!

— Daquele “zóiudinho”?!... que usava bota e chapéu de aba larga?!... falante “pra mái de metro”?!

— Esse mesmo!

— “Sabe que eu num sei”?!

MEMÓRIA DA VILA - 2 - VI

No nosso quarteirão existia um pouco de tudo, ou melhor, quase tudo que existia no bairro, em questão do comércio e de prestação de serviços, estava ali, por ser o centro da principal avenida e por onde circulava o bonde, não existindo ainda o ônibus circular, que viria só mais tarde, com o crescimento da cidade como um todo.

Ali havia portanto, a barbearia, o açougue, dois armazéns de secos e molhados, as duas alfaiatarias, a loja de tecidos, a farmácia, a sapataria, a marcenaria, o bar e restaurante, a oficina de funilaria, a coletoria de impostos federais, o único escritório de contabilidade, o dentista, o médico, o sapateiro, o homem que consertava tudo e tinha uma perna de pau, o bocce e, como não poderia faltar, o salão de jogo de bicho anexo ao barbeiro, e, a sede social do clube de futebol, a glória do bairro.

E gravitando à volta dele, o restante, ou seja, os correios e telégrafos, a fábrica de refrigerantes e engarrafadora de pinga, que eram duas, a fábrica de vassouras, dois outros armazéns de secos e molhados, um outro bar com o bocce, o cartório de registro civil ou de paz, a parteira, a benzeadeira, o posto (único) de gasolina, o campo de futebol, mais um sapateiro, o seleiro (que fabricava selas e arreios), mais um açougue (a carne era tão barata que ainda se amarrava cachorro com lingüiça) e creio que mais nada, fora evidentemente, das casas de moradia que abrigavam, quase que somente a italianada.

O leito da rua ainda não tinha pavimentação, só os passeios dos dois lados e que não eram da terra, mesmo, e já uma grande coisa à época, por ser ela a avenida principal; as demais nem isso possuíam.

Para nós, crianças, não poderia ser melhor. Brincar na terra, logo à porta de casa e sem sermos incomodados por nada, era um verdadeiro paraíso, uma delícia só superada pela faixa marginal do rio Piracicaba, da ponte para cima.

Não havia limites invencíveis para nós, endiabrados moleques. Transitávamos livremente por todos os lugares, a qualquer hora. O território não tinha local que já não tivesse sido explorado pela nossa curiosidade altamente aguçada; até fazer jogo do bicho sabíamos fazer e conferir os resultados no final da tarde, ao apanharmos os números inscritos em um minúsculo retângulo de papel, chamado de "prêmio"...

— Que bicho deu?

— Burro, leão, cobra, águia e elefante.

— Que milhar?

E lá iam sendo cantadas, solenemente, as respectivas dezenas de milhares, do primeiro ao quinto prêmio. Até então, o jogo era livre e nós não corríamos o risco de sermos apanhados como “apostadores”, mesmo sendo meros portadores dos jogos; não éramos “contraventores” como hoje são considerados os banqueiros, os bicheiros e os apostadores do jogo de maior popularidade no Brasil, e por sinal, o mais sério de todos por não se ter notícia da quebra da sua credibilidade. Se tudo o mais, neste nosso País, funcionasse como ele, por certo estaríamos em uma situação bem melhor desta que estamos, completamente anarquizada pela falta de confiança e de esperança... ah, se estávamos!

— Pedrinho! venha cá!... Gritava a minha nona, com um pedaço de papel enrolado contendo os números e o dinheiro da sua fezinha do dia...

— Vai correndo fazer esse jogo que eu esqueci!... e lá ia eu, correndo, sem abandonar os amigos... eles iam junto conosco, só pelo prazer de subir a escada de tijolos da casa do “seo” Berto Barbeiro e ouvi-lo esbravejar, com aquele seu vozeirão de trovão...

— Parem de correr!. Pareem m m de correr r r!... já lhes disse, não disse?!

— Já, “seo” Berto!... já tâmo parado...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - VII

O Babico — João — Carmignani, sempre gostou de um bom Curió e mesmo hoje, apesar de afirmar o contrário e se preocupar, de fato, com os seus bois e com as suas fazendas, vira e mexe. vê-se traído pelo seu subconsciente, pela sua paixão antiga.

— Dirce, meu bem... ocê lembra daquele meu Curió?!... aquele bão!

— Quar deles?!... daquele que eu briguei c'ocê, por não ter ido namorá?!

— Esse, esse mesmo!... que saudade eu tenho do seu canto!...

Pois é, O Babico, além dos seus afazeres na fábrica de bebidas da família, de ter a responsabilidade do seu funcionamento. em uma época nada fácil, contando com um “irmão homem” (como se dizia naquele bairro cai-pira — a Vila) e as demais todas “irmãs mulheres” solteiras, para auxiliá-lo. o trabalho era duro e não tinha dia e nem hora de descanso: o seu tempo estava preenchido totalmente. com a produção de refrigerantes, com o engarrafamento. com a venda. com a entrega do produto, com a contabilidade. finanças, folha de pagamento. fiado (existia, em larga escala!) e, para complicar ainda mais. também com o engarrafamento de pinga — a sua famosa “Cavalinho” —, nascente e crescente como comércio e indústria, ao ponto de despertar o aparecimento de outras marcas concorrentes e vizinhas, como a “Tatuzinho” do Humberto D’Abronzo. Mas. uma vez passarinho... passarinho fica. até morrer... e ele dava um “jeitinho” de sair para uma caçada com os inseparáveis amigos. amantes de “Curiós” como ele. que trocavam as namoradas pelas gaiolas e saiam. mato a dentro. à caça das avezinhas canoras por excelência.

— Vamo dormir no mato. Babico?

— Ué. ocêis num viero pra caçá?... amanhã cedinho é que vamo armá as gaiola e caçá o bando inteiro... Bergamin. ocê fica de um lado... o Pingüim vai lá por baixo e eu vô aqui pro meio... armamos as “batedeiras” com os nossos “negaça” e é só esperar!

— É... então eu vou dormir no caminhão... tchau. mesmo!

Paixão. é paixão!... imaginem só, trocar um bom sono. na cama. por um sono na cabine e na carroceria de um caminhão. no meio do mato!

— É “mezzo mato”!... diriam alguns dali do bairro. que não trocariam por nada, um bom sono agarrados nas cinturas das “patroas”... — Má

que Curió?!... exclamariam, como o tal da piada diria: “Ma que Parmêra?!...”

Coisas da nossa Vila...

Já que falamos superficialmente sobre o amigo Babico, este meu caro amigo, “turrão e encardido”, como eu, é um legítimo espécime do típico “vilarezendino” e como tal, casara-se com uma filha do bairro, moça exemplar, católica fervorosa, militante, pertencente a uma família tradicional - do bairro e da fé católica apostólica romana —, e, para completar-lhe, no quadro das virtudes, tinha que ser uma professora primária pública, dessas abnegadas que “dão tudo de si por nada em paga”... uma sacerdotisa da educação e cultura!

— I num é que ocê tá falando da Dirce!... ô, danado... se o Babico sabe disso, ciumento e “brabo” como ele é, ocê tá perdido!

— Eh, Eh, Eh...

— Escutei o que ocê tava dizendo e deve acrescentar: mulher de fibra!... existem iguar ela — poucas!... —, mas melhor, não! Professora e com um bando de filhos... esse Babico é fogo!

— São seis ou sete os seus filhos?!

— Só conferindo!... vamo vê: Carlos, João Ayrton, João, Joadir, Dirce, Denise e Adilson...

— Sete... então empatou comigo.

— Com você?!?... sete filhos?!... num me diga que ocê morou do lado da linha de trem!...

— Vizinho do Babico!... da velha Sorocabana e dos trens do Engenho Central!... era um tal de passar trem, a noite inteira!

— Eh, Eh, Eh... “desculpa” de safado!... Eh, Eh, Eh...

— Mas deixemos de brincadiera... eu admiro muito esta nossa amiga, a Dirce Bruzantin. Uma grande personalidade como cidadã, como esposa e mãe, como professora que fora por muito tempo e por isso mesmo, senhora de grande cultura e valor.

— O Babico, num sei se ocê tá lembrado, é também professor normalista!

— Claro que eu sei disso... é o que eu ia acrescentar, aqui.

É isso aí... num é só de Curió que o Babico gosta!... pudera, ele é um vilarezendino, sô!...

MEMÓRIA DA VILA 2 - VIII

Quando escrevi os primeiros retalhos do cotidiano da Vila, não tinha em mente me delongar sob um único tema... então, escrevi e me perdi... deixei, por muitas vezes, me levar por pensamentos meus, confundindo-os com fatos reais, resultando nesta miscelânea que entulei de “Memória da Vila”. Entretanto, jamais me ocorrera fugir da realidade, dessa realidade que fora, e é, a Vila, aquela parte pacata e humilde da nossa cidade, do tempo da minha infância, e esta Vila de hoje, enorme, rica e já com todos os problemas de uma cidade grande, sem perder porém: aquele seu velho sabor nostálgico, que tanto a caracteriza como “Vila”... a sempre nossa velha e querida Vila Rezende!

Nasci, cresci, envelheci e com certeza, com a ajuda de Deus, ei de morrer contemplando as ruas da minha Vila! Aliás, ali não existem ruas... são só “avenidas” e assim esperamos que continuem sendo designadas pela Nomenclatura Municipal. Chegamos até a “brigar” por esse motivo, com o prefeito de Piracicaba nosso querido amigo dr. Adilson Benedito Maluf —, um turco da “banda de lá” do rio, mas que sempre se mostrou um apaixonado pelas causas vilarezendinas, inspirado naturalmente; no seu “pátricio e primo” Padre (Monsenhôr) Jorge Simão Miguel, nosso vigário da Imaculada Conceição.

A propósito, já que enveredamos pelas avenidas do nosso bairro, é uma velha aspiração dos seus filhos e dos seus moradores e amigos, que os nomes dados a essas vias públicas, estivessem intimamente relacionados com a sua vida e preservassem, através dessa “homenagem pública imorredoura”, a memória de cidadãos da Vila. Quantas pessoas não foram, ainda, devidamente lembradas para esse gesto público?

— Ai, ui, ai!

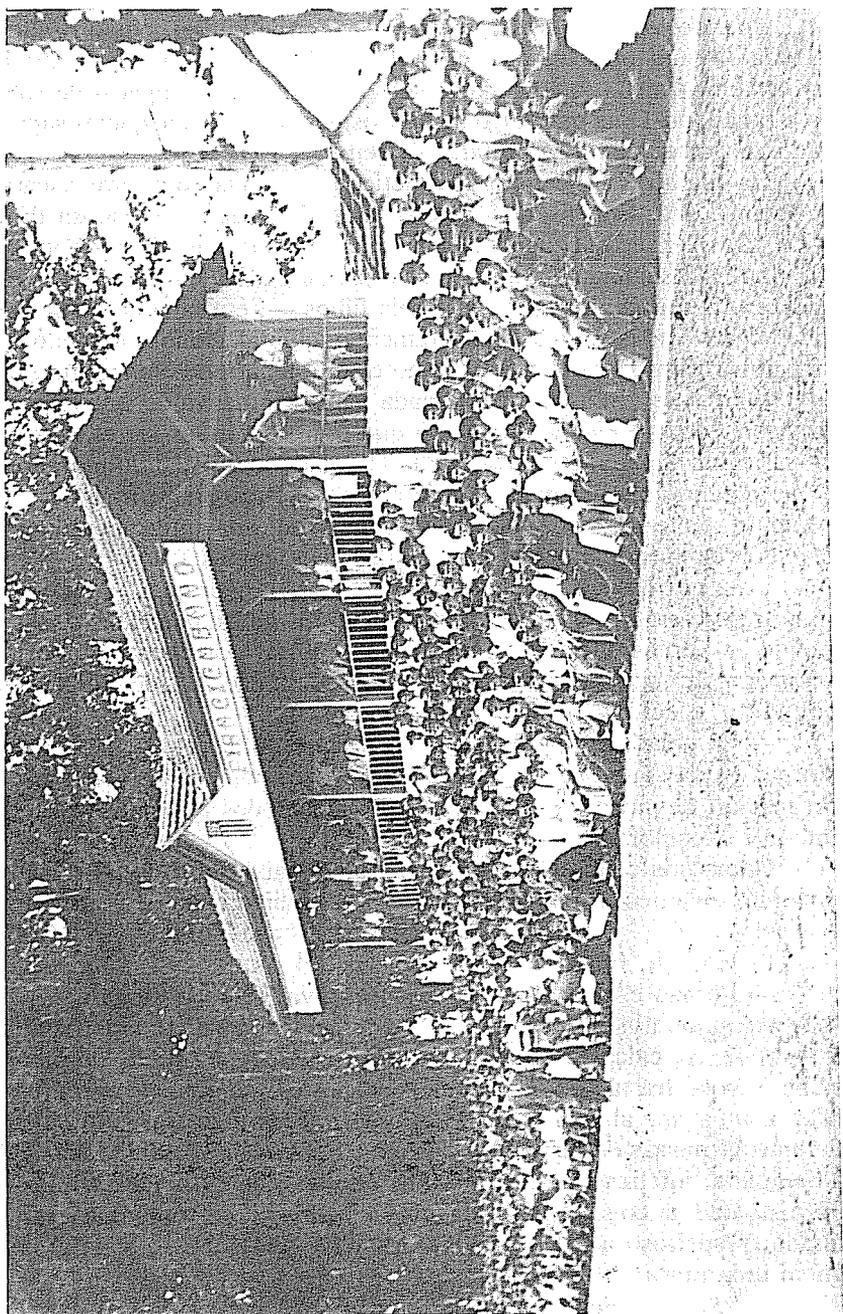
— ?!

— Tava andando na avenida e cai no mardito buraco!

— Vá, vá... um buraquinho de nada, sô!... vá vê lá em frente de casa!... dá pra desaparecer um caminhão dentro do buraco que tem lá!

— Ê! também num vamo exagerá!?

Cidadãos prestantes... homens dignos... patriotas autênticos... merecedores de uma singela lembrança póstuma... então, somos tocados pela saudade... um sorriso... uma lágrima... um suspiro fundo e voltamos a página...



Estádio do dr. Kock em um dia de jogo do Club Atlético Piracicabano.

Quando viera do sítio para a Vila, em definitivo, empoleirado na tralha toda da mudança, tinha os pés descalços e assim continuaria a tê-los. por muito tempo ainda. até ganhar o seu primeiro par de sapatos de solado barato e rangedor. Doia pra burro manter os pés selvagens naqueles sapatos, apertados e duros. como se de ferro fossem!

Na rua atrás do campo do Atlético, a avenida dona Francisca (em homenagem à Sra. Francisca. filha do Barão de Rezende e esposa do Sr. Américo Brasiliense. que também tem uma avenida com o seu nome. na Vila. é claro!), a segunda em importância para o bairro, em termos de tráfego, se fixara a sua família — casal e seis filhos —, em uma casa simples e humilde, como todas eram. indistintamente: quintal grande. cercado com uma frágil barreira de bambu fincado no chão e amarrado com arame, mais solto do que preso... afinal, a cerca nada mais significava do que uma simples divisória de propriedades e não o que representam os fortes muros de hoje — a prisão domiciliar, privativa da liberdade individual do morador da casa, que procura, através deles, obstar a ação dos marginais; na frente. uma poeirenta rua de terra... nada diferente portanto. da sua antiga morada de sítio... evidentemente, para alegria sua e dos seus irmãos.

Uma vez na cidade, cidadão passa a sê-lo, quer queira. quer não... então, o negócio era ir tratando de pedir à mãe e às irmãs, que lhe encurtassem um pouco as pernas da calça curta (não tão curta, por chegar a cobrir os joelhos magros e feios!...) e assim passasse a se parecer aos demais meninos da redondeza e de não ser-lhes objeto de chacota.

— Ó, pulador de brejo!... — Vai caçá sapo?!... — Tá com a cirola do seu pai ou da sua nona?!... Eh. Eh. Eh... naturalmente, aqueles risos o importunavam, levando-o a atacar-se com alguns dos atrevidos moleques. ou então, a encaiporar-se todo.

Como uns centímetros, a menos (ou a mais). de pano sobre as pernas, operam milagres! E olhe, que naqueles dias. ainda não se conheciam as mini-saias!...

— Eh, Eh, Eh... que baita pernã, sô!

— Pernã é a da sua... pronto, tava ferrada a briga!...

Arranjou um emprego, por si mesmo... foi trabalhar como se adulto fosse, embora às calças curtas revelasse-se a verdadeira idade de menino. Trabalho, escola, trabalho... papo com os amigos e... amigas. até deixar-se (!!) prender a uma só, abobalhando-se a cada encontro de final de semana, geralmente às missas domingueiras das nove horas. lá na Igreja Matriz velha (e já demolida, infelizmente...), até o dia que teve de enfrentar o futuro sogro... aí é que a coisa ficara devéras engraçada: ele, um moço tímido. acanhado, respeitoso ao extremo, voz calma e pausada... o sogro?! surdo que nem uma porta!

— “Seo” Lívio...

— ?! Hã?!

— “Seo” Lívio... eu...

— Hã?! o que o senhor disse?!

— TÓOO querendo CASÁÁÁ!...

— Cá... o quê?!?

— Não... papai! rétruca a jovem, ruborizada, entre o apavorado noivo e o riso geral... estava quebrado o gelo que sempre impera em momentos semelhantes àquele, quando um moço resolveia pedir a mão de uma moça, em casamento.

Poxa, fui trazer o menino, do sítio à cidade, empoleirado no topo de um caminhão de mudança, equilibrando-se entre uma cama-patente e um guarda-comida, fí-lo trabalhar e beirar o casamento e não mencionei o seu nome!... e queria, ainda, que lhe dessem uma avenida para perpetuar o seu nome...

... Reynardo Alleoni.

— Não foi mais um nome que se foi... e tão pouco, dele se resume apenas o que fora dito acima. Há muito que se dizer sobre esse moço que, prematuramente, partira rumo à casa do Pai.

MEMÓRIA DA VILA - 2 - IX

Rumo à casa do Pai...

— O Padre está aí... como vamos fazer?

— Vamos dar um tempinho... sirva um cafezinho pra ele. enquanto isso...

— Tá... tá... e ele. como está?!

— Dormiu um pouquinho... pelo menos. assim parece...

— Tá... tá...

Palavras sussurradas... movimentos silenciosos... a iluminação tênue, uma penumbra na realidade, permitia ver o que se passava dentro do quarto sem incomodar a pessoa que jazia sobre o leito. impressionadamente imóvel... só se afirmaria estar ela. a pessoa. viva, estando-se bem próximo do seu rosto. para poder ouvir-lhe o respirar quase imperceptível...

— Padre, o senhor aceita um cafezinho?!

— Obrigado... se não for incomodar. eu aceito-o sim.

— Incomoda, não! Nós é que estamos incomodando-o. por fazê-lo vir até aqui. a esta hora!

— É meu dever!... como está ele?!

— Dormindo... pobrezinho!... vem sofrendo tanto!... assim vai se expressando, tristemente. com resignação cristã mas, sem poder conter as lágrimas...

— Coragem. coragem. minhas filhas!

— Oh. padre!... ele é tão bondoso... tão puro!... e está sofrendo...

— Coragem. filhas!...

E nessa noite. quando o silêncio se fazia pesado. o senhor Barão de Rezende partiu... adentrando na casa do Pai. Monsenhor Victor Soledade. vigário da paróquia da Vila Rezende, celebrou a cerimônia religiosa, pela alma daquele que. em vida. fora venerado como "Um Justo".

Ah, um detalhe escapou-nos!... merece ser lembrado, para melhor aquilatarmos o jaez desse notável homem: "A pedido que fez. à última hora, o exmo. Sr. Barão de Rezende foi enterrado em caixão singelo"... e baixou à sepultura número 1087, travessa B. do Cemitério da Saudade...

Um justo!

— Justo. você falou? É isso mesmo, o que eu ouvi?

— Sim. isso mesmo. Toda vez que me ocupo da sua memória, buscando informações a seu respeito, mais admirado fico do grande homem que

estava apaixonadamente preso a esta terra. sua por adoção e por afeto, mesmo, e fico a imaginá-lo se vivo nos nossos dias de hoje, tivéssemos senhor barão, pugnando pelas boas causas da sua terra. defendendo os interesses maiores da comunidade. lutando pela dignificação do homem e. principalmente. no seu maior e forte ponto combativo — a sua luta pelo bem estar dos pobres e humildes... ah, como nós é carente exemplos como o seu!

— Justamente!... era justamente sobre isso que eu queria falar-lhe. quando vi você mencionar o nosso querido amigo e companheiro. o Nardo... e desse negócio de “ir pra casa do Pai”!... a esta altura, ele já deve ter posto um “pouco de ordem” nos livros daquele seu velho, gordo e barbudo “xará”... organizado e competente como ele era por aqui... você sabe disso. pois ele vivia “quebrando o seu galho” ao dar um jeito no bagunceiro que é você! Olha só essa sua mesa, sô!... é papel, livros, jornais, xícaras, canetas. lápis, revistas pra tudo quanto é lado!... poxa, não sei como você consegue trabalhar no meio dessa bagunça!?... bem, deixemos isso aí, como está, pois eu é que não vou pôr a mão nesse troço... problema seu... Do que estava lhe falando?!... até me perdi!

— Perdeu?!... espere que eu já acho... deve estar aí, no meio da papelada!...

— ?!

— Eh, Eh, Eh... te peguei, né?! Eh, Eh, Eh...

— Seu bobo!... tô falando de coisa séria e ocê joga a conversa no mato!...

— Ocê tem razão, nisso que acabou de falar... eu devo muita coisa ao amigo Nardo, aliás, a Vila Rezende deve-lhe muito, inclusive a obrigação de dar o seu nome a uma das avenidas daqui!... o Adilson havia se comprometido comigo. quando nós declinamos e o demovemos da idéia de colocar o seu nome na Ponte do Mirante. então prestes a ser “re-inaugurada”, depois de reformada... seria “desvestir um santo pra cobrir outro...” ... deixou-nos até a opção de escolher o local mais adequado, quando abrisse uma nova avenida... o diabo é que ele perdeu a eleição!...

— É. mais esse pessoal de agora, representando o “tar de governo popular”, deve — por obrigação, mesmo! —, render homenagens àqueles que dedicaram as suas vidas inteiras à defesa dos “pobres e humildes”... é ou não é?!

— Mais “craro” que é!... inda mais pra nós que sêmo “cria” da Vila. sô!... Eh, Eh, Eh...



Com. Mário Dedini apresentando ao povo da Vila Rezende a miniatura de um novo produto das Oficinas Dedini. O Vigário, Monsenhor Jerônimo Gallo, defronte à Igreja Matriz, abençoa o empreendimento industrial.

MEMÓRIA DA VILA - 2 - X

Amenidades.

Diante de tanta seriedade, um pouquinho de amenidade adoça a vida. e nos tira o gosto amargo das contrariedades e das agruras que o cotidiano se encarrega de nos proporcionar, graciosamente.

— Mas quem procura, acha!... não acha?!

— Acha!... é só “se semear ventos que se colherá tempestade”... e das brabas!

— Então, o que ocê ia falar?

— Do Paraná e da Amábile...

— Eh, Eh, Eh... êta “casarzinho”, sô!... vivia brigando...

— Tamém, não!?... o home era fogo!...

— Põe fogo nisso, sô!

Paraná... só poderia ser apelido. não o seu nome de batismo. Quando o conhecemos, já tinha uma idade razoável, embora não fosse velho, Entretanto, o abuso da bebida, constante, acentuara-lhe o peso dos anos,

Amábile... mulher do Paraná... tínhamo-la assim, sem sabermos se eram eles casados, ou só amasiados, Ele, um homem de estatura baixa, barrigudinho, rosto redondo e quase calvo; não abandonava o uso de um sova-do chapéu, quando conseguia-o manter enterrado na cabeça, pois, nas suas bebedeiras, ele rolava pelo chão e só não se perdia por ser realmente um chapéu “velho de guerra”... e ela solícita, apanhava-o do chão e o recolocava na cabeça do seu “velho de muitas guerras”... e que guerras!...

Brigavam muito.

— Paraná, “seo” mardito pinguço!... eu ainda “mato você”... gritava a Amábile, empurrando o Paraná pela Rui Barbosa, e não raro, dando uns “cascudos” no velhote...

— Amábile, mardita!... pára Amábile!... berrava o Paraná, procurando proteger-se com os braços à cabeça curvada... e nós, criançada, a rir dos dois...

Mulher franzina... cabelos presos por um lenço amarrado na nuca... pés descalços... vestido surrado e desbotado na altura do ventre, de tanta água com sabão que recebia durante as lavagens de roupa que a sua dona fazia, de ganho... molhada e bem humorada, a encontraríamos sempre, sem perder “a esportiva” com ninguém, adultos ou crianças, principalmente com estas, por nutrir-lhes um carinho de mulher, sofrida mas não aborrecida com a vida...

— Amáбиле... Paraná... ah, que saudade nos dão!... tempo bão, aqueles... na nossa Vila!... suspira fundo, com o olhar no horizonte... parece que está a vê-los ali, saindo do Papini... mas que Papini?!... não há mais nada ali, a não ser, uma casa reformada de fachada nova. como uma operação plástica é feita para dar cara nova a uma cara velha... ou para remover alguma cicatriz. Assim está acontecendo com a velha Rui Barbosa...

— Com licença... posso interrompê-lo?

— Hã?!

— O senhor conhece o Sebastião?!

— Sebastiãozinho?!

—?!... Meio sem graça, a moça não sabe o que dizer e responde...

— Aqui está escrito Sr. Sebastião Paulo... tem uma tipografia...

— Desculpe-me, sim?!... é que eu estava pensando, isto e, estava com a minha mente no passado... esse Sebastião que a senhorita procura é outro, não este meu...

—?!

— Oh, me perdoa sim?!... estou confundindo-a, ao invés de ajudá-la...

— Bem, já que o senhor falou “Sebastiãozinho”, com um sorriso... e eu sou uma “curiosa”... quem é ele?!

— Quer saber, mesmo?... você não está com pressa?!

— Não... a curiosidade é maior que a pressa...

— Que bom! Você quer um chopinho?

— Obrigado, aceito.

— Ô, Jonas!... vê um chopinho pra mocinha!...

— Este aqui é o Bar do Grisotto?... o antigo Grisotto?

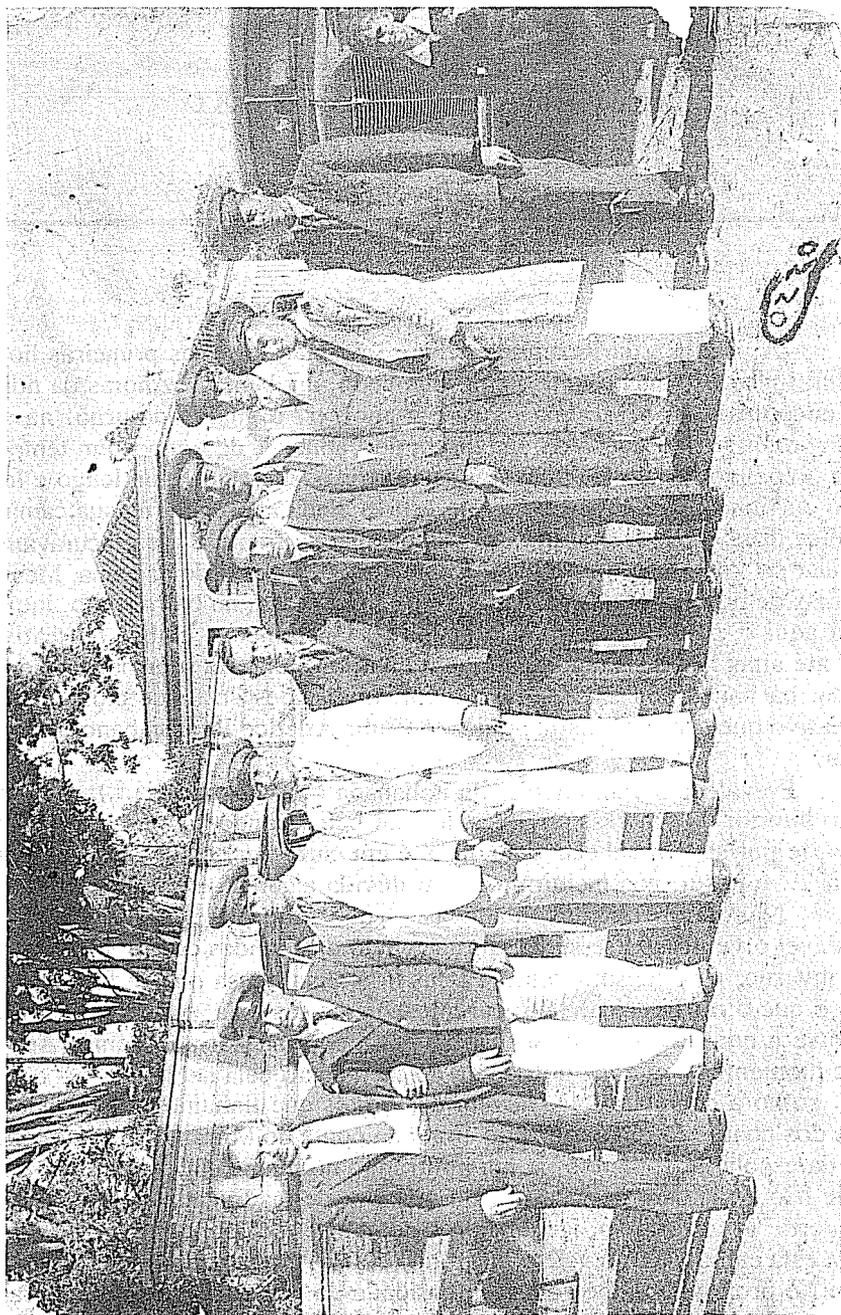
— É o novo!... o antigo, do “seo” Erpídio e dona Matirde... desapareceu!... este é do filho mais novo... o Jonas, irmão do meu amigo Jaime e da menina Ana Maria...

— Hum, hum... o chopinho tá bão!... mais “miór qui bão!...”

— Tá falando iguar a nós! Eh, Eh, Eh...

— Mas, e o “Bastiãozinho”?!

— Espera um pouco, que ele já vai “apontá” por aí!... Eh, Eh, Eh...



Músicos integrantes da Corporação Musical União Operária, em 28 de junho de 1941, defronte à Igreja Matriz "Imaculada Conceição".

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XI

A pacata Vila Rezende enchia-se de vida logo nas primeiras horas do dia, todos os dias do ano... e dormia cedo, também! Dez horas da noite, não encontra-se-ia viva alma na rua, a não ser, o guarda noturno, na sua ronda solitária. Por causa da sua tarefa de “apitar”, de tempos em tempos, tinha o apelido de “grilo”; bastava-nos ouvir o seu silvo... um longo e logo outro curtinho, para a meninada que estava ainda acordada (na sua cama! é claro) se dizia: “escuta o grilo!... tá passando aí na frente...”, e procurávamos conciliar no sono, logo, por saber que tínhamos de pular cedo da cama. Mesmo nos dias de hoje, a vida noturna continua sendo essa, no bairro todo, inexistindo aqui o costume de freqüentar bares, lanchonetes, clubes recreativos etc., até altas horas da madrugada, em quaisquer dias da semana. Evidentemente, há bailes nos clubes, ou melhor, nos salões do único clube social, recreativo que sempre existiu aqui — o Clube Atlético Piracicabano, honra e glória!

Prevalece o velho hábito da italianada (miscigenada, já...), que prefere o interior da sua casa ao invés de ficar bebericando na mesa de um bar, em parte por ser “munheca”, no duro, e em parte por gostar de curtir a sua “véia”... e nesta, nos incluímos, sem dúvida alguma!

Nas noites quentes, abafadas — que são, quase o ano todo —, é agradável o vento que se sente na rua, vindo das bandas do rio. Mas durante o inverno, esse mesmo vento é mais a neblina densa que se forma, pelo abraço que o rio Piracicaba dá, carinhosamente, na Vila, envolvendo-a toda como se a quisesse só para si, não anima a permanecer ao relento. Agora, neste momento, é que me dou conta do meu gosto pela neblina — a “cerração”, como a chamamos —, advém das noites que tinhamo-la apagando as luzes dos postes da rua e tomando conta da ponte do Mirante, e eu, voltando a pé da escola de comércio, ia me infiltrando no meio dela, batendo os dentes de frio e também de medo... ou quando, de madrugada, íamos ao Tiro de Guerra, atravessando, igualmente a pé, quase toda a extensão da cidade: a Vila está encravada no vale e na grande colina, circundados pelo “abraço” que o rio proporciona-lhe com a sinuosidade do seu curso, além da maravilhosa queda d’água, com a qual a ornamenta, privilegiadamente. Não é à toa que o vilarezendino se considera o mais autêntico filho de Piracicaba, por ter nascido no “ventre” do rio que dera o nome à cidade.

— Ué, ia pra cidade a pé?! Num tinha bonde, naquele tempo?!

— Tinha! o que não tinha, era dinheiro no meu bolso... ou você pensa que se andava de graça nos bondes?... nós, meninos pobres, íamos andando, correndo, pulando, empurrando uns aos outros, em constante brincadeira... rindo quando um levava um tropeção e se esparramava pelo chão ou se assustava com um inesperado latido de cachorro saído de uma das casas por onde passávamos fazendo algazarra.

— E ocêis tavam na Escola de Comércio?

— Na famosa “Academia” do Zanin!... estudando contabilidade. Quase todos os rapazes da Vila passaram por ela... o Euclides Ferrúcio Rizzolo, seus irmãos Antoninho, Sérgio e Flávio; Tite Gobbo, Tito Ducatti, Magagnatto, Guerino Trevisan, Cláudio Dezuó, Egydio Mauro; os meus primos José Roberto e Sérgio Caldari, Tarcísio Ângelo Mascarin, Reynardo Alleoni, Nelô (Manuel) Antonio (Issa) os irmãos Adhemar e Angelo Falcade, Idivam Spolidório; os irmãos Elídio e Antonio Galvani, José Corrente, Geraldo Bertini e tantos outros, que não dá pra citar “de cabeça”...

— Tarcísio Mascarin?!

— Meu colega de “carteira”...

— ?!

— É... é isso mesmo — “de carteira”!... Naquela velha escola, de tanta tradição, como uma respeitável instituição educacional — profissionalizante, as suas instalações físicas ficavam muito a dever, em matéria de conforto e de espaço, mesmo!... ocê precisava ver as salas de aula, improvisadas, que ela lançou mão, obrigada, quando se viu diante de um número maior de alunos... era o chamado “pulero” ou “galinheiro”!

— ?!... num entendi!

— Eu explico... tratava-se de umas salas que ficavam nos fundos do prédio da escola... deviam ter sido dependências de moradias daquele casario antigo que existia na Praça José Bonifácio, ao lado do Passarela, do Cine Politeama, do Cantarelli e do desaparecido Banco Comercial do Estado de São Paulo S.A....

— Num são do meu “tempo”!

— ... aqui pro ocê, ó!... e então, o professor Antônio Zanin, para não deixar aquela molecada sem escola, transformou as tais dependências em novas salas de aula... primeiro, segundo, terceiro e quarto anos básicos, ficavam nas piores salas, e, na medida que ia-se passando de ano, ganhava-se as salas melhores, que ficavam no andar de cima.

— Mas e o tal negócio de “carteira”?!

— Pois é, é o que ia explicar-lhes... as carteiras para os alunos, eram dessas que já nem existem mais... de dois lugares, tampo único, inclinado, e assento, também único, articulado, ferragens de ferro fundido, pesado... sentávamos sempre com um colega, lado a lado, como se dizia — com as bundas se esfregando, uma na outra!... o Tarcísio e eu, sentávamos juntos, na primeira carteira, perto da lousa.

— E “bunda-a-bunda”! Eh, Eh, Eh... gostei dessa! Eh, Eh, Eh...

— Óia, rapaiz, num “cunfunda” as coisas!...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XII

Tarde ensolarada... quente e boa para uma rodada de chopp... quer dizer, cerveja, pois chopp só em festa de casamento, de batizado ou por outro motivo qualquer, que sugerisse a encomenda de alguns barris de chopps... entretanto, seja cerveja ou seja chopp, desde que esteja gelado o louro e espumante líquido, não recusamos uns bons goles dessa insuperável bebida.

— Tá escutando?!

— Escutando o quê?!

— Um apito!... um silvo!...

— Sim, sim... eu ouvi.

— É ele... o Bastiãozinho!

Realmente, era ele mesmo. Vinha gingando e silvando o seu apito, como se fosse um menino que acabara de apossar-se de um desses apitos de juiz de futebol e todo alegre, põe-se a usá-lo com entusiasmo e alegria.

— Boa tarde, moçada!... Eh, Eh, Eh... tudo bão c'ocês?!

— Bão mesmo, Bastiãozinho, tá ocê!... Eh, Eh, Eh...

— Tudo bão! Tchau, que já vô indo!... e solta mais um silvo forte e ardido, bem na nossa "oreia"...

Um negro baixinho, forte, jovial, com uma cesta enorme de lâminas de bambu, trançadas, balançando-se na alça que o seu braço sustenta junto ao corpo, e por isso balançava para frente e para trás, acompanhando o gingado do corpo atarracado. Até aí, só o apito estaria chamando a atenção, mas não era só isto que o fazia ser uma figura folclórica na Vila... Tinha muito mais...

Bastiãozinho devia julgar-se um soldado, ou melhor ainda — um general!

— Ou um sargento!

— Bem... seria, para ele, general mesmo! afinal "sargento", na sua ingenuidade — era de fato ingênuo, cheio de pureza e de inocência — sargento significar-lhe-ia sinônimo de "general", e general vivia dando ordens e tudo comandando com um simples apito na boca... um silvo, dois silvos... cada sinal e som, ordenava uma coisa diferente... sem contestação.

— Soldado!

— Sim, senhor!

— O que você vê no seu peito?

— Medalhas, senhor!

— E o que significam-lhe elas, soldado?

— Bravura, senhor!

— Bastiãozinho... lembra o vilarezendino... devia pensar assim...

Vestia-se com uma velha farda de soldado, possivelmente de alguém, por uma mera casualidade, e porquê não, em momento crucial da sua vida, onde a dúvida existencial paira perigosamente, entre a realidade e a fantasia, entre a razão e a demência?

— O que você quer?... pergunta o homem, atendendo à porta.

— O senhor tem uma roupa velha, pra mim?!

— Um momento, tá?!... e o homem volta com aquela sua velha farda de Tiro de Guerra, da qual quisera, oportunamente, desfazer-se, por sentir-se ultrajado nas suas convicções patrióticas... — ... leva essa “merda”. tá!...”... e pronto!... o novo soldado estava “engajado” pro resto da vida!

— Menino, safado! que roupa é essa?! indaga-lhe a velha mãe negra, vendo o filho vestido na farda e tendo na mão esquerda, um reluzente apito...

— Sô sordado, mãe!...

— Sordado?! Vige Santa!

— ... é, mãe! Sô sordado!... e faz soar o apito, com toda a força dos seus pulmões sadios...

— É mesmo!!!!... exclama a preta ignorante, na sua santidade de mãe...

Daí pra frente, nem um batalhão de autênticos generais demoveriam-no do seu sonho concretizado na materialidade de uma velha farda e um brilhante apito!

Compreendam os leitores, que o Bastiãozinho vestia-se assim...

nos pés um velho sapato desbeichoado, com o couro solto em vários pontos do solado, também furado; nas pernas, duas polainas moldadas nas suas próprias pernas fortes, juvenis, coisa que provocava a ruptura de vários ilhós, mostrando que a força dos músculos juvenis são capazes de romperem com tudo... recobrando as pernas e os quadris, uma calça bastante justa; nos restante do tronco e braços... a gandula... peito espremido... cintura apertada... por ser o “defunto-patriota” maior que o “vivo-iludido” a gandula descia-lhe solta, cobrindo as coxas. chegando-lhe até os joelhos... claro que, da linha da cintura para baixo, os botões desapareceram de tanto uso... na cabeça, o quepe... sem o emblema da corporação... no seu lugar, o tampo metálico de uma garrafa, polido ao extremo... reluzente, portanto.

Soldado, ele se considerava...

Um general, só por ter um apito.

E o fazia soar

Contrito.

E eu?!

Silenciosamente.

Restrito...

Pensava...

Como se soldado fosse
E ele, soldado era
E eu, como se soldado, sonhava ...

Como se soldado fosse.

— Bastião!

— Sim, comandante!

— Vamos marchar!

— Imediatamente, senhor!... e usava forte, o seu apito...

Marchando, gingando, as suas medalhas, no peito empombado, ti-
lintavam...

Soldado!... quantos, de nós?! sonhavam como se soldados fos-
sem?... soldados!... cobertos de glória!... medalhas no peito... soldados!...
feridas abertas... cobertas pelos sonhos.

O Bastiãozinho enchia o peito de medalhas, de todos os tipos —
simples medalhinhas de santos, dessas de alumínio estampado; de premiação
de competições esportivas; de metal barato; de tampinhas de garrafas, amas-
sadas e furadas em um ponto para serem amarradas a um pedaço de barban-
te —, acabaram sendo, para ele, motivo de orgulho e prazer, como se repre-
sentassem condecorações honrosas, recebidas durante a sua brilhante carrei-
ra militar.

— É isso aí!... gostou?!

— Bonito!... vou até lhe pagar um chopinho!...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XIII

— Chopps... cerveja... ah, como essas gostosas bebidas me fazem lembrar do meu saudoso pai!...

— Ele gostava de cerveja?!

— E como bebia-as! às dúzias... quando se reunia com os amigos nos bares do Papini e dona Mariquinha, sua prima... depois, aqui neste, do Elpidio Grisotto.

— Dúzias?!

— Sim. dúzias!... iam empilhando as garrafas no canto da mesa e depois contavam-nas, para pagar a conta; cada companheiro arcava com a sua parte. em igualdade com os demais, independente das suas posses.

— Como era o senhor, seu pai?

— Um italianão forte como um touro!... quase, dois metros de altura por outros dois metros de largura!

— Hein?!... isso é um “guarda-roupa”, não um homem!

— Isso mesmo!

— Mas você é um magrela!... seu pijama deve ser daqueles de duas listras!... uma na frente e outra atrás!... Eh, Eh, Eh...

— É... mas, o do meu pai, tinha listras que não acabavam mais!... um homem extremamente forte, representante autêntico dos vigorosos homens italianos... Seus pais, meus avós, era italianos de nascimento, que vieram para o Brasil atraídos pela notícia de aqui, na “América”, o dinheiro nascia nas árvores!... coitados... o que receberam, logo no pé da escada do navio, no porto de Santos, foram enxadas!... curtiram os “cabos de enxadas” o resto de suas vidas... nem chegaram a ver “a árvore de dinheiro”!

— Você disse “América”?!

— Sim. O Brasil, para eles, era a “América”... assim eu ouvia a minha nona dizer, sempre. Mas, como estava-lhe dizendo, o meu pai era um colosso, fisicamente, e não menos, de coração. Interessante, esse fato, de encontrarmos nos homens dotados de uma tremenda força física, uma bondade sem limites nos seus corações!... passam a ser dóceis e incapazes de qualquer mal à alguém. Agora, os magros, como eu, são o oposto... são briguentos e capazes de cometerem os maiores desatinos. Não ocorria nunca isso com o meu pai.

— Ele era estudado? Tinha algum diploma superior?

— Superior, só a bondade... de escola, mesmo. sequer o diploma do primário conseguira obter!... depois do terceiro ano da escola primária. foi parar, definitivamente, na roça... trocou o lápis e o caderno, por uma enxada e uma parrelha de burros à puxar um arado!

— Acorda, menino! tá na hora!...

— Aí, mãe, tá frio!

— Frio nada!... frio faiz lá na Itália!... lá é que faiz frio...

— Aí, mãe, deixa ficá mais um pouquinho!...

— Vamo, vamo... vai levantando! suas irmãs já tão lá fora!...

— Já?... coitadinhas! porque a senhora não me avisou antes?!... e dito isto, já tava metade vestido e tomando um gole de café... outro gole e estava abraçando as meninas meio escondidas pela densa cerração da madrugada fria do inverno piracicabano...

— Tchau, mãe!

— Tchau, filhos!... cuidado com as cobras!

— Ha, ha, ha,... riam as crianças, mostrando os cabos de enxadas — suas armas infalíveis contra as cobras... jararacas, urutus, coral, cascá-vel, dentre as tantãs que havia ali, no sítio.

— Ôa, burro véio! vamo mais devagar!... vamo, vamo seu malandro... força! Upa. upa!...

— Resslerer, num vá matá o pobrezinho!... interviam as irmãzinhas, com pena do burro...

— E vieram morar na cidade?

— Sim... vieram pra Vila... durante a “grande guerra”, ou melhor, antes um pouco de eclodir a segunda guerra mundial... e daqui nunca mais saíram, a não ser, depois de mortos... infelizmente!

— E o seu pai, o que fazia, na cidade?

— É outra “estória” longa... vou ver se a encurto, pra num aborrecer muito a senhorita...

— Não se preocupe, não... há sempre um chopinho e esse queijinho “gorgonzola”... uma delícia!...

— ... primeiro, trabalhou no Engenho Central, depois, na General Electric...

— ?! General Electric?!... uma multinacional?!...

— Uma “senhora” multinacional, em Piracicaba! não apenas, uma “multinacional”... dessas que nada vê além do lucro!... tinha a visão do futuro, aliás, uma característica do verdadeiro empresário, do homem que faz do seu empreendimento um marco na história da sua vida e do meio em que se insere... aqui, em Piracicaba... e porque não enfatizarmos?!... na Vila Rezende!... tivemos MÁRIO DEDINI, BARÃO DE REZENDE, e da “banda de lá” do rio, o SUD MENNUCCI... e não vamos nos esquecer de um FORTUNATO LOSSO NETO!...

— Você “abandonou” o seu pai!...

— Coitado! Sou mesmo, um ingrato!... ele trabalhou nessa empresa, que respondia pelo serviço de água e esgoto, energia elétrica e... dos bondes! Ah, os bondes, os bondes!...

— Desculpe-me, sim!... você falou em bonde... tenho que “pegar” o meu, senão fico “pra titia”! Tchau!... continuamos depois?!

— Tchau! Eh, Eh, Eh... “titia“, Eh, Eh, Eh... o seu “bonde” tá meio véio. heim!?... Eh, Eh, Eh...!

— Velho, velho... não!... tá meio “sofrido”... tchau, mesmo!...

— Tchau!... ô Jonas, me vê mais um chopinho... e a conta!...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XIV

Sonhei que ganhara na Sena, sozinho!... e tava acumulada!... tava rico, podre de rico!...

Um sonho sem dúvida!

Uma vez acordado, vi-me pobre... como na realidade, nunca deixei de sê-lo... e sumamente feliz, por não ter passado de um sonho e por continuar sendo aquilo que eu sempre fora... um pobre, e cidadão da Vila, Assim, não tinha que mudar nada na minha vidinha rotineira... trabalhar, todos os dias, almoçar na companhia dos meus filhos e querida esposa, todos os dias; lavar a louça, enquanto o almoço não fica pronto e todas as “crianças” não chegam, todos os dias; tardezinha, comprar leite e pão, na “Kipão”, todos os dias; passar na Verinha, dar um beijão nela e nas mais lindas meninazinhas do Universo, a Camilinha e a Luizinha, todos os dias!...

— Vô, e o meu chiclets?!

— Tá no meu bolso, ô Camila!... e o meu beijo?!

— Tá no bolso! Ha, ha, ha...

— Camila!... repreende-lhe a jovem mamãe, enquanto banha a Luíza, que por sua vez, está impaciente, por querer o seu jantar...

— Sabe, Véra? eu sonhei que tinha ganho na Sena... sozinho!

— O senhor o quê?!

— Que ganhara na Sena!... grito-lhe, devido ao barulho do chuvei... ro...

— Sonhou!?!

— É, mais foi só um sonho!...

— Ah, vá, vá!... eu pensando que era verdade!... Ha, Ha, Ha...

— Tem café, o senhor não quer um pouquinho?!...

— Toma, Vô! tá gostoso!...

— Obrigado queridinha... eu vô tomar!...

Sonhos, ilusões, realidade...

De tudo, um pouco,

De pouco, se tem muito...

E assim vamos curtindo a vida

E como já dizia,

O “treze”, eu não “curto”!...

Eu o “encurto”!...

— Êpa! essa não é o treze!... também, com o “apito” do Bastiãozinho, minha cabeça “pirou”!... Eh, eh, eh... Vamos pôr “XV”!... não “aquele”, de Novembro! ô, meu, eu sô “atleticano”!...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XV

Vilarezendino não quer nem ouvir falar em mudança de nome do seu bairro e, se alguém insistir em discutir a idéia, corre o risco de estar comprando briga, com o pessoal todo, daqui.

— Mas isto aqui é uma “verdadeira cidade”, sô! Veja o seu tamanho... a quantidade de casas, de indústrias, de estabelecimentos comerciais, de escolas... igrejas, hospital, médicos... e sua enorme população!

— “Vilarezendina” e piracicabana, da gema!

— Mas, porquê esse “bairrismo”?!

— Isto está no nosso sangue! São as nossas raízes que nos levam à preservação das tradições históricas... “Vila” é o seu nome e não um qualificativo a indicar o seu porte ou a sua condição político-administrativa... e a Vila é piracicabana!... Imagine só, querê-la “emancipada”?!... uns idiotas, isto é o que são esses “emancipadores”!

— Você sabia que Piracicaba nasceu na margem direita do rio?... aqui, na Vila!

— É mesmo?!... poxa, eu não sabia disso!

Para tristeza nossa, quase tudo que significava a história da Vila, portanto, da própria Piracicaba, está praticamente destruída, irremediavelmente perdida, para sempre. Somos, de fato, um povo sem memória... que faz do passado, uma página virada, ou melhor, uma página arrancada e deteriorizada... as poderosas máquinas do “progresso” põe tudo abaixo, abrindo caminho para outras edificações, outras obras e até mesmo, para nada se fazer no lugar... são “vazios” que se criam, incoerentemente, na nossa tradição histórica e, conseqüentemente, destruindo a própria história.

Esta série de pequenas crônicas, como já dissera, não pretende ser um “documento histórico” e sim, ser uma pequena contribuição de um vilarezendino saudosista que, não tendo nada para oferecer de material, à sua comunidade, oferece aquilo que está disponível na sua mente, ou seja, a sua “memória”.

Memória da Vila.

Um passeio inconseqüente, pelas avenidas largas da Vila, e como não poderia deixar de acontecer, “escorregar” pelas ruelas que nos conduziriam a lugares tão queridos... revendo pessoas amáveis e até as “encardidas”, como nós mesmo...

Ermida da Nossa Senhora dos Prazeres... lagoa das terras do

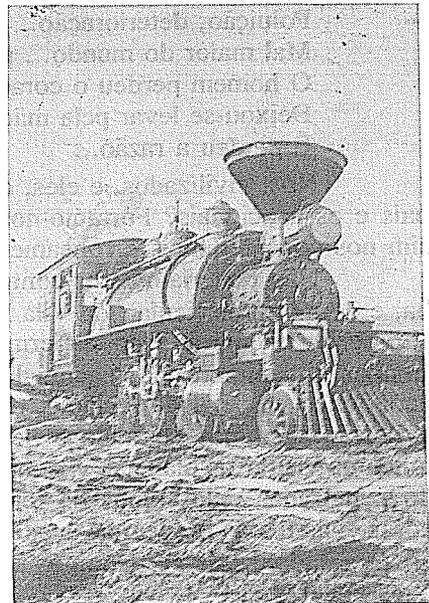
senhor Barão de Rezende... Engenho Central... Igreja Matriz da Imaculada Conceição... Quanta coisa se perdera, em boa parte, por culpa dos cidadãos, que se omitiram diante dos desatinos das autoridades municipais, dos proprietários dos imóveis... Cada um de nós tem uma parcela de responsabilidade, às gerações futuras, no tocante ao passado e ao presente da vida da nossa cidade, que precisam ser preservados nas suas partes materiais, e registrados os fatos abstratos, principalmente estes, que desaparecem com extrema velocidade.

Os antigos moradores da Vila.

O tempo, inexoravelmente, vai levando um a um, para junto ao Pai, restando deles, apenas a saudade... e esta, infelizmente, também... se inexisterem os escritos.

“As palavras se perdem... os escritos podem chegar à eternidade...”

[The following text is a dense, mirrored block of characters and symbols, appearing to be a corrupted or mirrored version of the text above. It contains many illegible characters and symbols, including what looks like a mix of letters, numbers, and special characters, arranged in a way that is difficult to decipher. It appears to be a form of digital corruption or a specific encoding error.]



**Locomotivas da Societè de Sucreries
Brèsiliennes, Engenho Central.**

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XVI

Terras do Engenho.

O desenvolvimento urbano ocorrido aqui, como em quaisquer outros lugares deste gigantesco País, se fez pecando contra a Natureza e contra a memória histórica de Piracicaba. Terras, até então, utilizadas para produzir alimentos e para manter equilibradas a fauna e a flora, passaram a ser exploradas como potenciais geradoras de riquezas financeiras, de rápida realização, originando a especulação imobiliária. Loteamentos se fizeram e se fazem, ainda hoje, sem se atentar aos valores históricos que continham e contém essas áreas visadas; como disse, essa atitude não é privilégio do piracicabano... a encontraremos por toda parte, nas grandes e nas pequenas cidades brasileiras... somos, indistintamente, notáveis predadores e insensíveis cultuadores das coisas que só dizem respeito ao lucro fácil e imediato. Assim, vamos destruindo aquilo que fora construído no passado, seja pela mão do homem, seja pelo demorado processo natural da mutação física.

Poluição... ambiental e moral.

Água, ar, terra e mar.

Poluição, deterioração... material e intelectual.

Mal maior do mundo... poluição

O homem perdeu o coração

Deixou-se levar pela mão

E perdeu a razão...

Nós, civilizados, e eles, os índios, selvagens... quais são os racionais e os irracionais? Furtamo-nos da comparação... inteligentemente! Assim nos consideramos, erroneamente.

Não poderíamos ser contrários ao crescimento urbano de Piracicaba, e de modo particular, da Vila Rezende, da nossa querida "vila", propósito desta "memória", por sabermos ser ele necessário, indispensável, para atender o aumento populacional natural e oriundo do desenvolvimento econômico e social da região. Crescimento, desenvolvimento, progresso... evolução. Estamos beirando o Século XXI... o homem já pisou na Lua e tenciona visitar os planetas vizinhos... as profundezas dos oceanos vão sendo penetradas pelos olhos da televisão e mostrados os seus mistérios, a cores... as matas perdem as suas virgindades e vão sendo prostituídas... os ares, coitados!... já perderam as suas purezas, e os seus domínios, não são mais angelicais...

Poluição.

Visual... sonora... atmosférica... fluvial... marítima... terrena,
completa, e.... moral!

O homem se deteriora... infelizmente, mas não totalmente!

Há salvação.

Não há problema sem solução.

Desde que não advenha-lhe,

A morte...

Até lá,

Há solução

E Vida...

Terras do Engenho...

Precisamos, urgentemente, preservar a área compreendida pela faixa de terra da Ponte do Morato até a Ponte do Mirante, e, desta até o novo Shopping Center Piracicaba. Não podemos, de maneira alguma, deixar que essa área de terra seja tomada pela urbanização, ou melhor, pela “exploração ou especulação imobiliária”! É um patrimônio histórico de Piracicaba! Nesse trecho, estão as “raízes” da história da cidade... é bom que os piracicabanos e os “não piracicabanos” se dêem conta disso e colaborem na manutenção desse patrimônio intocável, para o bem da nossa memória histórica.

Deram ao trecho da nova avenida, um nome que os filhos da Vila, não queriam... e nem foram ouvidos! Um ilustre nome, sem dúvida, mas, “caro”, aos mineiros, não aos “vilarezinhos”... Êta mania de se prestigiar aquilo que não é nosso, sô! Próprio de “bananas”!

— Ocê tá brabo!

— I num é pra tá?! São uns “bosta-mole”!

— Diarréia, ocê qué dizê, né?! Eh, Eh, Eh... gosto de vê quando ocê fica brabo! Eh, Eh, Eh...

— Tchau!... vô dormir!

— Durma bem!... amanhã é outro dia, e o Sol brilhará!... Tchau!...

A noite estava fria, e do Salto, subia uma neblina...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XVII

- Papai, mais como tô cô corpo ruim! Dói por tudo!
- Vá benzê quebrante!... eu tava assim, onte... hoje tô bão!
- Vô mesmo!... Tchau!
- Tchau!...

Encomendado o benzimento, a resposta não tardou:— “As brasas desapareceram no fundo do copo!... “ou então, “O óleo mal caía n’água e se desfazia!...”. E não é que a dor de corpo se fora!?... o benzimento vale, no duro! Melhor de corpo, excelente se estará de espírito... assim me sentindo, novo ânimo se assenhora do meu ser, impulsionando-me à frente... poxa, que ótimo raciocínio, assim não preciso tomar remédio, coisa que detesto e só faço se obrigado, caso contrário, sou capaz de curtir os pequenos males, dias a fio, sem reclamar e sem importunar ninguém... ajusto o passo para chegar logo à padaria para apanhar o leite e o pão, com receio de vê-los acabados, e se isto ocorresse, teria que caminhar mais um bocado até a outra e assim mesmo sem a certeza de encontrá-los... enquanto caminho, vou pensando em uma porção de coisas, desde as banais até as mais importantes, pelo menos, elas, para mim, tinham esse significado... era quase noite, já... assim que chegasse em casa, com o leite e o pão, só teria alguns minutos para o banho, dar um beijo na esposa e nas meninas e sair correndo para apanhar o bonde que me levaria até às proximidades da escola... mais quatro horas de aula, aí então, poderia voltar pra casa e descansar... nesse momento, aqueles pensamentos recomençariam o seu bailado dentro da minha cabeça até estar mergulhado no sono... alguns danados, conseguiam se infiltrar e tomar conta dos meus sonhos.

Se temos saudade do passado, o que é natural em qualquer circunstância que vivamos hoje... ricos e pobres, com saúde ou doentes, felizes ou infelizes, aposentados ou trabalhando duro, na companhia daqueles que amamos ou sozinhos e solitários... é bem verdade que, no passado, também encontramos situações nada agradáveis ou confortáveis, vividas por nós, sobre as quais não gostamos nem de recordar como coisas já passadas e finidas... essas lembranças nos reabrem feridas, que voltam a sangrar e a doer... então, preferiríamos esquecê-las de vez... mas, não as esquecemos, infelizmente.

Cicatrizes... pontos sensíveis... marcas indeléveis, gravadas no nosso ser...

- Qué qui eu benza ocê?!
- ?!
- Te benzo e te curo... Eh, Eh, Eh...
- Seu boca suja!...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XVIII

Resgatar do passado, quase perdido, a memória de um grande cidadão, tem as suas dificuldades, como tarefa, mas por outro lado, nos proporciona prazer, alegria e uma boa dose de otimismo, quanto ao momento presente e, em especial, quanto ao futuro que está, inegavelmente, reservado a este nosso querido Brasil. Revendo os passos de uma personalidade desaparecida há oitenta anos, aqui, nesta nossa Vila Rezende, no coração geográfico de Piracicaba, sentimos-nos tomados de um sentimento profundo de amor à Pátria, à família e à Piracicaba... é como se estivéssemos de volta aos bancos da nossa escola primária e recebendo os primeiros ensinamentos cívicos e morais...

— Menino, escuta direitinho pra você aprender... é importante! A voz da professora parece-nos soar ainda nos nossos ouvidos... assim, como nos ardem as orelhas pelas suas “mais convencedoras” aulas...

— Senhor diretor! Esses meninos estão de castigo... por saltarem a janela da sala!

— Saltarem a janela da sala!?!

— Isso mesmo, “seo” Leontino!

— Seus safados!... vão ficar sem o recreio e estudando este livro da História do Brasil, in-tei-ri-nho!...

— Sim, “seo” Leontino... nós fica estudando...

— “Nóis fica”, “nóis fica”, ainda mais essa, agora!... oh, minha pobre portuguesa!

— A dona Vergínia, “seo” Leontino?!

— Chega!... senão eu acabo “esfolando” ocêis!

No dia 11 de agosto de 1909, às 23:00 horas, falecia o senhor doutor Estevam Ribeiro de Sousa Rezende, Barão de Rezende... Apanho os recortes de jornais, da época, com a notícia, e ao invés de me ater ao triste, me desvio e vago pelo o que de bom vejo contido nos amarelecidos escritos...

Dr. Victor Godinho... O Estado de São Paulo... deve ser de 20 ou 21 de julho de 1907.. escreveu:

“Há cinco anos que dona Lydia de Rezende resolveu fundar em Piracicaba, um sanatório para tuberculosos pobres, denominando-o Sanatório de São Luiz.

Muitos poucos são os que podem fazer uma idéia exata da soma de sacrifícios que a fundadora do Sanatório São Luiz tem feito em favor do seu

ideal e poucos avaliam a energia que ela tem manifestado durante esse longo tempo.

Sabe, porém, a população de Piracicaba e sabem muitas pessoas desta cidade que têm acudido ao apelo de D. Lydia de Rezende, organizando festas de beneficência e favor das obras do sanatório, que o seu esforço é ininterrupto como ininterrupto tem sido o prosseguimento das obras. Também sei eu que tenho acompanhado com sumo interesse a fundação do Sanatório São Luiz, do qual já me ocupei nestas colunas e sei ainda porque também costumo desenvolver o mesmo ardor e o mesmo entusiasmo pelos projetos que faço e que um a um vou realizando.

Agora, por exemplo, a minha preocupação dominante, quase exclusiva, é realizar em São Paulo, com todo o esplendor a que esta cidade tem direito, o Sexto Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, de que sou um dos promotores por gentileza dos colegas do Rio de Janeiro. É esta quase uma idéia fixa, que me absorve e empolga e em favor da qual despendo toda a energia de que a minha fraqueza é capaz. E no entanto, eu não realizo um ideal meu; procuro apenas desempenhar-me de incumbência honrosa.

Suponho-me, pois, em condições de bem ajuizar do estado psicológico de dona Lydia de Rezende que vai realizando um ideal que é seu, exclusivamente seu, e que tem todo o vigor de um coração feminino bem formado, para lhe ceder ardor e entusiasmo.

O braço forte que tem amparado a construção do Sanatório São Luiz é o do exmo. Sr. Barão de Rezende. Já velho e pai extremoso v. excia. alenta com amor paterno e auxilia com experiência e critério a obra de beneficência empreendida por D. Lydia de Rezende, e que lhe mitiga as saudades de um filho que já não existe. Foi ele quem cedeu dentro de sua própria fazenda o terreno em que o sanatório se levanta; foi o influxo do seu nome, respeitado e querido, e pela atração irresistível de suas solicitações simpáticas que os materiais de construção de toda a espécie surgiram de todos os lados, remetidos por vizinhos, parentes e amigos. Por último, foi ele quem dirigiu pessoalmente o levantamento das construções beneméritas, que queira ou não... há de immortalizar os nomes dos dois filhos e o seu próprio.

O tempo incumbir-se-á de demonstrar que a cidade de Piracicaba e o Estado de São Paulo hão de desvanecer-se um dia do empreendimento que D. Lydia e exmo. Sr. Barão de Rezende vão encaminhando a bom termo, porque o Sanatório de São Luiz é o primeiro estabelecimento desse gênero levantado em território brasileiro.

Quando no meio das obras escasseavam os recursos, D. Lydia, sempre solícita, organizava festas infantis, diversões sociais e pelo produto das entradas colhia o indispensável concurso da beneficência pública.

A construção do Sanatório está concluída e aproxima-se o dia de sua instalação definitiva.

Está situado a dois quilômetros e meio da cidade de Piracicaba, numa altitude de 517 metros acima do nível do mar, em sítio muito aprazível e abrigado do vento sul.

Cercado de mata virgem por três dos seus lados, o que aumenta o

abrigo contra o vento frio, o Sanatório São Luiz é circundado por um jardim, servindo o bosque vizinho de galeria de cura ao ar livre. A galeria de cura do edifício, em forma de semicírculo, é um vasto salão envidraçado em que sobra o ar e penetra a luz com abundância. Na parte central a galeria é orientada a 30º NE, a da ala das mulheres a 15º NO e a dos homens a E. A extensão total dessa vasta galeria de cura é de 71 metros de comprimento sobre 6 de largura.

O refeitório, claro e bem arejado, mede 14 metros sobre 8, tendo 9 janelas e 4 portas, das quais 2 dão para as dependências da cozinha e administração e uma dá saída para o pomar.

A água fornecida aos doentes do Sanatório é oriunda das próprias matas que o cercam; de nascente, pois, é a melhor da cidade. Aos fundos da galeria de cura ficará os quartos destinados aos doentes, em número de 16, 8 para cada lado. Cada um deles comporta 2 enfermos. Como um dos quartos será aproveitado para consultório e outro para as enfermeiras, segue-se que o Sanatório de São Luiz, que se vai inaugurar, tem atualmente, capacidade para receber 28 doentes. As construções, porém, estão feitas de tal modo que a galeria de cura e quartos podem ser prolongados, abrigoando neste caso, 50 doentes.

A área total ocupada pelo Sanatório é de 1204 metros quadrados. Os quartos dos doentes tem 90 metros cúbicos de capacidade.

Do salão de cura pelo repouso goza-se uma vista esplendorosa. Logo abaixo do Sanatório há um pequeno vale e depois dele, na encosta fronteira, ficam soberbas plantações de cana do Engenho Central. Mais acima avista-se uma colônia de trabalhadores rurais, italianos, sadios, que, como cigarras, enchem os ares das suas alegres cantorias; mais distante, à esquerda, vê-se o rio Piracicaba, que vai fertilizando aquelas terras, já de si tão férteis porque são roxas, e que corre sinuosamente, embora encachoeirado, como que se preparando para se precipitar no belo Salto junto da cidade. Mais além, enxerga-se a serra de São Pedro limitando o horizonte.

Ainda para não deixar que a perspectiva se torne monotona, de quando em vez se ouve o silvo da locomotiva e vê-se passar o camboio na encosta fronteira a 400 metros mais ou menos do Sanatório e em direção à vila de São Pedro.

É uma descrição ligeira que dá apenas uma idéia pálida do que é o Sanatório de São Luiz, esse refúgio benemérito em que os tuberculosos pobres encontrarão um conforto com que nunca sonharam, esse retiro higiênico em que os tísicos respirando uma atmosfera embalsamada pelo bosque em que canta a passarada alegre e recebendo os afagos de uma natureza risonha hão de recuperar a sua única riqueza, que é a saúde que julgavam perdida.

As obras estão concluídas. Falta apenas completar a mobiliação para que seja definitivamente instalado o Sanatório e possa receber os doentes.

Fiel ao seu programa de lutadora incansável, Dona Lydiá de Rezen-de organizou para amanhã no Parque Antártica, uma festa popular de bene-

ficência que em troca da pequena espórtula do ingresso proporcionará dois prazeres aos que a ela assistirem: o da diversão e da beneficência.

Esta pequena notícia sobre o Sanatório de São Luiz, nesta ocasião, não tem outro intuito mais do que realçar o esforço ingente de D. Lydiá de Rezende e fazer um apelo ao público paulista, solicitando a sua presença na bela festa de amanhã, cujo produto vai alentar as esperanças de muitos desanimados e restituir a saúde dos tuberculosos curáveis, que são pelo menos quarenta por cento dos doentes.

— Bonito, não?!

— Lindo! Uma coisa dessa, no princípio do século... aqui, logo aqui!

— O primeiro estabelecimento do gênero, no Brasil, e na Vila!

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XIX

1874.. a Ponte do Mirantê se tornou uma realidade. ligando a Vila à cidade, acima do Salto...

1886... D. Pedro II, acompanhado da princesa imperial, Isabel, e do seu esposo o conde d'Eu visitam o Barão de Rezende, hospedando-se na sua casa.

1881... é organizada uma companhia para instalar o Engenho Central de Piracicaba... o Barão de Rezende é nomeado para gerenciá-la; liquidada, ele propõe e assume a sua propriedade; em 1891, enfermo, se vê compelido a desfazer-se do Engenho.

1917... Vila Rezende é elevada a Distrito de Paz. Piracicaba recebe a instalação da Caixa Econômica Estadual e do Tiro de Guerra... tem, nesta época, 3584 prédios, 298 sobrados, 27.981 habitantes, sendo 14.280 homens e 13.701 mulheres, e, 1.845 eleitores da comarca.

— Ocê tá falando de “memória”?!

— Tô, tá tudo gravado aqui, ó, na cachola!...

— Tá nada!... óia ocê cum livrinho escondido aí, debaixo desse jornal!... safado!

— Eh, Eh, Eh... é um livrinho em quadrinhos... deve ser de autoria do Guilherme Vitti!... é um xerox e está faltando folhas... não há o nome do seu autor, uma pena!

— Livrinho?!

— É... vinte páginas... e lembrando o comendador Luciano Guidotti, deve ter sido publicado em comemoração ao “segundo bicentenário de Piracicaba”...

— Êpa! “segundo” bicentenário?! Eh, Eh, Eh... ocê tá é loco!

— Eh, Eh, Eh... “essa”, do “seo” Luciano, eu o ouvi falar, solenemente, na festa de formatura da minha turma de Economia, na Unimep, da qual ele era o paraninfo, como prefeito, no Segundo Centenário de Piracicaba...

— Ele era mesmo um “home despachado”! Mas ocê sabe que é de homens assim, como ele era, sem papas na língua, que precisamos para levar este País pra frente!

— Pois é. Ficam esses políticos de hoje, cheios de frescuras, mais preocupados com as suas “vagas” nas academias de letras e com o dinheiro nos seus bolsos e acabam não fazendo nada de bom.

— É uma pena, mesmo... e pior, eles “acabam” com a esperança do povo!...

— A gente fica pensando, pensando... olhando o passado, o presente... o futuro... e acabamos com uma imensa saudade do nosso tempo de infância... ah, como era gostosa a Vila!... um longo suspiro, desses que enche os pulmões e parecem até que nos fazem mais leves, põe um ponto final na nossa conversa... o meu amigo retoma o seu caminho, de volta ao seu trabalho, e eu aproveito-o para dar um recado a um outro amigo: — “Veja se o Mané me arranjou as fotografias!...” e ele se vai, prometendo cobrar o dano do Mané... nisso, vejo sobre a minha mesa um papel dobrado, cuja forma me é familiar, embora não visse um semelhante há tempos; era-me familiar o papel dobrado, em forma de envelope... apanho-o e leio-o: “Ilmo. Sr. Pedro Caldari e família... Ao c de... Neuza... Nesta “... ah, já sei do que se trata!... é um convite... um convite do Padre Jorge Simão Miguel Pároco da Vila... é mês de maio, não é?! então, é o tradicional “convite do mês de Maria”...

... nesse mês, a paróquia da Vila se engalana toda, para festejar, o mês inteiro, a sua padroeira, a Imaculada Conceição... a Nossa Senhora... a Maria... a Mãe de Jesus Cristo, Maio, mês consagrado a Nossa Senhora, na Paróquia da Igreja Matriz da Vila Rezende é inteiramente dedicado às homenagens solenes dos fiéis àquela que é um exemplo de amor e de devoção a Deus, há vinte séculos.

Monsenhor Jorge conserva intacta a tradição local — convite formal às famílias para comparecerem nos dias a que estão escaladas; recitação do Terço de Nossa Senhora; entrada solene dos paraninfos (convidados, que citamos), em procissão, para as ofertas de flores, velas e donativos a Nossa Senhora; Missa Solene; agradecimentos, Consagração à Maria e Benção de Nossa Senhora... Não faltam as meninas vestidas de anjos, o andor todo enfeitado de flores, os coroinhas, as bandejas com os óbolos e com os pedidos à Maria...

— Este convite, eu não posso esquecer! Vou anotá-lo aqui...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XX

A Clara Bertini namorava o Nelson Barbosa, que trabalhava na farmácia do meu tio, cujo prédio, vizinho da casa da minha nona, era de propriedade do pai da Clara.

Clara era amiga da Aparecida, desde os primeiros anos de infância, ali na Rui Barbosa... e amigas da Wilma Martins, das irmãs gêmeas Ana e Amália Coletto, das irmãs Diva e Lúcia Pinto Fonseca, da Antonia Bróio, da Gema Bertini, da Damir Grisotto, das irmãs Teresinha e Lúcia Paiva, da Ada Dezuó, da Leny Carraro, da Nice Braião, da Paula Coletto, da Lília Schievano, da Ivete Pinazza, das irmãs Shirley, Roselis, Suely e da prima Marilene Perissinotto, da Marilene Paulino... bem, já passamos para fora da avenida Rui Barbosa, mas não faz mal, eram essas meninas, todas de um raio não maior de duzentos metros, e afinal, a amizade não elimina qualquer distância?!... e amizade, entre elas, é que não faltava, mesmo quando “brigadas”!

Entretanto, sempre há dentre os grupos de amigas, aquelas que são mais amigas uma das outras, estabelecendo entre si, a intimidade seguida da confidencialidade fraternal... nesta fase iam encontrar a Aparecida e a Clara, justamente quando estava eu interessadíssimo naquela moreninha de cabelos longos... a Cidinha Everaldo ou seja, a senhorita Aparecida, amiguíssima da Clarinha!

— Clara, você precisa falar com ela!

— Eu, não! você que se vire sozinho!

— Mas, Clara!... tenha dó de mim!...

— Nem um pouquinho! Não tô nem aí c'ocê! Dizia e ria, divertindo-se da minha paixão pela sua amiguinha...

— Eu pego ocê! Vô contá pro seu irmão que ocê tá namorando o Nerso!

— Nem te ligo! Pode contá!...

— Mardita!... Mas de tanto insistir-lhe, ela acabava por contar à sua amiga Cidinha, detalhe por detalhe, toda a minha conversa, acrescentando certamento, algo mais a meu favor... para a minha felicidade. Assim iam transcorrendo os dias, aumentando a minha ansiedade, e angústia, por não ver progredir o meu intento de estabelecer o namoro. Dia após dia, lhe perguntava.

— Clara, você falou?!

— Falei...

— E daí?!

— Nada!... ela não quer saber de você!...

— Clara...

— Porquê, ao inves de viver me enchendo, todo dia, ocê num fala logo com ela?!... Poxa, vem falar comigo!... fale é com ela! Dessa vez, ela tinha o tom de brava e aborrecia, com toda razão, pois já devia estar cheia de me ouvir falar, falar e nada fazer... aí então, eu me resolvi: vou falar com essa menina topetuda e pronto!

— Oi... como está você?!

— Oi... até que enfim, não!? Já tava cansada de esperar você resolver-se!...

— ?!

— É isso mesmo!... Pelo seu sorriso, vi o quanto estava marcando bobeira, por não tê-la procurado antes... ficara um tempo demasiado longo, cheio de angústia e de preocupações à toa... ela esperava-me! Pareceu-me fácil demais, para que o nosso primeiro encontro, estivesse se transcorrendo com tanta cordialidade, como se não se tratasse de um primeiro encontro de namorados... parecia-me mais um sonho, e temia que fosse mesmo... quando acordasse, tudo teria desaparecido e eu estaria de volta à realidade, para continuar a perseguir um velho sonho...

— Eu não estou acreditando!... Diga-me que é verdade, que não estou sonhando!...

— Sonhando?... Verdade?... é claro que é verdade!

Daquele momento em diante — era o dia 30 de junho de 1956 —, não deixaríamos-nos mais de nos encontrarmos pelo resto de nossas vidas, graças a Deus... Trinta dias depois, comemoramos, juntos, o seu aniversário, a avançada idade de quinze anos!... e eu, então, com dezessete, incompletos... quatro anos depois, casávamos, e a partir daí, multiplicamos as nossas datas festivas sem, e nem pretender, parar...

— Vamos mudar de casa... comunico-lhe, certo dia.

— Vamos?!... e lá, passa trem?!

Diante de tal resposta, compreende-se o porquê da conhecida frase do Padre Jorge: “— Vocês vão casando que eu vou batizando...” Deve tê-la inspirada no Babico e Dirce e confirmada na Cida e Pedro...

... coisa da vida ou coisa da Vila?

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XXI

Fabricar gaiolas para passarinhos. Passarinheiro é isso aí... não se contenta com o fato de “possuir” os seus “fubaleiros”, segundo uma ordem rígida de predileção... em gaiolas bonitas, conservadas e compradas prontas... parte à fabricação das suas próprias gaiolas, projetadas e construídas segundo as suas concepções pessoais de originalidade e de funcionalidade. Claro que nem todos, têm a aptidão para executar esse artesanato e só lhes restam contentarem-se com aquelas fabricadas em série, padronizadas.

Passarinheiro... até linguagem própria possui!... “possuir” é comprar, caçar, ganhar, criar, barganhar um passarinho; “fubaleiro” é termo depreciativo ou diminutivo (não ofensivo, evidentemente) que se dá aos pássaros “possuídos” pelos outros aficionados dessa verdadeira “arte e ciência”, tão enraizada e provinciana quanto os demais hábitos e costumes que caracterizam o caipira interiorano; “negaça” não está registrado, como verbete no “Aurélio”, neste sentido: “passarinho caçador”, ou seja, aquele que se presta à atrair os seus amiguinhos, da mesma espécie, ao alçapão; registra-o como “isca, engôdo”, mas “negaça” mesmo, é um passarinho bom de canto, de briga, de “chama”, que não tem preço que o pague... a não ser, um passarinho melhor... Encontraremos pois, um sem número de expressões caipiras interessantes, bonitas e com aquele sabor lírico do campo. Catalogá-las, todas, seria contribuir positivamente, em favor da nossa cultura genuinamente brasileira.

Lá na minha casa, entre os meus tios e os seus amigos, que passavam a-ser meus outros “tios”, havia espaço e local para fabricar gaiolas, além do “ambiente”, é claro, para isso:

- Vamo fabricá umas gaiolas?... eu dô um jeito com as ferramentas...
- Eu arrumo os sarrafos e as tábuinhas de cedro, os pregos, a cola...
- Arame é comigo, mesmo!
- Ah, num vamo esquecê da lixa, do verniz e do arame de aço pras molas!
- Eh, Eh, Eh... já temo quasi tudo aqui, ó! Eh, Eh, Eh...
- Arrume tamém, uma “luiz” mais forte, pra iluminá mió este rancho... essa qui taí parece uma lamparina!...

Noites seguidas o grupo se reuniria no velho rancho, transformado em uma improvisada fábrica de gaiolas, alçapões, transportes (semelhante ao alçapão, mas sem a armadilha e tampo móvel, que serve só para o transporte

mesmo, de pássaros apanhados nas caçadas)... passariam horas e horas, trabalhando e rindo, debaixo daquele rústico galpão aberto, até poderem contemplar as suas “obras-primas”... umas “tranqueiras”, no início, e depois realmente dignas de serem exibidas com as suas “máquinas cantantes” nos principais pontos de encontro do bairro.

— Puta gaiola bonita, sô!

— Fui eu que fiz!

— Nós fizemo!... reparam os companheiros, igualmente vaidosos das suas novas gaiolas... e com razão!

Pingüim, Babico, Magagnatto (Vasco), Bergamin, Inhana, Pinhegas... e tantos amigos, dedicar-se-iam, com prazer e alegria, à fabricar as suas gaiolas de passeio, de caça, de criação, de “amansamento”, sem nos esquecermos dos “viveiros”... bem isso já seria demais, acrescentar aqui... só vejo um “passarinho”!... êpa, tá escapando, sô! pega ele, pega ele!...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XXII

Margem direita do rio Piracicaba,,logo abaixo do Salto, onde existe hoje o que restou do Engenho Central — uma porção de prédios velhos a caminho da ruína total. No livro “Piracicaba, Noiva da Colina”, edição de 1975, editado sob a coordenação geral do Antônio da Costa Barros, encontramos importantes trabalhos dos ilustres piracicabanos. Professores Leandro Guerrini, Guilherme Vitti, João Chiarini, Lino Vitti, que falam da origem de Piracicaba, e obviamente, do fato de ter ela nascido do lado da Vila Rezende, no local mais plano e onde as águas do rio se mostravam mais acessíveis aos índios que aqui habitavam, atraídos pelas facilidades do aprazível recanto — rio piscoso; árvores em abundância, de todas as espécies; caça farta e variada; boa água; vale plano e próprio para a construção das suas tabas.

Os índios PAIAGUÁS habitaram nestas terras, como os seus primeiros proprietários naturais, não ficando apenas na margem direita do rio por eles batizado de PIRACICABA, que na língua nativa, significa “onde o peixe pára” ou “lugar onde se ajunta o peixe”, dentre as dezenas de interpretações dos estudiosos das línguas pré-históricas... ficamos nós com estas duas, pois nos parecem suficientes para o nosso objetivo, de demonstrar que a nossa cidade, tem no seu nome, a prova da presença do mais autêntico brasileiro no seu solo como o seu primeiro habitante e que ao local deram-lhe o nome considerado como o mais adequado — Piracicaba. Ora, se habitavam o lado da Vila e davam-lhe tal nome, jamais poder-se-á pensar, e pretender, desvincular, a Vila, da cidade de Piracicaba! Faltar-lhe-ia — à idéia — qualquer fundamento histórico precedente; a presença dos Paiaguás no lado esquerdo do rio é comprovada pelos vestígios arqueológicos encontrados na atual rua Tiradentes, demonstrando que ali existiram seus aldeamentos.

Imaginamos como deveria ser linda esta nossa região, naquela época... e viajamos à bordo da nave da fantasia... descemos e subimos o rio, aportando-nos aqui e ali... contemplamos, embevecidos, as belezas naturais e... também, as belas índias!... somos recebidos, festivamente, nos aldeamentos... peixes frescos, frutos, cocares, nos são oferecidos, hospitaleiramente. Causam-lhes espanto as nossas vestimentas!...

— Oh, que coisa mais horrível!... devem estar pensando as jovens índias, as mulheres mais velhas, ao nos observarem todo recobertos de roupas e sapatos, tendo apenas as cabeças e os braços descobertos e mesmo

assim, cheios de pêlos... — Hi, Hi, Hi... riem as crianças, que, por serem mais desinibidas e brincalhonas, não vacilam em se meterem entre as nossas pernas e nos tocarem com as mãos... e nos fazem cócegas!... Que gente esquisita... cochicham os índios sem perderem as suas posturas altivas...

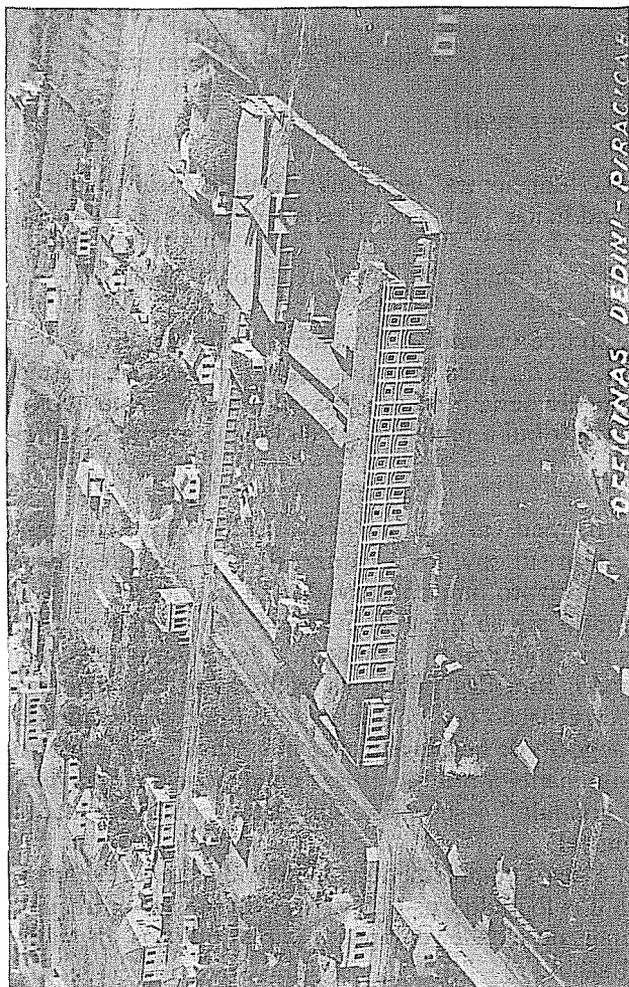
— Mas que beleza de lugar!... olha que vista linda se tem daqui!... vejam aquele coqueiral, lá no alto daquele morro!...

— Sim, é bonito o nosso rio... é bonita a nossa mata... é bonita a nossa terra... é bonito o nosso céu... é bonita a nossa casa...

— Podemos ficar aqui?!

— Sim, podem ficar!

E ficamos.



Vista aérea das Oficinas Dedini, no ano de 1941.

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XXIII

- Se eu fosse vereador, eu...
— Num fazia nada!
— Ocê é que pensa!
— É o que eu digo, por pensar!
— Vá à merda, vá!... Veja isso: Chico Mendes!... como pode?!
— Pode ou pôde?!
— Pode!... pôde, nem pensar!
— Hã!...
— Nós precisamos “dar nomes” aos bois! Aqui, os locais públicos - ruas, avenidas, praças, edifícios - deveriam receber nomes do pessoal daqui!
— E para uma praça, de um bairro que só tem nome de pássaros?!
— Arçapão ou Viveiro!
— Eh, eh, eh,... só ocê mesmo!... “Arçapão”! Eh, eh, eh...
— Tô exagerando, né!?... para uma praça em um local assim, tão “ecológico”, o nome adequado seria o de um “passarinheiro”, este ecologista por excelência, que contribui à preservação da fauna, sem nunca dizimá-la.
— Será, mesmo?!
— O passarinheiro, meu caro, é um apaixonado pelos seus pássaros, pelo prazer que ele tem em ouvi-los à cantar, de vê-los alegres, bem tratados e... procriando; é portanto, um conservador da natureza.
— Eu não sou contra aquilo que ocê tá dizendo, principalmente à questão dos nomes dados aos logradouros públicos!... deveriam obedecer a um critério rígido, ordenado, fora das injunções políticas ou das paixões ideológicas, buscando a perpetuação dos nomes que lembram o passado da nossa terra... e não esse negócio de homenagear-se um “cara” que é morto misteriosamente, ou de uma maneira brutal - coisas condenáveis e puníveis, sem dúvida! — e já vão “botando” o seu nome em algum ponto da cidade! Isto é um absurdo, inaceitável!
— Disseste bem! e devo complementar: a autoridade e a responsabilidade pela nomenclatura dos logradouros públicos deveria estar entregues a uma comissão permanente, da cidade, composta por estudiosos da matéria..., pessoas de notável saber.
— Xii, já vem você com essas “múmias” todas!...

— Nada disso, ô meu! Estou falando daquelas pessoas que, pelos seus saberes, engrandecem quaisquer sociedades... piracicabana, paulistana, e outras..., tendo em cada uma delas, sempre um lugar de destaque, de projeção...

— Sem dúvida!... o senhor Lino Vitti, por exemplo... sem citar outros, para não pecar por omissão, seriam as pessoas adequadas.

— É... ainda chegaremos lá... Piracicaba é uma cidade culta.

— Você sabia que em 1726, Luiz Pedroso de Barros passou junto ao Salto do Piracicaba, abrindo caminho para o Mato Grosso?!

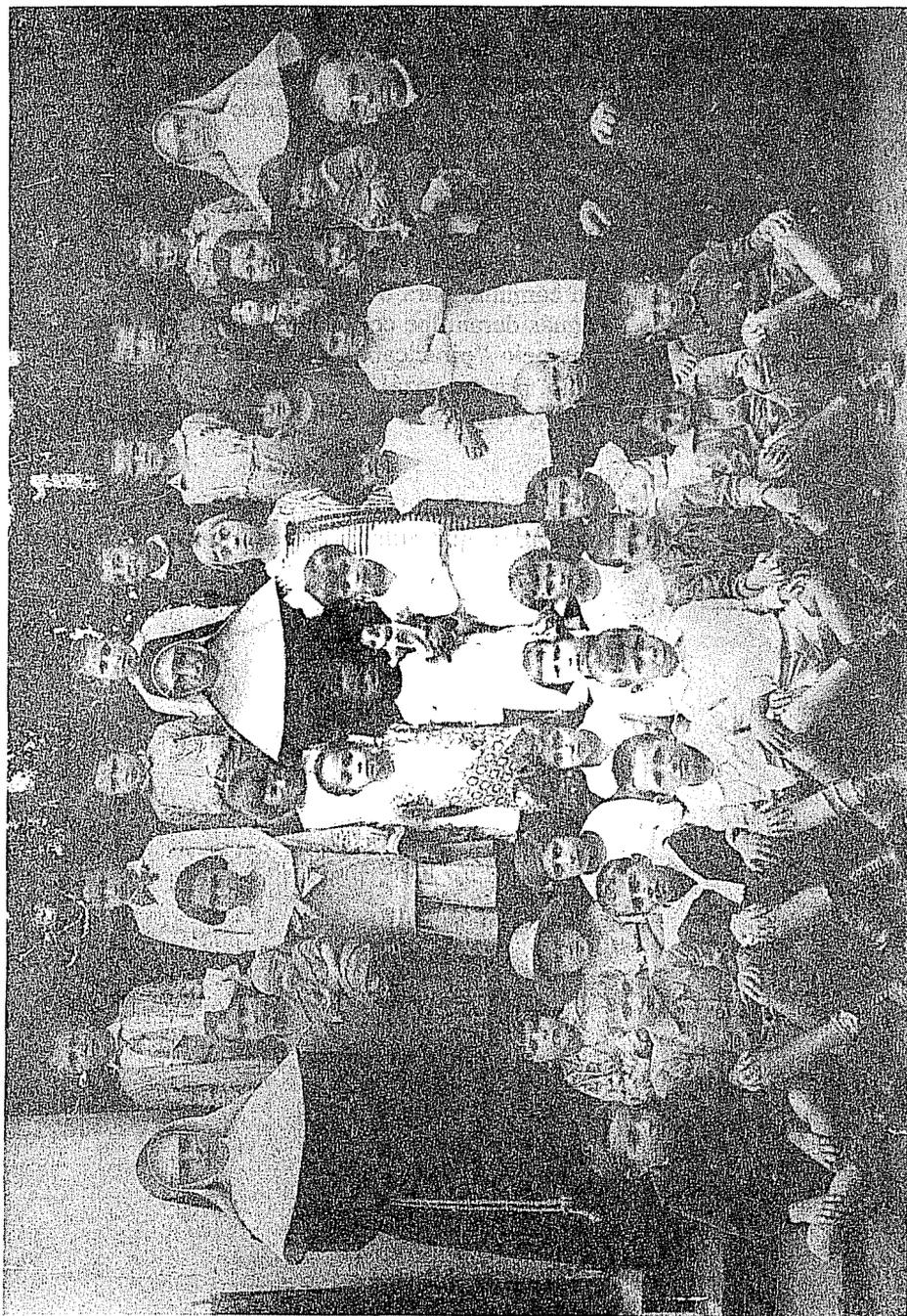
— E os índios Paiaguás deram-lhe combate, na defesa das suas terras, sendo porém, derrotadas pelo “piracicabano” Manoel Correa Arzão!

— Você tá inventando, pra me gozá!

— Eh, eh, eh,... afinal, Piracicaba nasceu à margem esquerda ou à margem direita do rio?!

— Nasceu na Vila!

— Não é à toa que os “vilarezendinos” se consideram os genuínos piracicabanos!... daí o grande amor que nutrem por esta terra privilegiada.



Mons. Jerônimo Gallo e Irmãs Franciscanas do Instituto Baronesa de Rezende, com um grupo de alunos da instituição.

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XXIV

— Professor Mozart.

— Pois não! Às suas ordens!... uma voz fina, aguda, pronunciando com clareza e correção cada palavra, punha-nos diante de uma distoante consonância — a do homenzarrão adulto com voz de criança. Mas não era apenas isso que nos chamava a atenção, com respeito ao professor Mozart Buzzatto.

Sua família morava no sobrado da Ruã Barbosa, exatamente no ponto de convergência desta avenida com a outra, a dona Lídia, a avenida que nos leva até a Igreja Matriz. Na parte térrea do casarão, ficava a sapataria de propriedade da sua família, uma diminuta e modesta casa comercial dedicada à venda de sapatos pobres, portanto, não dispoñdo de variedades de modelos, de produtos de alta qualidade e preço; dispunha apenas de sapatos e sapatões rústicos. Duas portas de madeira, de duas folhas, davam acesso ao interior do estabelecimento, onde havia, no centro, um balcão envidraçado na sua parte fronteira e um grande tampo de madeira gressa; nas paredes, vitrines de madeira com portas também envidraçadas, para deixarem expostos os sapatos. Ao todo, o recinto não deveria ter mais que uns seis metros de comprimento, por três de profundidade e uns cinco metros de altura... lateralmente, uma porta dava acesso a uma pequena sala, com uma porta que se abria ao público e no fundo uma escada que conduzia ao andar superior do sobrado; nessa sala funcionava a oficina do sapateiro — um moço chamado Orlando, que morava com a família Buzzatto, como se membro dela fosse por nascimento; na parte superior a moradia — quartos, salas, cozinha, banheiro, varanda e quintal amplo e cheio de grandes árvores frutíferas —, não diferindo pois, das demais casas da redondeza.

Dona Antonieta... não me lembro do nome do seu marido, mas me lembro da sua morte... algo verdadeiramente triste para todos nós, meninos e meninas da redondeza, por não conhecermos a morte até então... foi uma coisa que nos chocou... morria o velho Buzzatto... e logo depois, o Orlando também nos deixaria.

O Orlando era sapateiro.

Não possuía uma das pernas, amputada por decorrência de uma enfermidade que, certamente, lhe viria causar a morte. Homem forte, jovial, tinha prazer em trabalhar naquele ofício de consertar e de fabricar sapatos, artesanalmente. Uma banca de sapateiro é sempre um chamariz para atrair

crianças a sua volta, como o mel... atrai as abelhinhas, as borboletas, os beija-flores... e as crianças.

Uma banca de sapateiro.

— Quanta magia encerra o rústico móvel!

Uma mesinha quadrada

Que eleva ao quadrado

Cada unidade

Que dela se aproxima

E se soma

À unidade nela contida...

Um metro de lado

Outro de altura

Quatro pernas

Uma banquetta

Sem encosto

Quadriculados, nos quatro lados

Sarrafeados...

Cada um

Contém

Compartimentados

Tachinhas

Preguinhos

Lixas

Graxas...

Faquetas afiadas

Escovas descabeladas

Flanelas encebadas

Ah, também uma bola de sebo

Outra de cera de abelha

E agulhas

Linhas... grossas e finas

E parafina

Se há pregos, há martelos

E turquezas

De ponta fina e longa

E de ponta grossa e afiada...

Faquetas...

Logo, uma pedra de afiar

Estava a despontar

No canto, pronta para se usar...

E presa, uma tira estreita

De couro, lisa e macia

Para aparar e reparar

O fio da faqueta

Pronta prá cortar

A sola e a camurça macia...

Furador, vasador
Frizador
Arrebitador
Ilhós, amarrios
Tudo isso contido
No mágico quadrado.

O Orlando conversava conosco enquanto trabalhava e, para não o atrapalharmos, dáva-nos uma lata de graxa, uma escova, um pedaço de pano e uma pilha de sapatos...

— Mas, Orlando, nós só queremos conversar!

— Aproveitem e vão engraxando esses sapatos!... eu vou contando alguns “causos” a vocês! Eh, Eh, Eh...

— De mulher?!?

— De mulher... mas nada de “sacanagem”!...

— Ha!... uma expressão de lamento da meninada, dentre as quais, me achava... mas o fascínio pelas suas “estórias” não diminuía por causa disso... ouvíamos-lo com o interesse e a atenção de bons ouvintes curiosos. Inacreditável como aquele pequeno recinto nos conseguia atrair... seria talvez pela profusão de coisas que continha? ou seria pela mistura do otimismo do sapateiro com as gaiolas dependuradas pelas paredes, pelo alpiste espalhado pelo chão, pela pilha de sola enrolada ou amontoada cheirando a couro-cru? ou ainda, aquelas, formas de sapatos, de madeira, parecendo pés decepados à altura do tornozelo?! Sapateiro, sapateiro! essa mistura de arte-são e de poeta, de filósofo e de mestre em política, de repórter e de sociologista... esse grande humanista que é, pois só ele, compreende onde os sapatos nos apertam os pés!...

— Cada um sabe onde os sapatos apertam-lhe os pés!... e o sapateiro, também!

— E o professor Mozart?!

— Viajou!... foi para sua escola...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XXV

Os Buzzatto.

Dona Antonieta era uma mulher gorda, baixa, com uma corcova que lhe enfeiava o corpo... isso à primeira vista. Logo, a impressão, má, se desfazia e íamos apreciando a notável senhora... afável, de fala mansa e simpática.

— Pedrinho, você vai tabalhar pra mim, aqui na sapataria!...

— Eu?!

— Vai ser meu vendedor!

— Eu?!

— Tá empregado!

— Eu?!

A negrinha ria a não mais poder! A danada, não só ria, como fazia as suas “macaquices” por detrás da velhota gorda e corcovada...

— Hi, hi, hi... vendedor!... hi, hi, hi... Essa mocinha negra, não pertencia à casa, e sim à casa da filha da dona Antonieta, a Joana, outra professora normalista casada com o Pedro Cenedese, também professor como ela, vinda para cá só no período de férias escolares, acompanhando os seus patrões. Araçatuba era a sua cidade natal... lá morando com o casal Joana e Pedro, em meio à colônia japonesa... daí o fato da danada saber falar japonês, para o nosso fascínio, principalmente pela raridade que a menina representava-nos — uma negrinha falando língua exótica. Assim, ví-me de repente, empregado na Sapataria Buzzatto.

O Mozart lecionava na rede escolar estadual primária, coisa que naquele tempo, implicava ao moço e à moça que abraçava a carreira do magistério, sujeitar-se às viagens à periferia do município e às mudanças de cidades com freqüência, perseguindo os “pontos” necessários para um possível retorno a sua cidade natal. Por isso, o nosso amigo partia sempre, rumo ao “sertão” paulista... seria ele, como os seus colegas, a figura do “bandeirante do século XX”, levando a educação e a cultura às crianças do interior, desbravando a ignorância. Solteirão e amante do seu trabalho, se dava muito bem com aquela rotina, em permanente contacto com as crianças... até a sua voz se parecia com as vozes delas — fina e ingênua. Tinha uma grande semelhança com a sua mãe, embora fosse alto... ostentava uma visível corcunda, camuflada um pouco pelo inseparável paletó; usava camisa de mangas curtas, suspensórios para prender-lhe a calça; meio barrigudinho devido a

falta de exercícios físicos... sob o queixo, uma papada flácida indicava que já havia sido gordo, por um bom tempo.

O Mozart, com isso tudo, chegava a ser um tipo interessante no nosso quarteirão, sendo, de todos, uma pessoa conhecida. Incrível, mas de um certo momento para cá, não consigo mais ligá-lo aos acontecimentos da Vila... ele simplesmente, desapareceu da minha lembrança, como se tivesse sido tragado por uma porta, que logo se fechou para sempre... não deverei me espantar pois, se repentinamente, essa porta se abrir e...

— Boa tarde, moçada!... como vão vocês?!... e a voz fina nos indique que o professor Mozart está de volta...

— Olá, professor! Tá de volta?!

E pro falar de “professor”, também tratávamos assim o Ozorinho, que mencionamos atrás... ele se enchia todo de orgulho.

— Ei, ocêis aí!... vê se falam mais baixo que o meu véio tá dormindo! Precisam ficá proseando assim, tão arto?!

— Ê! dona Nêna!... vejam só quem tá recramando... justo ela que só sabe falá gritando!

— E grito mesmo!... meu véio travaia a noite intêra e precisa dormi de dia!... se ele acorda, quem paga sô eu, né?!...

— Eh, Eh, Eh... e o Ozorinho, tá aí?!... só que esse Ozorinho não era o tal tipo pitoresco, mas sim o nosso companheiro de folias, o “Paralama”... advindo-lhê o apelido por causa das suas orelhas de abano, que assim ficaram de tanto a sua mãe, a dona Nêna, pegá-lo pelas orelhas para fazê-lo deixar a rua e ir trabalhar. Alguns anos mais velho que nós, ele já trabalhava regularmente em uma oficina mecânica, de modo a ajudar na manutenção da família... seu pai, a mãe e uma irmã mais nova que ele. Morando na casa geminada ao sobrado do Buzzatto, naturalmente a nossa prosa debaixo da sua janela incomodaria o sono do seu velho pai, um caboclão bravo, com cara de poucos amigos... por isso mesmo trabalhava de guarda, assim me parece, lá no Engenho Central.

— O Ozorinho, tá trabaiano! É o que ocêis deviam tá fazendo tamém!... assim encerrava a conversa, batendo a janela que dava pra rua.

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XXVI

— Olha a rede! Olha rede!

— Corra prender o cachorro, menino! Prenda o Pingo!

— Já tô indo!... deixa comigo que eu já pego ele!

— Oia ele lá! os home tão pegando ele! Corra, pai!... e os meninos e meninas já começavam a chorar, vendo o seu cachorro sendo preso pela grossa rede, atirada pelos vigorosos homens da prefeitura municipal...

— Pingo, Pingo! Fuja Pingo!... fuja!...

— Sorta ele, seus safados! ocêis num tão vendo que o cachorro é meu!

— Ui, ai, ai!... mardito vira-lata! me mordeu!

— Eh, Eh, Eh... bem feito!... morda ele Pingo!...

— Eh, Eh, Eh... bem feito!... morda ele Pingo!... e a criançada toda ri, misturando lágrimas com alegres risadas, ao verem o seu precioso vira-lata escapular da rede, mas não sem antes morder, valentemente, a perna do negro forte e rasgar, ou melhor, romper um pedaço da rede, que, apesar de grossa e forte, era um tanto quanto velha e pouco conservada... acho que até de propósito, por aqueles homens do povo, também amantes dos cães...

— O mardito me mordeu!... — Mordeu?!... bem feito!... mas vamo lá em casa passar um “arco” na mordida! Eh, Eh, Eh... — Num dá risada, não senão eu “murto” ocê!... — Eh, Eh, Eh...

A captura de animais vadios... cães e cabras, na sua quase totalidade... se fazia, à miúdo para pôr um paradeiro na confusão gerada pela quantidade desses animais pelas ruas da cidade. No entanto, quando a “rede” despontava na Vila, recebia uma grande e sonora “vaia” da criançada e dos adultos, inclusive. Imagine-se só. os perdigueiros dos “seos” Domingos Tôrres, do Chico Mazzonetto, dos Giovannettis e dos tantos outros “ettis” e “ettos”, presos pela rede?! Seria o mesmo que “declarar guerra” aos italianos e aos portugueses do bairro!... e os “vira-latas” eram beneficiados pelo “ultraje” com que se ameaçava a integridade e a honorabilidade dos “perdigueiros” da Vila! Ora, ora!... uma rede! Prenda-se o prefeito, esse “fiadumcorno”...!

— Má, qui mê tá parlando?!... prendero o meu perdiguero?!?... telefone pro prefeito!...

— Ô cumpradre!... E o cão estava solto, logo em seguida...

Nós, crianças, tão logo surgia a rede nos reuníamos a sua volta e a seguíamos pelas avenidas, para “torcer” pelos animais. Claro que, adiante dela, seguia um bando de meninos e meninas, correndo e espantando todos os cães e cabras que encontravam pelo caminho.

Dizia-se que dos cães presos, se fazia “sabão”... certamente, isso era uma “estória” contada para nos impressionar...

— Vê comprá sabão da prefeitura pra te dá um banho “daqueles”!

— Sabão de cachorro?!... nem morto!

— Eh, Eh, Eh...

Cães, gatos, cabras, cavalos, burros, vacas... havia um pouco de cada uma dessas espécies, soltas pelas ruas da Vila... só conseguiam nos meter medo no mês de agosto, por dizer-se que esse mês é o mês do “cachorro louco”... então, para proteger-nos nesses trinta dias, nós dávamos um nó na ponta da camisa... aí estávamos protegidos e corríamos em defesa dos cães, nossos amigos e companheiros...

— Pingo!... Duque!... Fofa!... corram!...

— Num adianta não, nós pega eles!

— Só se ocêis correrem mais do que nós!... Ha, Ha, Ha...

— Mardito!... Ai, Ui, Ai...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XXVII

- Olha, é a rede!
- Não, não é!...
- O barulho é o mesmo!
- É o “Barba-Russa”!
- Cruz, credo!...

A criança sentia um medo terrível daquele nome... “Barba-Russa”! Todavia, um nome inofensivo. Tratava-se de um homem imensamente forte. com uma fenomenal barba... russa... daí o seu apelido: Barba-Russa. Um homem forte, grande, um verdadeiro gigante. Caligiuri... esse era o seu sobrenome, ou não era?...

Uma nuvem esconde essa personalidade.

Uma nuvem nos conduz até ela...

Uma luz existiria, por detrás dela.

Um homem

Um nome

Uma dúvida...

Barba-Russa?!?

Oh!

Que medo, oh!

Barba-Russa...

Uma nuvem...

Uma dúvida...

Barba-Russa é o seu nome...

Peito largo cabeludo... braços colossais saindo de um par de ombros imensamente grandes, proporcionais aos braços... há pêlos por todos os lados, recobrendo aquela massa de músculos rígidos... pescoço grosso... um rosto cheio de barbas e russas que lhe aumentavam sobremaneira a dimensão da cabeça toda... cabelos revoltos, despenteados, como poder-se-ia imaginar... usava uma camiseta, somente... que deixava-o desnudado, parcialmente, por ser ela pequena para conter preso aquele seu corpanzil e também, por estar com inúmeros furos no frágil tecido de malha barata... nos braços, levava sempre algo dependurado... uma cesta de bambu... um pano qualquer... ou um saco de aniagem sujo... aliás, ele próprio carregava alguma dose de sujeira, ou assim nos parecia, graças a nossa imaginação e ao nosso temor que ele nos inspirava ou nos eram incutidos pelos mais velhos...

Olha o Barba-Russa!... e ele caminhava na nossa direção como um grande robô... mais uma impressão nossa, dado o seu modo de andar balançando o corpo pesado, de um lado para outro, com certa lentidão... como poderia ser diferente, sendo tão forte?!

No entanto, ele era um homem inofensivo. Não molestava ninguém. Um brutamontes, de impôr medo, mas um frágil ser humano sensível... mais uma vez a fama não condizeria à figura verdadeira...

Barba-Russa...

Um homem grande

De má fama

Mas um grande homem

Que de má,

Só tinha fama...

Assim como a barba não lhe era grande

E nem russa era

Um homem humilde

Que de grande que era

Grande lhe fizera a fama

Russando-lhe a barba

Para assustar a criança na cama

Fazendo-o o mau que não era.

Pobre Barba-Russa!

Um homem humilde

Que de grande que era

Ganhara fama

Pra ninar criança na cama...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XXVIII

Uma tarde de bochas.

Ou uma manhã de bochas.

Não fazia diferença, a não ser na hora que uma e outra acontecia.

Os personagens alternavam-se no período da manhã e da tarde, dependendo do compromisso que assumiam. Permanente, mesmo, só o hábito de jogar bochas... ou melhor, o jogar “bocce”... um jogo tipicamente italiano em uma comunidade genuinamente, italiana... até nós, crianças, não dispensávamos o prazer de uma partida de bocce... quando o “seo” Ernesto e o seu irmão, o Alfredo, davam uma “bobeada”... que, na verdade, apenas “fechavam” os olhos fingindo que estavam sendo tapeados por nós!...

— Olha, Alfredo! os “meninos” vão ficá bão!

— Eh, Eh, Eh... são “bambinos”, como nós!... Eh, Eh, Eh...

— Eh, Eh, Eh... como na Itália, como na “nostra Itália”!... Eh,

Eh, Eh.

— Mama mia, mama mia!...

— Chegô o Fanfula?!

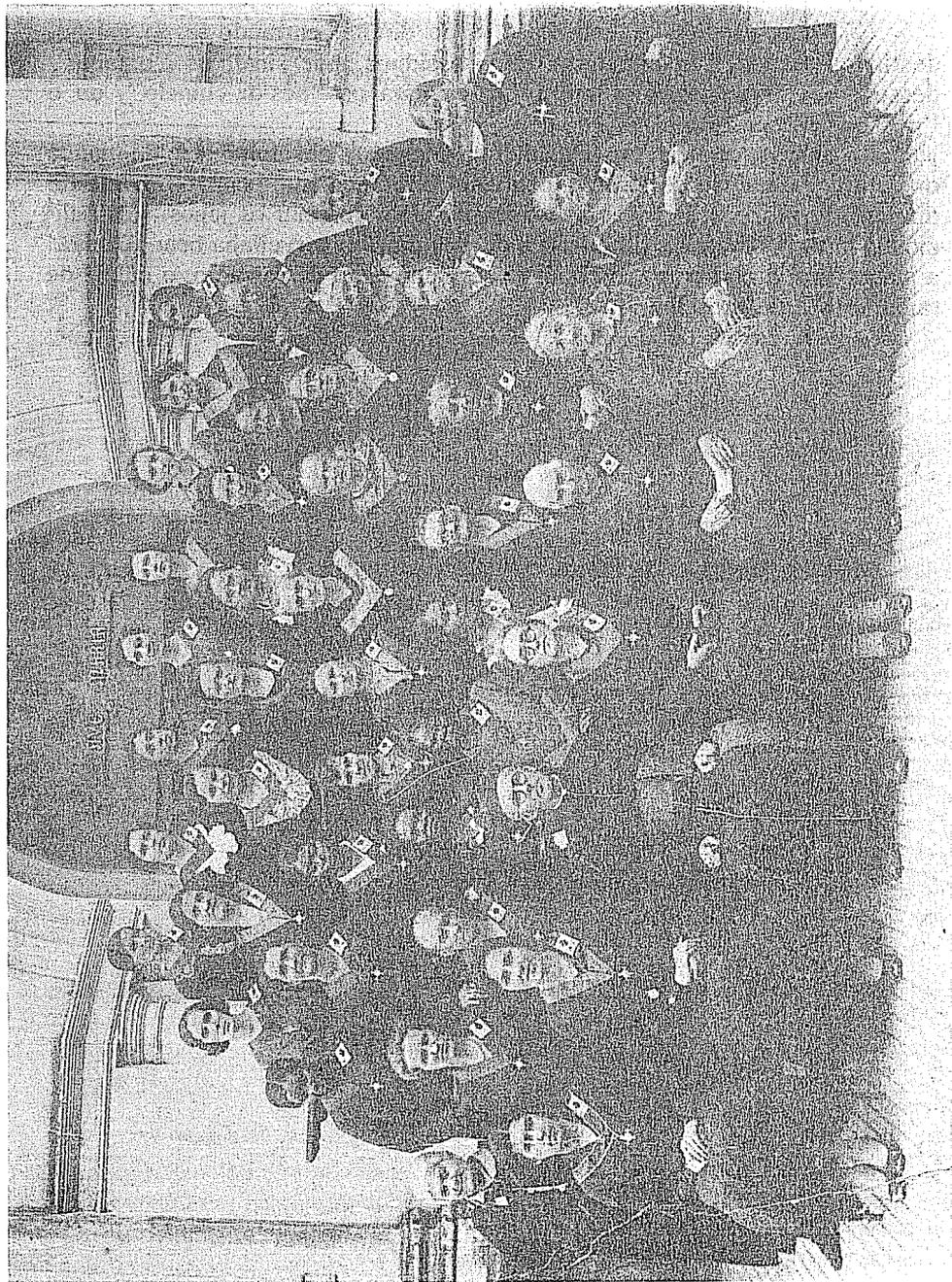
— Tá lá co’aquele menino!...

— Má?!

— Ecco!... ele gosta de ler as notícias em italiano... e também o “Estadão”.

— É... esse menino vai longe, vai longe!...

O pessoal se reunia naquelas duas canchas de bochas sob o rústico barracão, na verdade, um grande rancho coberto, sem fechamento nos lados, a não ser por uma cerca viva de bambu, desses que se prestam à pesca-ria; as duas canchas, paralelas, separadas por um passeio provido por bancos de madeira fixados ao chão... uma simples tábua sobre pés fincados no piso de terra batida, para a “assistência”; às cabeceiras tinham grossas tábuas ou pranchas — os “pranchões” — elevadas o suficiente para reterem as pesadas bolas arremessadas com violência pelos vigorosos braços dos jogadores... impressionante, vê-los “atirar”, com tanta força!... quando acertavam no pobre do “balim” fazendo-o espirrar longe, não fossem os pranchões a retê-los, bola e balim bem que poderiam ferir alguém... o retângulo da cancha, feito em tábua, limitava o espaço de jogo no tamanho oficial; o chão plano, de saibro e areia fina, mantinha-se plano e sem buracos. graças aos rodos de madeira que eram passados de ponta-a-ponta. frequentemente, nivelando a pista por onde rolavam as pesadas bolas.



Irmandade do Sagrado Coração de Jesus, da Igreja Matriz da "Imaculada Conceição".

Duas canchas... uma delas, a da direita, entrando-se no galpão, destinava-se aos freqüentadores mais assíduos, por sinal, os "bambas" desse apreciado esporte; a outra, ficava para os "pés-de-chinelo", ou o "pessoar do segundo time"...

Bocce, cerveja, pastéis da dona Giggeta... aos domingos, de manhã ou à tarde, o galpão se tornava pequeno, extremamente pequeno diante do número de pessoas de todas as idades que iam apreciar os jogos... os deliciosos pastéis de carne, de queijo e de palmito... a cervejinha bem gelada... a gengibirra, a cotubaina, o copinho de vinho tinto de garrafão, o capilé de tamarindo e de groselha...

Ah, minha doce Vila!...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XXIX

Um dia desses, estando sem o meu carrinho, “velho de guerra”, devido a um dos seus caprichos... não dar a partida de manhã, devido ao frio e o motor à álcool não ser lá “essas coisas”... resolvi deixá-lo quieto, à espera do calor do sol, e fui trabalhar sem o dito cujo. Na hora do almoço, conseqüentemente, estava eu a pé... como me encontrava na Vila, não quis incomodar a minha esposa e fui pra casa, simplesmente caminhando, como o habitual há muitos anos passados...

Saí da Dedini — daquele gigantesco prédio quadradão, imponente, que domina a antiga entrada da desaparecida fábrica de rum da Sociéte de Sucreries Brésiliennes — e tomei o rumo da cidade, descendo pela nova avenida sobre o ex-leito da estrada de ferro da Sorocabana... não digo-lhe o seu nome atual, em sinal de protesto! (Os “home” da cidade negaram-nos o direito de dar-lhe a denominação que o povo da Vila desejava, mercedamente!...), e aproveitei enormemente o improvisado passeio pelos recantos da minha infância e adolescência...

Meio dia... impressionante o movimento nessa bonita avenida, larga e asfaltada, de mão única... os automóveis passavam por mim como verdadeiros foguetes ou bólidos! Andando pela estreita calçada, estava com medo de vir a ser atropelado por uma daquelas máquinas velozes... e as pessoas que as dirigiam, muitas delas minhas conhecidas, espantavam-se ao ver-me ali, caminhando, com a jaqueta atirada no ombro e uma pasta de papéis em uma das mãos... quinta-feira, de manhã, o Pedro ali!?... sozinho!? — Deve estar louco!... ou o seu carro quebrou!... deveriam pensar... por várias vezes tive que acenar-lhes que não havia nada de errado comigo! — Poxa, nem andar à pé, sossegado, se pode hoje em dia! raciocinava eu...

À vista do meu rio Piracicaba... do canal do Engenho... da vegetação remanescente na “ilha” e nas margens do rio e do canal... as poucas árvores restantes do antigo eucaliptal... as raras árvores nativas... do “Poção”... da comporta... do desaparecido “Juqueri”... das duas linhas férreas do Engenho Central que não existem mais... do capinzal alto e verdejante... da estradinha de terra que seguia paralela à última linha, serpenteando na direção do Mangá, das fazendas Santa Rosa e São José... ah, quanta saudade, quanta saudade!...

Uma agradável brisa fresca soprava na minha direção, vinda do rio... os passos me conduziam no rumo da ponte do Mirante, mecanicamen-

te... mas, a minha mente, voltava-se ao passado... e, a cada passada, estava eu mergulhando na minha meninice... década de quarenta...

— Ei, negadinha! tá chegando cana!... escuta o apito da máquina!...

— Vamo lá, pessoal! O último é “gurigui”!

— Cuidado cô guarda!... quando a máquina pará, vamo subi no vagão de cana mole e derrubá uns par de feixes...

— Ocêis botam eles nas costas e tratem de correr!... cuidado com o guarda!... nos encontramos na avenida, tá!?

— Tá!...

Durante o dia, se tornava mais difícil burlar a vigilância dos guarda-freios dos vagões de cana, geralmente apenas um em cada comboio tracionado pelas velhas locomotivas do Engenho Central, que eram alimentadas à lenha e não corriam muito, ainda mais quando tinham atrás de si, dezenas de vagões carregados de cana-de-açúcar. À noite, ficava mais fácil, embora a escuridão do bosque de eucaliptos ocultasse as trilhas e os buracos dos bueiros, tornando-os perigosas armadilhas; em contra-partida, nós conhecíamos cada pedacinho daquele chão de tanto palmilhá-lo durante o dia. De dia ou de noite, bastava-nos ouvir o silvo da locomotiva e lá íamo-nos todos, correndo, para a linha...

À medida que seguia adiante, ia olhando também na direção da Rui Barbosa... claro que, dali, só enxergaria os fundos das casas... vi então, como me eram familiares aqueles fundos de quintais!... um a um, conseguia identificar os seus moradores, não os de agora, mas os daquela época!... oh, mas quanta mudança ocorreu nesses anos todos!... só há muros em toda aquela extensão... onde antes, só existiam cercas de bambu, de lascas de guarantã, de pinhão bravo... de arame farpado... e de espaço a espaço, buracos por onde passávamos, com liberdade e sem receios... ali estão as casas dos Paterniani, Bruzantin, Martins, Oss, Braião, Martins, Schievano, Papini, Bertini, Caldari, Zillo, Mazzonetto, Sêga, Matarazzo, Fecchio... Stolf...

Um capão de mato... vê-se a água do canal correr tranqüila por entre as touceiras de capim... nos galhos das árvores, alguns passarinhos saltam e cantam... um casal de bem-te-vi... um papacapim solta o seu canto límpido... o som do rio faz o fundo musical para o nosso entusiasmado solista... parece que tenho na mão, ao invés de uma pasta de papéis, uma gaiola com o meu “negaça”... alçapão ao lado, pronto para apanhar o papacapim cantor... mais uns passos e a gaiola estará dependurada no galho da árvore...

— Quer uma carona!

— Não, obrigado!... poxa, justamente agora, que eu já estava quase apanhando-o!... espantou ele!...

— Tchau!...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XXX

Não precisamos dizer que, na nossa Igreja Matriz, esse dia santo é guardado com o respeito que lhe é devido, como uma das datas máximas do calendário, apostólico e romano...

— E “vilarezendino”!

— Num tô falando!? Claro que aqui é feriado nesse dia... ainda mais com o Padre Jorge!

— Ocê se lembra do tempo que se enfeitava o percurso todo da procissão de “Corpus Christi”?!

— Se me lembro!... que trabalhão, sô!

— Mas ficava bonito!

— Realmente, era uma coisa linda de se ver!... as avenidas todas enfeitadas com os tapetes de flores, os desenhos multicoloridos, os arranjos nas paradas do cortejo solene...

— Poxa, como atraía gente de fora pra admirar os nossos enfeites de rua! Pena que acabou tudo isso!...

— É... foi necessário acabar com tal costume, infelizmente.

— Por causa dessa crise econômica, não foi?

— Sim. Em grande parte, sim... ficava caro demais... tintas, materiais de ornamentação, flores, fôrmas e uma infinidade de pequenas coisas... além do trabalho.

— Pois é. Tinha que acontecer essa crise “braba”, pra estragar tudo!... até com a mais pura manifestação da arte popular a serviço da fé cristã!... quanta beleza, quanta criatividade era revelada e manifestada, a cada ano, no chão da Vila!...

— ... transformando em uma imensa tela, onde se via o toque do artista! ou melhor, dos “artistas”!

— ... até eu me atrevia a desenhar no chão... você se lembra?!

— Sem dúvida!... lá em frente do portão do Estádio dr. Kok, do Atlético, não foi?!

— Isso mesmo. O trajeto da procissão era o seguinte: começava na Igreja, vindo pelas avenidas dona Lídia, subia a Monsenhor Jerônimo Gallo, tomava a dona Francisca, virava na Dom João Neri e retomava a dona Lídia, chegando à Igreja.

— Bem mais curto que o primitivo, não?!

— Sim. As procissões na Vila, saíam da Igreja, pela dona Lídia até

a Dom João Neri, tomava a dona Francisca até o cotovelo da Rui Barbosa e Mário Dedini, virava na Santo Estevam, vinha pela Conceição e descia a Rui Barbosa... subia a Barão de Serra Negra e chegava novamente na Igreja... hoje, praça Imaculada Conceição! Ufa! tô até cansado!...

— Tamém, pudera!... dona Lídia, Dom João Neri, dona Francisca, Monsenhor Jerônimo Gallo, Mário Dedini, Santo Estevam, Conceição, Rui Barbosa, Barão de Serra Negra... a família inteira do Barão está aí!... mais Mário Dedini e Rui Barbosa! Que mais ocê queria?!

Lembramo-nos dos dias que se trabalhava arduamente na preparação dos enfeites. Era a execução dos moldes em madeira e em tiras de chapas de ferro soldadas; a acumulação de serragem, de casca de arroz, de pó-de-café usado, as tampinhas metálicas de garrafas, sabugo de milho, areia, vidro moído, pétalas de rosas, flores de todos os tipos, limalha de ferro fundido e de bronze, bagaço de cana, cortiça, papel picado e tantas outras coisas, que seria impossível enumerarmos... e nem precisa! Cada “artista” tinha a capacidade de improvisar os seus materiais. Afinal, artista é artista! É ou não é?!

A união faz a força!

A fé une os homens!

A humildade irmana

A solidariedade sensibiliza

A arte emociona

Mas só Cristo,

Simboliza Amor

Ajudado por Maria

E pela mão do artista...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XXXI

— Sabe, quando você falou de rede, eu pensei que ia se referir à outra “rede”!

— Qual?!

— A rede do campo do Atlético..

— Ah!

— ... da farra que fazíamos ao apanhá-la no vestiário e no final de cada jogo...

— Poxa, como no nosso tempo a criançada era boba!... divertia-se com qualquer coisa... até com duas redes velhas e pesadas; mais remendadas que pano de circo pobre.

— Isso mesmo!

— Colocar as tais nas traves, não era fácil... mas com aquele bando de moleques, a tarefa acabava se transformando em uma grande brincadeira e sempre com alguns cordeis rompidos, aumentando o número de consertos.

— O campo ainda não tinha alambrados... apenas um cercado de madeira que davá-lhe a volta toda, aliás, o próprio lado da avenida dona Francisca e as duas partes que não faziam frente à rua, não tinham muros... e aquele que existia na dona Lídia, vivia parcialmente derrubado por causa das chuvas e dos ventos fortes... as cercas pouco resistiam e para nada serviam.

— Tínhamos um campo de futebol sempre à disposição... Eh, Eh, Eh... isso é que valia-nos!...

— Mas, quando os adultos vinham para treinar ou para jogar com os seus adversários, botavam-nos pra fora do gramado, em dois tempo...

— ... e em dois tempos nós também cortávamos a grama do campo todo... afinal, nós o usávamos mas sabíamos conservá-lo em ordem!... aparar a grama, fazer as marcações do campo com o pó de carbureto usado, das oficinas do Perissinotto, do Santin... “ajudando” o zelador...

— Bons tempos, bons tempos!...

— Aí, quando o Atlético entrou na divisão-profissional, fecharam o campo com muros e construiu-se o alambrado.

— Também as arquibancadas, de madeira... doadas pela Dedini.

— É... a Dedini, o Engenho Central... ajudavam muito a nossa Vila... participavam mais da vida comunitária, espontaneamente, procuran-

do contribuir para o seu bem estar, independente das responsabilidades e das atuações da administração municipal e do próprio governo.

— Bons tempos, bons tempos!...

— Já que mencionamos o nome Dedini, é bom que se diga, mais uma vez, que a construção da sede do Atlético, na Barão de Serra Negra se deveu ao Armandinho, quando fora ele o seu presidente... o clube deixou de ser uma simples “agremiação” esportiva e passou à uma sociedade recreativa, social, cultural e também esportiva... ganhou um belo prédio, canchas de bocce, cinema, um estádio de futebol... logo depois, uma nova sede, outro campo de futebol, piscinas, quadras de tênis e de bola-ao-cesto e não parou mais de crescer...

— É o maior clube da cidade!

— Sem dúvida!... e é da Vila!

— Pra mim ocê num precisa contar “papo”... sou vilarezendino!

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XXXII

As garças povoavam as margens do rio Piracicaba, em grande número, representando todas as espécies da família, graças a abundância de peixes que nele havia, além da facilidade adicional que lhes proporcionavam o Salto e as corredeiras pedregosas que se situam acima da maravilhosa queda d'água. Não eram apenas as garças... outras aves habitavam as matas, enchendo o lugar com os seus gritos, suas algazaras, seus belos cantos, para o encantamento dos índios Paiaguás... quanta beleza, pelos seus coloridos! quanta magia exercia, com os seus alegres cantos! que verdadeiro paraíso significaria, para nós, passarinhos, esse imenso viveiro?!...

— Vô pega uns Papacapim!...

— Eu quero um Curió!...

— Que nada, ô meu! eu vô caçá uns correntino...

— Eh, Eh, Eh... caça?!? pra quê?! dexa os bichinho voá livre!...

Os índios deveriam estar só se divertindo, sem pensarem em aprisionar quaisquer um desses animaizinhos... e pra quê?! ali, à beira da sua rede, o índio podia estender o braço e ver pousar nele, os irriquetos passari-nhos!...

— Muié, vê se espanta esses papagaios daqui!

A índia espantou o bichinhos

Veio o bicho homem

Branco, diferente

Cheio de roupas

Cheio de si

E de tão cheio

Dejetou

No leito do rio

E o poluiu.

Aporcalhou e aporcalhou-se...

Sobrou coisera pra tudo quanto é lado

Direita,

Esquerda...

Pra baixo,

Pra cima...

Sujô a água,

Matô o mato....

Descobriu as pedras...

Queimô o ar!

— Pô, que fedor!...

Pobre índio Paiaguá...

De tristeza

Morreria

Vendo o seu rio

Em agonia...

Paiaguá, pobre

Se sentiria...

E com o rio,

Morreria...

Pobre Paiaguá!

As garças ressurgiram... voltaram a povoar as margens do rio Piracicaba.

Uma... duas... três... um bando delas... brancas, delicadas, voando silenciosamente... delicado pousar, como se o rio, não quisesse molestar!...

Pararam no Salto.

Foram visitar a Escola Agrícola...

Na estrada de Limeira,

Foram morar.

Curva do rio

Árvores frondosas

Remanso espelhando o Céu...

Garças brancas,

Pontos brancos, no espelho sujo...

Clareando, pouco a pouco,

O caudal sujo

E branco, pouco a pouco,

o sujo, muito sujo

Branco si tornô!...

E o velho índio Paiaguá...

Sua velha, afagô...

— Muiê... tâmo na Vila!

— É, Paiaguá...

— Viêmo pra ficá!...

— É, Paiaguá...

— Num vêm qui num tem!

— Tem, Paiaguá!...

— Vô te moiá...

qui nem um paiaguá...

moiá!...

né?! Paiaguá?!

— Ah, Paiaguá!... ah!...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XXXIII

O quadrilátero compreendido entre a dona Francisca, Manoel Conceição, João Teodoro e Santo Estevão, pertencia ao Engenho Central e depois, ao senhor Mário Dedini. Ali, tínhamos mais um campo de futebol, inteiramente livre, sem muros, sendo que apenas na face da Avenida dona Francisca existiam casas e os seus quintais é que delimitavam o terreno vazio, desprovido de gramado... era chão de terra, mesmo. Duas traves fincadas, uma de cada lado, mais ou menos alinhadas, serviam de gol... o suficiente para atrair a meninada e os moços, tornando-se palco de animadas partidas de futebol.

A Oficina Dedini começava a expandir-se na área do açúcar, para assumir o seu grande papel no cenário industrial brasileiro, como o seu maior fabricante de usinas completas, o que iria permitir o País deixar de importar os caros equipamentos de origens francesa, inglesa, americana, alemã, aliviando-o das dificuldades de pós guerra, exatamente de uma guerra mundial que também nos envolveu como ativos combatentes. A oficina crescia, em tamanho e em responsabilidades... e ia tomando conta de nossas áreas na Vila... fechou a rua para interligar os seus enormes galpões... a avenida Barão de Valença ficou interrompida na avenida dr. Morato... a Prefeitura Municipal permutou o trecho de rua pelo terreno que servia-nos de campo de futebol, para nele construir o Ginásio Estadual e Escola Normal "Monsenhor Jerônimo Gallo" e assim, transformar um velho sonho dos vilarezendinos em uma realidade concreta, ou seja, de virem a Vila dotada de uma escola de segundo grau — ginásio, científico e escola normal —, assim acabamos perdendo uma parte do campo... e logo em seguida, o que restara dele... loteado, com novas dezenas de casas, dentre as quais, aquela que seria à minha própria casa, para ali vir a morar com a mocinha que eu desejava, ardentemente, tornar minha esposa... na Avenida Barão de Valença, número 460, estaríamos iniciando uma nova etapa da vida e estabelecendo a nossa família... nascidos, crescidos e casados na Vila... nossos filhos nasceriam nessa casa, com excessão da Mariana, que nascera na "cidade", a Adriana Helena, a Véra Lúcia, a Cristina Aparecida, Juliana e o Pedro Júnior, são todos vilarezendinhos.

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XXXIV

Camila... Luíza

Duas flores... duas borboletas... duas avezinhas... ou dois peixinhos?! poderiam ser, também, duas formiguinhas, é ou não é?!

Não.

Nada disso!

São duas gemas das mais preciosas pedras transformadas pela mãe-Natureza... são lindas, puras, inigualáveis, que mudam constantemente de brilho e de fulguração... são duas gemas, puras.

Mas se parecem com as flores!

Ou com as borboletas?

Não!

Têm a graça das avezinhas!

Ou a suavidade dos peixinhos?

Não!

São duas formiguinhas!

Oh, não, não!...

São duas gemas

Das mais preciosas...

Sem iguais!

Afinal,

São as minhas netinhas!

Camila... Luíza...

Uma, de olhos castanhos

Azuis?

A Luíza!

Tão belos, como os da Camila...

Cabelos louros, de uma

Negros caracolados, de outra

Incomparavelmente

Belos...

Principalmente

Quando tocamos, nos de uma

E, de outra...

Parecem-se com a mãe

Verá Lúcia

Não!

Com o pai!

O Luíz Augusto...

Verá Lúcia e Luíz Augusto

Luz verdadeira

Luz real... pura

Duas meninazinhas que nos fazem felizes com as suas tão inocentes brincadeiras... a tagarelice da Camila... o pá, pá... ma, ma... da Luíza... dois sorrizinhos que nos derretem os corações e nos enternecem, fazendo-nos crianças, outra vez... nos damos conta, então que grande parte de tudo isto que estamos escrevendo, destinam-se a deixar, à essas meninazinhas, algumas recordações do seu velho avô...

— I num é que nasceram mais a Olívia e a Sofia!...

— Hi, hi, hi!...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XXXV

Por muitas vezes... são tantas, que nem sabemos quantificar com uma aproximada exatidão, e também, isso pouco importa... nos defrontamos com coisas que não sabemos, ou não somos capazes de descrever, mas que nos tocam, profundamente... e nos sensibilizamos com a simplicidade da maioria delas.

E pensar que há tanta gente correndo atrás de emoções fortes, de distrações caras e perigosas, além das excêntricas ou exóticas, e tão somente para elas se sentirem, por um momento, felizes... coitadas!... se não se fizessem tão exigentes, poderiam gozar a felicidade, com facilidade.

— Como assim?!

— Ué, você também não sabe?!

— Pra falar a verdade, não sei... ou acho que não sei.

— Você está à janela... aproveita e olha lá fora!... vê a chuva?!

— Sim... e a ouço, também... não precisa-se sequer olhar para saber-se que está chovendo.

— Mesmo assim, olha a chuva!... veja-a cair suavemente... densa, generosa... dadivosa... não é apenas um fenômeno da Natureza, como a maioria a considera, e dessa forma, a vê.

— Está chovendo forte... o tempo está todo para chuva continuada... é o que parece, vendo essas nuvens e o modo como elas estão a despejar-nos as suas águas...

— Bonito, não?!

— Muito bonito... sinto-me feliz, vendo essa chuvarada!

— Vê as árvores?!

— O que tem elas?

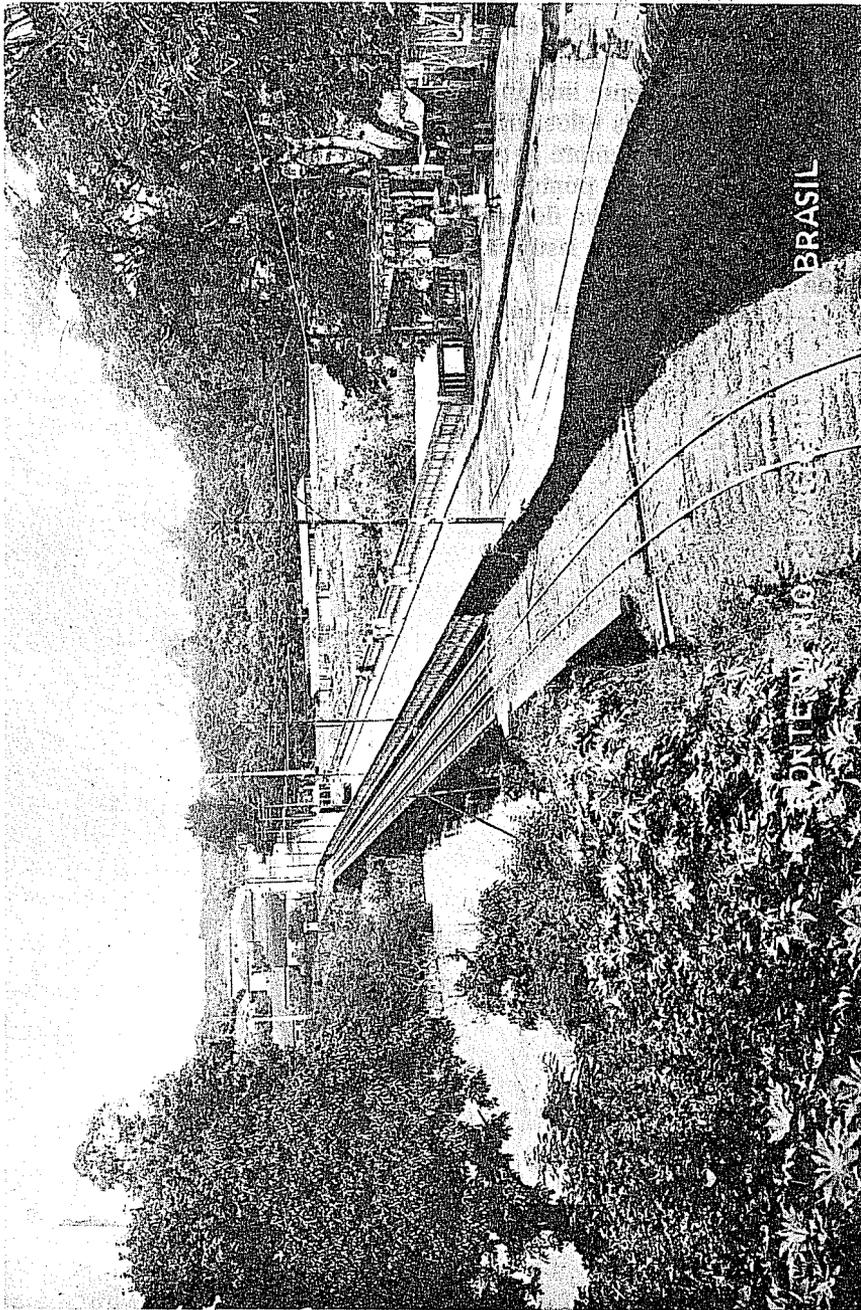
— Nada... nada de especial... as vê?!

— Ora, claro que sim!... estão com os galhos vergados com o peso das folhagens ensopadas... verdes, exuberantemente verdes!...

— Ontem, estavam maltratadas pela fumaça e pela poeira... suas folhas, amarelcidas... pobrezinhas! Mas amanhã, estarão ainda mais bonitas e totalmente recuperadas... terão novos ramos, mais folhas, mais sombra proporcionarão e os passarinhos abrigarão...

— O Sol ressurgirá, rompendo as nuvens... encherá de luz e de calor... secará a terra... fará germinar a semente... iluminará o céu... trará de volta, as flores nos jardins, as borboletas, os pássaros, as formigas, as cigarras... e as crianças brincarão nas ruas...

- ... como nos velhos tempos! Ah!...
- A felicidade é tão velha como o é o Universo... pois, Deus, ao criá-lo, devia estar feliz naquele dia...
- E seguramente imaginativo...
- Como somos tolos, não?!
- É... quase sempre perseguimos algo que está tão próximo, e os nossos olhos se fixam no ponto errado...
- Mais uma prova de nossa tolice...
- Bem, deixemos isso pra lá! Temos um trabalho pela frente... ocê me ajuda?
- Tá chovendo, num tá?!... que poderia fazer?!...



Ponte do Mirante, vendo-se no primeiro plano a linha férrea da Estrada de Ferro Sorocabana, a entrada para o Parque do Mirante, e ao fundo, sobre a ponte, o bonde, e mais adiante, o antigo jardim que dera lugar ao Hotel Beira-Rio.

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XXXVI

Maneco de Oliveira Diniz.

“Seo” Maneco era um homem bom, disse ninguém tinha dúvida. Um “Oliveira Diniz” só poderia ser português, pelo menos, de origem tal, descendendo dos destemidos navegantes que nos “descobriram”.

Um senhor de voz calma, olhar sereno, gordo, rosto marcado pelo tempo e pelas dificuldades da vida... o rosto de um trabalhador. Ali, sentado na sua cadeira simples, de assento e encosto de palha trançada, tão comum como todas as cadeiras da redondeza...

— Oi, “seo” Maneco!... o Álvaro tá aí?

— Tá, pode entrá!... tá lá no fundo... e nós subíamos correndo o lance de escada do estreito corredor e varávamos casa à dentro chegando logo ao quintal, não sem antes esbarrarmos na moça Noêmia...

— Pára, moleque!

— Como a gente pode trabalhar com uma molecada dessa entrando e saindo desta casa?!... é o Flávio que protesta, empenhado que estava em seu trabalho...

— Irineu! Irineu!... bota essa criançada pra fora!... grita o Rolando que desejava descansar um pouco, antes de ter de sair para mais uma jornada de trabalho na Arethusina... a Fábrica de tecidos “Boyes”.

Rolando... para os amigos, “Rolo”.

Um homem, que além do chapéu, do surrado paletó, não se separava do seu “paiêro”... um cigarrinho(?) de palha feito no capricho e com os melhores fumos da região... só comparáveis aos do seu amigo Rissieri... cigarros de palhas...

— Rôlo, ocê tá cum aquele fuminho bão, aí?!

— Tô, mais tá acabando!

— Num se preocupe... já incomendei pra nós dois...

— Intão, vamo acabá cum esse!

Gostava de ler.

O Estadão, romances, livros e livros... sendo solteiro, tinha mais tempo disponível para se dedicar a um passatempo e para ele, a leitura preenchia parte desse vazio não ocupado por um casamento... igualmente solteiros, eram os seus irmãos, o Flávio e a Noêmia... ficariam assim, solteiros. A Geny era casada com o Godoy.

Flávio usava chapéu.

— Grande novidade! Quem não usará-o nessa época?!

— De fato... isso fazia parte da vestimenta dos homens... afinal, andando-se tanto ao ar-livre, como se poderia dispensá-lo?!

— Alguns não o usavam...

— Bem poucos!... os mais moços, não. Começava a mudar o costume... Bem, o nosso amigo Flávio, por ser um moço, se aproximava mais da nossa turma de moleques de rua, participando das conversas e das brincadeiras, sem envolver-se entretanto, como era de se esperar sendo ele já adulto... o Álvaro sim, envolvia-se...

— E o Irineu?

— Como a maioria da meninada que ia se diplomando no grupo escolar, começava a trabalhar na Oficina Dedini... e lá permaneceu, até aposentar-se... Ocupava a função de auxiliar de Portaria.

— Portaria?! Mas isso parece mais coisa de hotel, de cinema, de estádio de futebol, etc!

— Acontece que esse era o nome que se dava ao serviço de controle da entrada e da saída de mercadorias de uma empresa... o ponto vital de uma firma como a Dedini... ali fazia-se o controle do material que entrava para ser reformado e o material já pronto para o cliente... extraía-se a nota fiscal depois de preparada a "carga" nos caminhões ou nos vagões da Sorocabana, estacionados no pátio de manobras da Estação Barão de Rezende, a poucos metros — uns cem, mais ou menos — dali... Com ele, trabalhavam o Ferrúccio Rizzollo, o Coringa, o Genóca Cenedese, mais tarde, o Evanil Rossin... ah, não vamos nos esquecer do Zé Oss!... O Irineu sempre gostou de futebol e como não poderia deixar de ser, é um "Atleticano" roxo!... acho que nunca deixou de integrar a sua diretoria e o seu conselho diretor...

— Interessante esse pessoal da Vila... sempre envolvido em atividades comunitárias!

— É o "espírito" característico da italianada! ou melhor se diga: do "sangue europeu"!...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XXXVII

— Pai, eu queria dizer ao senhor que tô querendo marcá o casamento...

— Ué, e porque num marca logo?!

— Primeiro precisava falá como senhor e a mãe, pra combiná, né?!

— Fala então com o pai da moça, e depois nós vamo falá com o Papini... assim, mais um casamento seria festejado com um suculento almoço no Bar e Restaurante do Papini e da dona Giggetta, onde não faltariam a macarronada, o frango com polenta, os assados — frango, leitoa, cabrito, peru —, cerveja, vinho e aquilo que era mais apreciado por nós, crianças: os refrigerantes — gengibirra e cotubaina.

O meu avô tinha esse costume... de assinalar os casamentos de seus filhos, com um almoço, para todos os convidados, lá no famoso Papini... e não abria mão dele, mesmo nos anos difíceis ou de má safra no seu sítio. O casamento enchia-o de alegria.

Quando chegara a minha vez de procurar o meu pai e comunicar-lhe o meu desejo, havia já decorrido muitos anos... infelizmente o Papini deixara de existir, levado que fora pelo tempo.

— Vamos dar uma festa!

— Não é preciso, pai... isso fica muito caro e não está certo gastar-se esse dinheiro.

— Não, não!... não será um “festão”, mas também não será uma “porcaria”... e realmente, a festa aconteceu... até baile houve! O conjunto do “Pito”... do Arthur Breviglieri tocou a noite toda, animando um baile no velho estilo caipira... chão de terra... o “arrasta-pé” atravessou a noite e só terminou quando o Sol raiou, naquela madrugada de nove de maio de 1960, no quintal do casarão da esquina da dona Francisca com a Dr. Morato...

Cavaquinho, sanfona, violão, pandeiro, clarineta... cinco instrumentos musicais tocados por apaixonados amantes da música popular brasileira, que não se faziam de rogados e quase nada cobravam para irem animar uma festa... casamento, batizado, noivado, aniversário ou de simples confraternização entre amigos... lá estava o “Pito e seu Conjunto”.

— Pito?!

— É o apelido do Arthurzinho! por não largar, nem pra dormir, aquele seu velho cachimbo esquisito, por ser reto e bojudado na ponta, onde depositava o fumo, e se mantinha graças a um tampo perfurado para a entrada do ar aspirado.

— Puta negócio esquisito, sô!

— Esquisito, sim... mas comum. Muitos usavam esse tipo de “pito”... e ele, como não o dispensava nunca, acabou com a anexação do “pito” no seu próprio nome: Arthur do Pito!... na Vila, quando se menciona isto, todo mundo sabe de quem se trata.

— Eh, Eh, Eh... essa Vila, essa Vila!...

— Apaixonante!

— Tá esfriando, não?!

— O inverno já vem se aproximando... ocê precisava vê a cerração que havia esta manhã, aqui no bairro!... quase não se via nada, de tão densa que estava.

— Eu a vi, vindo da cidade pra cá e depois pegando a estrada de Rio Claro. Lá, pela estrada de Limeira, por beirar o rio Piracicaba, deveria estar mais forte, ainda...

— Gosto de ver a cerração!... sempre gostei de vê-la, principalmente quando a gente vai ali na ponte do Mirante e a gente sente-a tocar no nosso rosto... úmida, fria... e depois, olhando pro lado da Vila, é um branco só!... o gramado parece ter uma camada de gelo por cima, de tanto orvalho que cai sobre ele...

— Bonito, né?! Eu, mesmo assim, prefiro o calor... a gente fica mais à vontade, sem ter que se encher de roupa, a ficar batendo os dentes de frio... pior mesmo, é quando venta!

— É como venta!

MEMÓRIA DA VILA - 2 XXXVIII

O Rôlo, trabalhando na Boyes, conseguia adquirir para as senhoras da vizinhança, os fios de algodão rejeitados na fabricação do tecido, que era vendido por quilo, como uma espécie de “sucata”. As mulheres compravam-no para com ele, tricotar uma infinidade de coisas criadas por essa verdadeira arte no manejo das agulhas, ou da agulha, pois o crochê era o que predominava entre aquelas representantes das comunidades, italiana, portuguesa, alemã, francesa e essa inconfundível “tiroleza” proveniente das fazendas da Água Santa, Negri, Santana, Santa Olímpia...

Chegava o pacote de linha.

— Dona Carolina, trouxe-lhe a encomenda.

— Obrigada!... tava mesmo carecendo dela!... pronto! estávamos “escalados” para desemaranhar a maluca encomenda... e nos divertíamos com a tarefa.

— Aqui tá uma ponta!

— Aqui tem outra.

— Eu tamém tô cum uma.

— Poxa, só tem ponta!

— E não chegamos a nada!....

Apesar da dificuldade, nós conseguíamos desembramar o monte de pontas de fios e íamos emendando-as uma a uma, e, enrolando-as até formar um novelo parecido com uma grande bola, pesada e cheia de “caroços” — os nossos desajeitados nós —, pronto para ser usado pelas nossas nona, mãe e tias... evidentemente, cada uma dessas bolas tinham-nos proporcionando gostosas gargalhadas, alguns “puchões” de orelhas e brincadeiras sem conta.

As mãos mágicas davam mostras das suas potencialidades, transformando aqueles rolos de linhas sem nenhum valor industrial em graciosas toalhas, centros de mesa, peças de vestiários e tantas outras utilidades e peças decorativas, de grande valor em função da beleza e da complexidade de cada uma dessas criações artesanais.

Nós, crianças, ficávamos horas e horas admirando esse trabalho feminino, e também, ajudando algumas vezes... mas o que gostávamos, mesmo, era ouvir as conversas, os “causos”, as “estórias”, e as “passagens” que significavam a própria “história” da Vila, ou seja, a história da vida de cada uma dessas notáveis mulheres anônimas. Da mesma forma, são os

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XXXIX

O moleque era safado... bastava descuidar dele e lá estava o danado, aprontando uma das suas safadezas... ia espiar a empregada tomar banho, as suas primas trocar de roupa, a vizinha no banheiro do quintal, o namoro do calzinho da casa fronteiriça, e assim por diante.

— Menino! onde está você?!

— Tô aqui, mãe!... gritava ele, lá no fundo do quintal...

— O que ocê tá fazendo?!

— Nada, mãe... nada, mãe!... Podia ir ver, que coisa boa não era... deveria estar praticando alguma arte... e dito e feito. Era um tal de reclamações a seu respeito que, mal batiam à porta, a sua mãe já se municiava do chinelo e segurava o bicho pela orelha.

Depois de uma certa idade, modificou-se por completo. De irrequieto e traquina, passou a ser calmo e tímido. Estudava com afinco e quase não saía de casa, deixando-se ficar, horas a fio, debruçado sobre os livros da escola, ignorando qualquer coisa que acontecesse a sua volta. Uma outra pessoa estava ali... quem não o houvesse conhecido de menino, não seria capaz de imaginá-lo dando em cima da empregadinha da casa, para que ela o beijasse.

— Menino, você não vai sair?!

— Não, mãe!... tô estudando... e assim, declinava do convite para um passeio, dia após dia... só se preocupando com a escola e com os livros existentes em quantidade na enorme estante da família. Processava-se no íntimo do menino-moço, uma transmutação profunda, indicando ser ela de caráter definitivo, permanente, intensa e extensa. O moleque terrível deixara de existir para surgir no seu lugar, um adulto responsável, sério, compenetrado, inteligente. Estudava e ia avançando, progredindo, sempre com notas altas e distinção; ingressa na faculdade, prosseguindo na sua trajetória de brilhante aluno; gradua-se sem se contentar com o título de bacharel; doutora-se, com louvor, mas não sai da escola; passa a ser um dos mestres da renomada faculdade, não abandonando os livros e o laboratório experimental; associa-se a outros pesquisadores, colegas seus e de igual valor cultural e científico; internacionaliza os seus conhecimentos e vê-se distingüido com importantes láureas; seu nome é agora conhecido e citado no universo da ciência, no campo específico da sua especialização. Quem diria, que aquele cientista, tão responsável e dono de tanto conhecimento, seria aquele mesmo endiabrado moleque que vivia aprontando das suas?! Naturalmente, só quem o houvesse conhecido nessa sua fase da vida.

É por esse motivo que os mais velhos, em especial os avós, se mostram mais tolerantes e compreensivos diante do comportamento das crianças. A idade avançada permite-lhes isso, ainda mais quando eles próprios, de uma maneira ou de outra, também cometeram as suas traquinagens infanto-juvenis. Logo, de um “malandro” para outro, há uma certa afinidade e até uma pontinha de prazer no íntimo ao visualizar ou presenciar a traquinagem praticada pelo “malandrinho”... dentro de certos limites, evidentemente, sem o exagero ou em detrimento dos nossos princípios morais... aí, se eventualmente ocorre, há uma cinta ou uma chinela ao alcance da nossa mão.

Da mesma forma, como àquele ocorrera o sucesso, a um outro, se operou no sentido inverso, a sua transformação de brilhante aluno e comportamento menino, acabou sendo um marginal. Me recordo muito bem de semelhantes exemplos e todos certamente, também passaram pela mesma experiência, ao longo de suas vidas, podendo muito bem, mencionar casos pessoais, que não agradam nem um pouco às suas lembranças, mas como fazem parte dos seus “guardados”, acabam sempre voltando à tona quando se quer e até quando menos se espera. É a razão desse meu garatujar, neste momento; ao invés de gravar no papel, uns simples rabiscos, saiu-me está página. Quantas vezes somos surpreendidos pelas nossas lembranças, boas e más, que nos transportam ao passado e nos fazem reviver fatos ocorridos na nossa meninice!... e nos fazem sorrir e chorar. Por falar nisso, é comum acontecer-nos quando estamos caminhando pelas ruas da cidade, cruzar com um amigo de velha data, e irmos além de um simples cumprimento, desse rapidinho, que fica só no “olá!... bom dia, boa tarde, boa noite...”, indicando uma “pressa” que não existe, na verdade, e sim só um reflexo da agitação deste atual “mundo moderno”... então, paramos um pouco, para um “dedo de prosa”... — Ué ocê por aqui?!... — Eu que te pergunto! Tá “perdido” por estas bandas?!... — Tô dando uma “vortinha”... pra desenferrujar as pernas... e ocê?! — Que nem ocê!... “batendo perna”... poxa, mais ocê num “muda”, não?! tá sempre iguar! — Eh, Eh, Eh... ocê que pensa! Tô “véio”, ô sô!... ocê é que tá “firmão”! — Descontando o reumatismo e a idade, tá tudo iguar!... mais me conta alguma coisa... faiz tempo que nós num se vê... até parece qui num moramos na mesma cidade, sô!... Eh, Eh, Eh... é que ocê ficô rico e sumiu!... — Eu rico?! Eh, Eh, Eh... só se for de “ruindade”!... — Vá, vá! tá sempre “chorando”!... não mudou nada, mesmo! tá parecendo com o nosso tempo de grupo... sempre chorando!... Por falar nisso, eu acabei de cruzar com o “seo” Leontino!... ele tá “firmão”!... mencionou todos nós! poxa, que coincidência, sô!... — Pois é! nós se encontrando aqui... “vagabundéando”!... eu, pelo menos! — É, eu também!... sai só pra dá uma vortinha à toa!... E a prosa se prolonga por mais de meia hora, só terminando devido ao chamado, de um deles, por parte de uma garotinha pouco interessada naquele papo...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XL

O Jordão Boscolo divertia-se com o jogo do bicho. Não dispensava-o um dia sequer, mesmo quando tornaram-no proibido e a polícia começou a combatê-lo com rigor, chegando a prender os “bicheiros” da Vila e até os “apostadores” nas suas batidas de surpresa.

— Prenderam o “seo” Berto e a dona Mariquinha!

— Outra vez?! Poxa, esse pessoal precisa parar com isso!... onde já se viu, prender os nossos amigos, só por causa de um inofensivo joguinho de bicho?!

— É, mais tá proibido, né?!

O pessoal não desistia. No dia seguinte, voltaria tudo ao normal, prosseguindo-se com o jogo, da mesma maneira que continua ele sendo hoje... conhecido, proibido, tolerado e. uma “contravenção” para os seus exploradores — por serem comuns, enquanto proliferam os jogos oficiais, explorados pelo governo, como as loterias federal e estadual, a lotô, a sena, a loteria esportiva... São “dois pesos, duas medidas”.

O nosso amigo Jordão fazia o seu joguinho diário, lá com a sua amiga Judith Fonseca, e não era só o seu, não... os velhos companheiros Waldomiro Perissinotto e Lázaro Pinto Sampaio, quando tinham um bom “parpite”, sapecavam também alguns mil-réis, nas centenas, ou milhares, de acordo com os números e com as combinações que o Jordão armava.

Tinha o hábito de dar uma escapadinha no final da tarde, entre as quatro e quatro e meia, para apanhar o resultado no salão de barbeiro do “seo” Berto, bem próximo do escritório... era só meio quarteirão, na mesma calçada. Claro que, nessas oportunidades não deixava de dar um “alô” pras amigas Yolanda e Theresinha Papini! A essa hora, a Yolanda já teria saído da sua função de escrevente da Coletoria Federal, distante um quarteirão da sua casa... e o “seo” Ângelo Fellipini e o Coba — Roberto Carvalho — coletor e contador, respectivamente, já estariam pela vizinhança... cinco minutos de “papo”, nada mais.

— Que bicho deu, Jordão?!

— Elefante e carneiro... gato, águia e burro...

— Sô burro, mesmo! Sonhei com o elefante e não joguei!...

De volta ao escritório, passava os resultados em um mapa... era o seu “controle estatístico” das extrações e “guia” para as apostas futuras... dizia-nos que dava certo e que conseguia ganhar, mas nunca o vimos de posse de

uma “bolada”, por ter acertado no jogo. Porém, alegre com esse seu divertimento, sim, ao ponto de também acabarmos nos envolvendo nele, e com ele, por muitas vezes.

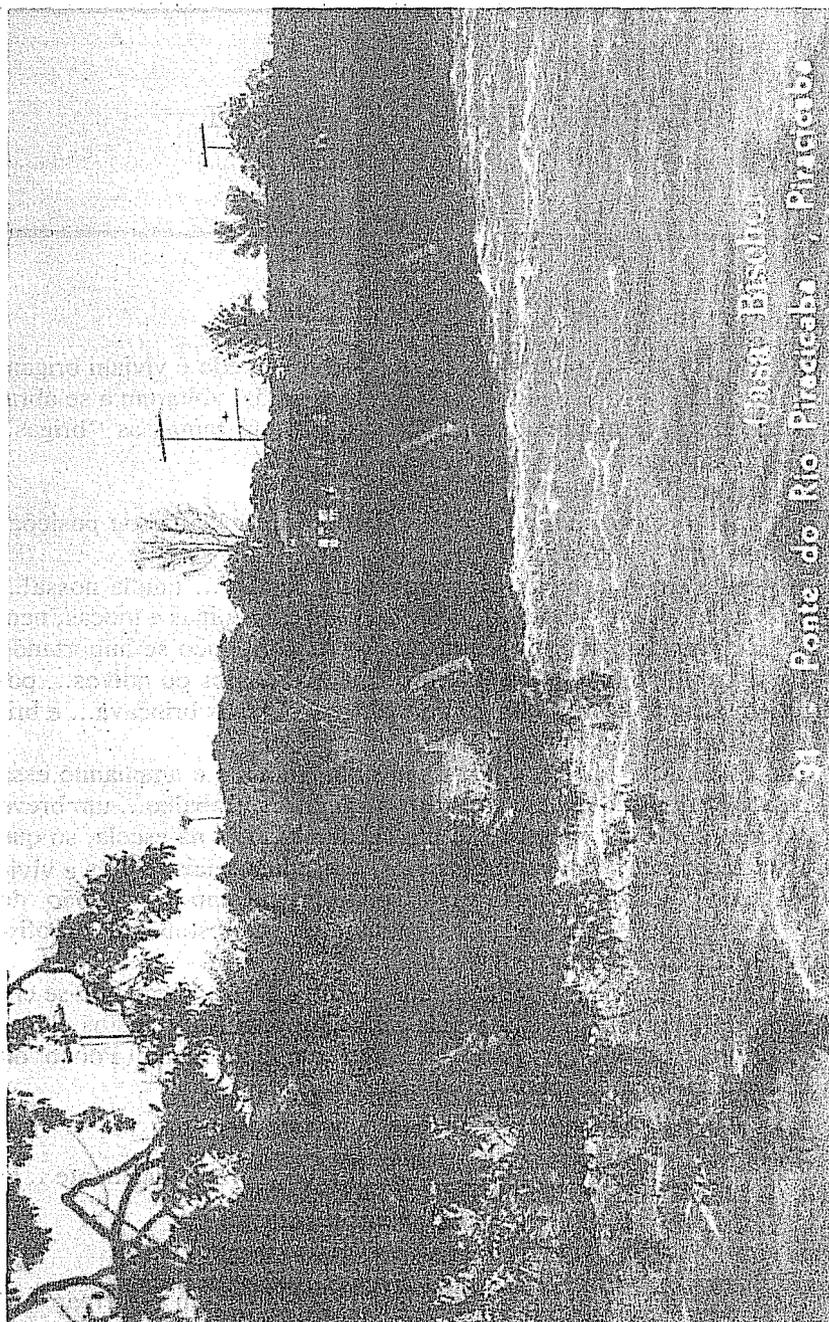
O Jordão era casado com a dona Ernesta Sbravati, uma senhora com cara de brava, mas que só aparentava isso aos estranhos, sendo na realidade, uma pessoa muito boa. O casal foi contemplado com duas filhas gêmeas, idênticas — Aglael e Gleide. Duas moreninhas lindas, extremamente parecidas entre si, ao ponto de não conseguirmos identificá-las, quando juntas... e separadas, então, isso se tornava impossível. Ele ficava feliz ao falar-nos das suas “meninas”!... enchia-se de satisfação quando nos referíamos à elas, por um motivo qualquer... e elas cresceram, mantendo-nos na confusão, por serem exatamente iguais; formaram-se e casaram-se com dois engenheiros... não iguais!... um civil-arquiteto, e outro, agrônomo.

Uma ocasião, resolvera comprar um automóvel, como os seus demais amigos, embora existissem poucos na cidade, ainda, o fato é que ele se situava dentre aquelas pessoas que podiam darem-se ao luxo de ter uma dessas “máquinas”, importadas dos Estados Unidos, inexistindo a fabricação brasileira de auto-veículos. E comprou-o; creio que aprendera a dirigi-lo como Joél Fogaça ou com o irmão deste, o Léo, que além de serem seus amigos, também tinham auto-escola e escritório de despachantes policiais, na cidade, perto da Cadeia Pública. O Jordão gostava, mas não se dava bem com o automóvel e, logo nos primeiros dias, entre uma barberagem e outra, cometeu uma maior. ao vir da cidade à Vila... lá na esquina do Issa, não fez a curva da avenida Rui Barbosa e foi chocar-se com a árvore e o poste de luz, arrebentando todo o seu carro novo...

— Ué, o que aconteceu, “seo” Jordão?!

— Não sirvo pra manejar esses monstros!... num quero mais saber de automóvel!... assim, encerrou a sua carreira de motorista, definitivamente. Na realidade, o que deve ter acontecido para levá-lo ao acidente, é que ali, naquele ponto, as linhas do bonde cortavam o leito da rua transversalmente, para fazer a curva e mudar de lado de calçada, tornando perigoso para os carros, igualmente fazerem a curva, logo após uma subida... então, o coitado do Jordão foi se esborrachar entre o poste e a árvore. Vendeu o que restou do automóvel e não dispensou mais do velho bonde...

Mudou-se da Vila... mas não saía daqui. E como poderia?!



Outra vista da ponte do Mirante, vendo-se o bonde atravessando-a.

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XLI

Adhemar Falcade namorava a Theresinha Sarcedo e viviam brigando, indo cada um para o seu lado, para logo em seguida, voltarem a se abraçar como um casal perdidamente apaixonado... foram tantas as "brigas" entre eles, que acabaram se casando.

Extrovertido e divertido.

Adorava brincar com as pessoas, de quaisquer idades ou posições sociais. Não vacilava um segundo...

— Dona Catarina! como a senhora está chique!... minha nossa!... — Ô, dona Bêne!... vamos namorar, hoje?!... com as meninas e moças, nem se fala, das suas tiradas, surpreendentes e divertidas, pouco se importando se elas estavam ou não na companhia dos seus namorados ou noivos... porém, nunca em tom de desrespeito ou de maldade. Apenas brincava... e brigava com a Therezinha...

Amigos de infância, continuaríamos alimentando e ampliando essa amizade ao longo dos anos... escola... tiro de guerra... trabalho... um breve hiato provocado pelos casamentos... e nos reencontramos na escola, só que essa era uma faculdade. Estávamos, ambos, um pouco mais velhos e vividos. O Adhemar todavia, continuava sendo o mesmo brincalhão de sempre... extrovertido, alegre, falante, brilhante na vida estudantil e profissional, dada a sua inteligência privilegiada.

Levou os quatro anos de faculdade na brincadeira, formando-se em administração de empresa. Galgou a vida pública, conquistou postos elevados no governo estadual, passando a residir em São Paulo. Pouco ou nenhum contato vínhamos mantendo ultimamente.

— Você soube que o Adhemar...

— ?!

— É... infelizmente!... fora coisa do coração... repentinamente... lá em São Paulo...

— ?! você tá é brincando!

— Não, não estou não!...

Uma lágrima, sentida, rolou... disfarçada com um pigarrear e o acender de um providencial cigarro.

— Você deveria largar o cigarro!

— E morrer, do mesmo jeito?

— É!... acho que tem razão... a perda dos amigos, prematuramen-

te, nos emociona e nos faz pensar... Adhemar não fumava e nem bebia...

— Tá bem, tá bem, mas se vamos pensar muito nisso, acabaremos também mortos antes do tempo!

— O negócio é “rolarmos” a bola pro campo contrário — pro campo da vida!

— Ôba, vocês dois aí!... falando de “rolar” bola pro campo da Vila?!

— Oi!... você ouviu mal... não é “Vila”... é “vida” que falei, tá?!

— Hã... mas mesmo assim, é assunto que me interessa!... vamos, vamos me conta esse tal de “negócio”; ocêis tão “bolando” alguma coisa?!... Ah, é isso mesmo! “rolar a bola” é o mesmo que “bolar um negócio”! Eh, Eh, Eh... ocêis, heim!? falando gíria só pra não serem entendidos por pessoas indiscretas, não é isso?!... mas comigo, ocêis podem ficar sossegados!... eu não sou bobo e nem fico tagarelando os assuntos com estranhos...

— Claro, claro! ocê só tagarela com amigos!... ocê não tem e nem fará alguém tornar-se inimigo seu!

— Bão... inimigo, inimigo, eu nunca tive, de fato.

— Num lhe falei?!

— Ei, ocêis dois! Pra fazer bons negócios é preciso ter inimigos?!?

— Chega... ocê venceu! vai entrar como sócio!...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XLII

- Ei, pessoal! Amanhã tem “pau-de-sebo”!
- Vamo vê quem sobe primeiro, este ano!
- A turma do quarteirão de cima, já dissera que vão pegá todos os prêmios e esfregá o Judas na nossa cara.
- Só porque ela quer!... já se esquecera do ano passado?!
- Por isso mesmo, é que tá dizendo isso!
- Vamo tacá mais graxa no poste e depois dá risada dessa cambada! Eh, Eh, Eh...

Sábado de Aleluia... aqui na Vila, também tem enraigado esse costume brasileiro, de armar-se o “pau-de-sebo”, com o boneco representando o Judas recheado de prêmios, no seu topo... o poste de madeira, alto, todo engraxado, fincado em um lugar estratégico, não só divertia a criançada e os moços que se aventuravam em vencer a camada de graxa manteiga e de sebo mesmo, mas inclusive, a grande platéia que se postava nas proximidades, que ria à valer, dos escorregões dos “trepadores” do “pau-de-sebo”.

No final da brincadeira, todos os participantes da empreitada, completamente sujos de graxa, sebo, terra, confraternizavam-se bebendo os licores, vinhos, cervejas (quente e horríveis), refrigerantes que estavam amarradas no boneco e dividiam o dinheiro que também estava preso no corpo do Judas... uma folia engraçada e extremamente suja. Em vários pontos do bairro se erguiam (e se erguem ainda hoje) os “paus-de-sebo”, para a comemoração do fim da Quaresma, durante a qual, antigamente, não se fazia nenhuma festa profana, — principalmente bailes —, em respeito às tradições católicas da nossa população... até os casamentos eram evitados nesse período de cumprimento dos preceitos religiosos... em compensação, no Sábado de Aleluia e no Domingo de Páscoa, o pessoal tirava a barriga da miséria.

Domingo de Páscoa... ah, como era gostoso ver-se a família reunida em torno de uma mesa mais abundante que nos demais dias do ano, só superada, naturalmente, pelos dias de Natal e Ano Novo... macarronada, frango, leitosa, farofa... a italianada, e também os não italianos, se esbaldava toda!... minha querida nona, quando podia, reunia todos os filhos, noras, genros e netos, na nossa velha casa da Rui Barbosa para um gostoso almoço de família, coisa que, atualmente, quase não mais acontece por inúmeras razões decorrentes dos tempos modernos. Lá na Igreja Matriz, os santos nos altares e nos nichos eram cobertos totalmente com pano roxo e só seriam postos

novamente à mostra dos fiéis depois da missa solene da Aleluia, com a explosão da alegria da ressurreição de Cristo... e o nosso Vigário não dispensava a queima de fogos de artifício na hora da consagração... a Vila inteira ouvia o espcocar dos rojões e dos morteiros... ah, que saudade isso nos dá!...
E no salão do Atlético, tinha baile de Carnaval...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XLIII

— Ô, Josmar!... o que você tem aí nessa caixa?... tá carregando ovos? Eh, Eh, Eh...

— Num me empurre!... se ocê quebrá alguma coisa que tá aqui dentro, vai tê briga!...

— Deixa-me ver, então!... dentro da misteriosa caixa de papelão, carregada com tanto cuidado e carinho, deveria existir um ou mais objetos de valor e frágeis, pois dissera alarmado “se quebrar alguma coisa...” que brigaria... então, seriam vários e possíveis de serem quebrados... — Vamos, ô meu! mostra o que há nessa caixa!

— Num põe a cara aqui!... eu dou um murro n'ocê!....

— Dexa-disso, ô meu!... Ei, pessoal, vamos abrir essa caixa do Josmar!...

— Já disse: eu ainda brigo!

— Briga nada! Vai vê que ocê tá cum “coisera de muié”, aí dentro, e tá cum vergonha que nós veja!... Eh, Eh, Eh... o grupo todo de rapazes riem do desesperado Josmar, sentindo a pressão dos amigos e a sua certeza de que perderia a posse da caixa de papelão... essa turminha era fogo!... sabia-a bem, por pertencer à ela...

— Vai passar a caixa ou não vai?!

— Num vô!... mal terminara de responder e a caixa já não estava mais em seu poder... não adiantou protestar, xingar, ameaçar de briga!

— Oh!... vejam só!... poxa, quanta coisinha bonita, sô!...

— Num vão quebrar, por favor!... cuidado, cuidado!... implora e choraminga ao mesmo tempo.

— Não se preocupe, não! só vamos ver essas coisinhas... onde ocê arranjou tudo isso?!

— Fui eu que fiz!

— Ocê?!... vá,vá!... aqui que foi ocê, ó!...

— Palavra!... fiz sozinho, mesmo... lá em casa!... eu vou montar essas peças e aí então, ocêis podem vê-la à vontade... lá em casa.

— Tá... tá, tome a caixa de volta!

— Seus frescos!... podiam ter quebrado tudo, e eu, perdido o meu trabalho!

— Eh, Eh, Eh... porque não nos mostrou logo?!... poderíamos até ter dado um chute nessa caixa!...

— Eu matava ocêis!

O Josmar Di Giaimo era vizinho nosso e, amigo de infância... tínhamos a mesma idade e a mesma origem pobre... participávamos das mesmas coisas, sempre juntos — escola, brincadeiras, atividades na Igreja Matriz, turma de amigos e... dificuldades. Seu pai, era funcionário da Empresa de Correios e Telégrafos, trabalhando na cidade... na função de Carteiro, por sinal, uma pessoa muito querida do povo, pelo seu abnegado serviço público prestado durante todos os dias do ano, sem descanso e sem se importar com as condições do tempo — sol, chuva, frio, calor —, para bem servir a comunidade.

Mas nós estamos falando do Josmar, não do seu pai... este cara que se meteu aqui, sem ser chamado!... e o Josmar, desde menino revelava a sua aptidão pelo desenho, pela mecânica e artesanato... assim continuando, ao crescer... estava na adolescência, quando tiramos-lhe a caixa de papelão; seria a mesma cena, se hoje o encontramos na rua, com uma semelhante caixa, vindo na nossa direção.

Estudou com dificuldades, conjugando penosamente, escola e trabalho, trabalho e escola; aperfeiçoou-se em desenho mecânico, lecionando-o na Escola Senai e acabou concluindo aquilo que desejava — engenharia civil. Graduava-se, oficialmente, na profissão que exercia por vocação.

— Mas, ser engenheiro civil, não tem nada de extraordinário! São tantos os formados, na Vila!... bela-roba!

— O Josmar é “maquetista”!

— Maquinista?!

— “MAQUETISTA”, ô tapado!... é um engenheiro especializado em projetar e produzir maquetes!... ou “maquêtas”, que é a mesma coisa, ou seja: “pessoa que faz miniatura de projeto arquitetônico ou de engenharia”...

— Hã, entendi... Eh, Eh, Eh... diferente de “maquinista”, né?! Eh, Eh, Eh...

Sem dúvida, como não há dúvida alguma nas grandes qualidades técnicas e visuais das maquetes produzidas pelas mãos habilitosas do Josmar... já deve ter ultrapassado a casa do milho, o número de unidades concluídas por ele, entre pequenas, médias e grandes, sob encomenda, de indústrias e de construtoras civis, todas elas levando a sua marca pessoal registrada — perfeição, amor, carinho, dedicação, beleza.

Trabalho paciente, meticuloso, perfeccionista, artístico, que requer também, profundos conhecimentos de desenho, de engenharia e... criatividade, para saber improvisar e criar coisas impossíveis, existentes, às vezes, só na imaginação — ficção — de poucas pessoas... e ele, admiravelmente, acaba materializando-as na maquete.

— É o Josmar!...

— O “maquetista” da Vila!...

— Ôtro “encardido” do bairro!...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XLIV

A maior parte dos moradores da Vila é proveniente do sítio. Assim era, há muitos anos passados, antes do desenvolvimento industrial que veio modificar consideravelmente, o perfil populacional desta parte da cidade e também, da que se situa na outra margem do rio; com a implantação do Distrito Industrial Unileste, resultou um enorme crescimento de toda a periferia piracicabana, com mudanças sensíveis nas suas áreas urbanas.

Vila Rezende acompanhou o progresso de Piracicaba, que para nós, bairristas e conservadores até um certo ponto, pouco acessíveis aos forasteiros, só veio deteriorar a nossa configuração etnológica... mas a realidade é uma só — a Vila cresceu, em tamanho urbano e em número de habitantes, talvez até mais que o restante da cidade por ser tradicionalmente, um pólo industrial e possuidora de facilidades expansionistas mais acessíveis ao povoão... constata-se isso tudo, vendo-se como “encurtara-se” a distância que separa a Vila da então afastada Santa Teresinha (ou Corumbataí, como era conhecida)... o mesmo se dá com outras partes da Vila, de acordo com a direção que o nosso olhar se fixe. Tanto é verdadeiro esse fato, que hoje, 1989, nós, os “antigos” daqui, temos mais dificuldades em identificar os nossos vizinhos, simplesmente por serem moradores novos, provenientes de outras cidades e até de outros países... não queremos dizer, com isso, que essas pessoas não nos são “bem-vindas”, pelo contrário! sentimo-nos lisonjeados por terem “escolhido” a Vila para os seus novos lares... sinal que são elas, inteligentes (perdoem-nos os da “banda de lá do rio”... é o nosso bairrismo que está à falar mais alto! Eh, Eh, Eh...) e identificam-na como um lugar bonito e aprazível de se viver.

— Ué, ocê fala assim e foi morar na Cidade!?!

— Por “contingências” da vida... mas o meu umbigo tá enterrado na Vila!... aliás, eu passo a maior parte do meu tempo — diário — na Vila... o trabalho, os amigos, a Igreja, as entidades assistenciais — câncer, creche... nos leva a isso... na Cidade, praticamente, só durmo lá...

— Eh, Eh, E... ocê é que nem o Babico, o Warte Storf, o Dovílio Ometto, o Napeva Mascarim...

— Isso mesmo!... só que eu, continuo ainda, pobre!

— O que ocê qué dizer com isso?!

— É o seguinte, deixa-me explicar-lhe... houve uma época que se falava, aqui, que o “vilarezendino”, quando se tornava “rico” mudava-se logo pra Cidade... abandonava o bairro por ser ele pobre, ter quase unicamente operários como seus moradores, ser salpicado de indústrias etc...

— E era verdade?

— Maldade!... não há, como não havia então, um leve cunho de veracidade nisso... o pessoal mudava e muda de residência por razões outras, inúmeras, e certamente, aborrecido com a mudança...

— Concorde com você!... aconteceu comigo... quando sai daqui, eu até chorei!... num me conformava tá lá na Cidade, enfiado naquela “prisão” de apartamento!... tive de me desfazer de uma porção de coisas e daquilo que mais gostava — dos meus passarinhos e do meu velho “vira-lata”... disse eu não me conformo, ainda hoje, depois de tantos anos!...

— É isso aí!

— Na Vila, a vida é outra coisa... até prédios de apartamentos estão sendo construídos, fora dos que já existem, embora pequenos... tô falando daqueles “bitélos”...

— Você sabe que por pouco, mas por bem pouco mesmo, o nosso antigo Seminário Diocesano, não vai abaixo e no seu lugar surgiria um edifício de dezenas de andares?

— Ali, onde era a casa do Padre Gallo, encostado com a nossa Matriz?!

— Ali mesmo!

— Mas isso seria um absurdo! Um horror, a bem da verdade!

— Estragaria a nossa Matriz, acima de tudo.

— Mas aquela área fora “doada” pelo Barão de Rezende, pra paróquia da Vila, ou melhor, para ser nela instalada a Igreja Matriz... o terreno nem da Diocese é!

— Mas esse bispo num é daqui e num tá nem aí!...

— E como evitou-se esse “sacrilégio”?!

— Graças ao Padre Jorge... o “turco” é fogo, sô!... ele foi lá com o “chefe” dele e negociou o imóvel.

— Negociou?! você quer dizer: “comprou”?!

— Isso mesmo! Comprou-o por trinta mil cruzados novos!...

— Poxa, como pode?!... comprar uma coisa que já era da paróquia!

— ... pra evitar um mal maior, o nosso querido Vigário “sacrificou-se” financeiramente, assumindo uma dívida, pra ele, enorme!... só para evitar uma discussão dentro do Clero, acredito eu.

— Esse bispo é mesmo das “arábias”!...

— Dixa pra lá!... a Vila saiu ganhando... pelo menos, a paz!...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XLV

Precisamos ser cautelosos hoje, sobre o que falamos e o que escrevemos.

Se falamos do passado, somos uns saudosistas, uns retrógrados. Se falamos do presente, somos uns estagnados, uns desprovidos de ambição ou de esperança. Se falamos do futuro, somos uns visionários, uns sonhadores, uns desligados. Se combinamos as três coisas, comos uns desmiolados ou amalucados, uns pretenciosos, uns intelectuais inúteis. E assim por diante, cada um vai rotulando o seu semelhante, de acordo com o seu ponto de vista, que por sinal, só se avista a si próprio e o seu horizonte se limita ao espaço do seu próximo passo.

Ver o passado com os olhos do presente e sonhar com o futuro para melhorar o presente, é algo que muita gente não faz, para não dizermos a maioria dela. Vive-se o presente, de maneira egoísta e egocêntrica, e infelizmente, este conceito de vida se estende aos círculos maiores — família, comunidade, sociedade, cidade, estado e país — e dane-se o resto que se situa fora de cada um desses círculos concêntricos, tanto e quanto ao passado, o presente e o futuro.

Fala-se de paz... mas só na nossa nação. Condena-se a guerra... mas só aquela que nos afeta. Aspira-se a fé... mas só na mente do outro. Condena-se a perversão... mas só a alheia. Maldiz da miséria... mas só da sua. Combate... mas só o seu combate. Ama-se... mas só a si mesmo. Repudia a indignidade... mas só a do outro. Luta pela liberdade... só sua. Persegue a riqueza... do outro. Persigna-se diante da pobreza e da desgraça... do outro. Paramos por aqui. Ali adiante há um buraco e tenho medo de cair dentro dele.

— Ué, como você sabe que há um buraco lá, se não dá para vê-lo?

— É que eu vi um cara cair dentro dele, há pouco.

— E porque não sinaliza-o, avisando desse perigo?

— Num tenho tempo!... eu não passarei ali!... outros que o façam!... pra quê?... que se danem!... eu, heim?!... ainda bem que não fui eu!... Ha, Ha, Ha...

Egoísmo.

Egocentrismo.

Desumanidade.

Passado, Presente, Futuro... em quaisquer dos tempos, ontem, hoje, amanhã, continuaremos a encarar a mesma coisa, como se não tivés-

semos passado por nenhuma experiência, ou então, dela não tirado nenhuma lição. Notável característica do ser humano, por se mostrar capaz de ver os fatos sob diferentes ópticas, segundo as suas conveniências e a momentaneidade das suas emoções. E é em um desses momentos, inesperados, que acaba acontecendo uma inconformidade e ele, o homem, provoca a transformação — sutil e-ou extraordinária — de uma realidade em outra, e ele o homem, revoluciona o Mundo e impulsiona a Humanidade à eternidade. Notável característica do ser humano! e tudo isso, por ser dotado de inteligência e de racionalidade; por ser possuidor de misteriosos dons — vontade, liberdade, engenhosidade, sobrenaturalidade — os quais, mesmo exaustivamente analisados, se revestem de pragmáticos dogmas.

Complexidade... daí, a perplexidade.

— Falando sozinho?!

— Não... estou experimentando esse gravador... então, comecei a falar algumas bobagens!...

— Gravador?! Sabe que eu ainda não vi um funcionando?

— Não?! Vamos gravar ocê falando...

— Péra aí!... deixa eu ouvir primeiro o que ocê falou aí!



Trecho do Rio Piracicaba - Liv. Brasil - Piracicaba

Vila Rezende vista do lado da Rua do Porto; ao fundo, à direita, a casa do Povoador Capitão Antônio Corrêa Barbosa, fundador de Piracicaba.

— Tá bom! mas depois ocê fala... e colocou a fita no ponto inicial...
“Precisamos ser cautelosos... perplexidade.”

— Daí?!

— Perplexo!

— Com essa maquininha?

— Com você! Disso que acabara de falar aí, graças a este fabuloso invento.

— Do invento, ocê tá certo... mas sobre a “fala”, pura divagação desconexa!... ocê ouviu quanta besteira a gente fala?!

— Pode ser... pode ser... preciso pensar, antes de dar-lhe a minha conclusão, ou melhor, a minha opinião... é um assunto complexo!

— Ocê também fica “parafusando” coisas como eu?!... às vezes, chego a imaginar-me um maluco!

— Acho que todos nós, intimamente, como ocê diz: “parafusamos” um montão de idéias, de pensamentos que temos soltos pelo interior da nossa mente, e, de repente, os unimos um a um e extraímos coisas surpreendentes... então, nos assustamos com elas!

— Daí, a minha impressão de “loucura”, de “maluquice”.

— Mas, faz-nos bem pensar!... ei, o que ocê tá fazendo?!

— Nada, nada... ocê já vai ouvir o que acabara de falar... Eh, Eh,

Eh...

— Ocê gravou?!?

— “Perplexo”...

— Seu safado!... poxa, puta voiz feia!... puta merda, como falo errado!...

— Eh, Eh, Eh... ocê é piracicabano, ué!... queria o que? falar que nem o Jânio?!

— Cruz credo! Deus me livre!... isso aí, mesmo, pois sou da Vila!... Eh, Eh, Eh... ocê também fala como um caipira...

— ... da Vila!

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XLVI

— Diga-me uma coisa: não acontecia nada mais engraçado por aqui, sem ser esses episódios que ocê mencionou?

— Certamente... a dificuldade está em lembrar de um, que possa ser contado sem provocar um mal entendido com os envolvidos ou os seus familiares... ocê sabe, né!? Realmente, a dificuldade reside nesse detalhe, da suscetibilidade... há fatos engraçados, em especial aqueles que envolvem relacionamentos extra-conjugais... afinal, a comunidade vilarezendina, com toda aquela italianada danada, não poderia ser essencialmente “puritana”!... pelo contrário, como pode-se imaginar, quando uma “certa” dona dava de “pular a cerca”, a coisa pegava fogo!

— Cornuto!... “mama-mia”!... o caso, se descoberto, e ainda mais, se pego em flagrante, haveria morte na certa!... daí, o meu receio, mesmo já decorridos tantos anos, de “insinuar” qualquer coisa nesse sentido, quanto mais “afirmá-la”, envolvendo nomes ou apelidos... seria pego na rua e teria de arcar com as conseqüências...

— Mas eu digo “algo” engraçado, não “algo” escandaloso ou indecente!... ocê também, não precisa ir logo “apelando” para tais casos, né?!...

— Eu sei, eu sei... é que você perguntou-me uma coisa e eu associei-a a outra, por fazer-me lembrar de certas “passagens” cômicas, envolvendo naturalmente, casos amorosos, como os daquelas gostosas comédias italianas com os impagáveis Aldo Fabrizi, Totó, Marcelo Mastroiani e tantos outros... Eh, Eh, Eh...

— Eh, Eh, Eh... ocê me faz rir, ao citar essas comédias italianas, que a gente ia assistir no “poleirão” do Cine e Teatro São José... Ah, como eram gostosas, divertidas!...

— As comédias de agora, apesar de todo o avanço do cinema, parecem que não trazem-nos mais aquele sabor de antigamente... ou então, nós é que não nos divertimos mais com as comédias... o que acha?!

— Acho que ocê tá certo nas duas coisas... não fazem mais comédias como antigamente e, nós estamos ficando velhos e ranzinzas!... mais esta do que aquela coisa!

— Lamentavelmente, sim!... só não concordo, de todo, com o “ranzinza”!... eu não sou um “chato”!... posso ser um tanto “áspero”, mas chato, não!

— “Ruspioso”!... Eh, Eh, Eh...

— Ocê é otro iguar, num dê risada, não!... ocê pensa que eu num cunverso com sua muié?!... eu sei de tudo!... vá pensando, não!...

— Êpa! tome cuidado, heim!... eu ainda sô descendente de italiano!...

— Eh, Eh, Eh... num falei?! Eh, Eh, Eh... “tutti bonna gente”! Eh, Eh, Eh...

— Havia muita coisa engraçada, que nos fazia rir naturalmente, como por exemplo, vermos a velharada correr atrás do bonde, para embarcar nele ou quando a gente presenciava um daqueles incontáveis tombos, de velhos e de moços, quando desciam desse veículo em movimento, inadvertidamente, pois ele não oferecia quase nenhum perigo... ou, aos domingos, a gente ver aquela caipirada toda, que vinha de trem à Vila, e descia a Rui Barbosa para irem à missa... vinha em bando, de mãos dadas... Eh, Eh, Eh... na sua volta, terminada a missa, ia parando pelas lojas e bares, toda curiosa, e multicolorida na sua roupagem cheia de graça e simplicidade... “gozada” para nós, nos dois sentidos: de engraçada e de gozação mesmo...

— Ô “subiotada”! (subioto era como chamávamos um tipo de macarrão, usado para sopa feita com caldo de feijão, muito apreciado pela italianada, da cidade e do sítio)... era o suficiente para torná-la brava... Eh, Eh, Eh...

— Êta molecada danada!... ocêis não davam sossego, heim!?

— A gente não tinha a intenção de ofendê-la... apenas nos divertíamos com aquela gente boa... e boa parte dela, parente nossa, é bom que eu diga isto, pois logo em seguida os primos e primas estariam nas nossas casas e aí então, seriam eles que nos “gozariam” ao verem-nos abobalhados com as coisas que eles nos traziam de presente, produzidas nos seus sítios e tão comuns para eles, enquanto que, a nós, eram verdadeiras “maravilhas”...

— E ocêis todos num passavam de uma caipirada só!... Eh, Eh, Eh...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XLVII

Quando nos mudamos para uma nova casa, a primeira impressão que nos causara, fora de amplitude, conforto e de um salutar ambiente limpo, livre de insetos, principalmente das horripilantes baratas. Em pouco tempo, cada uma dessas impressões, isto é, cada uma das partes daquela impressão foi deixando de existir... primeira delas, a das baratas; desapareceu no momento exato da perda de efeito dos inseticidas espalhados pelos pontos estratégicos da casa; depois, uma a uma, as demais... e em pouco tempo, já tínhamos saudade da casa velha!

Tornou-se pequena, bem depressa. Vimos então, que do quarto ao banheiro, as dimensões pouco diferiam, em metros quadrados... dormia-se sentado, em quaisquer uns desses compartimentos, menos deitados... modo de falar, é claro! o fato é o de demonstrarmos quanto equivocados estávamos na nossa comparação anterior: ambas as casas eram casas normais, ou sejam, casas com as dimensões comumente usadas ou adotadas para abrigar uma família com a “dimensão” normal... a diferença, não estava nas “casas”, e sim na dimensão da “nossa” família!... com tanta gente, qualquer casa se fazia logo pequena.

— Num dá pra gente continuá assim! Ah, assim num dá, não!... cada vez de procurá uma coisa, a gente fica lôca!... reclamava a dona Cida, com razão.

— Poxa, mas ocê num precisa ficá dando a bronca nemim, né!?...

— É que ocê num faiz nada!... já devia ter feito a casa nova!...

— Carma, dona Cida, carma!... ainda num deu, né!?... ocê tem que esperá!...

— Esperá até quando?!... faiz anos que ocê fala a mesma coisa!...

— Carma, carma!...

— Ô, pai!... a mamãe tem razão!... vamos fazer logo essa casa!... diziam em coro, os filhos, ao tomarem o partido da mãe... e com razão!

— Tá resorvido! Vamo construir a casa!

— Ôba, ôba!... gritam todos... até o danado do papagaio se envolve, atacando um trecho do Hino Nacional!... e todos caem na risada.

Resolvido o longo impasse, cuidamos logo da encomenda do projeto da casa imaginada e ardentemente sonhada; por indicação de amigos, contactamos um casal de arquitetos... vejam só! um “casal” de arquitetos e não apenas um, como seria de se esperar... mas o caso de serem dois deveuse

ao “acaso” de serem casados, só por isso... e iniciamos a construção da tão esperada casa. Aí é que nos demos conta, ao começarmos a pagar as contas, do tamanho enorme da “nossa” casa... contas e mais contas, cada uma mais pesada que a anterior e não parecer chegar nunca a um final... da casa e da conta!

— E a casa? pergunta-nos o amigo.

— Inacabada, ela... acabado, eu!

— Num desanima, não! conforta-nos o amigo, contando-nos dos seus “apertos” passados...

— É... assim espero!...

Olhando-a do lado de fora, me assusto com o seu tamanho. Depois de erguido o muro, a Camila, começando ainda à falar, ao vê-lo exclamou:

— Olha a “casa de pedra” do vô!... entusiasmava-se com o muro de pedra, por ser ele realmente construído em “pedra-de-fogo”, essas rochas tão abundantes na nossa região, dada a existência aqui, na pré-história, de vulcões ativos... assim passou a chamá-la até hoje, quando quer distinguir a velha da nova casa.

— E é grande, mesmo, essa sua nova casa?

— Grande?! Põe “grande” nisso!... é um baita casarão, sô!... dá pra gente se perdê dentro dele!... óia ocê uma coisa, que eu vô dizê: a gente, quando de madrugada levanta pra ir ao banheiro, vai precisá tomá cuidado pra não ir vortá à dormir dentro do guarda-ropa!... Eh, Eh, Eh...

— Eh, Eh, Eh... já imaginou?! Eh, Eh, Eh...

— Coisa de lóco, sô!

— Mas já terminou-a?!

— Inda não... inda não...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XLVIII

Junho.

Quentão, pipoca, amendoim, batata doce assada na brasa, portanto, havia fogueira e... fogos, muitos fogos de artifício... rojões, bombas de todos os tipos — pequenas, grandes, de um ou mais tiros... oh, não, esses eram os rojões!... —, os fósforos de cores, o traque ou o “peido-de-véia”, busca-pés... Eh, Eh, Eh... era gozado ver a muierada ficar brava quando a gente soltava os busca-pés na direção dela... mesmo levando uns puxões de orelhas.

Festas juninas... Santo Antônio, São João e São Pedro... havia bailes “arrasta-pés” aos quais quase todos iam vestidos à caráter, ou seja, “acentuados” às suas características de autênticas caipiras... não faltando as danças da “quadrilha”, a comédia do casamento, o desfile pela Avenida Rui Barbosa em çarrinhos, charretes e carroças todos enfeitados com bambu e bandeirinhas de papel, coloridas e fixadas ao longo de fortes linhas... também costumava-se enfeitar as ruas com essas bandeirinhas, em ziguezague, de um lado a outro da rua, aproveitando as árvores existentes a espaços equidistantes... Divertia-se muito nessas noites de festas juninas, espantando-se o frio com o delicioso quentão mantido sempre aquecido graças aos fogueiros a carvão... e falando nisso, lembro-me que ali, defronte à Igreja Matriz, havia um casal de velhos com o seu carrinho de doces, feitos em casa... rapadura, marmelada, batata-doce (da amarela e da roxa), pé-de-moleque, cocada (da branca e da preta), doce de abóbora, mata-fome, paçoquinha, queijadinha, amendoim torrado com casca e... quentão!... umas delícias!...

— Você num lembra o nome deles?!

— Ele, se não estiver enganado, devia ser o “seo” Amadeu...

— Moravam na Bimbóca... na avenida Conceição... perto da bica...

— Isso mesmo!

— Amadeu... Amadeu... num consigo me lembrar!...

— Pois é!... parece-me até vê-los, ali!...

— Brincávamos com ele, chamando-o de “Amadeu Torradinho”!

Eh, Eh, Eh...

— Santas almas!... devem estar na porta do Céu, com os seus çarrinhos...

— Mas, do lado de dentro, né?!

— Craro!... e ocê acha que São Pedro os deixaria de fora?!... ele, de vez enquando, dá uma bicadinha no quentão! Eh, Eh, Eh...

— E o pinhão cozido?!

— Pinhão cozido!... tá me dando água na boca!...

— Que tal uma cervejinha?!

— Eu pago!

— Não, quem tá cunvidando sô eu, né!...

— A primeira... a segunda, pago eu!...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - XLIX

- Queimou o meu motor!...
- Eh. Eh, Eh... era por isso que ocê andava “rateando”?!
- Uma óva!... tô falando do motor elétrico...
- Queimou?!... leva lá no Zé, que ele arruma... deixa-o novo!
- Zé Marques?
- Claro, o José Marques!
- Eu não sei?!... é meu compadre!
- José... filho do Joaquim... irmão do Walter... os proprietários da

Irmãos Marques... agora Marques Indústria Eletroeletrônica Ltda., Marques Engenharia, Marques Comercial... é “Marques” que não acaba mais... em todo canto há um “negócio” deles!

— Merecidamente!... trabalhadores incansáveis, como eles, só podem progredir na vida.

— Pois saiba de uma coisa! o Zé, na sua simplicidade notável, não se esquece das dificuldades passadas... do seu tempo de homem da roça, que tinha, por despertador, o canto do galo e só voltava pra casa quando o Sol se escondia, de vez... deu um “duro” na vida, pra conseguir vencer... e venceu!

— Eu conheço-os! Lembro-me da época que o Zé e o Warte moravam na pensão do Galhardo, que ficava quase na curva do bonde, no final da Rui Barbosa... eram solteiros e o “seo” Joaquim não havia ainda se mudado pra Piracicaba.

— Com a vinda do Joaquim, eles abriram uma officininha pra enrolar motor elétrico, na Travessa Dr. Morato, bem defronte à casinha que eu morei, logo que me casei... essa casa era do Lico Martins... e foram crescendo no ramo elétrico, fazendo reformas para as usinas de açúcar da região, até tornarem-se essa potência que são hoje.

— Trabalho, muito trabalho!...

— Continuam trabalhando, no velho ritmo, aqui na Vila.

Exemplos como esse, são altamente dignificantes e merecedores do nosso respeito pelo bem que proporcionam à Vila e à cidade. Ao citá-lo, o fazemos com o propósito de registrar aqui, o quanto admiramos o fruto do trabalho honesto e sério, de um sem número de homens valorosos que fizeram, da Vila Rezende, o seu segundo berço natal... então, nos lembramos de mais dois irmãos que resolveram trabalhar aqui no bairro, tendo-o como “ponto” referencial...

... e é no “ponto de táxi, que vamos encontrar os irmãos Boralli... o Tico e o João.

— João, vamos comprar uns automóveis e trabalhar na praça?!

— Mais, pra trabaíá, nós num precisa de automóver!

— Não, João!... tô dizendo de nós colocá eles de alugér!

— Hã, bão!... é quem vai guiá eles...?! eu num sei guiá!...

— Ocê aprende!... contratamos alguns motoristas pra trabalharem com a gente... faremos viagens para a Dedini, Codistil, Mause... e para quem quiser viajar... tá cheio de gente que não tem automóvel e alugam táxi.

— Então, vamo logo acertá isso!...

Instalaram-se com o “ponto”, na esquina da Rui Barbosa com a Mário Dedini, ao lado do bar do Galhardo, estacionando os belos e reluzentes automóveis importados dos Estados Unidos, novinhos em folha, no chão de terra da rua ainda não pavimentada.

O Oriente — Tico — Boralli sabia dirigir, e muito bem... o João, não tinha a mesma habilidade do seu irmão, por ser distraído... assim me parecia, enquanto o Tico, fora sem dúvida, o melhor motorista que eu já conheci. Viajamos tantas vezes juntos, durante anos a fio, sem jamais sofrer o mais leve incidente ou sequer um susto, graças a Deus e também às qualidades profissionais desse querido amigo... Por serem bons, com os carros e para com as pessoas, ambos os irmãos já foram à casa do Pai...devem estar manobrando as nuvens, lá no grande estacionamento celestial...

— Tico!... João!...

— As suas ordens, Senhor...

— Ocêis dois, vão dar umas aulas de taxiamento pra essa cambada que tá bagunçando o nosso pátio!... depois, vamos dar um passeio pelas redondezas...

— Sim, Senhor!...

— Tico, vamo usá bandera “um” ou “dois”?!

— Quarquê uma!... só vamo recebê “santinho”!... Eh, Eh, Eh...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - L

A Vila Rezende, pouco a pouco, se viu beneficiada por uma série de instituições que se fixaram no seu território, depois de passar por um período extremamente longo, desprovida de quase tudo.

Não há dúvida ao se atribuir ao Comendador Luciano Guidotti, o mérito de grande benfeitor da Vila, só superado pelo outro Comendador, o senhor Mário Dedini... fora o Sr. Guidotti, um italiano despachado, que acrescentou quatro novas pontes sobre o rio Piracicaba, quase dois séculos depois da fundação da cidade aqui, neste lado do rio.

E o que se instalou aqui?

Um Rotary Club...

Um Lions Club...

Um hospital de grande porte... o dos Plantadores de Cana...

Um Centro de Prevenção do Câncer...

Uma faculdade de odontologia... da Unicamp...

Uma fundação municipal de ensino... com faculdades de engenharia civil e mecânica... uma escola de tecnologia industrial...

Um zoológico municipal...

Uma cidade da criança... de diversão e entretenimento...

Um distrito policial... cruz crédo!...

Um quartel da polícia militar estadual...

Um quartel do corpo de bombeiros estadual...

Uma delegacia de polícia... da mulher!... “mama-mia”!... diriam os véios da Vila...

Uma “sub-prefeitura”... se a própria prefeitura já é “sub”, essa deve ser “subterrânea”!... ninguém a vê!... ah, descurpe!... é “demagogia”! Eh, Eh, Eh... esse pessoal da “cidade” são memo “uns gozador”!...

Uma “senhora” sociedade amigos da Vila... a “SAVIRE”! Éta pessoal bão, sô!... “esses”, são da Vila!... tem creche pra mais de duzentas crianças... dois enormes salões de festas... pra italiano argum pô defeito!... e são pra alugar e fazer dinheiro... um mundaréu de salas... uma biblioteca pública...

Duas novas igrejas, isto é, dois novos templos católicos... e outros de outras seitas, também!...

Uma instalação grandiosa de captação e de tratamento de água... municipal...

Uma central de telefonia... da Telesp... esta me “surpreendeu”,
palavra!... tá lá perto da Savire!...

E... a Vila é outra!

— Épa! ocê tá mai é bobo!... eu num falei que ocê foi morá na cida-
de e ficô bobo?!...

— Ocê entendeu errado!... eu disse! “a Vila” é a outra... grande face
de Piracicaba!... uma e outra, se completam, se unificam... para nos mostrar
como é grandiosa e privilegiada esta cidade de Piracicaba!...

— Ah, bão, bão!... Piracicaba é Piracicaba... e não há piracicabano
maior que o vilarezendino... iguar, pode ser... melhor, não!...

É a velha Vila, não tenho dúvida!...



trecho do Rio Piracicaba - Liv. Brasil - Piracicaba

Vista da Vila Rezende - Salto do Piracicaba.

MEMÓRIA DA VILA - 2 - LI

Quando falamos do Tico Boralli, não mencionamos, detalhadamente, o carro mais bonito que ele teve...

— Ah, pensei que ocê havia esquecido!...

— Ô, meu bem!... craro que não!... logo aquele que ocê tanto gostava!?...

— “Seo” Tico!

— Pois não, senhorita!... o que a Cidinha deseja?!

— “Seo” Tico, quando eu casar quero que o senhor me leve, pra igreja, neste seu automóvel!...

— Você e aquele magrela?!

— Ô, “seo” Tico... retrucava a mocinha, toda corada...

— Eh, Eh, Eh... tô só brincando! Eh, Eh, Eh...

Brincava, de fato... conhecia-nos, desde as nossas infâncias!... e enchia-se de orgulho ao ouvir o pedido da mocinha.

— Mas, que carro era esse?!

— Um Chevrolet “Bellair”!... Ah, que maravilha de carro!... azul celeste e branco... quatro portas... rodas com calotas cromadas... vidros grandes, sendo do parabrisa, todo curvado... o traseiro, também era curvado... ocê pode imaginar, que beleza de carro!

— Eu me lembro desse tipo de carro... afinal, eu também morei aqui, né!...

— No dia do nosso casamento, o amigo Tico encarregou-se de levar a noiva... parecia ser o pai, não só da noiva, como do noivo também!... todo cheio de si, exibindo, orgulhosamente, o seu melhor sorriso...

— Eh, Eh, Eh... tá contente, dona Cidinha?!...

— Oh, “seo” Tico!...

— Só tem uma coisa: eu vô me divertir na sua festa!... portanto, motorista que vai levá ocês, pra Poços de Caldas, é o João Aragon... eu, vô tomá “umas” Brahma, e boa! Eh, Eh, Eh...

Viajamos naquela madrugada do dia nove de maio de 1960, por sinal, bastante fria e com forte neblina, entregues ao seu mais competente motorista... o caro amigo João Aragon.

— Poxa, ocê começa a falar e não pára mais!... e o que mais de interessante, ocorreu neste seu casamento?!

— Barbaridade, ô, meu!... e o culpado foi o Aragon!... involuntariamente, é claro!... como poderia imaginar?

- O que?!
- Ocê vai rir!
- ?!

— Eu comprei um jogo de malas... uma grande, outra menor e uma frasqueira... a grande, seria a minha, né!... a menor e a frasqueira, a da noiva! Todas eram providas de duas fechaduras... eram de material duro e resistente... último modelo, pra época!... à prova de roubo, isto é, de serem abertas, pois de roubo, mesmo, só se estivessem presas ao nosso corpo!...

— Isso é verdade!

— ... fechadas, cuidadosamente, as chaves ficaram sobre a maior delas... aí, enquanto nos despedíamos da “família”, o Aragon coloca as malas no carro...

Acomodados no quarto do Hotel Glória (veja-se só, o nome “glória”!...), depois de passarmos pela “experiência” de estarmos pela “primeira” vez em um hotel, fomos “introduzidos” nos aposentos nupciais...

- Vou abrir as malas!...
- ?!
- É... as “nossas” malas!
- Ah!...
- Ué!... cadê as chaves?!
- Chaves?!
- É!... as chaves!
- Tavam em cima da mala grande!
- E ocê apanhou-as?!
- Não! ocê não apanhou-as?!
- Não!... estamos fritos!
- Oh!

Fazia frio, como disse, naquele ano... e nós, caipiras e jovens acima de tudo, estando eu com vinte e um e ela com dezenove anos, ocê pode calcular o nosso “embaraço”!...

- Eh, Eh, Eh... nem tanto, nem tanto!
- Entretanto, um “tanto quanto”!... podes crer!
- Eh, Eh, Eh... e daí?!
- Um casal, de velhos!... rindo muito do nosso “aperto”, prontificaram-se em nos oferecer uma camisola e um pijama!...
- Emprestaram?!
- Nem mortos!... Eh, Eh, Eh...
- O Pedro conseguiu abrir a mala com um “cortador de unha”!...

intervém a dona Cidinha, sem deixar de corar, como uma eterna meninazinha que sempre foi!... mas percebi, com o rabo do olho, que ela ria, disfarçadamente!...

As chaves?!

Foram encontradas, no dia seguinte, lá na casa de meus pais!...

E quem precisava de chaves, naquele dia?!

— Lindo!... adorei!

— Vovô, ocê é “safado”!
 — Ô, Camila! o que ocê falou?!
 — Foi a Luizinha, vô!
 — Luizinha?!?
 — É, vô!... ela finge que não fala... mas eu sei que ela fala!... eu entendo ela!
 — Verdade, Camila?!
 — Verdade, vô!... olha o olhinho dela!... tá rindo pra nós!... Hi, Hi, Hi...
 — Oh, minhas queridinhas!...
 E o Tico, lá de cima, deve estar sorrindo!...
 — Eh, Eh, Eh... tudo por causa do meu “Bellair”!... azul celeste e branco!... igualzinho o Céu e as nuvens!... Eh, Eh, Eh...
 Só mesmo na Vila!...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - LII

O “Ponto Boralli” existe até hoje, sempre no mesmo lugar...

— Ué, ocê queria que o “ponto” andasse?!

... os Racostas trabalharam ali... o Alcides e o seu irmão, o Paschoal, cunhados do meu primo “Tabuinha” Avelino Galvani... filhos do “seo” Sebastião e Josefina Pazetto Racosta, dono do Bar Caçulinha que existiu na Rui Barbosa, pegado à Borracharia dos irmãos Dressano - borracheiros, consertadores de pneus, os pioneiros na profissão a se instalarem aqui... pioneiros, pioneiros, não foram, pois, no conserto de rodas, os Bales-teiros têm a primazia nisso... o “seo” Ângelo (avô do Josmar di Giaimo) e seu filho Joanim (João)... se bem que eram rodas de carroça, portanto, de ferro!... —, vizinhos também, do Gláuco Ferraciu, casado com a dona Leon-tina — pais da Heloisa, casada com o meu amigo Renê de Castro Lagreca — e do Antônio Oss, grande “armeiro”, senão o maior, de todos os tempos, que já existiu em Piracicaba...

— E os Galhardos?!

— “Garbosos, elegantes, bravos!...

— Ô, isto é de “dicionário”!... tô perguntando da família Galhar-do!...

— Ah!... descendentes de espanhóis... ou de portugueses?!?... acho que das duas raças... pois eram bravos!... homens altos, de pele clara, com as faces avermelhadas, principalmente na época do frio... morenos, fortes e expansivos... Antônio, José, Renato, Dolores, Durvalina, Antonia... madrinha da minha esposa Cidinha... eram uma família enorme... “era”, não!... é uma família grande. Moravam naquele casarão da esquina da Rui Barbosa com a Mário Dedini, possuindo exatamente na esquina, uma arma-zém de secos e molhados... mais tarde, transformado em bar e restaurante, depois, também em pensão, com o aluguel de quartos para pessoas de famí-lia... não vá confundir com “coisa temporária”, como esses “motéis” que proliferam hoje, em tudo quanto é canto!...

— Sei disso!... na Vila nunca existiu “casas de tolerância”!... salvo agora, com os tais “motéis”!

— Isso mesmo!... o Santin, o “seo” Zé, também começou com bar, restaurante... depois, pensão e acabou instalando o primeiro hotel, na Vila... hoje, em novo local, alguns metros mais pra baixo, na direção do Juqueri... antes, ficava bem na virada do bonde e encostado com a velha caixa d’água...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - LIII

Os Bouchardet — Joanny e Petrônio, em especial este último, moravam na Vila Rezende, na Travessa Juqueri, ou melhor dizendo, no final desse pedaço de rua e passada a linha férrea da Sorocabana, em uma casa agradável, isolada, circundada pelo eucaliptal da Socièté de Sucrerie Brésiliennes, dona do Engenho Central...

Os Beccaria, eram os proprietários da Sulседа, fábrica de tecidos de seda, no quarteirão entre a oficina Dedini e a Estação da Sorocabana, Barão de Rezende; os seus antigos prédios são hoje ocupados pela Cooperativa de Consumo dos Empregados da Dedini e pela própria Dedini S.A. — Metalúrgica...

O senhor Mário Dedini morou na casa da esquina da avenida que recebeu o seu nome, com a avenida Santo Estevão... depois, morou também ali, o seu sobrinho, o Leopoldo Dedini... quando este se mudou para a cidade, o prédio se tornou parte dos escritórios da própria Dedini...

Na esquina da frente, funcionava a garagem da Dedini e no correr de casas, de um lado e de outro, os seus moradores eram empregados da Dedini... os Mahn, Rizollo, Oss, Corrente, Mainardi, Badialli, Brogio, Caldari (eu nasci ali, na Mário Dedini, na casa vizinha do Badialli), Cenedese, Freitas, Brunelli, De Cicco, Galhardo e outras famílias, que não me recordo neste momento.

Das pesquisas dos professores Guilherme e Lino Vitti, recolhemos alguns informes preciosos:

08-01-1914: inaugurou-se, oficialmente, o Matadouro Municipal de Piracicaba... nas proximidades do Corumbatai ou Santa Teresinha...

19-01-1914: instalava-se, solenemente, a paróquia da Vila Rezende, tendo por seu vigário, o cônego Carlos Cerqueira...

24-01-1914: a família do Barão de Rezende, passava a escritura de doação pública, do terreno para a construção da Igreja Matriz da Imaculada Conceição...

12-02-1914: fundava-se a Associação Atlética Sucrerie... depois teve o seu nome mudado para Associação Atlética Rezendópolis... desagradando o pessoal daqui... resultado; voltou a chamar A.A. Sucrerie... posteriormente, o atual Club Atlético Piracicabano.

Em 1916, a Vila Rezende tinha 180 prédios e aproximadamente, 1000 habitantes... em 1922 tinha então, 510 eleitores...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - LIV

Se citamos os automóveis de alugueis, não podemos nos esquecer dos “caminhões” que igualmente, se prestavam ao serviço de transporte de quaisquer cargas... cereais, materiais de construção, entulhos, terra limpa, esterco, mudanças... enfim, de qualquer coisa que precisasse ser transportada de um lugar para outro, da cidade. Antigamente, isso era feito com carinhos e carroças de tração animal... como o do “seo” João Eva, que já mencionamos... e depois, com o “progresso”, através de caminhões.

Vem-nos à lembrança, de imediato, a figura do senhor Evaristo Oriani...

— Você me chamou?!... vô desligá o caminhão... já vorto aqui!...

— Era ele mesmo... num falei?!... o ronco do seu caminhão “Mercedez Benz”, a óleo diesel, era inconfundível!

— Eh, Eh, Eh... êta “máquina” boa, sô!... ingato ele numa “primerona” i arrasto até uma montanha! Eh, Eh, Eh...

Um pândego, antes de tudo.

Estatura mediana, magro, com a camisa invariavelmente, escapando fora da calça... uma ponta dentro dela e a restante, solta... como solto era o seu palavreado... uma frase, uma risada... um gesto, uma brincadeira...

Descia do caminhão já tentando arrumar a calça e a teimosa camisa... empurrava o chapéu para trás, descobrindo a testa suada devido ao forte calor da cabine do veículo, aquecida pelo sol e pelo motor potente... aliás, esse negócio das calças desse pessoal estar sempre abaixo do umbigo, meio arriadas, se devia com toda a certeza, ao fato de não apertarem as suas cintas no ponto correto... afivelavam-nas alguns pontos, ou buracos a mais... contando com o volume da cerveja que ingeririam no decorrer do dia e no final da tarde... e a saborosa comida da “patroa”...

— Poxa, tenho até que sortá a cinta! comi demais!... Eh, Eh, Eh...

— E a cerveja, num conta?!

— Nós perde ela no bocce!... inda mais cum esse calor!... barbaridade, sô!

O Fabretti, marido da dona Odila Braião, que também era parteira e morava na descida da ponte, ali na Barão de Serra Negra, vizinho do pai do Armando Pizelli... também tinha um caminhãozinho de aluguel.

Com o desenvolvimento açucareiro ocorrido na região de Piracicaba, chegando a caracterizá-la como o maior centro produtor de açúcar do

Brasil, e, a desativação das estradas de ferro, o caminhão passou a ser o principal meio de transporte de cargas... daí, o fato de presenciarmos uma multiplicação espantosa do número de caminhões de aluguel, mais precisamente, para o transporte da cana-de-açúcar.

— A criançada, ao invés de “puxar cana” dos vagões, por inexistirem então, passaram a puxá-la dos caminhões em movimento...

— Um perigo enorme! inúmeras crianças foram atropeladas e mortas, infelizmente!

— Sem falarmos da sujeira que faziam, e ainda fazem, nas avenidas da Vila!

— Mas já diminuiu bastante...

— E felizmente, os meninos perderam o interesse pelas canas... devido ao sistema predominante, de queima dos canaviais e do carregamento se fazer por meio de máquinas.

— As canas não são só queimadas... são também muito sujas de terra!

— Não dá mais para chupá-las... dão dor de barriga!

— Eh, Eh, Eh... no meu tempo, não davam, não!...

— Olha lá o Evaristo!... vamos pegar uma carona... assim, passemos um pouco de caminhão!...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - LV

Espantamo-nos ao darmos conta da quantidade de pessoas que, um dia, conhecemos e quando queremos nos referir à elas, não conseguimos lembrar dos seus nomes... somos capazes de projetar, na retina dos nossos olhos, como em uma tela de cinema, as suas imagens... menos os seus nomes! Pelo menos, isso acontece comigo. Tenho amigos, admiráveis, exatamente por serem capazes de citar, de memória, uma infinidade de nomes de pessoas e de lugares, datas, números... e eu, apenas um restrito grupo de pessoas. Fabretti... não consegui me lembrar de seu nome, embora estivesse vendo-o, quase que materializado, diante de meus olhos... aborrecido, fui dormir.

Sonhei... grande novidade, esta! vivo sonhando!... acordado, dormindo, meditando, orando, conversando... parado ou andando, vivo sonhando... não vivo para sonhar, não! isto seria outra coisa, que no mínimo, implicaria-me estar com a “vida mansa”, livre das preocupações corriqueiras do cotidiano, dentre as quais está a mais comum de todas: “ganhar o salário nosso de cada dia” para podermos continuar vivendo na dignidade da nossa existência terrena... e, entre um despertar e outro, marcando um sono agitado, sonhei... maus sonhos, infelizmente... um cão vadio, gratuitamente, cismara em morder a perna da minha calça e eu, desesperadamente, procurava desvencilhar-me da sua incômoda companhia... acordei e assim, o cão desaparecera, tragado pela sua própria imaterialidade existencial... reatei o sono, com medo do cão... estava em outro lugar, em outro tempo, como só é possível de nos acontecer, com tamanha velocidade, nos sonhos... outra situação tormentosa e triste: tinha diante de mim, um velório... queria sair dali e não conseguia!... uma angustiada visão de algo nada agradável... mais um despertar e alegria de saber que aquilo não era a realidade; olho no luminoso do despertador digital: 2,57 horas... ouço o barulho do vento batendo suas rajadas na folhagem da varanda, empurrando papéis e folhas secas no chão liso... a temperatura caíra, obrigando-me a procurar o cobertor amigo enrolado no pé da cama... percebo que vai chover, confirmando a astuta observação matutina do meu velho amigo e companheiro de trabalho — “hoje teremos chuva!...”, e de fato começava a chover, com ventania forte e fria... bem, penso comigo: é bom e gostoso, dormir com chuva... ouvi-la batendo na janela e no telhado... um sono mais tranqüilo, reparador... toca o despertador!...

De pé no chão, busco os chinelos... “os”, porque, um pé, está sempre longe do outro, fora do lugar que deveriam estar... está frio e segue chovendo, marcando provavelmente, o início do inverno... bem, outro dia estava correndo nas primeiras horas... tínhamos de correr, também.

— Bom dia!

— Bom dia!... um sorriso, seguido de uma pergunta: — O senhor poderia rever o texto datilografado?... — Claro, claro... ah, o meu amigo Cecílio, advertiu-me... disse que eu preciso “me atualizar”!... que estou ainda, na “ortografia” antiga!... Eh, Eh, Eh... como vou aprender a “nova”, se mal conheço a “velha”?! Eh, Eh, Eh... vai ficar assim mesmo!... Afinal, não é, isso aqui, uma “memória”?!... é coisa de “velho”, mesmo!

— Mas, não é preciso “exagerar”, né?!... farmácia e telefone, não se escrevem com “p h”...

— Ê... também, nem tanto assim, né?!... eu escrevi assim?

— Eh, Eh, Eh... tô só brincando!...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - LVI

— Vamo jogá tombola, hoje?!

— Vamo sim, comadre!... lá na casa da comadre Maria Fonseca...

— Intão. vô levá as meninas tamém...

Estava combinada, assim, uma movimentada sessão de jogo de tombola, reunindo as senhoras das proximidades, com as suas filhas moças... e nós, meninos, procuraríamos uma maneira sutil de nos infiltrarmos nas suas companhias, compartilhando de um delicioso passatempo, certos de que não nos faltariam a oportunidade de darmos gostosas gargalhadas com as confusões habituais que o “cantar” dos números das pedras sempre provocavam... e dito e feito...

A grande mesa da cozinha (em todas as casas, naquele tempo, havia sempre uma grande mesa retangular, para ser capaz de acomodar a sua volta, numerosa família...) já estava livre, pronta para o jogo, e, à medida que aumentava o número de participantes, outras mesas menores iam sendo-lhe agregadas, na maneira que o recinto permitisse... claro, que em função disso, parte do pessoal ficava na mesa grande, na cozinha ou sala e a parte restante, no cômodo seguinte... sala ou cozinha e até no início do quintal: cadeiras dispostas... milho ou feijão, em pequenas quantidades, sobre o tampo da mesa...

— Quem vai ficar de “banca”?!

— Hoje, fico eu!... e estava definida a “responsabilidade” pela distribuição das cartelas e pelo recebimento do valor atribuído a cada uma das cartelas, por rodada de jogo, — Vamos começar com um “tostão” por cartela...

— Xii! é muito pouco... vamo aumentar isso!

— É pouco nada!... tá bão assim!... protestava a velharada “pão-dura”... — É pra nós só divertir, não pra ganhá dinheiro!...

— Vamos ver então, quanto vão ser os prêmios... terno, cinqüina e tombola... contadas as cartelas “vendidas”, estabelecia-se o valor das “baidas”, isto é, o quanto pagar-se-ia aos ganhadores... os primeiros a completarem o terno, a cinqüina e a cartela completa.

— Eu, vô cantá!

— “Mamamia”?!... ocê, não!... num se entende o que ocê fala!

— Má quê num entende quê!... eu canto um pôco e ocê canta depois!

— Ei, vamo começa ou não?! protestam as outras mulheres... e finalmente, o jogo começa...

— Número 21... primeira pedra!... — quatro... “borboleta”!... “burro”... três!

— Que número?! “seis”?!
— Eu falei “cabra”?!
— Ei! Ei!... é cabra ou é burro?... reclama a dona Carolina...

— Cabra! reafirma a dona Nina, aquela senhora que confundira o “três” com o “seis”...

— Nada disso!... ocêis só tão fazendo confusão!... num prestam atenção e fazem isso!... vô cantá tudo de novo!...

— Má o que tá acontecendo?!... é a dona Gija que pergunta... realmente por não estar entendendo nada... devido a sua surdez!...

— Vai começá tudo de novo!...

— De novo?... é vai tê quê pagá?!... ué, mai quem que ganhô?!...

— Prestem atenção!... primeira pedra... vinte e um!... quatro!... três!...

— Três?!... mai num era seis?!
— Três! três!...

— Trinta e três?!
— Ah, assim num dá!... se for assim, nóis num termina uma!...

— Com o sono que eu tô, daqui há pouco já vou dormir aqui mesmo!... e caem na risada as mocinhas, lá no final da mesa...

— Olhem o cafezinho!... olhe o café!... quem quiser moia o bico pra um cigarrinho, é só pegá aqui!...

— Ôba! eu vou querer, sim!...

A noitada de tombola prosseguiria, mais ou menos, nesse ritmo dos momentos iniciais... confusão... reclamação... risadas... bicadinhas no bule fumegante de café... cigarrinhos... mais risadas e é chegada a hora de pôr um término no jogo...

— Tá tarde, pessoal!...

— Vamo dormir, que amanhã temos que pular cedo da cama!...

— Tchau!... Tchau!...

— Obrigada... pelo café!

— Amanhã eu quero tirá a forra! ocêis vão vê só!

— Eh, Eh, Eh... é... amanhã temo mais! Tchau!...

— Boa noite pra vocês!

— Boa noite... durmam bem!...

— Tchau, tchau!...

Afinal, era três ou seis?... sei lá, eu?!... tava jogando milho na cabeça da meninada, disfarçadamente...

MEMÓRIA DA VILA 2 - LVII

— Mas eram só as mulheres que jogavam tombola?... e os homens?!
— Predominavam as mulheres, sem dúvida... mas também os homens... os mais idosos... aderiam ao joguinho de tombola, fazendo “companhia” as suas “véias”, né!?!... a maioria, preferia mesmo o bocce, uma boa “trucada”... e, em se falando de baralho, havia outros jogos de cartas muito populares no bairro, tão ao gosto dos italianos e dos seus descendentes.

— Dominó, “caixeta”, bisca, “pif-paf”...

— Tô vendo que ocê gosta de um carteadado, hein?! Eh, Eh, Eh... mais num falô do jogo de “béstia”! Eh, Eh, Eh...

— Sete e meio... vinte e um... buraco... bacará... pocker...

— Épa!... nós num tinha nenhum “cassino” por aqui, não!... carteadado. mesmo, só havia no fundo da sede do Atlético e bem escondidinho, ainda!... a polícia dava em cima do jogo, sô!

— Mesmo assim, se jogava!... aliás, como continua-se jogando neste nosso País, que teima “reprimir” os jogos de azar, sem entretanto, coibí-lo, realmente...

— É isso aí!... bem, lá nas sedes do Engenho Central, do Rezende F.C. e outros lugares, sempre houve uma ou mais mesas de carteadado... até no Juca Sapateiro!

— Juca Sapateiro?!

— É!... aquele sapateiro que morava atrás do campo do Atlético, na esquina da dona Francisca com a João Teodoro... ali, no seu quartinho, que durante o dia era banca de sapateiro e ponto de convergência dos amigos de todos os dias... amantes de um bom “papo” sobre futebol, política, religião... economia!... Ah, também de passarinho!...

— Falar “mar” do Atlético, ali...

— ... briga na certa!... e, se mencionasse o nome do XV de Novembro, já saía fogo! Eh, Eh, Eh... êta turma brava, sô! Eh, Eh, Eh... mesmo assim, os “quinzistas” apareciam ali na rodinha... e iam logo dizendo: — “num vamo falá de futebor!... vamo jogá baraió!...” — “Óia aqui! si o “negócio” é na base do “grito”, ninguém grita mais arto que eu, heim!?!... esse, indubitavelmente, seria o “Dú” falando... o professor Deoclécio Soave, dono de um vozeirão inigualável... até falando “baixo” já se podia ouvi-lo a um quarteirão de distância!... tamém, com aquele seu corpanzil de

lutador romano, uma massa compacta de músculos rígidos provida de duas colunas como sendo pernas e dois braços que mais se parecem, até hoje, como sendo feitos de ferro, de fortes que são... — "... ou eu sento o braço!...", finalizava... aí, então, todo o mundo "afinava a voz"!...

— Pudera, né?!

— E o Juca?!... ocê deixou ele de lado...

— ?!... Juca?!... como se chamava, mesmo?!... a gente só o trata de "Juca"!... ali reuniam-se, deixa-me ver... o Dú, o Euclydes Ferrúcio Rizollo, o Melo-Homero Jersey Martins... os Romio... o Tiganim, o Néco da Tchêa, só pra brincar com o pessoal... os Mantoni, o Babico, os Alleoni... Mortaia, Carnéra... o Warte Storf, o Ferrão Caldari, o Jácomo Barion... e tem mais ainda!... é só eu lembrar os nomes...

— I o "Juca"?!

— Juca... Juca... ah!... JOÃO!... João Batista... "Baptista"... Santin!... filho de Antonio e de dona Anna Castelazzo Santin... e casado com a dona Carmem Aparecida Mastrodi Santin...

— Vai vê qui ocê sabe até o nome dos filhos deles!?

— I sei memo! Eu posso dizê qui "os vi nascê", né!... eu morava um quarteirão pra baixo... são ao todo, sete: Adilson, Vanda Maria, Valdete, Vilma, Almir Antonio, Valéria e Vânia.

— E ocê disse que jogavam baralho, à noite!?

— Até certa hora, né!?... esse pessoal da Vila era, e é, fogo, sô!...

— "Bobeou..."

— ... nove mês depois... otro bacuri tá aí! Eh, Eh, Eh...

É a velha Vila!...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - LVIII

Esse pessoal da Vila era bom de papo... por gostar de falar, e também, de ouvir o que os amigos falavam-lhe... em qualquer lugar e em quaisquer horas... sem dúvida, não desmereciam a raça... então, “parlando... falando... chegando em Roma”. desde que não ficassem no “escuro”.

— Ué?! num entendi!

— É que, nesses papos, “metade, são palavras... metade são gestulações”... deu pra entender?!

— Deu... porque?

— É que a luz dera uma “piscadinha”... enquanto eu lhe explicava!...

— Vá, vá!...

— Eh, Eh, Eh... veja você, um exemplo interessante... o João Boralli, aquele lá de trás... foi comprar um automóvel do “seu” Nino Gobbin... um Ford Galaxie. Landau... bonito, quase novo, de tão bem conservado que tava... tratado a “pão-de-ló”...

— Intão, João, ocê vai ficá co'tomóve?!

— Pois é, né Nino?! pra mim vai se bão, né?!... a gente viaja melhor cum carro desse, né?!...

— I ocê, como vai?... duas horas depois... o João tira o talão de cheque e pede ao amigo para preenchê-lo, desculpando-se por estar sem o óculos...

— Pedro, preencha o cheque... eu também tô sem o óculos... e, uma vez preenchido com a importância combinada, o “seu” Nino, automaticamente, o assina e passa às mãos do João...

— Mais, Nino!...

— Que foi, João?... num tá certo?!...

— Eh, Eh, Eh... si tivé, será o mió negócio que eu fiz, até hoje!...

— ?!

— ... ocê me dá o seu automóve i ainda, um cheque assinado!... Eh, Eh, Eh...

— Eh, Eh, Eh... tamém, nós fica proseando, proseando...

MEMÓRIAS DA VILA - 2 - LIX

Dr. Cláudio Mahn formou-se médico e depois de cumprir o seu período de residência formal, obrigatória, tornou-se o primeiro médico efetivo da Oficina Dedini, com consultório e ambulatório instalados na casa que fora a moradia do Jordão Boscolo, na Avenida Dr. Morato. É até hoje, o médico-chefe do serviço assistencial do grupo de empresas a que se transformou aquela “Oficina”... logo, se é “chefe”, coordena outros colegas médicos... enfermeiros e enfermeiras.

O qualificativo de “chefe”, aliás, é bem antigo por aqui, quaisquer que sejam as empresas ou atividades... mesmo agora, com a evolução dos métodos administrativos-empresariais, com as suas qualificações mais técnicas — gerentes, supervisores, superintendentes, coordenadores e... diretores —, a palavra “chefe” ainda perdura e prevalece sobre as novas... não tão novas. E “chefe” é “chefe”!... uma questão de hierarquia, muito respeitada nesta comunidade... no trabalho... no lar... na família... nas instituições que formam, consolidam, preservam e aprimoram uma sociedade.

Não encarávamos como sendo um autoritarismo exacerbado, a obrigatoriedade que se observava, da entrega do envelope de pagamento do salário mensal, ainda fechado, às mãos do “chefe” da casa... para só depois, parcelada e comedidamente, receber de suas mãos, patriarcais (ou matriarcais), as importâncias necessárias para os gastos pessoais... evidentemente, vivemos hoje, outros tempos, em outras circunstâncias — peculiares a cada uma das pessoas e também, as de caracteres conjunturais... e isso, fez e faz mudar muita coisa... no entanto, não tanto para tornar a “figura do chefe” uma personagem da pré-história... é ou não é?!

— É, “chefe”!... o senhor tem toda a razão!... e virando-se para a colega, sussurra: “... se eu falá o contrário... ele me ferra!...”

— Ô, colega... já que ocê acabou de falar com seu “chefe”... será que ele, o “doutor” vai me dar o atestado médico?... preciso pra abonar a minha falta de ontem...

— Ele só dá atestado depois de examinar ocê...

— Examinar?!... ocê quer dizer que eu vou ter que fazer exame médico?!

— Completo!...

— Xii!... acho que eu vou desistir...

— Ocê que sabe...

— Tchau!... eu desisto...

Se é verdadeira a “estória”, eu não sei, e ninguém a confirmou até hoje... pudera. né!?... mas uma boa dose de veracidade circunstancial. que a envolvia. levá-va-nos a dar-lhe credibilidade...

— E que “estória” era essa?

— Bem. bem... o fato “circunstancial” era o seguinte: o Dr. Cláudio. na plenitude do seu vigor jovem... já médico... impressionava pelo seu porte físico... alto, forte, com duas mãos enormes e pesadas. dessas de “gigante de time de bola-ao-cesto”... além de ser um jovial brincalhão!... e. até um pouco antes da sua presença ali. como médico. o número de faltas e de atestados médicos que as abonavam. era enorme: repentinamente. esse número caiu...

— Ué, não seria devido ao melhor serviço assistencial?!

— Em parte. sim!... mas o que diziam. era outra coisa...

— Outra?!... conta intão!...

— Eh. Eh. Eh... vô repetir novamente: “diziam isso...”. não sei se era verdade e o Dr. Cláudio que me descurpe. se não for!... Eh, Eh, Eh...

— Conta logo. sô!

— Como disse. ele tem umas “mãos enormes!... uns dedãos grossos e longos!... Eh. Eh. Eh... quando o pessoal entrava no consultório. ele ia “calçando” as luvas de borracha esterelizadas, de exame e ia logo dizendo pro “paciente”: — Tira a roupa... fica pelado!...” ... e ia mexendo as mãos... “misteriosamente”... Eh, Eh, Eh...

— Verdade?!

— Eh, Eh, Eh...

— Verdade. ou era “estória” memo?!

— Eh. Eh. Eh... todos afirmam que era só “estória”!... principalmente os “primeiros” pacientes!... Eh. Eh. Eh...

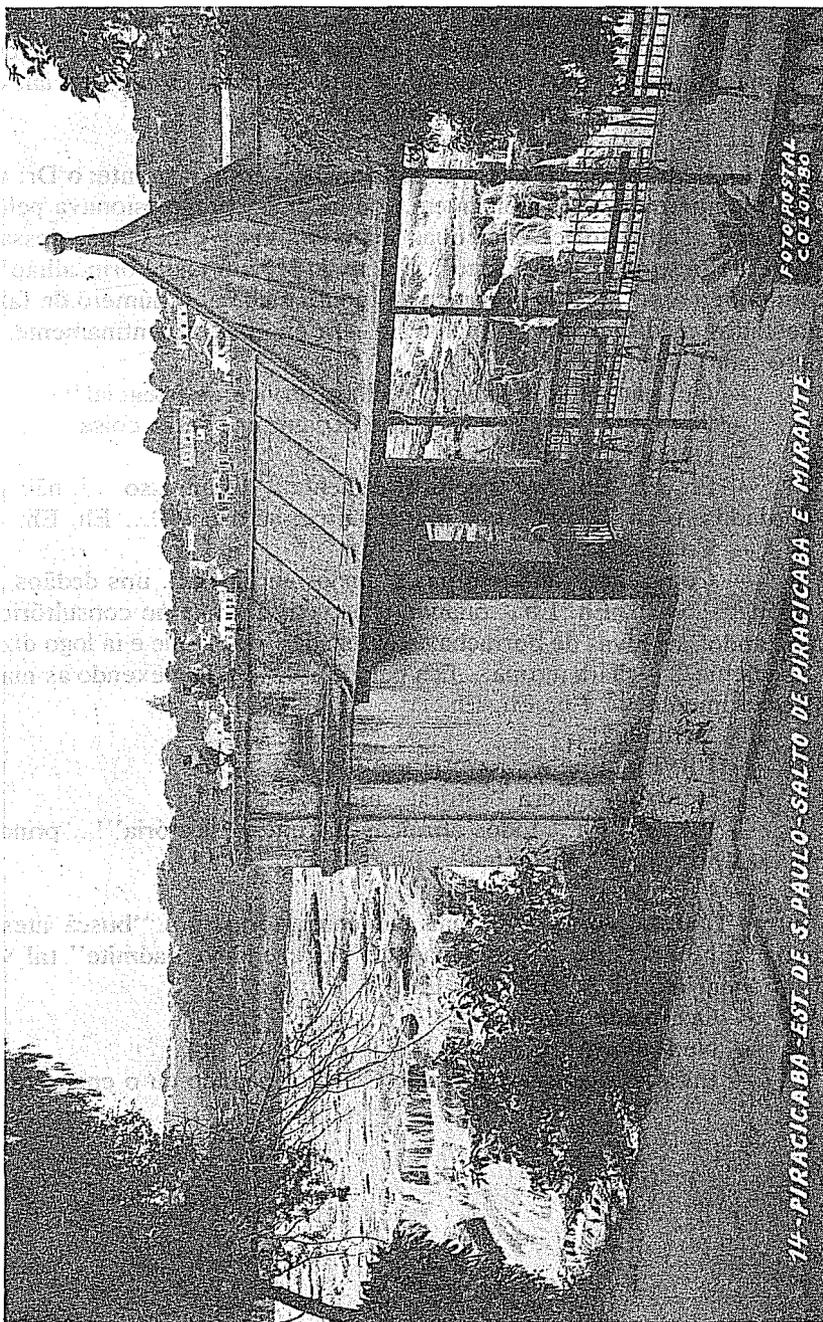
— I daí?!

— Num “vortavam” mais no consurtório. pra “buscá atestado médico”! Eh. Eh. Eh... i ocê acha que vilarezendino “admite” tal vexame?!... “nem morto”!... Eh. Eh. Eh...

— Ocê pediu “atestado”?!

— Nem morto!...

— Eu ainda vou perguntar ao Cláudio. quando eu o encontrar por aqui...



FOTOFESTAL
COLOMBO

14 - PIRACICABA - EST. DE S. PAULO - SALTO DE PIRACICABA E MIRANTE

Salto do Piracicaba e Mirante, com destaque no primeiro plano o "mirante", construído para as pessoas melhor poderem apreciar as belezas da formidável queda d'água.

MEMÓRIAS DA VILA - 2 - LX

O cinema gozava a supremacia absoluta, na ordem da preferência popular, simplesmente por inexistir, ainda a sua principal concorrente — a televisão. Na Vila, não tínhamos sequer o cinema... só na cidade.

Nós, na adolescência, já podíamos nos dar ao luxo de freqüentá-lo, primeiro aos domingos, nas matines da tarde, depois, aos sábados à noite.

— Rodney, vamos ao cinema?

— Se a negadinha for... eu vou... E qual seria essa “negadinha”?... eram os amigos inseparáveis: Rodney Broggio, Flávio Rizzolo, José Roberto Caldari, Idivam Spolidório, Elídio Galvani, Ângelo A. Falcade e seu irmão Adhemar, Remo Nivaldo Papini, Geraldo Bertini, João Coletto Filho, José Zanin, Augusto Benedito Perissinotto, Reynardo Alleoni... incluído eu próprio, é claro.

Há um momento, durante essa fase da adolescência, que em grupo de meninos, não se admite a presença de meninas... e vice-versa.

— Num vem aqui, que nós não queremos muié!

— Xii... seu chato! nós é que não queremos ocêis!

— É isso memo!... sentenciam os outros meninos, em coro... lugar de muié é na cozinha!..

— Vá lambê sabão!... bobos!...

Livres delas, põem-se a comentar os últimos filmes assistidos, principalmente do seriado que estão “perseguido”, há meses!... — O que acontecerá no próximo capítulo?!... — O mocinho vai salvar a namorada?!... Os ídolos vão se sucedendo, passando a influir nos costumes daqueles meninos, como por exemplo, nos penteados dos seus cabelos...

— Mãe, ocê deixa eu comprá uma brilhantina?!

— Ocê tá é bobo!... num vô desperdiçá dinheiro com essas porcarias!... E na falta de “brilhantina” perfumada, que víamo-la na vitrine da farmácia, não nos restava alternativa... usávamos a “babosa” mesmo!... ainda bem que lá no fundo do nosso quintal, havia os pés de babosa, cultivada pela minha nona exatamente para ser usada como tônico capilar, como sendo um “santo remédio” para aumentar e fortalecer os cabelos.

— Eh, Eh, Eh... ocê, cum esses cabelos, tá parecendo uma saracura! Eh, Eh, Eh...

— Tá nada!... daqui há pouco é que ocê vai ver!...

— Eh, Eh, Eh... vai “endurecer” e aí então, ocê vai precisá usá o martelo!... Eh, Eh, Eh...

— Óia, peçoar!... vejam o que eu achei nessa revista!... diz todo entusiasmado, o Rodney, mostrando a propaganda de um projetor de filmes, de oito milímetros, manual.

— Vendem pelo reembolso postal! Vamos comprar um?!

— Ué, se fizermos uma “vaquinha”, acho que dá pra comprar... assim aconteceu... compramos um projetor de filmes, manual, bastante rudimentar... como era de se esperar, por custar tão pouco.

Não víamos a hora de receber a nossa “preciosidade”, que viria pelo correio... e à agência vamos duas vezes ao dia — de manhã e à tarde —, perturbar o “seo” Dario Giusti.

— Chegou. “seo” Dario?

— Ô menino, eu já não lhe disse que eu aviso quando chegar?!

— Mais já devia ter chegado!...

— Aqui é o Correio da Vila! Eu não falho!... ocê tem que esperar um pouco...

— Tchau!... avise, heim!...

— Essa mulecada!... resmungava o velho Dario...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - LXI

Estavam contagiados pelo vírus cinematográfico... e em pouco tempo, alastrou-se por toda a redondeza... a meninada passou a construir os seus próprios projetores de imagens, com uma engenhosidade impressionante. Simples lâmpadas viravam “poderosas” lentes... pelo menos assim eram tidas por eles, segundo as suas ópticas juvenis.

— Olha só essa aqui!... é uma lâmpada queimada de 500W!...

— Óba!... essa é legal!... vamos tirar o filamento, sem quebrar a “bicha”... Iriam consumir algumas horas no paciente trabalho de soltar o metal que fecha a lâmpada e a liga ao bocal... apenas a ampola de vidro lhes interessava, para enchê-la d’água.

— Vamos experimentar a bicha! traga o projetor...

O dito “projetor” não passava de um caixote de madeira; no seu interior, uma lâmpada elétrica presa ao soquete, provido de interruptor, desse tipo caseiro, ou melhor, daquele tão usado nas casas do bairro para iluminar os cômodos, cujas lâmpadas ficavam na ponta de fios presos nos tetos, balançando-se ao sabor do vento: a “lente” fixava-se em um “berço” de madeira, externamente, diante do orifício do facho de luz, afastada o suficiente para permitir o rodar do “filme”.

— Êta nós. sô!... vejam como essa deu certo!... Eh, Eh, Eh... e ríamos, contentes, ao vermos a imagem projetada na parede, bastante ampliada... estava “distorcida”, sim, mas nem tanto!

— E o “filme”?

— Ah, o filme, era feito por nós mesmos!... retirados os desenhos dos gibis, isto é, reproduzidos em uma tira de papel transparente... papel de seda meio opaco... colorido à lápis... eram, no princípio, os quadrinhos da revista, sem movimento... depois, aprendemos a “mar:ha” e conseguíamos criar alguns pequenos “movimentos” nas grotescas imagens projetadas pela nossa maravilhosa máquina de cinema.

— Ocê precisava ver a alegria das crianças pequenas, quando sentavam-se no chão do quartinho de despejo da casa do Rodney, para “assistirem” o filme!

— Eh, Eh, Eh... como ocêis eram bobos, não?!...

— E você, não brincava disso, também?!

— Brincava... mas, não entendi essa sua, de incluir aqui, uma tola brincadeira de crianças!?

— Tola, sim... mas é uma lembrança interessante... é de uma coisa que, com toda a certeza, já não entretém criança alguma... com todas essas facilidades de hoje, o menino ou o adolescente, já possui os tais aparelhos eletrônicos de vídeo cassete, de vídeo “games” etc... não é mesmo?!... então, porque perderiam tempo com uma tolice como aquela?!...

— “Seu” Dario, chegou a minha encomenda?

— Que encomenda, menino?!

— O meu reembolso postal?

— Eu já num disse pro ocê?!... quando chegar, eu aviso!...

[The following text is extremely faint and largely illegible, appearing to be a scan of a document with very low contrast. It contains several lines of text, possibly a letter or a page of a book, but the characters are too light to transcribe accurately.]

MEMÓRIA DA VILA - 2 - LXII

Acidez, Azedume.

— Vinagre! Ocê tá falando de vinagre!

— Mais ou menos... num era bem vinagre, mas é bem parecido... é esse meu gênio azedo!...

— Ah!... pensei que ocê ia mencionar que a italianada daqui, também produzia vinagre...

— Eu sei disso... os D'Abronzo, os Carmignani... além de bebidas, não poderiam deixar de suprir as necessidades do povo vilarezendino, de ter à mesa. um bom vinagre de vinho... branco e tinto... pros "radicce", temperos, molhos e curtir os inúmeros tipos de pimentas ardidas como "fogo", sô!...

— Malagueta, chifre de veado, cambari... pelo menos, é como se chamavam por aqui.

— Mas a acidez a que me referia, era a da nossa crítica. Talvez seja por isso. que hoje, quando leio nos jornais essas imoralidades na condução da coisa pública, sinto um azedume no estômago... que, pouco a pouco, provocam-me um acesso de náuseas.

— É a velha escola. não é?!

— Sim. é a velha escola. ou, os reflexos daquelas aulas de civismo, de patriotismo. que os nossos velhos amigos nos davam... através das suas palavras. dos seus exemplos...

— Parece-me ouvi-los e vê-los, ainda lá, à beira da calçada, sob a frondosa árvore...

— Na sombra agradável... fresca...

— Não tínhamos tantos problemas, como hoje, evidentemente. Entretanto, a vida não era nenhum "mar de rosas" e o nosso País atravessou grandes crises conjunturais, nacionais, internacionais... institucionais... políticas. econômicas, sociais... até aquelas situações graves e tristes que só as guerras e as revoluções são capazes de provocar...

— Mesmo assim, nenhuma dessas dificuldades chegaram a nos abalar com tanta violência, como estamos hoje sendo sacudidos!

— Parece que um par de mãos, gigantesco, nos sustém pelos pés, de cabeça para baixo, e se diverte nos chocalhando como bonecos!...

— E tirando tudo o que temos nos bolsos!

— Não só do bolso, como também de dentro das nossas barrigas!

— Verdade!... há uma fome insaciável, por parte do fisco... isso aqui, para ser um “Estado-fiscal”, não lhe falta nada!

— Pra se parecer com um burro, só lhe faltam as “penas”!

— Nem “elas” faltam-lhe!... “para os amigos, tudo... para os inimigos, o rigor da Lei!...” ... há “penas” pra tudo!

— Eh, Eh, Eh...

— Ui, ai, ai!... tá danado “aquela” azia, de novo!...

— Vamos mudar de assunto... daqui há pouco, preciso ir ao Mercado...

— Mercado?!... ocê vê, é uma outra coisa que falta aqui na Vila!

— Tivemos um arremedo de “Mercado” aqui, há anos passados... foi quando desativou-se a Sulseda...

— Nasceu muito pobre e sem nenhuma estrutura técnica e mercadológica... foi mais uma improvisação estemporânea e não uma iniciativa planejada, organizada.

— E morreu logo!

— Vai já, já pro Mercado?

— Você vai também?

— Vou com você... preciso mesmo, comprar um pouco de alpiste...

— Pensei que ia comprar um “sal de frutas”... Eh, Eh, Eh...

— Também! Eh, Eh, Eh... só rindo, mesmo!

MEMÓRIA DA VILA - 2 - LXIII

Entre a minha casa (da nona) e da dona Amália Bertini (nona do Gêra), eram exatamente, vinte metros a separá-las... uma enorme distância, não?!... sim, pois nesse espaço, haviam duas outras casas... a primeira, recuada da rua, com uma entrada para veículo — o tal automóvel do “seo” Romano, um Fiat italiano, depois, um Ford-bigode —, contudo uma casa e uma garagem isolada; a segunda, rente à calçada, possuía um salãozinho anexo, com entrada independente... era o Salão de Beleza da dona Zaíra, filha do Papini... e a casa, tinha por moradora a dona Adeli Giovanetti...

— Poxa, puta lenga-lenga essa sua prosa, não?!

— É que eu sou “enrolado” por natureza... pudera, sô!... falar é fácil, mais escrever, é difícil... como pôr a metade faltante da nossa conversa?!

—?!... metade faltante?!

— É!... a gesticulação!

— Hã!... não é esse montarêu de retiscência que ocê usa?!

— Em parte, sim... mas continuemos... a dona Adeli era uma senhora que, pelo sobrenome, pode ser imaginada a sua aparência... uma mulher italiana, ou como se queira, “italianada” na forma de vestir-se e de falar... carregado nos “erres” e suprimindo os “eles” ou melhor, substituindo-os por “erres”; vestido longo e escuro, “ornado” com o inseparável avental de algodão branco e com vestígios do tanque de lavar e do fogão; cabelos presos por um coque na nuca ou no topo da cabeça... estatura?!... mediana... nem tanto gorda e nem tanto magra... rosto afilado... olhos pequenos... pele morena... fala mansa, revelando a sua real bondade.

De fato, essa modesta senhora, tinha dentro do seu peito, um enorme coração... humano, humilde e fraternal, principalmente com relação às crianças... no caso, nós mesmos.

— Pierim... Gerardinho... venham experimentar um pedacinho de bolo!... venham enquanto tá quente!... Bia, Clélia, Arminda, Lourdes!... venham tamém!... estas, eram as suas filhas, todas moças e ainda solteiras...

— Já vamos, mãe!... tamo conversando com a Irene e a Linda!... nós tamo indo!... estas, eram as minhas tias, suas amigas e companheiras de trabalho na fábrica de tecidos Boyes, a Arethusina.

— É bom lembrar que essa fábrica é originalmente, obra da família Queiroz, desse notável homem que fora o senhor Luiz Vicente de Souza

Queiroz, iniciada em 1874, dentre as tantas outras que ele fez, por Piracicaba.

— A dona Adeli enviuvou; com as filhas continuou morando ali, até o dia que ela também partiu... porém, já com as filhas casadas, menos a Clélia, que permaneceu solteira. A Bia, casou-se com o Tito Bachim... o Serafim, amigo do meu pai e outro ritualista do “paiero”... quando a sua primeira filha nasceu, a Lurdinha, me deu sarampo! Eh, Eh, Eh... me lembro até hoje, preso no quarto da minha mãe, devido a ventania daquele dia pela vidraça da janela, vi o Tito vir correndo pra casa, acompanhado da parteira... Eh, Eh, Eh... a Arminda, casou-se com o irmão do Chico Salmeron, o Gabriel... filho de “espanhor” da Espanha, mesmo!... e mudaram-se para São Paulo...

Gente simples e humilde... típica moradora da velha e bucólica Vila...

— Bom Giorno! dona Adeli...

— Eh, Eh, Eh... Pierim, Pierim!...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - LXIV

— Então a dona Zaira Papini Trombani tinha um Salão de Beleza?

— Uma beleza!... pra cuidar da belezura da muierada da Vila!... permanente, tingimento, corte e penteados dos cabelos... manicure e pedicure... serviço completo.

— E com direto aos mexericos e fofocas, ou não?!

— Acredito que sim... mas não serei eu a afirmar-lhe isso, não! Eu, hein!?... logo aqui?!

Permaneceu ali, pegado à casa da dona Adeli, por muitos anos. Na soleira da sua porta, por ser mais alta que a calçada uns dois ou três degraus, nós costumámos nos sentar nesses ditos cujos para ouvir as conversas e, safadamente, espiar as pernas das mulheres que freqüentavam o Salão...

— Óia, sô! que baita pernã!...

— Fica quieto, ô!...

— Seus moleques safados!... vou já falar com as suas mãe, ah, sê vou!

— Nós num tamo fazendo nada, não!... tamo “batendo figurinha”!...

— Batendo figurinha, é?!?... “espiando” lá dentro, né?!...

— Eh, Eh, Eh... dexa os bambino, vá!... uma oiadinha, vá, vá!... num tira pedaço de ninguém! Eh, Eh, Eh...

— E o senhor também!... fica aí ensinando sacanagem pros meninos!...

— Épa! eu só tô passando por aqui!... — Fora daqui, seus moleques!... Eh, Eh, Eh...

O Salão mudou-se para um quarteirão mais baixo, no fundo da Coletoria Federal e, como ficava após um corredor, de lado da própria casa, fechado por um portãozinho de ferro, a nossa “distração” se fındou... lamentavelmente. No seu antigo lugar, instalou-se um médico, clínico geral, com o seu consultório... mais do que o suficiente para nos afastar daquela soleira de porta!

— Clínico geral?

— Dr. Rosário Spotto... um italianão, para variar. Um senhor já maduro, vigorosamente forte e... extremamente bondoso. Acho que, por ser bom, de coração, quase não cobrava nada dos seus pacientes... pouco tempo depois, mudou-se para a dona Francisca com a dr. Morato, no casarão de esquina, n.º 93, que era do Andia...

— Ocê tem boa memória, sô!

— É que eu, anos mais tarde, acabei morando nessa mesma casa!

— Ah, bom!

— Minha nona, Carolina, gostava muito dele... e da sua esposa. uma senhora igualmente bondosa e muito amiga das pessoas... dona Maria. se não me engano, era o seu nome... tinham um filho, chamado Renato. Esse médico prestou relevantes serviços à comunidade vilarezendinha... merece todo o nosso respeito e admiração, sem dúvida alguma.

— Olha, essa de espiar o Salão de Beleza!...

— Eh, Eh, Eh... coisas de meninos... Eh. Eh. Eh... Bem. já que mencionei a minha nona, lembrei-me de minha outra nona, a dona Thereza. mãe da minha mãe... que acabou mudando-se aqui pra Vila... acho que vou fazer-lhe uma visitinha, tá!...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - LXV

Meu avô materno, um certo dia, não muito belo para ele e para os seus, reuniu a família e decidiu:

- Vamo nos mudá pra cidade!
- Pra cidade?!... exclamam, espantados... mais quando?!
- Vamo vendê o sitio... comprá uma casa na Vila... intão, aí nois muda!...

Assim, concluíram aquele dia, com uma intensa tristeza estampada no rosto de todos. Poder-se-ia imaginar, facilmente, como era difícil para cada um deles, deixar aquela velha casa, tão agradável e confortável, sem nenhum luxo, evidentemente, como é a grande maioria das casas de sítio até hoje, e contudo, exerce nas pessoas um fascínio indefinível através de simples palavras. Natural a tristeza... estariam deixando para trás, um mundo de lembranças... de alegrias... da infância, da adolescência; do amadurecimento da vida; dos encantadores pôr do Sol; das auroras festivas da Natureza: do cheiro de terra molhada; do frescor do orvalho nas manhãs de verão ou do frio das geadas nas madrugadas do inverno rigoroso... do canto e da estrepolia da passarada livre e nativa dos capões de mata virgem... do verdejante campo cultivado, todo ondulante com a ação do vento... das noites enluaradas, com aqueles raios de prata branqueando o canavial florido... do céu negro pontilhado com as brilhantes e coloridas estrelas, qual um manto bordado com uma profusão de pedras preciosas à refletir a luz da Lua... ah, como poderia ser fácil deixar tudo isso, para trás, de repente, em troca de uma nova morada na hostil cidade?!...

- Tá na hora de dormir!
- Vou ficar mais um pouquinho, aqui fora... daqui há pouco, eu vou...

— Tchau...

— Tchau... demorar-se-ia mais, nessa e nas noites seguintes, ali, à contemplar as pequeninas coisas do velho sítio, como se quisesse retê-las todas, na sua memória, nos seus mínimos detalhes e poder assim, quando distante, recordá-las, uma a uma, como se ainda vivesse em contato com elas... Os dias começaram a passar rápidos, como se as suas horas houvessem sido encurtadas... uma semana... um mês... três meses... e chegou o dia...

— Vendi o sítio!... a voz embargada, não deixava dúvida naquela afirmativa... e as lágrimas?

O meu nono comprara uma casa na Vila Rezende, na avenida dona Maria Elisa, a menos de cem metros do antigo Grupo Escolar “José Romão”, vizinha à casa do Nabor Neves Martins. Casa grande, de construção antiga e com um quintal grande, oferecia-lhes, pelo menos, o espaço suficiente para criar galinhas... cultivar uma boa horta... ter várias árvores frutíferas e até engordar um porquinho... enquanto os fiscais da saúde pública não recebessem uma “reclamação” sobre a pocilga “inconveniente”.

Acomodados na cidade e incomodados com a cidade... os velhos hábitos tiveram de ser readaptados à nova situação... o trabalho da roça deu lugar ao trabalho nas fábricas de tecido, oficinas, no comércio... trabalhava-se antes, trabalhava-se, da mesma forma, aqui, na cidade, variando apenas quanto às características... lá, a céu aberto, sob as nuvens das incertezas climáticas e dos caprichos da mãe-Natureza... aqui, a céu coberto, sob a proteção dos tetos patronais também sujeitos às interpéries econômicas e sociais...

O velho Andoim não abandonara o costume, de tantos anos, de dar a sua “bicadinha” diária no garrafão de pinga vinda diretamente dos engenhos de seus amigos e envelhecida; do uso do seu chapulão de abas largas, de feltro, de prosear com os amigos e de, em suas companhias, jogar as partidinhas de bocce...

— E a nona Thereza?

— Naquela sua bondade natural e, de conformidade incondicional, com a vida que Deus lhe dera, procurava conciliar os costumes já enraizados com as novas situações citadinas, com a tranqüilidade e a serenidade de nos fazer inveja.

— Com licença. O senhor Melo está ao telefone... o senhor o atende?...

— Melo?... eu estava também querendo falar com ele!... que ótimo!

— ... está no 170...

— Pedro!... é o Melo!... o nome da avenida... eu falei com o dr. Cláudio... é “doutor Sallás”!... e como eu tô de férias, aproveitei pra procurar a minha Carteira Profissional... a antiga... aquela que tá assinada pelo próprio “seo” Mário Dedini!... e é isso mesmo!... doutor Sallás, viu?!...

— Isso, isso mesmo!... agora me lembrei!... é esse o nome, mesmo!... eu nasci ali!...

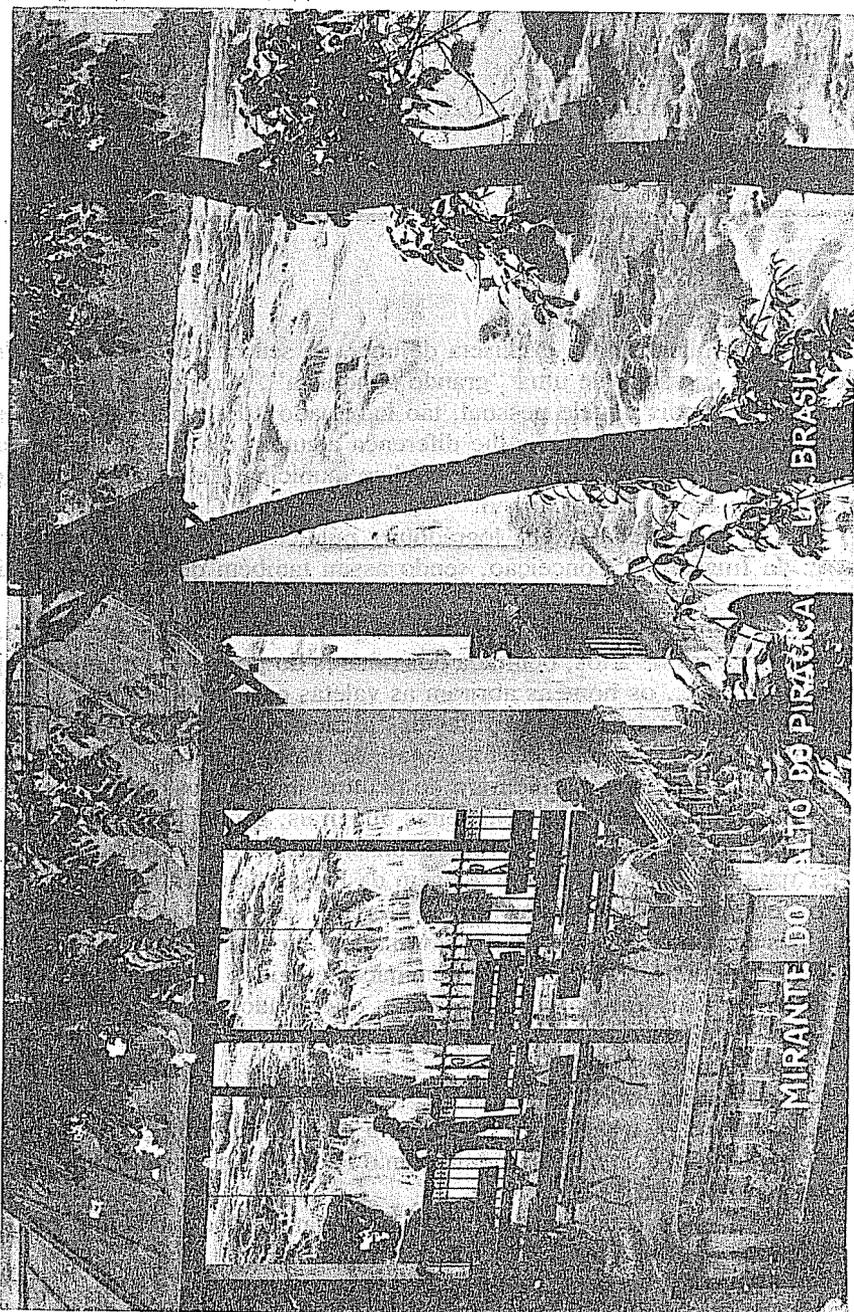
— Eh, Eh, Eh...

— ... ocê tá de férias, de novo, seu safado?!...

— Eh, Eh, Eh... por um mês, ainda!... Eh, Eh, Eh...

— Boas férias, então, seu danado! Tchau!

— Obrigado!... tchau!...



Outra vista do mirante ao lado do Salto do Piracicaba, na margem vilarezendina.

MEMÓRIA DA VILA - 2 - LXVI

Uma praça pública.

Para quem nunca dispusera de uma, no seu bairro, a novidade tinha pelos menos, o sabor de uma “grande conquista”, não pelo fato em si, de praça pública, pois aquele pessoal, tão habituado à bate-papo em qualquer lugar, uma “praça” não fazia-lhe diferença alguma, mas o “sabor” estava exatamente na atenção que o poder público municipal, finalmente, resolvera dar ao velho bairro piracicabano.

A Vila ganhava um logradouro público, bem defronte à Igreja Matriz da Imaculada Conceição, sendo assim também denominado oficialmente.

O muro veio abaixo, deixando visível a quadra toda que permanecera por dezenas de anos, ocultada dos olhares do povo... as máquinas ajeitaram o terreno... os homens abriram as valetas para colocarem-se as guias separando os canteiros das calçadas das alamedas... os caminhões descarregaram algumas dezenas de toneladas de areia, saibro, tijolos, pedras portuguesas... jardineiros cuidaram do plantio de arbustos, mudas de árvores e flores ornamentais... as palmeiras imperiais, centenárias, bem como a maioria das árvores, já adultas, foram conservadas... um pequeno lago, para conter uma fonte, e um nicho à imagem da Nossa Senhora Imaculada Conceição, foram construídos no centro do terreno... dezenas de bancos, de granito e pés de apoio de concreto, foram fixados, espaçadamente, ao longo das graciosas alamedas... os postes de iluminação erigidos nos seus pedestais de concreto e as suas luminárias colocadas... o gramado devidamente plantado e regado...

— Pronto!... ufa!...

— Pronta, ocê quer dizer!...

— Pronto, o serviço... e pronta, a praça!... o “ufa”, é o mesmo!...

— Agora é só marcar a data com o Padre Jorge e inaugurá-la!... Ah, mandar fazer a placa!

— Já tá providenciada!... falta só a data... que também é fácil de ser definida.

Passamos a curtir a nova praça.

Nos primeiros anos, a sua aparência visual era muito bonita e agradável o seu ambiente... bem tratada, conservada limpa e vigiada, a sua frequência notabilizava-se pelo elevado número de casais de namorados, de moços e moças, de famílias inteiras presentes ali, passeando alegremente,

em especial nas noites quentes de verão e nos domingos e feriados... e hoje?!

— Hoje, meu caro amigo, essa praça já não é mais a mesma, lamentavelmente. Vive suja, mal conservada e mal freqüentada... aliás, como todas as praças da cidade... não é só na Vila, não!

— É!... com todos esses problemas sociais — principalmente o do aumento da criminalidade —, ninguém mais se sente seguro nas ruas!

— Triste, não?!

— Triste, muito triste!...

— Lamento muito pelas crianças, pelos jovens... não desfrutam da beleza e do prazer que uma praça pública pode lhes proporcionar, saudavelmente...

— ... mais ainda podemos recuperar esse privilégio, para o bem estar e entretenimento das nossas comunidades... ocê não acha?!

— Acho!... vamos dar uma voltinha na praça?!...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - LXVII

— Você citou o Padre Jorge, mas o Vigário, nessa época, não teria sido o Padre Romário Pazzianotto?

— Tens razão!

— Vi logo que você é um “puxa-saco” do Padre Jorge!

— Eh, Eh, Eh... é que os outros, sem desmerecer nenhum deles, pararam pouco tempo na Vila, pelo menos, como seus vigários. Como nós, vilarezinhos, somos normalmente, católicos, nos apegamos muito à figura do pároco... tivemos sim, outros, antes dele... o Romário... o... o... o...

— ?!

— Só o Romário!... e até hoje, só o Padre Jorge!... os outros, apenas seus auxiliares ou como professores do Seminário Diocesano, que existiu aqui na Vila, ao lado da velha Igreja Matriz.

— Oê é mesmo um “puxa-saco”!...

— Eh, Eh, Eh... não é verdade!... sou sim, um admirador e um amigo desse notável pastor de almas... com muito orgulho!

— Num falo?!...

Nada disso... o importante, realmente, são os trabalhos que essas comunidades religiosas têm prestado à população da Vila Rezende, há quase um século. Ininterruptamente, desde à época da construção da nossa primeira igreja e da seguinte construção do Instituto Baronesa de Rezende, que ficou aqui, as Irmãs Franciscanas. Não devemos nos ater à parte religiosa deles... que é apenas uma “pequena” parte... há algo mais elevado e dignificante em todos eles — a educação... escolar, maternal, primária, secundária, profissionalizante e... obviamente, religiosa; a assistência social filantrópica... saúde, alimentação, vestuário, moradia, creche infantil, amparo aos menores abandonados; —, dentre outras atividades, que não discriminam o ser humano, sob nenhuma forma.

— Ora, mas uma só instituição, e católica!

— Em uma comunidade predominantemente católica!... hoje, com a miscigenação havida no bairro, vamos encontrar, ativas, instituições pertencentes às outras religiões e seitas, merecedoras igualmente, da nossa admiração e respeito!...

— Ainda bem!

— ... Para o nosso bem!... ou melhor, para a maior grandeza da nossa Vila!...

— Gostei!... ocê leu o Jornal de Piracicaba de domingo?... de 18.06.89... o “Vozes da História — 6” de José Eduardo Sesso?

— Li... e até devo agradecer ao ilustre articulista, pelos seus subsídios históricos que vieram facilitar o meu trabalho.

— Seu “chupador”!

— Não, não é bem assim... é que, ao reproduzir o trabalho do Sr. Sesso, poderão os amigos sentir que eu não sou nenhum “puxa-saco”!... é uma realidade incontestável... como pode-se constatar...

“Em 1904, o mundo católico comemorou o cinquentenário do dogma da Imaculada Conceição que Pio IX havia definido em 1854. A Noiva da Colina não ficou alheia a estas festividades. Uma tem especial significado, particularmente aos vilarendenses, porque a 8 de dezembro daquele ano jubilar, era lançada a pedra fundamental da primitiva matriz que seria dedicada à Imaculada Conceição de Maria.

Foi Estevam de Souza Rezende, filho de Barões de Rezende, que antes de falecer em 1904, aos 38 anos, manifestou o desejo de que se construísse a igreja. Sua família, sob a incansável direção de sua irmã Da. Lydia não mediu esforços para isso concretizar. Aos 10 de dezembro de 1910, D. João Nery, primeiro bispo de Campinas, benzeu solenemente o templo. Em 19 de janeiro de 1914, foi instalada a paróquia, desmembrada da de Santo Antônio, então a única na cidade. Mons. Joaquim Mamede, visitador diocesano, deu posse ao primeiro vigário, pe. Carlos Cerqueira que, entretanto, exerceu por um mês o paroquiado.

Sucederam-lhe depois os padres: Julião P. V. Figueira, 14 de fevereiro de 1914; Serápio Giol, 1916; João Rema, 1917; Antônio Caravela; Jerônimo Gallo 1921-51; Romário Pazzianotto, 1951-59, que teve como vigário cooperador de 1953 a 56, Mons. Luíz G. Juliani e que passou a vigário substituto de 1957 a 59.

A 6 de janeiro de 1960, tomou posse o atual pároco mons. Jorge Simão Miguel. Como se percebe, foi mons. Gallo, que muitos ainda se lembram com saudade, o que teve paroquiado mais longo.

O bairro Rezendino cresceu rapidamente, recebendo ainda maior impulso a partir da instalação de indústrias ligadas à metalurgia. Logo verificou ser necessário a construção de um novo templo muito mais amplo. Mons. Jorge, com a colaboração dos paroquianos, foi o corajoso batalhador da causa, até que a 23 de setembro de 1972, a magnífica igreja atual foi inaugurada.

Há na paróquia 5 comunidades: matriz, S. Luiz, Menino Jesus da Creche, São Francisco de Assis, Nossa Senhora dos Prazeres. Como também várias pastorais e associações que realizam um trabalho de ajuda e promoção humana. Existe a Creche Ada Dedini Ometto, com mais de 300 crianças e, ainda o Instituto Baronesa de Rezende, das Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição com cerca de 1000 alunos e também o Mosteiro Imaculada Conceição, das monjas concepcionistas, ordem contemplativa.

Da antiga circunscrição paroquial, foram desmembradas as paróquias de Santa Terezinha, no bairro do mesmo nome, 19-junho-1965; São Pe-

dro, no Paieiro, 21-novembro-1979; Sant'Ana, no Jardim Primavera, 21-novembro-1979. Atualmente é de 20.000 o número de habitantes da paróquia da Vila Rezende. O seu pároco, mons. Jorge Simão Miguel, que é também o vigário geral da diocese, por seu zelo e dedicação é um sacerdote muito querido, tanto pelos seus paroquianos como também pela cidade”.

É isso aí!... Vila é Vila!...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

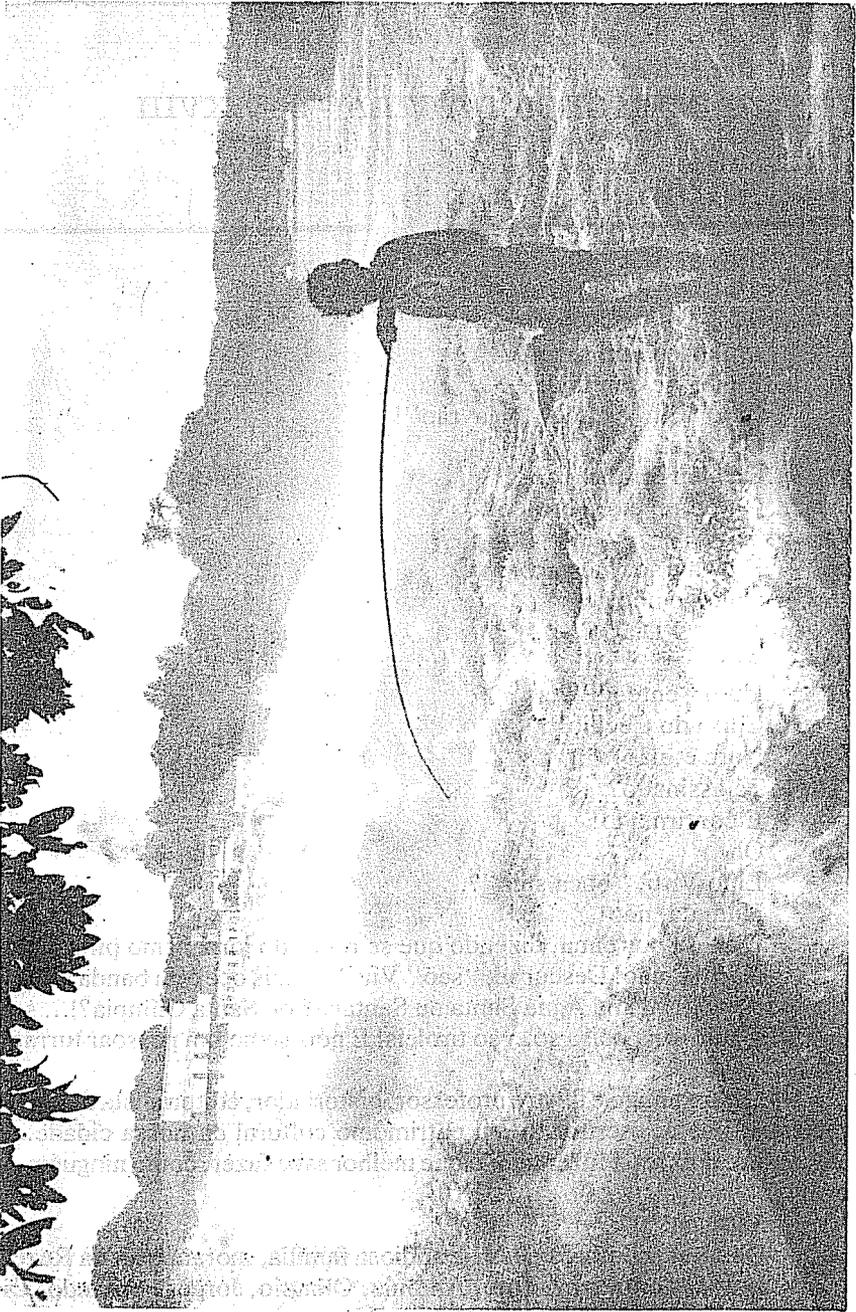
...

...

...

...

...



Um pescador à beira do Salto do Piracicaba.

MEMÓRIA DA VILA - 2 - LXVIII

Li e não compreendi...
Reli e me confundi...
Lino Vitti falando “palavrão”!
Oh, não!
Ocê leu errado!
Ou escreveram errado...
Não!
É palavrão, mesmo!
Onde, então?
No, “O Diário”...
Ah!...
Num “entendi”?!
Coisa do Cecílio!
Num é, não!
Tá assinado?
E confirmado!
Oh!

Lino Vitti, “boca suja”?...
Num dá, não!

E ainda por cima, dizendo que se retira do jornalismo piracicabano?

Não dá não! Descurpe, “seo” Vitti!... mais ocê é da banda da Vila!...

é um “tirolêis”!... lá na Água Santa ou Santana? ou Santa Olímpia?!... seja lá, qual for, é tudo uma coisa só... só tirolêis! E nós sêmo um pessoar turrão, pra burro!...

O caro amigo e ilustre professor, historiador, editorialista do Jornal de Piracicaba, poeta, escritor, é um patrimônio cultural da nossa cidade... não pode, assim, deixar de fazer aquilo que melhor sabe fazer, como ninguém — escrever!

Vitti.

Quantos membros dessa grandiosa família, moram na Vila Rezende?

David, Guilherme, José, Antonio, Olímpio, Jorge, Fernando, Dionísio, Eraldo, Claudinei, Silvestre, Valter, Rubens, Israel...

— Não seria mais fácil você começar no “A” e ir até o “Z”?!
— ... no masculino e no feminino!... e depois, enumerar as famílias que se interligam pelo parentesco... Vohlk, Grippa e...

— ... e ocê tem a Vila Rezende quase toda!... é melhor incluir, anexada aqui, a lista telefônica! Eh, Eh, Eh...

Tã vendo só, “seu” Vitti! Ocêis saíram do sítio pra vir povoar a Vila! É Vitti que não acaba mais, sô!... tá certo que uma outra boa parte, fora pra banda da cidade... e só poderia ser, pois como abrigá-los todos, em um único bairro?

Estamos nos afastando da temática, isto é, fugindo um pouco do rumo ou da linha na qual deve se delimitar a matéria que justifica o título desta colcha de retalhos, caso contrário, não será nem uma coisa nem outra, resumindo-se a um monte de baboseiras, sem interesse, enquanto escapa-nos pelos vãos dos dedos algo realmente importante, como por exemplo, a figura do Mário da Baronesa.

— Mário da Baronesa?!

— Isto mesmo!... o “seu” Mário da Baronesa!... ocê não o conhece?

— Não, não o conheço!... deveria eu, conhecê-lo?!

— Você e todos os novos vilarezendinos, certamente...

— Ora, então, vamos conhecê-lo!...

— O seu nome é Mário Arias Witier... ou Mário da Baronesa... bem, é preciso para tanto, nos reportarmos à uma época mais distante e às informações precisas que nos permitam traçar o perfil desse ilustre cidadão... não ficaria nada bem, tratá-lo com superficialidade.

— Evidentemente!... mas, ouça essa música... você está ouvindo-a?!

— Sim... é o Hino da Cidade... Piracicaba!... na voz do Cobrinha, o nosso querido amigo Vitória Cobra.

— Você tem a letra dela?

— Tenho... é letra e música de Newton de A. Mello, e data de 9 de setembro de 1931... é esta aqui...

“Piracicaba”

“Numa saudade que punge e mata

— Que sorte ingrata! —, longe daqui,

Em um suspiro triste e sem termo,

Vivo no êrmo, dêz que parti.

Estrilho

Piracicaba que eu adoro tanto,

cheia de flores,

cheia de encanto...

Ninguém compreende a grande dor que sente

O filho ausente a suspirar por ti!

Em outras plagas, que vale a sorte?

Prefiro a morte junto de ti.

**Amo teus prados, os horizontes,
O céu e os montes que vejo aqui.**

Só vejo estranhos, meu berço amado,

Tendo a teu lado o que perdi...

Pouco se importam com teu encanto,

Que eu amo tanto, dês que nasci...

— **Lindo, lindo!...**

— **Isto é Piracicaba!... “Noiva da Colina”!... e a Vila é parte de-**

la!... inseparável!... o véu da Noiva, não está na Vila?!

— **É claro que não está!... a Vila é a Vila, a Noiva é a Noiva, e a Vila é parte da Noiva!**

— **Então, a Vila não é a Noiva?**

— **Claro que não é!... a Vila é a Vila, a Noiva é a Noiva, e a Vila é parte da Noiva!**

— **Então, a Vila não é a Noiva?**

— **Claro que não é!... a Vila é a Vila, a Noiva é a Noiva, e a Vila é parte da Noiva!**

— **Então, a Vila não é a Noiva?**

— **Claro que não é!... a Vila é a Vila, a Noiva é a Noiva, e a Vila é parte da Noiva!**

— **Então, a Vila não é a Noiva?**

— **Claro que não é!... a Vila é a Vila, a Noiva é a Noiva, e a Vila é parte da Noiva!**

— **Então, a Vila não é a Noiva?**

— **Claro que não é!... a Vila é a Vila, a Noiva é a Noiva, e a Vila é parte da Noiva!**

— **Então, a Vila não é a Noiva?**

— **Claro que não é!... a Vila é a Vila, a Noiva é a Noiva, e a Vila é parte da Noiva!**

— **Então, a Vila não é a Noiva?**

— **Claro que não é!... a Vila é a Vila, a Noiva é a Noiva, e a Vila é parte da Noiva!**

— **Então, a Vila não é a Noiva?**

— **Claro que não é!... a Vila é a Vila, a Noiva é a Noiva, e a Vila é parte da Noiva!**

— **Então, a Vila não é a Noiva?**

— **Claro que não é!... a Vila é a Vila, a Noiva é a Noiva, e a Vila é parte da Noiva!**

— **Então, a Vila não é a Noiva?**

— **Claro que não é!... a Vila é a Vila, a Noiva é a Noiva, e a Vila é parte da Noiva!**

— **Então, a Vila não é a Noiva?**

— **Claro que não é!... a Vila é a Vila, a Noiva é a Noiva, e a Vila é parte da Noiva!**

— **Então, a Vila não é a Noiva?**

— **Claro que não é!... a Vila é a Vila, a Noiva é a Noiva, e a Vila é parte da Noiva!**

MEMÓRIA DA VILA - 2 - LXIX

Ouvia um cântico suave e não conseguia distingui-lo... parecia-lhe familiar, bastante familiar a sua melodia. apesar de não identificá-la... algo porém. o fazia cantarolar. seguindo o tom que ouvia e não conseguia identificar... como uma estranha magia. a sua cantarola. se ruim era, boa se fazia para transportá-lo de volta a sua infância... tudo por causa daquele suave cântico... e cantarolava, cantarolava, embalado pelo doce cântico...

— A dona qué arguma coisa?! — Quanto custa essas verduras?!... — Depende de quar as verdura!... de quar e quanto vai levá?! — Bem. é que não sei se o meu dinheiro vai dar... — Vamo. vamo, dona Maria!... tem mais gente na fila!... — Desculpe... O tom de humildade harmonizava-se à cantarola... engraçado! raciocina ele enquanto unia. misteriosamente. o cântico e a voz delicada daquela mulher... — Oh, como ele ~~soubera~~ que chamo-me Maria?!... alegrada pelo fato. sem ligá-lo ao outro fato: ali, todas as mulheres, indistintamente. eram tratadas de “Maria”... ele segue cantarolando... ela, conta as poucas moedas para a desejada verdura...

— Você tá escutando esse cântico?!... — Não, não ouço nada!... — Engraçado... eu até estou cantarolando-o!... ouça-o!... — Não. continuo não ouvindo nada... — Que engraçado. sô!... — Você deve estar maluco!... — É. você tem razão... Sabe, acho que hoje à noite vou até à Igreja!... — Xii... tá maluco, mesmo!

Recebera o convite no dia anterior e o guardara... mentalizara-o. entretanto. e isso o fazia lembrar-se dele... veio o fim da tarde... chegara cedo em casa. neste dia...

— É você?!... ouve a sua mulher perguntar. lá do fundo da cozinha... — Sim. sou eu!... — Oi. tudo bem?!... — Oi, tudo certo!... sabe, meu bem. que tal irmos à Igreja. hoje?! — Igreja?!?... num acredito!... você tá me convidando pra irmos à Igreja?!?... num acredito! — Tô falando sério! se você topa. nós iremos!... — Ora, você sabe que sim... eu vivo convidando-o... você tá precisando disso!... Tá, tá, mas não recomece a ladainha, tá?!...

Na fila da procissão de entrada solene. dava para se ouvir o cântico do coral, cujo som enchia o interior do grande templo... ao seu lado, uma mulher, humilde. também cantava. unindo a sua voz suave às do coro... — É esse o cântico! É esse o cântico! exclamava ele, apertando a mão da sua esposa, mais fortemente. por estar emocionalmente tocado pela súbita iden-

PARÓQUIA DA IMACULADA CONCEIÇÃO DE VILA REZENDECONVITE

Por meio deste, com alegria, quero convidar

Pedro, Aparecida, Adriana, Vera Cristina, Mariana, Pedro Jr. e Juliana.

para paranimfar a Reza do dia 07 de Maio, em nossa Igreja Matriz,
para homenagear Nossa Senhora, neste mês que lhe é todo consagrado,
dentro do Ano Santo Mariano.

Por Nossa Senhora fazamos tudo.

O programa da Reza será o seguinte:

- Às 19:00 horas Recitação do Terço de Nossa Senhora, por intenção dos
festivos do dia.
- Às 19:20 horas Entrada solene dos paraninfos que farão a entrega de
fiores, vela e donativo a Nossa Senhora.
- Às 19:30 horas Missa Solene.
- Às 20:00 horas Agradecimento aos paraninfos, Consagração a Maria e
Benção de Nossa Senhora.

Não deixe de comparecer com sua família.

Nossa Senhora ficará contente com vocês.

Meus agradecimentos pela presença importante de Todos

Monsenhor Jorge Simão Miguel
Pároco

Vila Rezende, Maio de 1969

Ilmo Sr.

Pedro Caldari e família

Às 07 de Maio.

NESTA

tidade que fazia daquele cântico que ouvira, ou assim lhe parecera ouvir, pela manhã... — O que você disse? pergunta-lhe a esposa, sem compreender, o que ele acabara de dizer... — É o cântico! eu sabia que já o tinha ouvido antes! é o Cântico de Maria!... — É... é o Cântico de Entrada, saudando a Virgem Maria... — Sim, sim, eu sei disso... eu o cantava quando menino, aqui mesmo nesta Igreja! Claro que eu o poderia identificar!... ei! essa voz aí atrás não me é estranha, também!... logo vi! é a voz daquela mulher de hoje de manhã, lá na feira!... é a mulher que procura as moedas para a verdura — a tal da “dona Maria”... “Louvando a Maria...” ... vê, adiante, a fila de meninas vestidas de anjo, todas compenetradas, inclusive aquela pequenininha, tão pequena que ainda chupa chupeta... vejam só: um anjo de chupeta na boca!... conta-as: uma... dez... vinte... trinta meninas... acabou perdendo a conta...

— “... tão lindo mês de flores...”

— Ocê tá chorando?... pergunta-lhe a esposa, bem baixinho, para não ser ouvida.

— Chorando?!... não, não! é essa fumaça das velas!...

— Ah!... mas as velas estão apagadas!

— Estão?!... então, eu não sei o que é!... Veja, que bonito!... igualzinho ao meu tempo de menino... os coroinhas, o padre, os anjinhos...

— Estamos na Vila, não?!... é mês de Maio e aqui é a Igreja Matriz...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - LXX

— “Seu” Chico, tem nota pra Codistil?

— Tem, Paulo?

— Mande o Pierim passá lá com o Jair!...

— Ocê ouviu?!

— Tá! já tô indo! tchau!...

Estava nesse momento, dando a minha passada diária no Almoxafado da Oficina Dedini, na Avenida Mário Dedini, no velho prédio cujo pátio lateral limitava-se com o terreno enorme do Valler e como fundo da Loja Dedini... o “seu” Chico, era um italianão (filho) de rosto corado e gordo, sempre sorridente, com a careca transpirando devido ao calor reinante, enopando os poucos fios de cabelos que lhe restavam... senhor Francisco Furlan... cunhado do “seu” Mário Dedini, irmão portanto, da dona Otília.

— E o Paulo?

— Bem, o Paulo, era o amigo inseparável do Chico... senhor Paulo de Freitas... imaginem só: um caboclo e um italiano, dividindo o espaço de uma mesa de trabalho... lado a lado... dezenas de anos seguidos!... Chico de Freitas e Paulo Furlan!

— ?!... ocê num errou, não?!

— Oh, é Chico Furlan e Paulo de Freitas!

— E o Jair?

— Tá na Dedini, ainda!... mas, naquele momento, respondia pela contabilidade da loja Dedini, ou melhor, era quem extraía as notas fiscais de venda de materiais da loja e do almoxafado, bem como, procedia as compras de materiais.

— O “chefe” da Loja e de Compras?

— De certo modo, sim. Os chefes da Loja foram o “seu” Carlão Mahn — pai do Clever e do Cláudio... depois, é Venézio Zanetti... o Oswaldo Raymundo da Silva, outro caboclão “danado” de bão, só!... pode-se dizer, sem errarmos, que a época lírica da “Loja” se findara com a saída do “seu” Oswaldo, muitos anos depois da sua vinda à Piracicaba, durante tempo este que estivera à frente do tradicional estabelecimento comercial atacadista e varejista...

— O senhor Luigi Dedini também trabalhou na loja, não?

— Sim, sim... logo que chegara da Itália!... ele e sua esposa, dona Pina, ficaram morando na Vila, até há pouco tempo, ali na Rui Barbosa, vi-

zinho do Babico. O Luigi saiu da Dedini, deixando o Tio, para iniciar o seu próprio negócio.

— É, esses Dedini's sempre foram ativos!

— Empreendedores!... o Luigi, instalou uma pequena oficina... “importou” os irmãos da velha Itália... o Remo, o Tisélio, o Antônio... e expandiu-a, dando origem à Lavromec, para fabricar implementos e máquinas agrícolas...

— E concorrer com os irmãos Wolney e Moacir Martins!

— Não, não concorriam... havia mercado pra todos!...

— Você falou com um certo entusiasmo desse Raymundo!... ou melhor, quis falar...

— Oswaldo Raymundo da Silva... um “grande” homem... no tamanho físico e na dimensão da sua alma!... é outro daqueles “importados” pelo “seu” Mário Dedini, que veio à Piracicaba, gamou a Vila e daqui não sai mais...

— Oswaldo!... qui tar você tocar esse negocinho da loja pra mim?...

— Sim senhor, “seu” Mário!... estou as suas ordens!

— Então você começa hoje memo... arrume as suas coisas e vamos vê uma casa procê...

— E o que o senhor quer que eu faça, na loja?

— Aquilo que você faz!... basta fazê isso.

Não só dinamizou o estabelecimento, como também, envolveu-se nas atividades comunitárias da Vila Rezende... Rotary Club, Creche Ada Dedini Ometto, Matriz da Vila, Colégio Jerônimo Gallo, Sociedade Amigos da Vila Rezende, Loja Maçônica... Atlético... e não parou mais... foi estender os seus braços robustos na outra margem do rio Piracicaba... XV de Novembro, Festas das Nações, Rotary International, Associação Comercial e Industrial, Banda União Operária... e até em escola de samba...

— Escola de samba?!

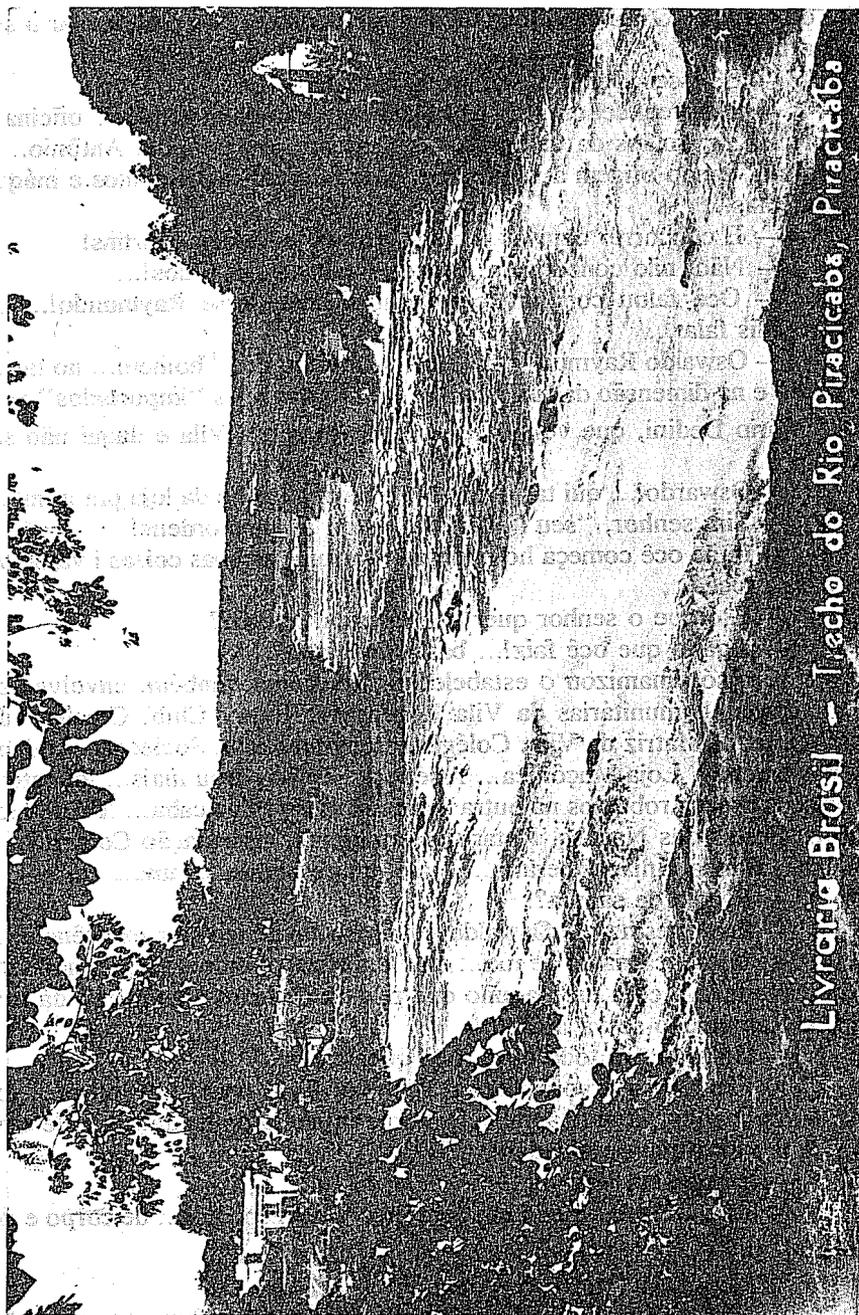
— Isso mesmo! O Oswaldo é um carnavalesco por excelência!... envolveu-se com o carnaval de rua... com o turismo e outros empreendimentos da Prefeitura... com tudo aquilo que não dá dinheiro algum e só dá trabalho, o Raimundão se vê atraído!

— Um pau pra toda obra, você quer dizer...

— Ele é uma árvore inteira! robusto, forte como um touro!... foi atleta do Palmeiras, lá na Capital... o home tá cheio de medalhas e de troféus... é um exemplo de cidadão!

— E mora na Vila!

— Posso afirmar-lhe: é um autêntico vilarezendino!... de corpo e de coração...



Livraria Brasil - Tchecho do Rio Piracicaba, Piracicaba

Vista do Salto do Piracicaba.

MEMÓRIA DA VILA - 2 - LXXI

Há quarenta anos passados, a quantidade de automóveis e de caminhões, em Piracicaba, era pequena. Na vila, então, nem se fala... havia pouquíssimos veículos e todos de origem estrangeira... Ford, Chevrolet, Odsmobile, Fiat, Skoda, Mercedes Benz, Reynold e outras marcas famosas... sendo até os tratores, raridades por aqui.

Oficinas mecânicas?

Dissemos já, do Carlito... senhor Carlos Negri, cuja oficina ficava na Rui Barbosa quase esquina com a Maria Elisa, vizinha ao Armazém Bigatton e à fábrica de bebidas do D'Abronzo... lembro-me quando da construção do barracão, pelo senhor João Coletto, e por ser esse o meu caminho diário à escola primária...

— Carlito, tá pronto o meu automóvel?!

— Pronto, tá... mais consertado, ainda não! Eh, Eh, Eh...

— Barbaridade, sô!... faiz uma semana, já!... ao invés de ir pescar, ocê deveria trabalhar!... De fato, o Carlito não perdia o hábito de pescar... freqüentava o seu rancho no bairro do Itapiru, às margens do rio Piracicaba, quase todos os dias, principalmente no período das cheias, coisa que ocorria todos anos, aqui na nossa região, por duas razões: a primeira, pela maior incidência de chuvas em função das matas naturais existentes onde hoje só encontramos esse "mar de cana-de-açúcar" à ilhar a cidade; a segunda, por inexistir as barragens artificiais das hidroelétricas e a verdadeira "sangria" que as cidades, ao longo curso do rio Piracicaba e seus afluentes, à montante, promovem, privando-nos do precioso líquido, além de poluirm o que nos resta!...

— Óia aqui, cumpadre!... eu não dispense uma pescaria por nada nesse mundo véio, num é mesmo, ô Sírvio?!...

— Por nada, memo!... responde-lhe o amigo e companheiro Sílvio Marconatto, que nas suas horas vagas de vassoureiro, encarregado da fábrica dos irmãos Benedito e Humberto Gianetti, já ia tratando de cuidar do bote, do motor de popa, dos remos e toda a tralha...

— E o Bêne e o Berto?

— Também acompanhavam o Carlito e o Sílvio... inclusive nas várias caixas de cervejas que seriam consumidas na ranchada.

— ... mais Carlito, ocê me prometeu que deixava o automóvel pronto!... agora, o que eu digo pra Yolanda?!

— Diga que nós temos que experimentá ele na estrada!... assim, damos um pulinho no rancho e armamos as redes... quem sabe nós pegamos uns “pintados”!...

O Carlito era um excelente mecânico de automóveis, senão o melhor da cidade. Aprendeu a profissão, de menino e da mesma forma. iniciara o seu menino, o Neu — Irineu — na arte de mexer com os complicados motores... passado o tempo, vendeu a sua oficina para outro bom entendedor do ramo, o “seu” Cavaco Ambrozano...

— Cavaco?!

— Seu apelido... naturalmente, por ser um pândego, Realmente, seu bom humor fazia com que todos, a sua volta, se divertissem com as suas brincadeiras.

Com o aumento do número de veículos, as oficinas foram surgindo... “Neo” — outro Irineu — Voltani... Santo Spolidório e José Bortolazzo, que mais tarde, transformaram-se na Artub — fábrica de mesas e cadeiras de fórmica... e tantas outras, cada uma delas resultantes do aprendizado que proporcionavam aos meninos da Vila, sendo que, aos “pioneiros”, os mestres foram o Pedrinho Bottene, o Armando Piselli, o Comendador Antônio Romano, o Edmar Dal Pogetto, lá na cidade.

— E ocê, que automóvel tinha?!

— O meu primeiro, de saudosa memória era um “Skoda”, de 1936. que comprei do Boné... já usado!

— O Boné?!...

— O tal carrinho, sô!... vivia quebrado e dando lucro pro Neto... o Boné é o apelido do meu amigo Orlando Casarini, que trabalhava com o meu tio Pingüim, na Dedini.

— E que fim levou o tal Skoda?

— Sucata... no forno da Dedini...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - LXXII

Vivíamos “voando”...

— ?!

— É o modo de dizermos... por “andarmos” correndo, de um lado para outro, como crianças irrequietas e também, pelas fantasias criadas pelas nossas imaginações férteis. Porém, um dos meus amigos levava mais longe essa expressão...

— Joãozinho, o quê ocê tá fazendo?

— Nada, professora, nada... tô escrevendo.

— Deixa-me ver esse caderno!... Desenhando aviões!?... e onde está a lição, hein?!

— Tá aí...

João Beccari... ou o João Raposa, para nós, seus amigos de escola e de folias... desde a infância, nutria uma paixão pelos aviões... desenhava-os nos cadernos, corria com os braços abertos, para imitar o vôo das suas imaginárias aeronaves, roncando e agitando os braços como se estivesse realmente à pilotá-las. À medida que crescia, aproximava-se mais e mais, à idéia de se tornar um piloto de aviões... e ia ao Aero clube de Piracicaba, entrava em contato com os pilotos e instrutores de vôo... Tito Bottene, era a sua inspiração, por ser ele, uma verdadeira lenda como piloto, na cidade... ou sobre a cidade, pois estava a maior parte do tempo, no “ar”, a serviço do “seu” Mário Dedini, principalmente.

— Aviador?!... nem pense!... filho meu, voando?!... repremiam-lhe os pais, tementes de tudo aquilo que se elevasse acima do chão firme, como todos temiam naquela época em que os aviões não passavam de frágeis “teco-tecos”, monomotores, quase todo de madeira e de telas de pano impermeável.

Mas João não se deu por vencido e muito menos por “convencido” pelos argumentos dos pais, pelas observações dos amigos e conhecidos, como por exemplo: — “É muito perigoso!... — ...isso não dá futuro pra ninguém!... Ocê precisa é trabalhar!... e ser alguma coisa na vida!...”; aprendeu a voar... brevetou-se... empregou-se como piloto de táxi-aéreo... conheceu outras aeronaves e outros profissionais iguais a ele... ganhou as alturas e foi conhecer o céu infinito... casou-se, teve filhos... mudou-se da cidade... ingressou na aviação comercial, como piloto, é claro, Não parou mais de voar e de crescer dentro do seu “campo”, ou melhor, no seu “campo de aviação”!... comandante de Boeing...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - LXXIII

Os irmãos Giannetti, construíram um enorme barracão, nas Avenidas Manoel Conceição e dona Francisca, fazendo divisa com o antigo campo de futebol do Clube Atlético Piracicabano, mudando para esse local a Fábrica de Vassouras “Elefante”, saindo do acanhado prédio que ocupava na Rui Barbosa, pequeno então, para a crescente indústria.

— Bêne... será que vai dar certo, nós gastá tanto dinheiro nessa fábrica?... pergunta preocupado, o seu irmão Berto, como bom italiano, com medo de dívida e de arriscar o seu patrimônio.

— Berto, ocê, num se preocupa!... nós num vamo perdê nada!... o prédio, sempre valoriza... i tá na Vila, num tá?!

— É... ocê tem razão!... i a Yolanda i a Nair, gostam memo daqui!... nós fazemo duas casas em frente ao barracão... i moramo aqui... pertinho da fábrica i da Igreja!...

— Eh, Eh, Eh... i tamém num fica tão longe do Papini, né!?... Eh, Eh, Eh...

Por dezenas de anos funcionou ali...

— Dezenas?!

— Pelo menos, duas... até dar lugar à Auto-Pira S.A... quando então, entraram como acionistas dos Varella, Checulli, Holand... formando uma empresa fabricante de auto-peças... estava nascendo a indústria automobilística no Brasil e Piracicaba, tradicionalmente, se unia ao progresso, ao desenvolvimento industrial, que iria modificar o perfil da indústria brasileira.

— Italianos danados!

— Fundaram o Expresso Piracicabano de Transportes Ltda... com uma frota de caminhões... a Viação Piracicabana... com outra frota de ônibus, ligando Piracicaba à São Paulo... Vipitur... empresa de turismo, de passagens aéreas... e Piracicaba se ligou ao Mundo!...

— Italianda danada!

— ... sempre trabalhando!

— Waldyr, Benedito... Eda... Chiquinho... Bertinho, todos filhos deles...

— Só esses?!

— Não, não... outros mais.. Wally, Margareth... Ana... Baldo... Wanda...

— Baldo é genro!

— Ah, sim, sim!... casado com a Margareth... o Waldyr casou-se com a Cláudia Dedini Ometto... a Wanda, como Marinho Dedini Ometto...

— O Waldyr tornou-se o principal executivo da Dedini, ao lado do seu sogro... Dr. Dovílio Ometto e do filho deste, o Mário...

— O Baldo... o meu caro amigo, Obaldo Altomar, sempre gostou de cozinha!... montou uma lanchonete, bem de frente à Auto-Pira e fez enorme sucesso...

— O Waldyr, nosso amigo de infância, era um magrela... assim como o seu irmão, o Dito... depois, deu um espichada e incorporou-se... transformando-se no “gigante” que é hoje... igualzinho ao seu pai, o Bêne!... forte como um touro, e, impressionantemente, incapaz de molestar, com a sua força bruta, um formiga...

— Eu já não lhe disse?!... os homens fortes, imensamente fortes, são dotados de uma docilidade dignas de um “santo”!

— Em compensação, os “magros”, como ocê, são uns “venenos”! Eh, Eh, Eh...

— Olha, esses Giannetti's, mereciam um livro!... Benedito, Humberto, Aristides, Paulo, Frank...

— Waldyr, Dito, Chico, Bertinho... Edílio...

— Edílio?!... é sobrinho, não?!

— Ocê conhece bem essa turma toda, não?!

— Nem tanto, nem tanto!... só aqueles que se ligavam à Vila...

— Bairrista!

MEMÓRIA DA VILA - 2 - LXXIV

Dr. Dovílio Ometto.

— Você o conhece?

— E o admirei!... Um silêncio se fez entre nós, próprio desses momentos que nos revelam uma profunda reflexão; nos toma, por completo, o espírito todo. É realmente isto, que, ao mencionarmos o nome deste ilustre **HOMEM**, nos provoca...

Dovílio.

Um homem contido dentro de um coração.

— ?!

— Não entendeu?!

— Não, sinceramente!

— Vejo que você é de outra cidade.

— E novo, em idade. né?!

— Eh, Eh, Eh... limeirense!

— Ô, “seo” Pedro!... tô em Piracicaba, há mais tempo que em Limeira!... é ou não é?!

— Limeirense nascido em Campinas, ainda por cima!

— Ê! num vai “apelá”, né?!... sô também “corintiano”!... e suas netas, são igualmente, campineiras!...

— Iguar o Padre Jorge!... capivariano “corintiano”!... vigário da Vila!... pode!?

— Pode! O senhor acha que ser “palmeirista”, é boa coisa?!... outra coisa: o Padre Jorge, que eu sei, é de Capivari!...

— Hoje, não!... antigamente, tinha algum sentido... hoje, não mais.

Luiz Augusto... Buzolin... Cabral de Vasconcellos... meu genro. É meu amigo, como eu o sinto, e eu, me sentia, amigo de meu sogro Leandro!... indefinível sentimento, este...

— Gusto... num encha o saco!

— Ô, “seo” Leandro!... largue mão, ô meu!... torça pro Coringão!

— Nem morto!... nem morto! eu nasci parmerista... morro parmerista!

Mas, voltemos ao nosso assunto — Dr. Dovílio.

Dovílio Dedini... Ada Ometto.

Mário e Pedro.

Precisaríamos voltar às origens... com Pedro e Mário... lá na Água

Santa!... dois “amigos do peito”... senhores Mário Dedini e Pedro Ometto... este, pai do Dovílio, e aquele, pai da Ada.

Os anos se passaram.... Dovílio casa-se com a Ada... e uma amizade antiga e fraterna, se funde em um laço ainda mais intenso, com o casamento dos jovens.

— Mário, ocê já era meu compadre... agora, acho que cumprimo a nossa missão na Terra...

— Oh, Pedro!... me sinto feliz!

— Eu também!... vamo dá uma vorta na Itália!...

— Eh, Eh, Eh... é tomamo um bom vinho, sô!?

— Eh, Eh, Eh... antes tenho que vê umas terras nas bandas de Jaú...

Ribeirão Preto...

— Eu também!... só que essas são lá por Catanduva, Piraçununga...

Dovílio, doutorado em Agronomia, pela ESALQ, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, mergulha de corpo e alma no mundo dos negócios da Oficina Dedini, auxiliando o seu sogro na condução dos destinos da grande empresa que ela se tornara, e iria ainda, se tornar na principal no setor específico do açúcar e do álcool, siderurgia, minerologia, química, petroquímica, anos depois, graças ao tirocínio empresarial do jovem Dovílio.

— Exatamente! Até parece que você presenciou tudo!

— Bem, presenciar, presenciar, não aconteceu-me... mas, imagino parte da verdade... pois, a outra, parte, eu não a presenciei... eu a vivi!...

— ?!

— ... estou há quarenta anos, na Dedini... acho que é tempo suficiente para testemunhar alguns fatos, não?!...

— Acho que sim!...

— ... eu era um menino de calças curtas e de pés descalços!...

— Ocê tava na Vila, né?!

— Na Vila... graças a Deus!

MEMÓRIA DA VILA - 2 - LXXV

Ao mencionarmos os fatos acontecidos nos últimos setenta anos, nesta parte da cidade, é praticamente impossível não ligá-los aos nomes Dedini e Ometto, tal a ordem de grandeza dessas duas famílias sempre participativas às questões comunitárias e, evidentemente, como promotoras do desenvolvimento econômico e social da cidade de Piracicaba. Daí, a nossa total discordância à quaisquer iniciativas que objetivam uma emancipação política — administrativa da Vila Rezende, desmembrando-a ou separando-a de Piracicaba... e repetiremos, incansavelmente, esta nossa opinião.

— O amigo Dovílio também pensa assim?

— Naturar!... num é memo, Dovílio?!

— Eh, Eh, Eh... vocês acham que eu discordaria de vocês?!... só não concordo com a “importância” que você me atribuiu...

Nem poderia ser diferente, a resposta do notável cidadão, revestido daquela sua refinada educação universitária e, ainda mais admirável, naquela sua humildade franciscana.

— Interessante, isto que você falou!... os homens realmente sábios, são uma humildade à toda prova!

— É o inverso dos tais “novos ricos”. não é?!

— É!... esses, confundem tudo!... nobreza com riqueza... num passam de “uns pobres ricos”!...

— Enquanto que, ser rico, não significa nada de ostentação, de esnobação, de prepotência, de...

— ... ocê não precisa enumerar as fraquezas mundanas!... estamos “carecas” de sabê-las todas!

— ... terem “merda” na cabeça!

— Eh, Eh, Eh... sabia que ocê concluiria assim!...

— Deixa pra lá!... o Dovílio não é nada disso, apesar de ter tudo para se apresentar, publicamente, como um homem rico.

Rico, sim... e muito... culturalmente, além dos seus conhecimentos técnicos-científicos adquiridos com a sua formação agrônômica e com os incontáveis cursos, seminários, conferências e palestras que freqüentara ao longo da sua carreira profissional... mas o seu ponto forte mesmo, continuaria sendo a administração de empresa... e não de uma empresa ou de uma simples “firma” e sim, de várias empresas e de uma “oficina” imensamente grande e complexa — a Oficina Dedini.

Com o falecimento do “seu” Mário, o Dovílio assumiu oficialmente o

posto de Presidente do grupo Dedini... com todos os seus problemas e as dificuldades, decorrentes da crise econômica conjuntural, nacional, e, da crise que se abateu, especificamente, sobre a atividade açucareira... era crise que não acabava mais, e por cima, a morte do seu sogro deixava um vazio muito grande no seio da sociedade e da família.

— “Seu” Mário partiu... “seu” Pedro, também...

— Dois grandes “vazios” se abriram nas estruturas que edificaram as atividades agro-industriais do País.

— Grandes personalidades!... carismáticos!...

— Só uma pessoa bem dotada poderia substituir um desses dois homens.

— E o Dr. Dovílio substituiu os dois!

— ?!

— O sogro e o pai!...

— Meu Deus!... isso é inacreditável, em termos de responsabilidade para uma única pessoa!

... pessoa comum, mas estamos falando de um homem incomum!

Casado com a Ada Dedini, como já dissemos, no velho costume italiano, não se deixou tomar pelo tédio... logo vieram os “bambinos” enriquecer-lhe o lar... Mário, Juliana, Cláudia... e anos depois, os netos e as netas...

— E os genros e a nora!

— Ora, é claro que sim, né?!

— Waldyr Giannetti, Pedro Duarte... e ...a Wanda Giannetti. irmã do Waldyr...

— Mas, ocê falou de Pedro?! porque gaguejou?!...

— Sim, eu falei de Pedro e a emoção sempre me surpreende, ao mencioná-lo... é a nossa fraqueza “italiana”... os velhos amigos, os amigos queridos... quando não estão mais conosco, as suas lembranças nos embargam a voz...

— E comigo é diferente?!

— ... Dovílio, Ada, Pedro... é, meu caro amigo, a nossa velha Vila nos comove!...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - LXXVI

Rodolfo Gandini morreu no dia 24 de junho de 1989.

Amado Corrêa, dois dias antes.

— São João está nos pregando as suas peças!

— É o que tô descunfiando! Tá tirando os nossos amigos, daqui, pra alegrá a sua festança no Céu!

— Pra mim, foi coisa de São Pedro!... mandou chamar o Amado pra ajudar na limpeza do arraiaá e, o Rodolfo, pra curá a gripe do pessoal de lá...

— Pode ser, pode ser... festas juninas... fogueiras... quentão... inverno... misturam tudo e acabam se resfriando...

— Aí então, vem o Rodolfo e taca umas injeções na negada!

Há muitas páginas passadas, nos referimos ao senhor Rodolfo Gandini, como sendo um dos milagrosos farmacêuticos que a Vila Rezende já tivera, e de fato, o Rodolfo o era. Iniciado no "sacerdócio", pelo mestre Benedito, ainda bastante jovem, o fez de maneira definitiva e total, dedicando a sua vida à profissão. Casou-se com a professora Hilda Bruzantim, tornando-se concunhado do Babico Carmignani; do consórcio, nasceu o menino Rodolfinho...

— Filho de peixe... peixe é!

— Pois é!... o Rodolfo filho formou-se em medicina, inspirado naturalmente, no humanitarismo do pai...

— ... e na santidade da mãe!

— Juracy ocê viu o Amado, por aí?

— Num tá varrendo a rua?

— A calçada, ocê quer dizer?!

— Rua, calçada... ocê entendeu, não entendeu?!...

— Preciso do danado e não o encontro!... onde será que ele se metera?!...

E o Amado aponta à porta, todo sorridente, e cantarolando...

— Ué, onde ocê tava?!... tô precisando do "tar" e ele está saracoteando por aí!...

— Ô "seu" Lívio!... fui até a casa da Maria Eugênia, oiá um pouco os meninos... fui e vortei já!...

O Amado, que eu me recordo, com saudade, era aquele moço bem humorado, brincalhão, que trabalhava na casa do senhor Lívio Ferracciu e da dona Juracy de Mello Ferracciu, desde menino...

— Eu também me lembro dele, desde essa época do armazém ali na Rui Barbosa, onde hoje está instalado o Unibanco.

— Um mulato falante, de estatura mediana, delgado, de fala mansa e gingava o corpo quando caminhava...

— Sempre de chapéu na cabeça e um sorriso nos lábios...

— ... sorria pra vida e pra Vila toda...

— ... nós, um pouco mais novos que ele, tinhamo-lo como nosso companheiro e amigo...

— ... nas suas escapadelas freqüentes e inocentes... aliás, nunca soubemos, da mais insignificante coisa, dita ou feita por ele, que fosse censurável...

— ... por isso é que afirmamos: São Pedro deve ter atendido a um pedido do "seu" Lívio e mandou chamar o Amado...

— O senhor me chamou?!

— Venha cá, Amado... vamos passear um pouquinho e dar uma "arumadinha" naquelas nuvens agitadas...

— Intão, espera eu pegá a minha vassoura!

— Eh, Eh, Eh... e num deixa cair o chapéu! Eh, Eh, Eh...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - LXXVII

— Camila, vamos dar uma “vorta”?

— Não é “vorta”, vô... é “vollta”!

— Você ouviu?! essa eu gostei!... você começou a escrever esse seu livrinho e “deu” para falar errado!... “vorta”!... exclama, sorrindo, a minha cara esposa, aplaudindo a netinha sapeca.

— Eh, Eh, Eh... vamos ou não vamos, Camila?!

— Ocê compra um pão-de-queijo?!

— Compro sim... vamos dar um voltinha, só nós dois... e saímos andando pelo enorme centro comercial — o tal “Shopping Center” Piracicaba, construído na Vila Rezende e por quem?

— Por iniciativa da Dedini... do Dr. Dovílio Ometto... com a participação de empresários de São Paulo, experientes no ramo dos grandes centros comerciais... e ficou realmente, uma beleza!... finalmente, Piracicaba se equiparou às grandes cidades brasileiras, com a vinda de renomadas empresas comerciais. Ganhou a cidade e ganhou a Vila, com o funcionamento desse complexo centro.

— O povo piracicabano merecia-o.

— Sem dúvida!... e não estamos menosprezando a digna classe de comerciantes da nossa cidade não. Apenas reconhecendo os benefícios desse empreendimento vultuoso... suas opções comerciais e o novo entretenimento que ele veio proporcionar ao povo.

— Pode-se passear mais... bater um gostoso “papo” com os amigos... tomar um bom chopinho...

— E ver as mulheres bonitas de Piracicaba!...

— Eh, Eh, Eh...

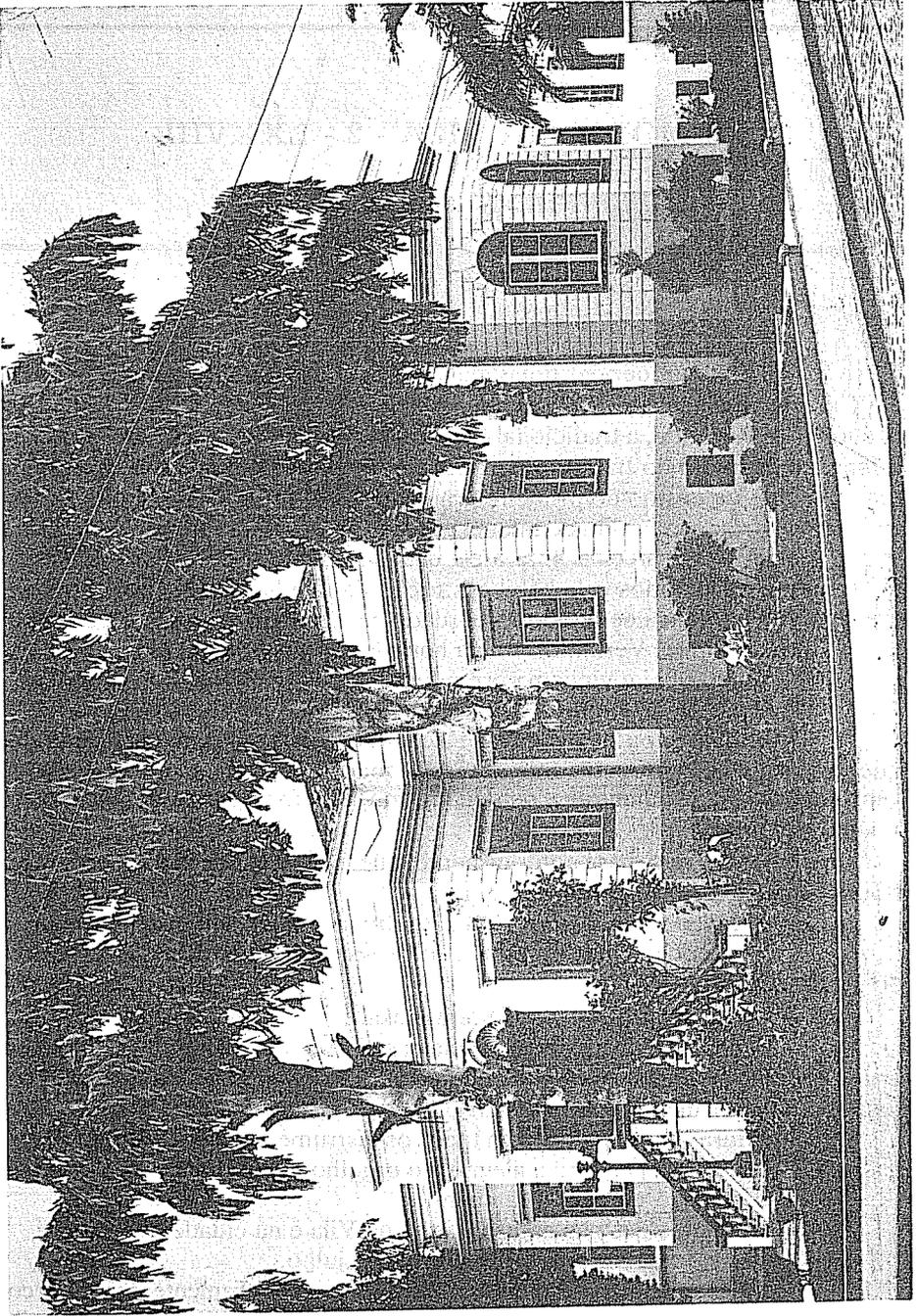
— Olhar as mulheres, é?!... Você não vem mais aqui!... intervém a dona Cidinha, com cara de brava... apenas “cara”, pois divertia-se com a nossa observação... — Eu adoro isto aqui! arremata ela.

Com isso, o Didi Cardinali voltou pra Vila, dando continuidade à tradicional casa de presentes finos de “seu” Augusto, que nascera aqui e se transferiu para a cidade.

Para essa iniciativa se completasse, faltaria à Prefeitura Municipal, dar seqüência às obras — completar a avenida nova, criar o parque na faixa marginal do rio, preservando o meio ambiente. Espera-se, ansiosamente, que ambas as coisas sejam feitas o mais breve possível.

— Será mesmo?!

- Eu espero, mas não acredito nesse atual prefeito petista.
- Nem eu!...
- Bem, vamos mudar de assunto, que não quero meter “política e políticos” nestas páginas vilarezendinas... que tal falarmos sobre o Engenho Central?
- O que restou dele?!
- Também... aqueles prédios “históricos” deveriam ser tombados...
- Derrubá-los?!?
- Ocê tá loco, ô meu!?... digo “tombá-los” como patrimônio histórico de Piracicaba!...
- Ah, ainda bem!
- ... a exemplo do que fazem nos países da Europa e Estados Unidos... preservam a essencialidade característica dos imóveis e os transformam em bens úteis à comunidade... museus, centros culturais... teatros, bibliotecas, oficinas de arte...
- Que maravilhoso seria, não?!
- Veja você, uma coisa: até hoje, Piracicaba não conseguiu ter um prédio próprio para abrigar e desenvolver a Biblioteca Pública da cidade!... vivem mudando-a de um lado para outro, com enormes prejuízos materiais e culturais...
- Ali, naquele galpão gigantesco, haveria espaço não só para a Biblioteca, mas inclusive, para o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, para a Academia Piracicabana de Letras...
- ... e para o “Museu da Vila”!
- Eh, Eh, Eh... ocê num dá ponto sem nó, não?!
- Sou da Vila, não?!



Prédio da antiga Prefeitura Municipal de Piracicaba (demolido irresponsavelmente!).
Fora antes, a residência do Barão de Rezende, que a construiu.

MEMÓRIA DA VILA - 2 - LXXVIII

As minhas queridas filhas mais velhas — Adriana Helena, Véra Lúcia e a Cristina Aparecida — chegaram a freqüentar o colégio das Irmãs Franciscanas, da Vila Rezende, a tradicional escola que mantinha os cursos de jardim de infância e primário do Instituto Baronesa de Rezende, o qual, hoje, é também uma unidade de ensino do primeiro grau completo, do Sesi-Serviço Social da Indústria. Foram ao jardim de infância e à escola primária, da mesma maneira que sua mãe, a Aparecida, fora à ela quando criança... de uniformes, caprichosamente executados pela hábil costureira da família... saia preta toda pregada e blusa branca com o bolso bordado com monograma do colégio.

— Adriana, Verinha!... tá na hora de ir para o colégio!

— Ôba, ôba! e vinham correndo...

— Cristina!... vamos para o colégio...

— Eu não vou!... e punha-se a chorar... não conseguimos fazê-la freqüentar as aulas do primeiro ano, apesar de todos os esforços, promessas e até reprimendas... não adiantou... perdeu um ano, e só fora regularmente à escola no ano seguinte.

— Você não disse anteriormente, que tanto a Cida como você, cursaram o primário no “José Romão”?

— Verdade. Na Baronesa, a Cida freqüentou o jardim de infância.

— Ah, então eu estou certo... eu me recordo dela, tocando na fanfarra do grupo escolar.

— Tocando tarola!... toda orgulhosa...

— Imagine você, a importância que o “seu Leontino” dava ao nosso grupo escolar público, ao dotá-lo de uma fanfarra com dezenas de instrumentos, tocados por meninos e meninas!

— Maravilhosa!... possuía todos os instrumentos novos e impecáveis nas suas manutenções... para a alegria e o orgulho da garotada.

E dos pais “corujas”, também!...

— E os desfiles nas datas cívicas, na Vila e na cidade?!

— Sete de Setembro, 21 de abril, 9 de julho...

— Ah, que saudade disso tudo!... hoje, infelizmente, não se comemora estas datas tão importantes, com o mesmo espírito de brasilidade, de patriotismo.

— Lamentavelmente, não.

— Posso lhe perguntar uma coisa?

- Claro que sim!
- Sinto-o angustiado... ou é só a minha falsa impressão?!
- Você está certo. Tenho estado angustiado, ultimamente... não sei bem o porquê, desse estado de espírito...
- Alguma preocupação?!
- Não sei... não sei...
- Dificuldade financeira?!
- Ô, meu caro! Você tá “descobrimdo a polvóra”! ... quem neste País, no ano de 1989, não está “apertado”?!...
- É... que tolíce minha!... Saúde, então?!
- Talvez... mas deve ser questão da idade...
- Êpa! essa não!... eu sou até mais velho do que você, e no entanto, eu não me sinto assim.
- Você pode ser mais velho em anos de vida!... de “vivência”, duvido que você me supere...
- Que, nada!... podemos empatar, isto sim!... nós, vilarezendinos, nunca perdemos nada à alguém... nem em idade!...
- Você está me divertindo, sabia?!
- Mesmo?!... que ótimo!
- Ha, ha, ha,... nós não “perdemos” nem em idade! Ha, ha, ha... essa é muito boa!
- Nós precisamos de momentos como este... de descontração... de distração...
- Vou lhe confessar uma outra coisa... acho que a nossa angústia, em quase a sua totalidade, deriva dela...
- Diga-me logo, sim?!... senão, quem ficará angustiado, serei eu!...
- Eh, Eh, Eh... então, posso deduzir que estou certo.
- ?!
- Falta-nos um amigo... um “amigo do peito”... um amigo, com peito largo e ombros fortes... para nos amparar e nos acolher nas horas de indecisão, de aflição, de incertezas...
- De peito largo e ombros fortes...
- ... derramar as nossas lágrimas e apertar os ossos...
- ... dialogar... trocar confidências...
- ... aconselhar... censurar... reprimir...
- Um amigo!
- Estamos ficando sem amigos!...
- Engraçado, não?!... a gente tem família... esposa, filhos, irmãos... e com ela, a gente não se abre!...
- Para não preocupá-los...
- ... enquanto que, com o amigo, a gente se abre...
- ... inteiramente!
- E eu?!... não sou o seu amigo?!
- Ora, ora!... evidentemente, não?!
- Ah, ainda bem!
- E onde está você?!

— Aqui, ora!... bem diante de você!... nesta folha de papel!

— Ah!...

— Ei!... ocê tá me molhando!... está... .. tá vendo só?! acabou “apagando” as últimas palavras com essas suas lágrimas... Épa!... num me “aperte”!... assim você me amassará, da mesma maneira que você já fizera com as minhas irmãs!...

— Não, não vou não!... vou preservá-la...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - LXXIX

— “Seu” Ângelo!... “seu” Ângelo!

— Pois não!

— Eu queria comprar um pouco de verdura...

— Vamo lá!... temo armeirão, arface, chicória, rúcula, agrião... chero-verde, rabanete.

— Um pé de alface e um maço de almeirão... ah, e um punhadinho de cebolinha e cheiro-verde!

— Ô, Rosa!... pega uma foia de jornal!...

Senhor Ângelo Meneghel e sua esposa, a dona Rosa... vejam só, que maravilhosa combinação! a Rosa com o Ângelo... uma brasileira, autêntica, com um italiano... ele, com seu jeitão característico da raça itálica... ela, com o ar brejeiro de uma mulher brasileira.

Duas bondades de incomparáveis belezas... e irmãs.

Duas almas irmãs... uma brasileira, outra italiana.

— Duas pessoas extremamente amáveis... por isso, eram-nos tão queridas.

Moravam na Avenida Barão de Valença, bem no meio do quarteirão, entre a João Teodoro e a Jerônimo Gallo. Uma casa antiga, recuada da alçada e isolada de todas das casas vizinhas... pudera, né, se era ela a mais velha dali!... ao seu lado, na direção da João Teodoro, o grande quintal convertido em horta. O seu Ângelo passava o dia inteiro cuidando, carinhosamente, dos seus canteiros... oh, não! não passava!... ele passeava, indo e vindo, com o regador na mão, despejando a água fresca e conversando com as suas amigas, as plantinhas... conversava e orava... regador em uma das mãos... na outra?... um têrço!... por isso, conversava e orava... chapéu tombado na cabeça, para deixar a testa frescar-se um pouco... depois, voltava ao normal.

— Ângelo!... vem tomar um cafezinho!

— Tô indo!... óia! tá aqui a sua verdura!...

— Quanto é, “seu” Ângelo?

— Num é nada!

Já imaginou?!

— Já! Eh, Eh, Eh... eu tava atrás de você!

— ?!

— Tava cum dois pés-de-alface!

Rosa... Rosa... este nome me leva à outra mulher... cujo nome, não é

Rosa...

— Será que é por isso que você gosta tanto de rosas?!

— Acho que sim! Aliás, eu gosto de todas as rosas!... flores, mulhe-
res... poemas, perfumes... Rosa é Rosa!

— Céu cor de rosa!

— E há coisa mais linda?!

A Natureza é prodigiosa e pródiga. Ao colorir o mundo com a maravi-
lhosidade das flores, Deus, na sua infinita bondade, quis naturalmente, presentear o homem. Semeou flores nos quatro cantos do mundo e mandou os ventos, os passarinhos, as borboletas, espalhar as sementes por toda a parte, até onde imaginava-se não ser local para a existência de uma vida... então, lá uma flor veio à desabrochar... até nas águas serenas e profundas.

— Uma flor para outra flor!

— Oh!...

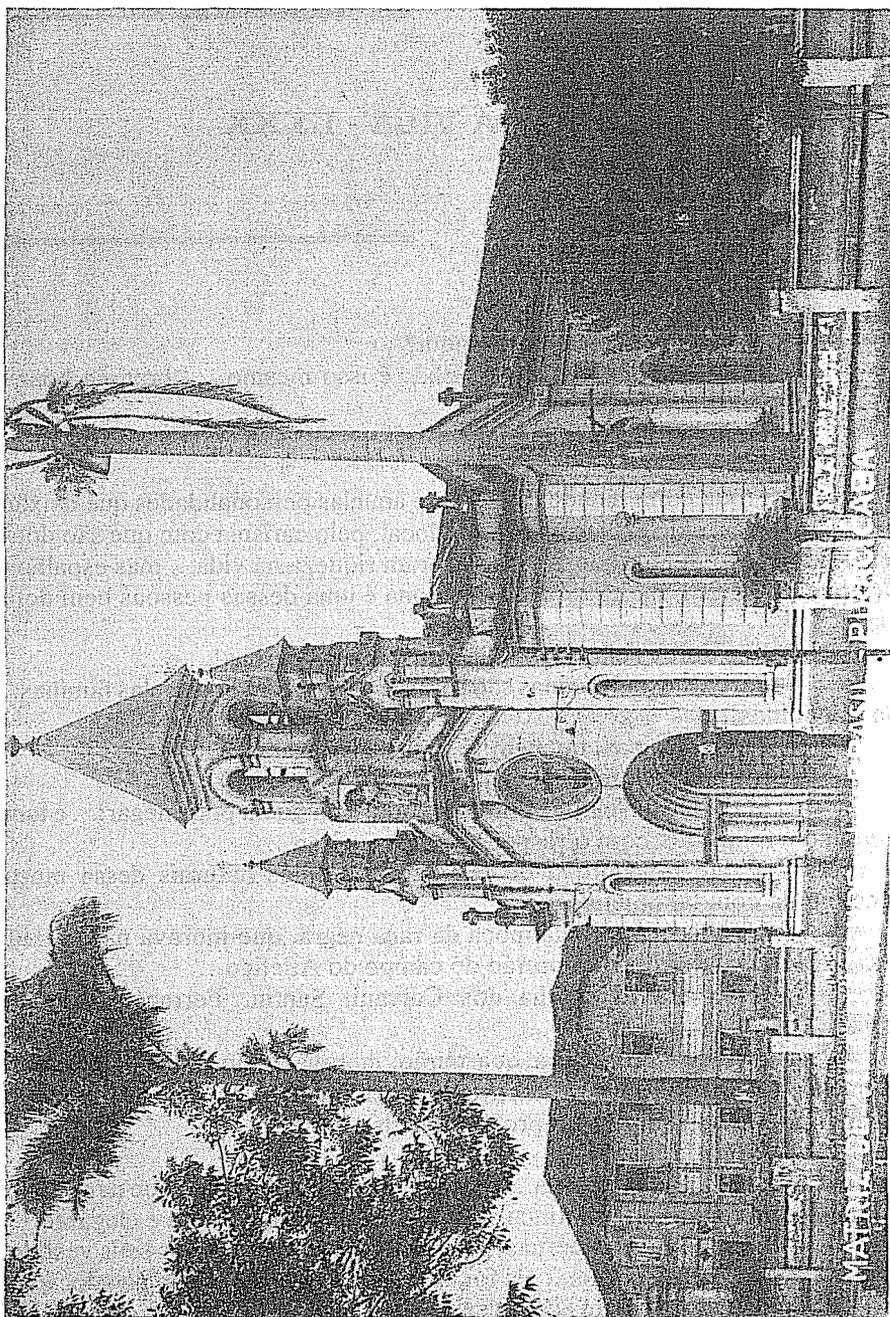
— Ganho um beijo?

— Meu ou da flor?!

— Oh!... Um amor-perfeito!...

— Como um perfeito amor...

E o homem, criou a dor...



Igreja Matriz da "Imaculada Conceição" da Vila Rezende, construída pelo Barão de Rezende e pela sua filha, dona Lydia de Rezende. A esquerda, o Instituto Baronesa de Rezende, também construído pela dona Lydia.

MEMÓRIA DA VILA - LXXX

— Papai, o que está escrito aqui?

— Deixa-me ler... Eh, Eh, Eh... é isso mesmo... “pretona boazuda”... Eh, Eh, Eh...

— Neidona?!... é esse o nome?!

— É!

Em toda comunidade, há sempre aquelas personalidades que deixam gravadas as suas existências na história local, pelo carisma com que são dotadas. Não nasceram na riqueza e não fizeram riqueza na vida... mas espalhou, por onde passaram, muita riqueza. Neidona é uma dessas pessoas bem dotadas...

— Põe dotes nela, sô!... Ah, aquelas suas pernas!... e...

— Páre!... estas páginas são sérias e para serem lidas pelas famílias... vilarezendinas!...

— Piracicabanas, também!... natas e não natas...

— ... meninas, moças, meninos...

— Mais que a Neidona era “boazuda”, ninguém pode negar!... e também, não é faltarmos com o respeito, dizermos isso...

— É até uma prova de respeito aos dotes naturais dessa moça, mencioná-la com tal objetivo.

— Neide... uma linda moça da raça negra, que morava na Avenida dona Lídia, bem defronte ao portão do campo do Atlético...

— Não era a vizinha dos Galvani, Santin, Ferracciu, Godoy, Diniz?!...

— Isso mesmo... nesse quarteirão, morava a dona Lina com os seus familiares... dentre os quais destacava-se a Neidona... assim chamada devido à sua estatura alta, esbelta, bem proporcionada...

— Delgada, não?!

— Sim... não era gorda... era bem feita, tão bem feita, que nem o tempo conseguira mudá-la... continua até hoje, uma mulher bonita e elegante.

— Víamos as suas pernas, sempre à mostra, devido aos seus vestidos curtos, extremamente curtos... ela foi, sem dúvida, a precursora na adoção da mini-saia, muito tempo antes dessa se tornar a moda estonteante que é!...

— Alegria, muita alegria ia espalhando a sua volta... falante, desinibida, provocativa... uma apaixonada pelo Carnaval e pelos bailes... e uma liberal.

— ?!

— Liberalismo!... generosa, franca, favorável à liberdade, que tem idéias avançadas... não confunda com depravidade!...

— Uma gostosona!...

— É... mais nós, meninos... “víamos com os olhos e lambíamos com a testa”!...

— ... uma “riqueza” da Vila!...

MEMÓRIA DA VILA - 2 - LXXXI

— Papai... a sua caligrafia está ficando difícil de ser decifrada...

— Está na hora de eu ir parando, então.

— Vai parar, realmente, ou é mais uma “tentativa” sua?!

— Vou parar, mesmo... já não consigo me lembrar de outros fatos da Vila... percebo que estou reprisando nos assuntos... e tornando-me mais chato do que já sou, naturalmente.

— Mas se o senhor parar aqui, ficará faltando o capítulo do senhor Mário Arias Withier.

— Ah, o “seu” Mário da Baronesa! Tens razão!

— Então?!?

— Bem, sobre este ilustre cidadão vilarezendino, não posso ir além das minhas homenagens ao seu honrado nome e aos nomes da grande e notabilíssima família do Barão de Rezende, que devem ser enaltecidos pela nossa geração e pelas gerações futuras, tendo-os sempre vivos na “memória” histórica de nossa cidade... Sinto que essa tarefa, de escrever sobre esses nomes, está além da minha modesta capacidade...

— Não entendi!

— Minha filha... eu sou um atrevido escrivinhador... das horas vagas... não sou um intelectual, e muito menos um escritor-historiador... tudo que está contido nestas páginas, como você constatou, não passou de um relato superficial e pessoal, sem pesquisa, completamente desordenado na cronologia.

— Mas eu gostei!...

— Meu bem... você é “suspeita”!... mesmo não gostando, diria sim, só para me agradar...

De fato, para o estudioso e para o intelectual, esta “memória” não lhes poderá significar valor algum... a não ser, para o seu próprio autor... no caso, eu mesmo, terão eles, absoluta razão!... ela é importante, para mim, por ser um registro das minhas lembranças e de alguns pensamentos meus... e, para os meus filhos e netos, uma recordação do seu pai e avô...

... e, muitos anos depois... lá no Século XXI, na então “velha casa de pedra”, um deles apanhará o volume amarelecido e o folheará!...

— Vejam só, o que eu encontrei!... um livro... da Vila!...

— Isso mesmo!... daquele bairro que se vê, daqui, do outro lado do

rio...

— Chamavam-no de Vila?!...
... não! não poderá ser assim, não!...
— ... um livro... da Vila!...
— Vila?!... da nossa querida Vila Rezende?!...
— Dela mesmo!...
— Deixa-me vê-lo!...
... ah, agora sim!...
— Páro por aqui. Talvez continue daqui algum tempo... se o tempo, e o amigo, me tolerarem mais um pouco... Tchau!...

